

CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO – CCAE

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES- CCHLA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

MARIANNA DE QUEIROZ ARAÚJO

Organização doméstica, mulheres e suas habilidades técnicas: uma etnografia entre grupos domésticos potiguara da aldeia Jaraguá (Paraíba)

JOÃO PESSOA – PB

Agosto 2023

MARIANNA DE QUEIROZ ARAÚJO

Organização doméstica, mulheres e suas habilidades técnicas: uma etnografia entre grupos domésticos potiguara da aldeia Jaraguá (Paraíba)

Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba (PPGA/UFPB) como pré-requisito para obtenção do título de Doutora em Antropologia.

Orientadora: Dra. Alexandra Barbosa da Silva

Co-orientador: Dr. Fabio Mura

JOÃO PESSOA – PB

Agosto 2023

Catalogação na publicação Seção de
Catalogação e Classificação

A663o Araújo, Marianna de Queiroz.

Organização doméstica, mulheres e suas habilidades técnicas : uma etnografia entre grupos domésticos potiguara da aldeia Jaraguá (Paraíba) / Marianna de Queiroz Araújo. - João Pessoa, 2023.

241 f. : il.

Orientação: Alexandra Barbosa da Silva.
Coorientação: Fabio Mura.

Tese (Doutorado) - UFPB/CCAE.

UFPB/BC CDU 39(043)

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
Centro de Ciências Aplicadas e Educação (CCAE)
Centro de Ciências Humanas Letras E Artes (CCHLA)
Programa de Pós-Graduação em Antropologia

MARIANNA DE QUEIROZ ARAÚJO

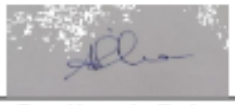
"Organização doméstica, mulheres e suas habilidades técnicas: uma etnografia entre grupos domésticos potiguara da aldeia Jaraguá (Paraíba)"

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba.

Resultado: APROVADA.

Em: 31 de Outubro de 2023.

Banca examinadora



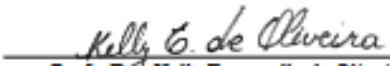
Profa. Dra. Alexandra Barbosa da Silva
(Orientadora - PPGA/UFPB)



Prof. Dr. Fabio Mura
(Co-orientador - PPGA/UFPB)



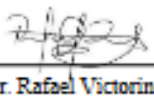
Prof. Dr. Estevão Martins Palitot (Examinador Interno PPGA/UFPB)



Profa. Dra. Kelly Emanuelly de Oliveira
(Examinadora Interna PPGA/UFPB)



Profa. Dra. Edviges Marta Ioris
(Examinadora Externa - UFSC)



Prof. Dr. Rafael Victorino Devos
(Examinador Externo - UFSC)

DEDICO:

A todas as famílias da aldeia Jaraguá que com seus valores, experiências e modos de habitar contribuíram inestimavelmente para a realização desta pesquisa.

À minha mãe, Maria do Socorro, minha maior incentivadora, que com toda sua força e coragem me ensinou a seguir meus anseios.

À minha tia/mãe, Maria Vilian, exemplo de generosidade e inspiração de vida.

Ao meu companheiro, Luan, com amor.

Ao meu filho, Joaquim Antônio, combustível do meu ser.

Agradecimentos

Nada se faz só. Muito me foi dado. Assim, este trabalho (e sua autora), receberam valiosas contribuições de diversas pessoas e instituições as quais venho aqui demonstrar minha gratidão.

Especiais agradecimentos a minha mãe, que teve o entendimento que a riqueza maior que poderia me oferecer era a educação. Obrigada, mainha, por acreditar no meu potencial e por nunca ter cortado minhas asas. Agradeço também ao meu pai, pelo seu exemplo de coragem e parcimônia.

Ao meu irmão, Matheus, pelo encorajamento e por partilhar desse sonho.

Ao meu amado companheiro, Luan, por ter tido paciência comigo neste período de doutoramento, pelo seu apoio e por entender meus momentos de ausência e as minhas dificuldades.

Ao meu filho, Joaquim Antônio, pelo amor e alegria fornecidos a cada dia.

À minha tia/mãe, Maria Vilian, que abriu a porta de sua casa para que eu pudesse estudar na capital e trilhar os caminhos da educação. Agradeço também ao meu primo/irmão, Saulo, pelas nossas conversas que por diversas vezes aqueceram meu coração.

À minha sogra, Rosangela, pelo seu incentivo e ajuda preciosa na minha caminhada familiar e profissional.

À minha prima Marthinha (*in memoriam*), gratidão por vibrar com todas as minhas conquistas.

Muito especialmente, à minha orientadora, Alexandra Barbosa da Silva, por acreditar no meu trabalho. Não tenho palavras para expressar o quanto sua orientação, seus ensinamentos e seu exemplo foram essenciais ao longo de minha trajetória acadêmica. Eu jamais teria finalizado esse trabalho se não fosse às suas observações atentas e indicações certeiras. Acredito que conseguimos como resultado um trabalho ético e comprometido.

Ao meu co-orientador, Fabio Mura, pelos diversos momentos que contribuiu para o enriquecimento de minhas reflexões, por ter me oferecido apoio além de conselhos teóricos e metodológicos desde a fase da graduação. Responsável pela minha inserção

no campo da antropologia da técnica, me instigando a trilhar novos caminhos mesmo diante de minhas limitações e inseguranças.

Ao professor Estevão Palitot, pelos seus ensinamentos, incentivos e trocas e por aceitar fazer parte da banca examinadora da tese. Também agradeço aos professores Rafael Devos, Edviges Marta Ioris e Kelly Emanuelly de Oliveira que, aceitando o convite para avaliar e arguir esta tese, me presentearam com o seu tempo, lendo, sugerindo, comentando meu trabalho.

À Mauro Koury (*in memoriam*) que durante a seleção de doutorado em 2018, ao tecer comentários e sugestões sobre minha pesquisa, verbalizou uma frase que me marcou profundamente: "teu trabalho é permeado por moralidades".

Durante o primeiro ano do doutorado o apoio de Rita de Cássia Melo Santos foi muito importante, em um momento de angústia, com sua gentileza, me tranquilizou apontando que "às vezes, um tropeço nos leva a lugares inimaginados".

No processo de doutoramento cursei disciplinas que foram centrais e agradeço aos ensinamentos e trocas de: Fabio Mura, Mauro Koury (*in memoriam*), Rita de Cássia Melo Santos, Patrícia dos Santos Pinheiro, Maristela Oliveira de Andrade e Maria Elena Torres.

À Ruth Henrique, por sua confiança, gentileza, empatia e pelas aprendizagens vivenciadas no estágio docência.

À Patrícia Oliveira, por me presentear com sua generosidade, mostrando que conhecimento é um campo de compartilhamentos.

À Ruanna, por sua amizade e companheirismo.

À Lara Erendira, por sua cumplicidade e parceria.

Ao cursar as disciplinas, pude conhecer pessoas maravilhosas, das quais tomo como representante a amiga Vanessa Karla, pessoa extremamente inteligente e querida com quem aprendi muito e dividi dores e inseguranças.

Agradeço a alguns amigos que foram pilares nos momentos de exaustão: a Marlon, por seu companheirismo e disponibilidade em ler os primeiros escritos, sugerindo, comentando e incentivando. A Germana, pela parceria na pesquisa de campo e pelo carinho que sustentamos mutuamente. A Glauco, pelas sugestões sobre o uso de imagens e risadas compartilhadas. A Joelma e Patrícia Facina, por dividirem comigo as angústias e dificuldades do processo de escrita. Sem nossas conversas no trajeto do trabalho, ele teria sido bem mais difícil.

Á Rayane pelas aulas de Pilates e a Kevyana por proporcionar um ambiente tranquilo e acolhedor. As amigas, Ivandiely, Zeneide e Ana pelas trocas de afetos e momentos de descontração.

Ao Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba, agradeço o trabalho de excelência prestado e os aprendizados que levo sempre comigo.

A Capes, pelo apoio financeiro nos quatro anos de vigência de doutorado, sem este recurso, certamente esta tese não existiria.

Aos meus guias e aos encantados que me acompanharam neste percurso.

Finalmente, e da maior importância aos Potiguara da aldeia Jaraguá, em especial as minhas interlocutoras e às suas famílias que abriram suas casas, suas vidas e que compartilharam comigo seus conhecimentos e experiências.

Meu muito obrigada!

“Que nada nos defina, que nada nos sujeite. Que a liberdade seja a nossa própria substância, já que viver é ser livre” (Simone de Beauvoir).

RESUMO

Esta é uma tese que descreve e analisa as experiências cotidianas de mulheres, na aldeia potiguara Jaraguá, que pertence à terra indígena de Monte-Mór, localizada no município de Rio Tinto, Litoral Norte da Paraíba. Procurei observar as transações técnico-econômicas, desenvolvidas por estas mulheres no interior de ambientes diversificados, sendo estes partes constitutivas do seu território. Tais atividades são o resultado de escolhas e estratégias organizadas para atender às necessidades de grupos domésticos (grupos familiares de três gerações, com cooperação entre seus membros e obrigações de reciprocidadade), conformando propriamente uma ecologia doméstica. Os processos técnicos que constituem essa ecologia estão centrados nas experiências individuais e coletivas em manguezais, várzeas e resquícios de mata atlântica, bem como em contextos urbanos, permitindo o desenvolvimento de habilidades e a aquisição de saberes sobre técnicas e materiais bastante diversificados, a partir do aprimoramento de conhecimentos tradicionais locais. Nesses termos, tentei compreender como as mulheres desenvolvem suas atividades e se movimentam. Pude identificar que elas interpretam os encargos de gênero atualizando suas formas de participação na manutenção doméstica, articulando tarefas dentro e fora de casa. Isso se confirma com as responsabilidades que assumem no cotidiano, expressas no conjunto de decisões que precisam tomar, nos acordos que realizam com os familiares e na conciliação de tarefas. Emergem, no decorrer da tese, questões relacionadas às diversas posições sociais que as mulheres da aldeia Jaraguá assumem no seu cotidiano, atuando, assim, no âmbito social, econômico e técnico que afluem para a sustentabilidade da vida, por intermédio do cuidado. O fulcro da tese diz respeito à ideia de que a organização doméstica é composta de atividades complementares, em que homens, mulheres, jovens e crianças assumem funções distintas, semelhantes ou iguais, que se entrecruzam. Tais saberes e fazeres parecem ser uma chave importante para o entendimento das diferentes formas de se perceber e habitar o mundo, para essas mulheres.

Palavras-chave: Potiguara; Grupos Domésticos; Habilidades Técnicas; Mulheres.

ABSTRACT

This is a thesis that describes and analyzes the daily experiences of women in the Potiguara village Jaraguá, which belongs to the indigenous land of Monte-Mór, located in the municipality of Rio Tinto, North Coast of Paraíba. I tried to observe the technical-economic transactions carried out by these women within diverse environments, which are constitutive parts of their territory. Such activities are the result of choices and strategies organized to meet the needs of domestic groups (family groups of three generations, with cooperation between their members and obligations of reciprocity), properly forming a domestic ecology. The technical processes that constitute this ecology are centered on individual and collective experiences in mangroves, floodplains and remnants of the Atlantic forest, as well as in urban contexts, allowing the development of skills and the acquisition of knowledge about very diverse techniques and materials, from the improvement of local traditional knowledge. In these terms, I tried to understand how women carry out their activities and move. I was able to identify that they interpret gender responsibilities by updating their forms of participation in domestic maintenance, coordinating tasks inside and outside the home. This is confirmed by the responsibilities they assume in their daily lives, expressed in the set of decisions they need to make, in the agreements they make with family members and in the reconciliation of tasks. During the thesis, questions emerge related to the different social positions that women from the Jaraguá village assume in their daily lives, thus acting in the social, economic and technical spheres that contribute to the sustainability of life, through care. The core of the thesis concerns the idea that domestic organization is made up of complementary activities, in which men, women, young people and children assume different, similar or equal roles, which intertwine. Such knowledge and practices seem to be an important key to understanding the different ways of perceiving and inhabiting the world, for these women.

Keywords: Potiguara; Home Groups; Technical abilities; Women.

RESUMEN

Esta es una tesis que describe y analiza las vivencias cotidianas de las mujeres en la aldea Potiguara Jaraguá, perteneciente a la tierra indígena de Monte-Mór, ubicada en el municipio de Rio Tinto, Costa Norte de Paraíba. Intenté observar las transacciones técnico-económicas realizadas por estas mujeres en diversos entornos, que son parte constitutiva de su territorio. Tales actividades son el resultado de elecciones y estrategias organizadas para satisfacer las necesidades de los grupos domésticos (grupos familiares de tres generaciones, con cooperación entre sus miembros y obligaciones de reciprocidad), formando propiamente una ecología doméstica. Los procesos técnicos que constituyen esta ecología se centran en experiencias individuales y colectivas en manglares, llanuras aluviales y remanentes de bosque atlántico, así como en contextos urbanos, permitiendo el desarrollo de habilidades y la adquisición de conocimientos sobre muy diversas técnicas y materiales, desde la mejora de los conocimientos tradicionales locales. En estos términos, traté de entender cómo las mujeres realizan sus actividades y se mueven. Pude identificar que interpretan las responsabilidades de género actualizando sus formas de participación en el mantenimiento doméstico, coordinando tareas dentro y fuera del hogar. Esto se confirma en las responsabilidades que asumen en su vida diaria, expresadas en el conjunto de decisiones que deben tomar, en los acuerdos que hacen con los familiares y en la conciliación de tareas. Durante la tesis surgen interrogantes relacionados con las diferentes posiciones sociales que asumen las mujeres de la aldea Jaraguá en su vida cotidiana, actuando así en los ámbitos social, económico y técnico que contribuyen a la sostenibilidad de la vida, a través del cuidado. El núcleo de la tesis gira en torno a la idea de que la organización doméstica está constituida por actividades complementarias, en las que hombres, mujeres, jóvenes y niños asumen roles diferentes, similares o iguales, que se entrelazan. Estos conocimientos y prácticas parecen ser una clave importante para comprender las diferentes formas de percibir y habitar el mundo para estas mujeres.

Palabras-clave: Potiguara; Grupos de origen; Habilidades técnicas; Mujer.

Lista de ilustrações (croquis, diagramas de parentesco, mapas, siglas e figuras).

Croquis

Croqui 1: Localização das ruas da aldeia Jaraguá. Elaborado pela autora, a partir do programa Google Earth, 2023.

Croqui 2: Trajeto aldeia Jaraguá – Rio Tinto. Elaborado pela autora, a partir do programa Google Earth, 2017.

Diagramas de Parentesco

Diagrama de Parentesco 1: Parentela de Dona Severina. Elaborado pela autora, 2023.

Diagrama de Parentesco 2: Parentela de Cássia e Aníbal. Elaborado pela autora, 2023.

Diagrama de Parentesco 3: Parentela de Simone e Valdo. Elaborado pela autora, 2023.

Mapas

Mapa 1: Localização das terras indígenas e aldeias Potiguara. Fonte: Cardoso et al, 2012.

Mapa 2: Localização dos limites da APA. Círculo indicando a aldeia Jaraguá. Fonte: Paludo e Klonowski, 1999.

Siglas

ACPAIJ – Associação Comunitária dos Pescadores, Agricultores e Indígenas de Jaraguá.

APA – Área de Proteção Ambiental.

CTRT – Companhia de Tecidos Rio Tinto.

CPT – Comissão Pastoral do Índio.

CNPI – Comissão Nacional de Política Indigenista.

COVID-19 – Do inglês coronavirus disease 19

DSEI – Distrito Sanitário Especial Indígena.

FETAG – Federação dos Trabalhadores na Agricultura.

FUNAI – Fundação Nacional dos Povos Indígenas.

GETI – Grupo de Estudos em Território e Identidade.

IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis.

LER – Lesão por esforço repetitivo.

LTK – *"Traditional knowledge as generated in the practices of locality"*

OMS – Organização Mundial da Saúde.

ONGs – Organizações Não-Governamentais.

PPGA – Programa de Pós Graduação em Antropologia.

PIBIC – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica.

Proálcool – Programa Nacional do Álcool.

SARS-COV-2 – Vírus da família dos coronavírus que, ao infectar humanos, causa a doença chamada Covid-19.

SESAI – Secretaria Especial de Saúde Indígena.

STJ – Supremo Tribunal de Justiça.

SPI – Serviço de Proteção aos Índios

SUDEMA – Superintendência de Administração do Meio Ambiente.

SUDENE – Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste.

TI – Terra Indígena.

UFPB – Universidade Federal da Paraíba.

UFF – Universidade Federal Fluminense.

Figuras

Figura 1: Seu Xinin ao lado do antigo forno de cal da aldeia Jaraguá. Arquivo pessoal, 2022.
Figura 2: Vista da ladeira de Jaraguá via Rua da Gameleira. Arquivo pessoal, 2021.

Figura 3: Vista da Rua Principal. Arquivo pessoal. 2021.

Figura 4: Primeira casa do lado esquerdo casa de Maria José, em seguida a casa da avó Severina e por último da tia Sônia. Arquivo pessoal, 2015.

Figura 5: Casa de Taipa, comum na aldeia Jaraguá. Arquivo pessoal, 2015.

Figura 6: Quintal da casa de Dona Severina. Arquivo pessoal, 2012.

Figura 7: Fogão a lenha de Maria e Dona Severina. Arquivo pessoal, 2014

Figura 8: Fogão a lenha de Sônia. Arquivo pessoal, 2016.

Figura 9: Fogão a lenha feito por Ediene. Arquivo pessoal, 2022.

Figura 10: Galinhas do grupo doméstico de Dona Severina. Arquivo pessoal, 2014.

Figura 11: Gansos do grupo doméstico de Aníbal. Arquivo pessoal, 2017.

Figura 12: Ediene e suas "meninas" (as galinhas). Arquivo pessoal, 2022.

Figura 13: Gado do grupo doméstico de Sônia. Arquivo pessoal, 2015.
Figura 14: Gado do grupo doméstico de Cássia. Arquivo pessoal, 2017.
Figura 15: Dona Fátima trazendo capim para alimentar as cabras. Arquivo pessoal, 2018.
Figura 16: Criação de cabras do grupo doméstico de Dona Fatima. Arquivo pessoal, 2018.
Figura 17: Marcia retirando os caranguejos “goiamum” das “ratoeiras” para cevá-los no tanque feito de cimento. Arquivo pessoal, 2013.
Figura 18: Criatório de caranguejo “goiamum” do grupo doméstico de Dona Fátima. Arquivo pessoal, 2018.
Figura 19: Criatório feito com pneu de trator, grupo doméstico de Cássia. Arquivo pessoal, 2017.
Figura 20: Interior do criatório feito com pneu de trator do grupo doméstico de Cássia. Arquivo pessoal, 2017.
Figura 21: Sônia limpando seu quintal. Arquivo pessoal, 2017.
Figura 22: “Vassourinha”. Arquivo pessoal, 2015.
Figura 23: Marcia e sua filha Graziely retirando o caule das folhas de coqueiro para a confecção da vassoura. Arquivo pessoal, 2016.
Figura 24: Vista parcial da horta de Sônia. Arquivo pessoal, 2013.
Figura 25: Dona Severina aguando as hortaliças de Sônia. Arquivo pessoal, 2013.
Figura 26: Marcia colhendo as hortaliças para venda. Arquivo pessoal, 2015.
Figura 27: Sônia plantando as mudas de alface. Arquivo pessoal, 2013.
Figura 28: Dona Severina plantando coentro nas bacias. Arquivo pessoal, 2013.
Figura 29: Carrinhos de mão sendo reaproveitados no cultivo de hortaliças. Arquivo pessoal, 2013.
Figura 30: Mosquiteiro sendo reaproveitado na proteção das mudas. Arquivo pessoal, 2013.
Figura 31: Toalhas de mesa reaproveitadas na proteção das mudas. Arquivo pessoal, 2013.
Figura 32: Espantalho utilizado para afugentar as aves. Arquivo pessoal, 2013.
Figura 33: Seu Severino (falecido) plantando mudas de alface no leirão. Arquivo pessoal, 2012.

Figura 34: Dona Fátima e seus netos indo levar as cabras para o pasto. Arquivo pessoal, 2013.
Figura 35: Seu Zé Boto (falecido) e seu neto Joalison fazendo à carvoeira. Arquivo pessoal, 2013.
Figura 36: Luiza e Messi brincando com a carvoeira que construíram. Arquivo pessoal, 2021.
Figura 37: Vanilson na cata do caranguejo "uçá". Arquivo pessoal, 2013.
Figura 38: Ramon na coleta do "pitu". Arquivo pessoal, 2022.
Figura 39: Ediene mostrando os "pitus" capturados por seu filho Ramon. Arquivo pessoal, 2022.
Figura 40: Simone preparando o leirão para o plantio. Arquivo pessoal, 2020.
Figura 41: Simone plantando as sementes de alface. Arquivo pessoal, 2020.
Figura 42: Michele tirando as ervas daninhas do leirão. Arquivo pessoal, 2020.
Figura 43: Simone regando os coentros. Arquivo pessoal, 2020.
Figura 44: Dona Fátima trazendo o capim para alimentar as cabras. Arquivo pessoal, 2018.
Figura 45: Dona Severina retirando capim para alimentar o gado. Arquivo pessoal, 2013.
Figura 46: Dona Fátima levando o gado do seu grupo doméstico para pastar. Arquivo pessoal. 2012.
Figura 47: Otávio e seus irmãos mais novos enchendo garrafas PET com água da cacimba. Arquivo pessoal, 2022.
Figura 48. Sônia vendendo o peixe capturados na maré por seu marido Silvinha. Arquivo pessoal, 2012.
Figura 49. Sônia pesando o peixe. Arquivo pessoal, 2012.
Figura 50: Célia tirando os espinhos das "gaitas" com um facão. Arquivo pessoal, 2021.
Figura 51: Maré das Pedrinhas. Arquivo pessoal, 2022.
Figura 52: "Croa do Soinho". Arquivo pessoal, 2013.
Figura 53: Ediene armando a "ratoeira". Arquivo pessoal, 2023.
Figura 54: Ediene tratando os peixes capturados por seu esposo Francisco e seu irmão "Painho". Arquivo pessoal, 2013.
Figura 55: Cássia e sua mãe realizando a limpeza dos peixes amoré, para serem vendidos na feira local. Arquivo pessoal, 2018.

Figura 56: Dona Nininha indo coletar ostras na maré. Arquivo pessoal, 2022.
Figura 57: Maria trazendo os sacos de ostras que coletou nos viveiros para limpeza. Arquivo pessoal, 2023.
Figura 58: Ostras a serem limpas. Arquivo pessoal, 2023.
Figura 59: Maria realizando a limpeza das ostras para posterior venda. Arquivo pessoal, 2023.
Figura 60: Mãos de Maria com cortes provenientes da lida com as ostras. Arquivo pessoal, 2023.
Figura 61: O casal Sônia e Silvinha lavando roupas no rio. Arquivo pessoal, 2016.
Figura 62: Dona Maria raspando coco para fazer "din din". Arquivo pessoal. 2020.
Figura 63: Simone enchendo os saquinhos de "din din". Arquivo pessoal, 2020.
Figura 64: Dona Maria usando a enxada para cobrir os canos que precisaram ser trocados. Arquivo pessoal, 2022.
Figura 65: Vista parcial do roçado de Dona Fátima e seu filho Toinho. Plantação de milho, feijão, coco e macaxeira. Arquivo pessoal, 2017.
Figura 66: Água da maré utilizada para irrigação das plantações. Arquivo pessoal, 2017.
Figura 67: Dona Fátima na venda do feijão verde cultivado por ela e seu filho Toinho. Arquivo pessoal, 2017.
Figura 68: Cássia mostrando as ostras na "gaiola". Arquivo pessoal, 2023.
Figura 69: Viveiros de ostra de Dona Nininha e de sua filha Maria. Arquivo pessoal, 2019.
Figura 70: Cássia no mangue à procura de caranguejo "uça" (*Ucides cordatus)*. Arquivo pessoal, 2016.
Figura 71: "mangue manso". Arquivo pessoal, 2013.
Figura 72: "mangue sapateiro". Arquivo pessoal, 2013.
Figura 73: "mangue canoé". Arquivo pessoal, 2013.
Figura 74: Sônia juntamente com seu esposo, filhos e sobrinha na croa no período de andada do caranguejo "uça" (*Ucides cordatus)*. Arquivo pessoal, 2013.
Figura 75: Dona Severina. Arquivo pessoal, 2013.
Figura 76: Simone lavando a louça enquanto conversa com sua filha Michele. Arquivo pessoal, 2020.
Figura 77: Simone ao lado da imagem do santo padroeiro de Jaraguá, pouco antes da procissão. Arquivo pessoal, 2022.

Figura 78: Time feminino Palmeiras de Jaraguá. Fonte: Instagram do time.
Figura 79: Divulgação de amistoso. Fonte: Instagram do time.
Figura 80: Inauguração da Feira Comunitária da aldeia Jaraguá. Arquivo pessoal, 2023.
Figura 81: Dona Nininha vendendo ostras na feira local. Arquivo pessoal, 2023.
Figura 82: Barraca de Sônia na feira local. Arquivo pessoal, 2023.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO ***21***

DO TEMA AO CAMPO: PERCURSOS E REFLEXÕES 23

ESTRUTURA DA TESE 33

CAPÍTULO 1 – FATORES HISTÓRICOS E A CONSTRUÇÃO DO TERRITÓRIO ***35***

1.1 A CONFIGURAÇÃO DE UM CONTEXTO *SÓCIO-ECOLÓGICO-TERRITORIAL* ENTRE OS POTIGUARA DO LITORAL NORTE DA PARAÍBA 37

1.2 HISTÓRICO DA OCUPAÇÃO INDÍGENA EM JARAGUÁ: ESTRATÉGIAS E FORMAS DE RESISTÊNCIA 51

1.3 CARACTERIZAÇÃO DO LOCAL DA PESQUISA 59

CAPÍTULO 2 – GRUPO DOMÉSTICO COMO CATEGORIA DE ANÁLISE ***70***

2.1 GRUPO DOMÉSTICO DE DONA SEVERINA 76

2.2 GRUPO DOMÉSTICO DE CÁSSIA E ANÍBAL 80

2.3 GRUPO DOMÉSTICO DE SIMONE E VALDO 85

CAPÍTULO 3 - A ESPACIALIDADE DOMÉSTICA ***89***

3.1 AS HABITAÇÕES 95

3.2 OS TERREIROS/QUINTAIS 98

CAPÍTULO 4 – PROCESSOS DE SOCIALIZAÇÃO, TRANSMISSÃO E CIRCULAÇÃO DE CONHECIMENTOS E DE *MORALIDADES SOCIOTÉCNICAS* **123**

4.1 GÊNERO E HABILIDADES TÉCNICAS 137

4.2 AS MULHERES E SUAS ESTRATÉGIAS DE GERENCIAMENTO E USO DOS RECURSOS 149

4.3 TEMPORALIDADES E MOVIMENTOS 188

CAPÍTULO 5 – O SER MULHER NA ALDEIA JARAGUÁ: TRABALHO, CUIDADO E RELAÇÕES **203**

5.1 “O TRABALHO DE CASA PARECE QUE NUNCA TEM FIM” 211

5.2 SOBRE OS MOMENTOS DE LAZER E SOCIABILIDADE 215

CONSIDERAÇÕES FINAIS **224**

REFERÊNCIAS **228**

INTRODUÇÃO

Esta tese tem como tema “Organização doméstica, mulheres e suas habilidades técnicas: uma etnografia entre grupos domésticos Potiguara da aldeia Jaraguá (Paraíba)”. Constitui-se de um exercício de desdobrar meus investimentos de pesquisa estendidos desde minha graduação e o mestrado, este desenvolvido entre 2015 e 2017, no PPGA da UFPB.

A compreensão de base é a relevância de explorar um aspecto como o desenvolvimento das habilidades técnicas em mulheres, e sua importância para a reprodução do grupo doméstico. Tal abordagem privilegia a análise das relações sociais a partir do micro, proporcionando reconhecimento aos aspectos não públicos, onde se originam as estratégias e ações dos sujeitos. Portanto, intenciona-se descrever e analisar as experiências cotidianas de mulheres, na aldeia potiguara Jaraguá, que pertence à terra indígena de Monte-Mór, localizada no município de Rio Tinto, Litoral Norte da Paraíba.

Deste modo, busquei contextualizar as relações no tempo e no espaço, visando analisar os processos sociotécnicos que configuram e compõem os modos de fazer e de viver, e que constituem um ser mulher em tal configuração. Nesse exercício, foi possível perceber que os grupos domésticos pesquisados se organizam de modo diverso, apresentando diferenças que correspondem a variadas ordens. Além disso, seus integrantes conseguem se adaptar a certas conformações, reflexos de contingências históricas, econômicas, políticas e sociais. Tais respostas adaptativas incidem em múltiplos processos subjetivos, que extrapolam as formas pelas quais se pode tentar encaixá-los em modelos pré-determinados e genéricos, comportando ampla diversidade de modos de ser aprendidos no cotidiano. Seguindo esta linha de raciocínio, o que se propõe aqui é discutir como os papeis femininos são construídos no interior dos grupos domésticos, levando em consideração a diversidade possível entre os grupos (WILK, 1984). Qual a relação estabelecida entre as atividades das mulheres nos ambientes em que interagem e a manutenção dos seus grupos domésticos?

As pistas para as respostas a tais questões estão nos processos de tomada de decisão, nas lógicas, nos processos educacionais e de socialização que estão na base da formação de habilidades técnicas e da aquisição e sistematização de conhecimentos. Tais atividades são concatenadas no tempo e no espaço, através de estratégias

individuais e coletivas. Estas são direcionadas para configurar itinerários que conformam mobilidades e temporalidades peculiares.

As atividades voltadas a transações técnico-econômicas, de valores e de transmissão de conhecimentos e moralidades relacionadas ao recorte de gênero despontam como temas e recortes de pesquisa muito pouco explorados hoje em contextos indígenas. Especificamente na região Nordeste há uma quase ausência. Além disso, esta carência aumenta quando o foco é sobre as diversas posições sociais que mulheres indígenas assumem no seu cotidiano. Assim sendo, meu objetivo é fazer um exercício de aproximação a tais temáticas. O que temos diante de nós é um cenário animador, pois se torna cada vez mais necessário voltar à atenção de forma sistemática para as mulheres: suas experiências, seus discursos, suas habilidades, seus lugares no interior de seus grupos. Desta forma, entendo como central mostrar e falar sobre estas peculiaridades visando contribuir com elementos que venham dar evidência às mulheres que pude acompanhar durante a pesquisa.

Deste modo, serão enfatizadas algumas questões de gênero, presentes em uma lógica de cooperação tecno-econômica, conforme pude apreender em campo. Ainda é forte no sistema sociopolítico patriarcal a visão rígida e inflexível segundo a qual existem trabalhos femininos por um lado e masculinos por outro. A organização social do trabalho arranjada pelos integrantes dos grupos domésticos envolve e implica muito mais que isso. Trata-se aqui de ponderar que as atividades envolvem obrigações morais e cooperação. As muitas situações que encontrei em campo coadunaram com a assertiva de que a organização doméstica é composta de atividades complementares, em que homens e mulheres trabalham em funções distintas, semelhantes ou iguais, que se entrecruzam. Como muitas vezes minhas interlocutoras falavam, um “complementa o outro”.

Logo, o pretendido durante o fazer da pesquisa e agora nas discussões textuais onde se integram teoria e prática, é falar destas relações, intencionando transpor esta vontade de saber suas histórias e fazeres e de possibilitar aos outros também saberem, no sentido de conhecimento e reconhecimento de seus diversos modos de existência. Não há, no entanto, um jeito único de ser mulher. São muitos os jeitos e a minha experiência em campo me faz acreditar na presença e na centralidade que as mesmas implicam. Desta forma, entendo como central mostrar e falar sobre estas mulheres indígenas, visando contribuir com subsídios que venham testemunhar e dar visibilidade

a suas experiências, visto que, “diferentes mulheres implicam em diferentes materialidades que precisam ser abordadas, compreendidas, consideradas” (MALUF, 2009, p.14). Nessa perspectiva, as mulheres apresentam vários modos de ser e de existir que emergem sob os efeitos da diferença em suas inserções, suas trajetórias de vida e experiências cotidianas. O conhecimento da vida diária corresponde, então, ao entendimento de como os indivíduos interpretam a realidade em que estão inseridos e conferem sentido à sua existência.

Em relação às minhas observações feitas em campo, pude constatar que na prática as mulheres combinam as atividades domésticas com a plantação, pesca e criação de animais para subsistência, acumulando uma série de responsabilidades dentro e fora de casa (que se acentuavam com a ausência dos homens, principalmente quando tinham que ir para o mangue/maré em virtude da pesca ou quando se dedicavam ao trabalho nos roçados ou nas usinas de açúcar).

Ajustei meu olhar para o entendimento de como as mulheres conciliam as atividades que entendem ser de sua responsabilidade. Neste exercício, também evidenciei a participação dos homens na realização de algumas atividades, tais como: plantio de hortaliças, preparo de alimentos, limpeza das roupas, etc. Seguindo Ferreira (1997), que emprega gênero como categoria de estudo das relações entre homens e mulheres. Significa dizer que os estudos sob a ótica de gênero pautam-se nas relações sociais entre homens e mulheres e não em um ou outro isoladamente, lembrando as relações interdependentes que se constroem no cotidiano. Para entender essas relações inter-gêneros, analisei as dinâmicas familiares, no sentido de tentar captar, mais especificamente, suas práticas e técnicas, que se vinculam aos diversos ritmos e características particulares associadas a cada atividade.

DO TEMA AO CAMPO: PERCURSOS E REFLEXÕES

Inicialmente, penso em escrever sobre a pesquisa de campo, descrevendo como cheguei lá. Isso porque a pesquisa que empreendi é fruto de um diálogo contínuo com minha orientadora. Esta levou em conta minha trajetória acadêmica, tendo em vista que o povo indígena Potiguara da aldeia Jaraguá é o mesmo com o qual trabalho desde a minha graduação em Antropologia, desenvolvida entre os anos de 2010 e 2014, no campus IV da Universidade Federal da Paraíba.

É interessante rememorar aqui que meu trabalho de campo se iniciou no ano de 2012, devido a um Projeto[1] de Iniciação Científica em que fui bolsista por dois anos, sob a orientação do professor Dr. Fabio Mura. Desde o início da minha graduação, meu intento era o de realizar pesquisa entre os Potiguara, não apenas por fazer parte desse universo, tendo em vista que sou casada com um indígena e moro na aldeia vizinha a Jaraguá (isto é, em Monte-Mór), mas por acreditar que muito ainda se podia falar sobre esse povo. Nesse sentido, as práticas do cotidiano das famílias sempre foram de meu interesse, perspectiva que foi aprimorada nos estudos do mestrado e que espero refinar e aprofundar ainda mais nesta tese. Nesses termos, pude estar em constante contato com os acontecimentos voltados ao meu contexto de pesquisa, com as pessoas, as atividades e eventos. Este estar constante, habitando este território, provoca reorientações e também provoca certa facilidade de compreensão de alguns fenômenos, para os quais se não houvesse tal proximidade com tais modos de vida, demandaria mais tempo de pesquisa. No entanto as dificuldades existem, seja na necessidade de flexibilidade, afastamento e aproximação com hábitos demasiado comuns, mas que também precisam ser pensados. Contudo, o que pesa nesta discussão é a necessidade de estar sensível durante a pesquisa de campo. Sensível no sentido de perceber como as coisas acontecem, tanto na sua dimensão física das ações, como também nas articulações pessoais e políticas que existem. Em outras palavras, mais do que exotizar ou familiarizar, o pesquisador ou pesquisadora precisa estar sensível para equilibrar-se entre esses dois pontos extremos. É necessário o equilíbrio entre a familiaridade e a estranheza. "A questão não é enxergar o que é familiar como exótico, mas sim, entender que são muito mais complexas as relações ali existentes do que as pré-concepções mostram" (VELHO, 1994, p.131). Trazendo essa reflexão do autor para a situação da pesquisa, momentos que pareciam simples se transformavam numa grande arena de criação. Os acontecimentos são complexos e dependem de uma percepção afinada por parte da pesquisadora ou do pesquisador, bem como de elaborações atentas à realidade e às significações atribuídas aos discursos e as práticas.

[1] "Identidade e tradição de conhecimento no Nordeste indígena". O objetivo geral do projeto foi promover pesquisa empírica, bibliográfica e documental sobre os índios do Nordeste brasileiro, direcionando a atenção sobre os processos que levam à organização social de fluxos culturais, na construção tanto de tradições de conhecimento quanto de identidades, concentrando a atenção sobre os Potiguara do litoral norte da Paraíba.

É importante destacar que no momento de minha inserção em campo me apresentei enquanto esposa de um Potiguara que é conhecido por muitos moradores da aldeia Jaraguá. Tal fato permitiu certo conforto entre meus interlocutores, mesmo sendo realmente desconhecida por algumas pessoas que visitei, os vínculos foram facilitados por elas já conhecerem ao menos um integrante da minha família. Além do meu marido, meus sogros também são pessoas conhecidas, pois há trinta anos eles vêm estabelecendo relações com os moradores da aldeia nos momentos em que se dedicam à venda de produtos de limpeza, o que conforma uma rede de amizades e circulação de materiais bastante significante. Nesses termos, pude tirar alguns proveitos, ao menos na fase inicial da pesquisa: contatar pessoas, caminhar livremente pelos lugares. Recebia informações privilegiadas em conversas informais, por vezes em um bate papo nas calçadas, ou quando estava em alguns lugares dedicados à sociabilidade e ao lazer – feira, festas, reuniões familiares. Deste modo a escolha dos grupos domésticos a serem visitados inicialmente partiu do conhecimento prévio dos meus familiares. Em um segundo momento foi possível ampliar o número de grupos domésticos com a ajuda dos diagramas de parentesco que forneceram informações sobre redes de relações e alianças que envolviam outros grupos.

Fazer-me aceita, justificar minha presença, entre outras coisas contribuíram para que eu fosse vista com menos estranheza, promovendo laços de confiança, e, em poucos dias eu fui recebida sem "cerimônia". Barbosa da Silva (2015) traz alguns aportes interessantes sobre a confiança como atributo necessário para a prática antropológica. Conforme a autora:

> *A confiança é uma condição inexorável para a maior ou menor densidade, aprofundamento dos dados, ou seja, do quanto nossos interlocutores vão nos permitir adentrar sua intimidade, confiando-nos seus segredos (religiosos, rituais, cosmológicos, políticos etc.). Assim, essa confiança é claramente fundada numa espécie de pacto, um pacto de natureza moral — um pacto moral (p. 157). Muito já foi dito sobre a natureza particular do tipo de elo que embasa a pesquisa de um antropólogo e os grupos com os quais trabalha. Para produzir conhecimento, é necessário o aprofundamento não só sobre o modo de vida, mas sobre a vida mesma das pessoas. Lição básica de qualquer estudante de Antropologia, isto implica a necessidade de vivenciar, observar de perto, de conviver (viver com) as pessoas, compartilhando com elas de alguns de seus momentos de vida, em suas ações, interações e relações sociais (p. 155).*

Minha trajetória para galgar um lugar de confiança entre minhas interlocutoras e meus interlocutores teve como ponto fundamental minha subjetividade, marcada pelas

minhas experiências com as pessoas e ambientes que circulei. Esses vínculos marcam as pesquisas e geram adensamentos.

No entanto, minha proximidade com o campo não limitou minhas "aventuras antropológicas", de fato, elas se fizeram presente ao longo da pesquisa, momentos importantes para a "descoberta antropológica", que compõem o processo de conhecimento que se constrói em um questionar-se contínuo (CARDOSO, 1988). Neste sentido, no início de meu trabalho de campo, quando eu, enquanto uma neófita em antropologia, me questionava: "para onde devo olhar"? "Como me portar diante das pessoas"? Isso porque, assim como os indivíduos estão posicionados, (BARTH, 2000), a estudante/pesquisadora também se encontra posicionada, sendo também analisada pelos indivíduos. Nesses termos é o próprio campo que se encarrega de nos colocar constantemente em estado de atenção e auto avaliação. Meus interlocutores demonstravam curiosidade sobre a minha vida, sobre o meu papel ali junto a eles. Circulei pela aldeia na companhia do meu filho, que pôde brincar com as demais crianças, construindo amizades e partilhando esse universo. Como mulher, casada e mãe, eu percebi que minhas interlocutoras se sentiam mais dispostas a falar comigo. Além disso, me concediam acesso aos seus companheiros, algo que demonstrava confiança e significava que eu não era vista enquanto uma "ameaça" a união do casal, esse era certamente um aspecto crucial do meu acesso profundo e constante à vida cotidiana dessas mulheres. Todavia, conquistar respeito e confiança tomou um tempo considerável. No início, fiquei insegura, tive medo que as pessoas achassem que eu estava atrapalhando seu cotidiano. Eu ficava pensando: serei mal interpretada? Estou realmente coletando os dados de que preciso?

Neste sentido, o trabalho de campo que resulta nos dados trazidos aqui tem em vista que a vida social se expressa em atividades, noções, sentidos, práticas e contextos, e que é preciso atenção do pesquisador/a para ler o mundo o qual pretende pesquisar, pois no campo somos confrontados com os sentidos\significados que se fazem presentes entre os indivíduos e grupos sociais, através do controle de impressões, tanto dos nativos, como do etnógrafo/a (BERREMAN, 1990).

Por diversas vezes expliquei o porquê da pesquisa, seus objetivos e o que significava realizar esse trabalho, que não era algo simples, demandava muito tempo e estudo. Obtive apoio e comprometimento, visto o interesse deles em fazer parte de uma pesquisa vista como importante o que produziu o entendimento de que alguém se

interessava por suas vidas, por suas histórias, seus conhecimentos. Afinal desde o início deixei claro que minha intenção era escrever sobre suas rotinas diárias repletas de diversos afazeres e conhecimentos transacionados.

No entanto as pessoas frequentemente estavam mais interessadas com minha conduta do que com a pesquisa propriamente dita. Elas avaliavam até que ponto eu era confiável, e em quê eu podia retribuir como conhecida ou amiga. Assim como em outras situações em que as relações precisam ser estabelecidas, precisei, na medida do possível, estar atenta às impressões que poderiam dificultar a coleta de dados, buscando aquelas que facilitavam, tendo em mente os limites e as considerações éticas que nos guiam como antropólogas/os pesquisadoras/es.

Uma pesquisa também pode se transformar; a mesma acaba nos fazendo pensar em outros aspectos do que os anteriormente delimitados, inclusive na maneira de abordar certas condutas. Algo que me moveu nesta pesquisa de doutorado foi o recorte de gênero. Centrei minha atenção na vontade de realizar uma pesquisa entre mulheres da aldeia Jaraguá, juntaram-se a isso questões ligadas à carência de produção acadêmica sobre mulheres indígenas na região, ou ainda certas ausências nessa bibliografia. Talvez seja importante dizer que em um levantamento bibliográfico sobre os Potiguara há uma constatação que salta imediatamente aos olhos, isto é, uma supressão da figura da mulher indígena na grande maioria dos estudos desenvolvidos por estudiosos ao longo do tempo.

Meu interesse e curiosidade sobre o tema da pesquisa vêm também do fato de ser mulher, e assim como minhas interlocutoras, realizar diversas tarefas no cotidiano me permitia perceber com clareza diversas situações e muitas vezes me identificar com algumas narrativas que se tornaram comum eu ouvir: “o trabalho de casa parece que nunca tem fim”. Não por acaso, as horas que dediquei à elaboração desta tese tiveram muitos minutos emprestados para a execução de outras tarefas, na maioria dos casos, para as atividades domésticas. Combinar atividades e conciliar responsabilidades era necessário tanto na minha casa, quanto na casa das minhas interlocutoras em Jaraguá, proporcionando muitos momentos de reflexão, fator que fazia com que partilhássemos de alguns pontos em comum, mas era evidente que outros marcadores sociais nos separavam. Essas ocasiões uniram-se ao meu crescimento pessoal e reflexivo, servindo também de força motriz para a escrita.

Minha pesquisa foi impulsionada pelo desejo de que os resultados de meu empreendimento venham a contribuir de alguma forma para o reconhecimento, especificamente das diversas habilidades técnicas das mulheres que encontrei em campo. Os meus olhos viram a presença e centralidade das minhas interlocutoras nas diversas atividades cotidianas que constituem etapas fundamentais para a organização doméstica. Esse é um dos motivos que me aproxima de tal tema desde a pesquisa de minha monografia da graduação[2], em que estive atenta às situações do campo com as mulheres, sendo que meu interesse foi aumentando na medida em que nossos laços foram se fortalecendo. Fui criando um percurso inspirado pelas próprias interlocutoras, instigada pela vontade de saber como vivem e se relacionam, seguindo suas redes de relações, que incluem parentes, comadres/compadres e vizinhas/vizinhos. Sempre procurando participar de atividades importantes com mulheres, a exemplo das idas ao mangue/maré/croa para pesca de peixes e cata de crustáceos e moluscos, ida aos roçados para o cultivo de diversos alimentos, coleta de frutas e plantas medicinais na mata, cultivo de hortaliças e os trabalhos de limpeza e cuidado das casas e dos quintais/terreiros. Pude acompanhar por diversas vezes o trabalho em cooperação com os maridos, filhos, sogros, genros, vizinhos e compadres. Nesse sentido, a imersão do trabalho de campo me levou a observar e participar de várias atividades. Indo de encontro à perspectiva de Ingold (2016) sobre a necessidade de uma antropologia observando as coisas a partir de dentro:

> *Observar significa ver que o acontece no entorno e, é claro, também ouvir e sentir. Participar significa fazê-lo a partir de dentro da corrente de atividades através da qual a vida transcorre, concomitante e conjuntamente com as pessoas e coisas que capturam a atenção que se dispensa a elas (op. cit., p.407).*

Sobre a dinâmica da pesquisa, as visitas foram feitas em turnos variados, algumas duraram oito horas num só dos turnos, algumas seis horas, enfim, dependia do trabalho planejado para aquele dia, almocei, tomei café da manhã e café da tarde em algumas casas. Algumas visitas eram combinadas com antecedência, outras eram combinadas no mesmo dia, e aqui está a importância de morar no município, pois facilitava minha disponibilidade de deslocamento nestes encontros imprevistos. Algumas vezes contei com o acompanhamento nas casas de algum/a colega de curso,

[2] Realizada entre os anos de 2012 e 2014.

bem como de uma interlocutora que eu já havia visitado, me levando na casa de sua vizinha/comadre, explicitando que para além da facilidade em buscar o próximo contato, me permitia notar a confiança que ia se estabelecendo. Na maioria das conversas falávamos sobre a família e sobre o trabalho cotidiano, às vezes fluíam assuntos como uma espécie de confissões e algumas vezes como desabafos, ou seja, relatavam problemas de cunho pessoal, que estavam além dos temas da pesquisa.

Por diversas vezes, pude encontrar minhas interlocutoras nos momentos de sociabilidade, nas calçadas, conversando após o dia de trabalho, momentos de muito entrosamento e de diálogos interessantes sobre os acontecimentos da aldeia, todas essas informações são importantes de serem analisadas. Por serem momentos em que as mulheres aparecem, seja se posicionando em relação aos acontecimentos e as pessoas. Na roda de conversa falavam sobre os vizinhos e conhecidos, política e assuntos familiares. Então para além de acompanhar as atividades laborais, também acompanhei reuniões e festas.

Sobre os dados procedentes das narrativas e escutas durante as primeiras visitas, optei por não utilizar gravadores, e nem caderno para anotações. Posteriormente passei a levar a câmera fotográfica a fim de realizar os primeiros registros imagéticos[3]. Após o retorno para minha casa, eu fazia as anotações no diário de campo, reativando as cenas, as falas e as impressões. A opção pela não utilização de gravadores nessa fase inicial da pesquisa se deve ao caráter de observação etnográfica, acrescida à redução de constrangimento que geralmente determinadas ferramentas podem causar nas pessoas. Meu objetivo foi distinguir dados procedentes de narrativas formalizadas e voltadas a explicitar quadros normativos, moralidades e outras formas idealizadas do real, por um lado, das falas informais e fatos que pude observar no cotidiano dos grupos domésticos

[3] O uso da imagem enquanto recurso metodológico se mostra, ao longo do desenvolvimento do trabalho em campo, um caminho para revelar gestos e ritmos que, muitas vezes, passam despercebidos. Assim, enquanto dado etnográfico, a imagem permite acessos ao universo de práticas cotidianas do fazer, permitindo ampliar a comunicação e a construção da pesquisa, possibilitando melhor compreensão de elementos das cadeias operatórias. De início, fotografei momentos e lugares que me chamavam a atenção, como o mangue, os quintais e roçados. Depois, direcionei os registros imagéticos para as diversas atividades realizadas pelas mulheres nos distintos espaços que atuam. Meu interesse maior estava na execução das tarefas e nas diferentes sequências de ações. Nesse sentido, parte das fotografias tem foco no gestual das mulheres. Cabe ressaltar que os registros foram realizados conforme as atividades que estavam sendo desempenhadas no momento em que estive em campo, desse modo, existem cadeias operatórias que não foram contempladas.

pesquisados. Toda decisão metodológica implica em uma escolha, e toda escolha implica num certo posicionamento (BARTH, 2000). As entrevistas livres e semiestruturadas foram utilizadas em um segundo momento, e sua realização trouxe dados que conduzem às reflexões sobre o confronto dos discursos e das práticas. Tal abordagem contribui para a validade dos dados antropológicos. Os relatos produzidos pelas pessoas são utilizados como fonte de informação sobre eventos e circunstancias, além de se mostrarem reveladores das práticas discursivas que ocorrem em contextos particulares.

Dentro deste campo de possibilidades que a pesquisa qualitativa nos abre, destaco o trabalho com histórias de vida como sendo um dos principais caminhos metodológicos para o conhecimento sobre as ações e relações das/os interlocutoras/es. Na construção da etnografia busquei traçar principalmente com minhas/meus interlocutoras/es suas histórias de vida, a partir das quais puderam apresentar suas visões de mundo, sonhos, desejos, conflitos e trajetos. Gill e Goodson (2015) definem história de vida como:

> *(...) uma compilação de experiência vivida de indivíduos ou grupos no passado e no presente que é analisada por pesquisadores, que depois situam os relatos da narrativa dentro dos contextos sociais, políticos, econômicos e históricos onde essas experiências tiveram lugar. O objetivo da história de vida é compreender a interação entre mudança social, vidas e ação de indivíduos e grupos (op. cit., 2015, p. 215-216).*

Para realizá-la se faz importante ter em mente alguns pontos:

> *O processo é colaborativo e requer confiança e relacionamentos estreitos. Em primeiro lugar, o pesquisador incentiva o "fluxo" da entrevista com um mínimo de perguntas para que os participantes controlem a ordem e a sequência de suas histórias, reduzindo assim o problema do poder do pesquisador (embora saibamos que é impossível eliminá-lo completamente) (op. cit., p.218).*

Nestes relatos das histórias de vida, a reconstituição das genealogias dos interlocutores se tornou necessária, no sentido de que as trajetórias experienciais devem ser descritas e sistematizadas espacial e cronologicamente. No clássico texto "O método genealógico na pesquisa antropológica", Rivers (1991 [1910]) pontua uma série de usos de seu método no estudo da organização social dos grupos, destacando: (1) O uso para a compreensão dos sistemas de parentesco; (2) Estudo das relações matrimoniais; (3)

Estudo das relações de descendência e a herança de propriedades; (4) Estudo das migrações.

Uma vez que o universo doméstico é um foco privilegiado da pesquisa, coube mapear, por meio de diagramas, relações de parentesco, de vizinhança, e de trabalho com a finalidade de descrever e sistematizar modalidades de cooperação, interações e trajetórias. Este proceder permitiu também a descrição e a compreensão de dinâmicas organizacionais e do desenvolvimento dos grupos domésticos ao longo do tempo e no espaço.

Construir genealogias de pessoas me possibilitou, também, elaborar análises de recortes espaciais e temporais, permitindo perceber como através das gerações os grupos domésticos vão se autonomizando e expandindo seus territórios, corroborando fundamentalmente para compreender a organização social dos grupos pesquisados.

Meu investimento mais forte na pesquisa foi o de observar os modos práticos do habitar (INGOLD, 2021). Adotar uma perspectiva desse tipo significa trazer o conhecimento nascido da experiência imediata, privilegiando os entendimentos de que as pessoas derivam de seu envolvimento cotidiano no mundo vivido. Portanto, serão feitas descrições de tarefas enquanto práticas de trabalho em suas características concretas.

Meu acesso foi fundamentalmente a três grupos domésticos, mas os dados que registrei se referiram muitas vezes também a outros grupos que não trabalhei em profundidade, sendo que os fenômenos em questão pelas atividades desenvolvidas, nos ambientes da aldeia Jaraguá, dizem respeito, de um modo geral, aos Potiguara daquela aldeia. Observo que esta forma de referência não implica absolutamente em uma intenção de essencializá-los como povo, sobretudo na medida em que estarei buscando relatar experiências de indivíduos e grupos domésticos posicionados, nos termos de Barth (2000).

As principais dificuldades e limitações que tive que contornar para a realização da pesquisa se deram no contexto da pandemia do novo coronavírus, denominado COVID-19. Esta doença infecciosa originada pelo vírus SARS-COV-2 causou inúmeras mortes com proporções globais se tornando a maior emergência de saúde pública mundial dos últimos tempos. A forma como cada nação escolheu enfrentar o vírus teve grande impacto nos resultados vivenciados. O Brasil se tornou o segundo país mais

afetado pela pandemia, com impactos diretos que se somaram a crises, na esfera política, econômica e educacional (MALUF, 2020).

Como ressalta esta autora, a pandemia escancarou a desigualdade entre ricos e pobres ou brancos e pessoas racializadas (negros e indígenas). Os mais necessitados tiveram que se valer do que tinham, e o que tinham não era suficiente. As perdas, ameaças e abusos aos direitos humanos tornaram a vida ainda mais difícil para os mais vulneráveis.

Assim, a pandemia também trouxe impactos para a pesquisa, destaco a necessidade de adotar a quarentena como medida da OMS (Organização Mundial da Saúde) mais eficaz de diminuição das contaminações, adicionado ao fato de tentar evitar ser um vetor da doença em meu campo de pesquisa. Deste modo, minhas idas a campo durante os anos de 2020 e 2021 foram pontuais. Como estratégia segui com as pesquisas bibliográficas e havia material de campo coletado em anos anteriores. Escutei várias gravações e me atentei para questões antes não vistas. Eu somente voltaria a realizar pesquisa de campo quando a gravidade da situação se amenizasse, somente no ano de 2022, tendo o intuito primordial de observar as ações práticas, gestualidades e ritmos, buscando dar conta das complexidades que incluem, de modo concatenado, ações e relações desenvolvidas pelos sujeitos nos ambientes, considerando a configuração de *cadeias operatórias* (LEROI-GOURHAN, 1984).

Nessa direção, avalio que a imersão em campo deve ter os sentidos voltados para a observação de sutilezas, em que é preciso tempo para apreendê-las, um processo muito particular, de busca, como um verdadeiro processo de garimpagem, sendo preciso muito esforço para extrair algumas onças de ouro (GERBER, 2013).

Eu diria que é preciso aguçar todos os sentidos, é preciso olhar, captar e localizar, viver a experiência com o máximo de subjetividade que o campo nos possibilita. Isto, conforme Miriam Grossi (1992) sugere, ao discutir a subjetividade na produção do conhecimento antropológico, apontando para o fato de que foram as mulheres que trouxeram para a antropologia as questões subjetivas, mostrando como vivenciaram e refletiram sobre a própria identidade e a identidade desses “outros”, referindo sua postura de engajamento e não apenas de “cientista neutro e assexuado”. Em todas as ocasiões o lado subjetivo e emocional das pessoas dos grupos acabou se revelando, numa interação entre nós (isto é, antropóloga e pessoas potiguara) graças aos vínculos de confiança, compromisso e reciprocidade que acabei por estabelecer. Por

essa razão, percebi que a pesquisa acabou recebendo um valor muito importante para as pessoas que passaram a fazer parte dela, e talvez também para outras pessoas da aldeia como um todo. Segundo Louro (1996, p.10), "os sujeitos se produzem em relação e na relação". Nesse sentido, a pesquisa é lugar de encontro, de permitir relações, pensando o/a pesquisador/pesquisadora enquanto parte, produto e produtor conjuntamente a outros atores (SPINK, 2008). Neste direcionamento, pondero que a minha imersão em campo é carregada de encontros onde negociações acontecem, e a partir dessa busca pude acompanhar as rotinas, os trabalhos, as atividades. Viver esta experiência é seguir por caminhos que refletem formas de comunicar o encontro de si mesmo a partir do encontro com o outro (GROSSI, op. cit.).

ESTRUTURA DA TESE

Nessa seção apresento, brevemente, a estrutura da presente tese. Esta encontra-se organizada a partir de cinco capítulos. No primeiro, **Fatores históricos e a construção do território**, o propósito foi o de apresentar um conjunto de discussões acerca dos acontecimentos históricos, marcados por constrições, conflitos e tensões em torno do acesso ao território, e as formas de resistência que foram utilizadas para garantia do direito ao usufruto exclusivo dos indígenas Potiguara. Tais acontecimentos são extremamente importantes na própria formulação das categorias culturais e na configuração do contexto no qual vivem os grupos domésticos nos dias de hoje.

O segundo capítulo, **Grupo doméstico como categoria de análise**, apresenta um conjunto de discussões acerca de conceitos e entendimentos teóricos sobre a categoria de grupo doméstico, o que me trouxe subsídios para pensar e refletir sobre organização doméstica. Também procuro apresentar os integrantes dos grupos domésticos pesquisados e algumas de suas dinâmicas, com intenção de buscar dar conta das complexidades que incluem, de modo concatenado, ações e relações desenvolvidas por tais sujeitos.

O terceiro capítulo, **A espacialidade doméstica**, traz discussões sobre as transformações e os processos *sociotécnicos* produzidos pelos atos de habitar, que implicam em muitos arranjos e processos concretos de organização e uso do espaço doméstico, que, liga-se a dimensão técnica e a presença de relações inter-gêneros, tendo em vista que são espaços construídos socialmente. Ou seja, a diversidade de

composições familiares identificada na área por meio da pesquisa, apontou que os processos concretos de construção entre os Potiguara da aldeia Jaraguá incluem uma variedade de formas, dimensões, técnicas e materiais, que se realizam no atendimento às necessidades diárias.

O quarto capítulo, **Processos de socialização, transmissão e circulação de conhecimentos e de *moralidades sociotécnicas***, é dedicado a discorrer, em primeiro lugar, sobre os processos de socialização, transmissão e circulação de saberes e moralidades que pude apreender durante a pesquisa. Partindo destas abordagens, buscou-se pensar em como os papeis de gênero são construídos no cotidiano dos grupos domésticos. Na sequência, emergem as discussões em questões de gênero, aprendizados e habilidades técnicas com enfoque nas mulheres, através de descrições específicas de seus gestos técnicos e ritmos, com o intuito de apontar a construção dos corpos e das corporalidades dessas mulheres. Abordo também as estratégias e uso de recursos, considerando a esfera feminina nos aspectos que se referem ao planejamento e participação das mulheres como sujeitos ativos da organização doméstica, nas estratégias produtivas, que resultam na geração da renda familiar.

Já o quinto capítulo, **O ser mulher na aldeia Jaraguá: trabalho, cuidado e relações**, destinou-se, inicialmente, a discutir questões que dizem respeito aos diversos sentidos que as mulheres na aldeia Jaraguá atribuem a suas vidas e experiências cotidianas. Portanto trata-se de visualizar suas práticas e os seus discursos, buscando desvelar os aspectos inter-relacionados e interdependentes que constituem a teia que essas mulheres tecem através das suas inserções, reconhecendo-as como sujeitos de sua própria história, com potencialidades e agenciamentos criativos. Por outro lado, me detive sobre questões que dizem respeito as diferentes experiências domésticas, vivenciadas principalmente por mulheres que nos permite refletir sobre a centralidade das relações de cuidado e trabalho que garantem as condições para a manutenção e sustentabilidade da vida.

CAPÍTULO 1 – FATORES HISTÓRICOS E A CONSTRUÇÃO DO TERRITÓRIO

Como bem salienta Leach (2014): “As sociedades reais existem no tempo e no espaço. A situação demográfica, ecológica, econômica e de política externa não se estruturam num ambiente fixo, mas num ambiente em constante mudança. Toda sociedade real é um processo no tempo” (p. 69).

Compreendo que a forma que a organização social Potiguara assumiu no seu espaço geográfico é resultado de uma contínua relação e adaptação às condições ambientais e territoriais, e também das relações sociais que foram se constituindo, entre alianças e conflitos. Tal reflexão pode ser mais bem compreendida se tomamos de início, a argumentação de Barth (1978) em sua abordagem sistêmica que trata por definir o conceito de escala. Grosso modo, a escala é um aspecto analítico relevante para o entendimento da organização social. Sendo mais exata, são forças que podem ser diretamente observadas nas interconexões entre ações e eventos, de modo que, em todo contexto de interação social, é possível observar elementos que constituem espaços sociais (op. cit., p. 253). Nessa perspectiva, os grupamentos se inserem em varias cadeias de interações e fronteiras, deste modo, se faz necessário rastrear suas trajetórias na busca de sistematizar a intensidade de tais relações, bem como descrever espacial e cronologicamente as trajetórias experienciais, não levando em consideração apenas a dimensão local, mas também outros níveis de escala, a fim de identificar relações e trajetos. Os fluxos de informações podem ter origem em regiões distantes entre si, sofrendo variações ao longo do tempo, os distintos pontos de vista e interesses manifestados pelos sujeitos se expressam em diversos níveis de escala que exigem abordagens específicas (BARTH, 1978).

As escalas permitem perceber modalidades de interação, de comunicação, itinerários e formas de uso dos espaços. Uma análise escalar tem como meta mostrar o alcance de diferentes categorias, suas variações, na busca de revelar como os processos se deram temporalmente. Desta maneira, permitindo identificar dimensões das experiências que deem conta de descrever e interpretar os significados que constituem e influenciam as relações nos ambientes e a construção e transmissão de conhecimentos, em termos dos significados que as pessoas a eles conferem.

Outro passo que acho importante somar a esses é ilustrar as condições do *contexto sócio-ecológico-territorial*[4] no qual vivem os indivíduos da aldeia Jaraguá, de modo a guiar as leitoras e os leitores na compreensão de tais aspectos. Nesse sentido, no item que se segue apresento um conjunto de discussões acerca dos acontecimentos históricos e das transformações pelos quais passaram os indígenas potiguara – como conflitos interétnicos e o *processo de territorialização* (OLIVEIRA, 2004), acontecimentos que são extremamente importantes na própria formulação das categorias culturais e na configuração do *contexto sócio-ecológico-territorial* (MURA, 2006) no qual vivem os grupos domésticos potiguara nos dias de hoje.

1.1 A CONFIGURAÇÃO DE UM CONTEXTO SÓCIO-ECOLÓGICO-TERRITORIAL ENTRE OS POTIGUARA DO LITORAL NORTE DA PARAÍBA

Os Potiguara ocupam um território de ocupação tradicional[5] no Litoral Atlântico Norte da Paraíba, tendo como limite norte o município de Mataraca e ao sul o de Rio Tinto. O território[6] apresenta resquícios de Mata Atlântica, tabuleiros costeiros, com solo argiloso-arenoso, de coloração escura e relevo suavemente ondulado. A presença dos Potiguara se dá distribuída em 32 aldeias, pertencentes a três terras indígenas contíguas[7], localizadas nos municípios de Baía da Traição, Marcação e Rio Tinto. Há ainda aqueles que vivem em outras cidades como Mamanguape, João Pessoa, ou ainda, no Rio Grande do Norte e até mesmo no Rio de Janeiro e em São Paulo.

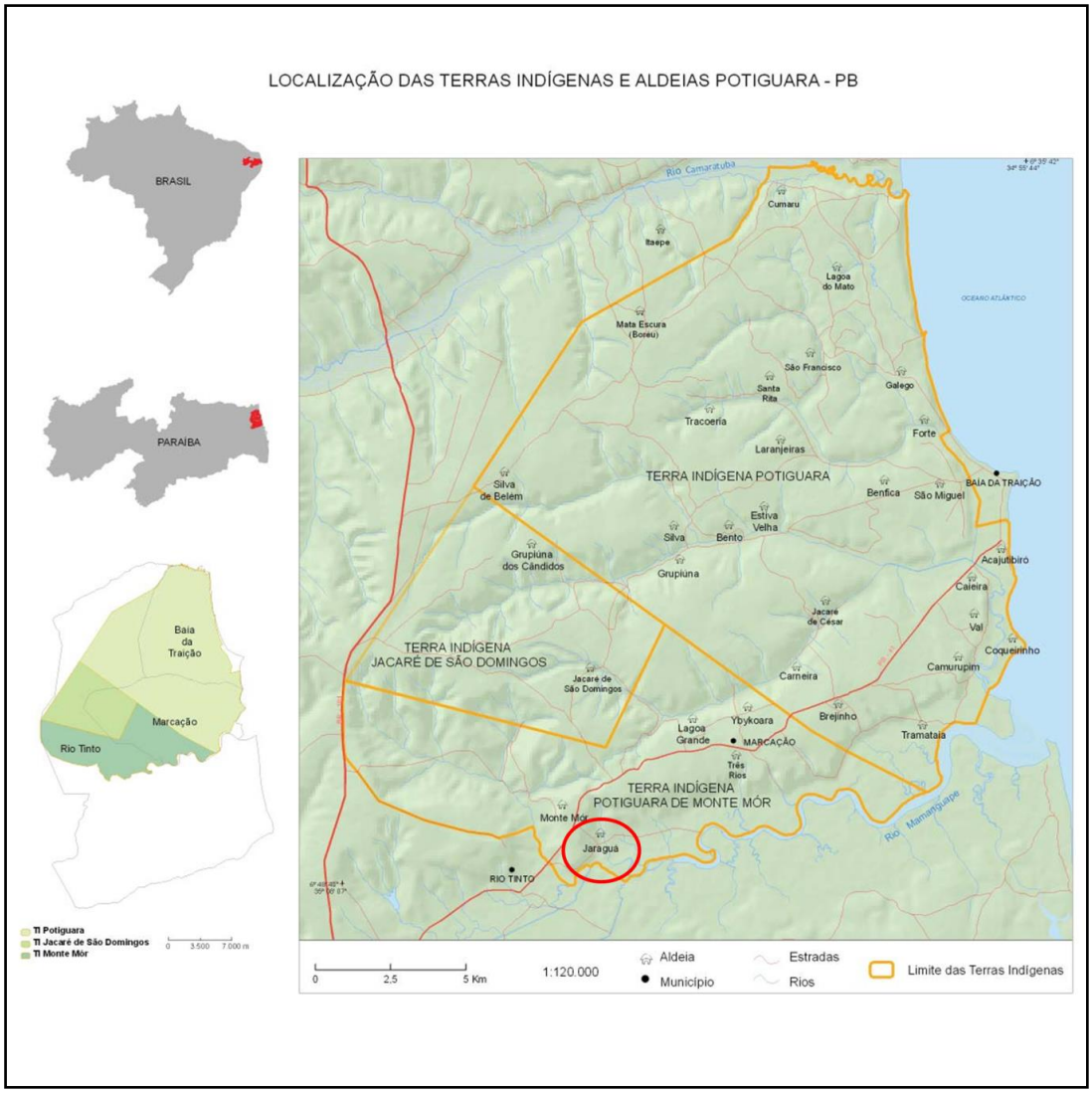
---

[4] Refere uma realidade social, mas com a sua causalidade material, num espaço geográfico (abrangendo os considerados invisíveis), "a partir do qual os atores desenham uma arquitetura do Cosmos", em contextos históricos determinados (MURA, 2006, p.25).

[5] O artigo 231 da Constituição Federal de 1988 reconhece aos indígenas "sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens".

[6] "A Terra Indígena – TI Potiguara possui atualmente 21.238 ha, que foram demarcados em 1983 e homologados em 1991; a TI Jacaré de São Domingos tem 5.032 ha nos municípios de Marcação e Rio Tinto, cuja demarcação se deu ao longo dos anos 1980 culminando na homologação em 1993; e, por fim, a TI Potiguara de Monte-Mór, com 7.487 ha, entre Marcação e Rio Tinto, ainda em processo de homologação" (BRAGA, 2019, p. 74).

[7] A TI Potiguara (população de 8.109 pessoas), a TI Jacaré de São Domingos (população de 449 pessoas) e a TI Potiguara de Monte Mór (população de 4.447 pessoas), (CARDOSO, *et al,* 2012, p.15)



Mapa 1: Localização das terras indígenas e aldeias Potiguara. Fonte: Cardoso *et al.*, 2012.

Numerosos documentos, relatos e iconografias registram as primeiras incursões de colonizadores em terras potiguaras, dando prosseguimento à usurpação de seu vasto território e buscando o aproveitamento de suas riquezas naturais. Conforme Panet:

> *(...) em 1574 a Coroa Portuguesa resolve dividir a então Capitania de Itamaracá em duas capitanias, criando assim a Capitania Real da Paraíba, tendo como limites o rio Goiana e a Baía da Traição.*
> *Os índios Potiguara eram os habitantes nativos da região, e os primeiros exploradores foram os franceses, quando expulsos da Capitania de Itamaracá, seguiram ao sul pelo oceano até a foz de um rio navegável chamado pelos nativos de Mamanguape. Instalaram-se perto do rio, na Baía da Traição. Através da aliança com os índios, os franceses extraíram o pau-brasil, aproveitaram a terra fértil da região para o cultivo de diversas formas de agricultura, permanecendo na região até o período da fundação da cidade da Paraíba, atual João Pessoa, quando Martim Leitão os*

> *expulsou e rumou para a Baía da Traição, combatendo os últimos contingentes.*
> *Os portugueses, juntamente com outras famílias e os jesuítas, foram os primeiros proprietários de sesmarias da região e do vale do Mamanguape. Nesse período, dá-se início ao aldeamento dos índios Potiguaras (PANET, 2002, p. 22-23).*

Os aldeamentos missionários constituíam-se numa forma de ocupar efetivamente os territórios, instituindo reservas de mão de obra. Os índios "mansos" eram de interesse da coroa portuguesa, o objetivo era transformá-los em trabalhadores subordinados à Coroa. De acordo com Moonen (2008) foram instalados quatro aldeamentos na Paraíba, sendo eles: Jacoca e Alhandra, localizados na microrregião do Litoral Sul; e Monte-Mór e São Miguel, localizados na microrregião do Litoral Norte.

Na segunda metade do século XVIII os aldeamentos missionários de São Miguel e Baía da Traição vão ser modificados pelas leis estabelecidas pelo Marquês de Pombal que determina a expulsão das ordens missionárias e a elevação das aldeias à categoria de vilas de índios o que fez com que os Potiguara perdessem a posse do seu território. Nesse período o Estado passa a promover a emancipação de municípios, bem como fazendeiros se utilizam dessas terras para incorporar parcelas de territórios tradicionais dos indígenas, os quais passam da condição de dono das terras, para a de empregados.

O diretório pombalino foi responsável por um movimento de homogeneização ao incentivar os casamentos mistos e a fixação de colonos nas aldeias. Nesse contexto o aldeamento de São Miguel na Baía da Traição passou a ser chamado Vila São Miguel e o aldeamento da Preguiça como Vila de Nossa Senhora dos Prazeres de Monte-Mór (PALITOT, 2022).

De acordo com Vieira (2012, p.31), no decorrer do século XIX,

> *(...) a província da Paraíba solicitou ao Governo Imperial a divisão das terras de aldeamentos com a finalidade de lotear as supostas terras devolutas sobre a alegação de que em alguns antigos aldeamentos não mais existiam índios. Nesse contexto, a Lei de Terras de 1850 promoveu a formulação dos procedimentos jurídicos responsáveis pela regularização da propriedade fundiária no Império. O marco dessa política na Paraíba foi o loteamento das terras dos antigos aldeamentos, dentre eles, os dos Potiguara realizado pelo engenheiro Antônio Justa de Araújo. Ele procedeu a divisão da terra e, quase toda a extensão do aldeamento da Preguiça, deixando de fora aquelas do aldeamento de São Miguel, por razões desconhecidas na historiografia.*

Após a promulgação da Lei de Terras, os descasos das autoridades associados à precária condição dos indígenas fizeram com que houvesse constantes usurpações e

compras das terras indígenas. A divisão do território em lotes interferiu profundamente nas formas de organização dos aglomerados residenciais reflexo dos diversos regimes jurídicos que os Potiguara foram submetidos ao longo de séculos, o que revela processos diferenciados de ocupação e usos dos espaços.

Palitot (2005 e 2017) argumenta que os Potiguara se viam cada vez mais recuados pela espoliação territorial e o avanço da patronagem, sendo obrigados a conviverem e disputar suas terras com pequenos agricultores e latifundiários, até que duas grandes agências entram no campo para modificar esta dinâmica, são elas: a introdução do Serviço de Proteção aos Índios (SPI)[8] na Baía da Traição que estabelece um regime tutelar de controle das terras e a chegada da Companhia de Tecidos Rio Tinto (CTRT), em Rio Tinto. Por um lado, a agência indigenista se limitava às ideologias nacionais da incorporação desses grupos à sociedade, por outro a intensificação e as frentes de ocupação dos territórios tradicionais dos Potiguara se davam de forma intensa. Os arrendamentos de terra se davam de forma constante e a Companhia de Tecidos Rio Tinto se instalava nesse cenário de conflitos e usurpação do território tradicional Potiguara.

Assim, no início do século XX, mais especificamente entre os anos de 1917 e 1918 a Companhia de Tecidos Rio Tinto se instala na região do vale do Mamanguape, mais precisamente na atual cidade de Rio Tinto, passando a ter espraiamento pelo Brasil inteiro através da rede de lojas "Casas Pernambucanas", tendo como proprietários a poderosa família Lundgren (Moonen, op. cit., p. 23). Essa família exercia poder em Pernambuco e na Paraíba, a partir da implantação de indústrias de tecidos consideradas como uma das mais importantes manufaturas do país. As terras até então ocupadas por indígenas do aldeamento de Monte-Mór foram vendidas pelo coronel Alberto César de Albuquerque à família Lundgren. De acordo com Góes (1964, p.125):

> *Dez anos após a morte de Herman Lundgren, os seus filhos Frederico e Arthur, à frente da já próspera Fábrica de Tecidos Paulista, resolveram ampliar as suas atividades, com a construção de outro estabelecimento, que fosse modelar em tudo e por tudo, de acordo com o mais avançado padrão da técnica industrial. Não seria apenas uma fábrica, mas uma arriscada experiência social, pois que, no plano, já estava prevista a futura cidade: da fábrica, a vila; da vila, a cidade.*

[8] O SPI foi criado em 20 de junho de 1910, pelo decreto nº. 8072.

A família Lundgren teve muitos privilégios, dentre eles a boa localização das terras, que possuíam portos naturais, além da riqueza e diversidade das florestas. Além disso, o Estado beneficiou a família com uma isenção fiscal de 25 anos. A Companhia adquiriu cerca de 660 km² de terras, e em 1917 iniciou seus trabalhos de drenagem e canalização das águas no local de instalações da fábrica e a criação de uma olaria para a produção dos chamados tijolos aparentes[9]. Estes eram utilizados para a construção da maioria das edificações da cidade, além de fornos de cal (v. Fig. 1), redes de transporte fluvial e ferrroviário, oficinas de manutenção de maquinário e uma vasta área de exploração madeireira. As matas nativas, depois de derrubadas, foram substituídas por plantios de eucaliptos. Seu Xinin, antigo trabalhador da Cia., que reside na aldeia Jaraguá contou sobre esses eventos:

> *Vim com meu pai e meus irmãos trabalhar na Companhia. Trabalhei na tecelagem e trabalhei no transporte de lenha. Aqui em Jaraguá vinha à linha de ferro do "batelão[10]" parava aqui e deixava as lenhas de eucalipto. Vinha carregando lenha de eucalipto de Marcação. Tinha duas linhas de ferro, a que ia até o porto e a outra que ia até Três Rios. Deixava as pedras de fazer o cal e a gente carregava pra esse forno aqui, que tem 7 metros de fundura. Aí jogava a lenha por cima das pedras e ia fechando. Passava três dias queimando aquelas pedras. Depois de três dias, a gente jogava água em cima com a mangueira. Arriava o fogo, aí jogava água e a pedra desmanchava todinha só em cal. As pedras vinham de fora, mas o preparo era aqui. Se fazia de tudo com esse cal. Os tijolos, eram feitos na olaria, perto ali da antiga Casa de Saúde. (Senhor Xinin. Entrevista concedida em setembro de 2022).*

[9] Tijolo maciço de estilo holandês.
[10] Assim era conhecido o transporte ferroviário.



Figura 1: Seu Xinin ao lado do antigo forno de cal da aldeia Jaraguá. Arquivo pessoal, 2022.

Além da ocupação das terras os Lundgren buscavam um controle firme de toda a população, por essa razão "optaram pela procura de terras distantes de cidades movimentadas e, consequentemente longe da atuação de movimentos sindicais, ameaçadores de seu domínio e controle sobre a mão-de-obra" (PANET, op. cit., p.27).

Conforme Moonen (op. cit., p. 24):

> *Em pouco tempo a Companhia apoderou-se das terras do extinto aldeamento de Monte-Mór, hoje Rio Tinto (...) invadindo enormes extensões da área indígena da Bahia da Traição, principalmente para cortar madeira de lei para a construção da fábrica, e de lenha para alimentar suas máquinas, utilizando inclusive índios como mão-de-obra, devastando partes consideráveis de mata atlântica.*

No final de 1925 a Cia. começou a funcionar tendo se apropriado de grande parte do território indígena. A Vila Monte-Mór é ocupada para a ampliação do empreendimento urbano-fabril, com a construção de uma nova unidade industrial e da vila operária. A partir desse momento, os Lundgren passam a atrair mão de obra, empregando muitos potiguara na implantação de roçados para abastecer o "barracão" e na abertura e conservação de estradas (AMORIM, 1970, p. 42). Os indígenas que ficaram vivendo sob o domínio dos Lundgren relatam uma época de intenso trabalho na fábrica, nas lavouras e no corte de madeira.

Com efeito, entre os Potiguara em Jaraguá, a lembrança do período da "Companhia" está muito presente. É importante destacar o significado e as implicações que esta presença carreou para os modos de vida destes habitantes originários. Seu Zé Boto, antigo pescador, já falecido que nasceu e se criou na aldeia Jaraguá falou a respeito de certos acontecimentos, sendo ele ex-trabalhador no corte de lenha para a empresa:

> *Eu trabalhei sim, carregando madeira, sabe? Para companhia, porque a companhia mandava até no mangue, no mangue a companhia mandava. A companhia tinha mais de 30 barcos. Sabe a ponte da Caieira? Vinha madeira de cima do rio, era o dia todo, da Barra de Mamanguape para chegar na serraria, madeira da mata ia buscar lá (...) A companhia funcionava com madeira. Ali na Senzala[11] também era tanto goiamum[12] os caras ia buscar lenha para Companhia e levava dessas lata de querosene, começava a tirar as lenhas e já levava os goiamum. Isso aqui tudo era mangue, quando olhava estava estrelado de goiamum ninguém queria, hoje em dia até os filhotinho que tão nascendo o povo tá pegando. A vida é assim mesmo. (Senhor Zé Boto. Entrevista concedida em dezembro de 2016).*

A proibição de acesso a esses espaços coletivos e de grande importância para o grupo gerou grandes conflitos. Nessa época as estradas de acesso ao mangue foram sendo cercadas e também havia uma fiscalização do uso e corte de madeira neste espaço. Esses processos históricos ocasionaram diversas transformações no território Potiguara que são sentidas e vistas até hoje. O Senhor Zé Boto ainda narra sobre as modificações nos corpos d'água da região. Ele afirma que devido ao fato de as barcaças que chegavam para o transporte de equipamentos e tecidos serem de grande porte, era difícil a locomoção nos rios, já que esses apresentavam várias curvas. Sendo assim, para facilitar a navegação a Companhia "abriu" novos rios:

> *Eu às vezes até choro com desgosto (...) pra o que eu vi e pra o que eu vejo agora. Aí se eu falar, quem não conhece não vai acreditar... A maré acabada aí. Porque o cara que, o engenheiro que cavou esse rio, aquele rio da draga (...) ele falou, disse: Olha; a gente vai cavar esse rio, mas o passar do tempo, o rio vai voltar mermo pra onde era. Mas sabe por que não aconteceu isso? Porque o rio aqui acabou-se. Aterrou, aterrou tudo aqui, pronto aí o rio ficou morto, sem força (...) Mas como o rio aqui aterrou, fechou, que hoje ninguém disse que é rio, né? Aí pronto, aí acabou com o rio. Mas se o rio aqui tivesse ainda, pelo menos 30% do que era, 30%, eu vou falar assim: Ôxe, tinha aberto aí com tudo... A dificuldade de o barco entrar aqui que tinha muita volta, aí não tem aquela reta aquele barco que veio de baixo entrava para Taberaba chamava comporta, esse meio daquela reta só era mangue, então o que deu? A companhia resolveu cavar aquele*

[11] Bairro de Rio Tinto.
[12] Espécie de caranguejo (*Cardisoma guanhumi*).

> *rio, como? Na base da pá do enchadeco, cortaram o mangue. Na hora que começou cavar só parou quando terminou, era uma turma de dia e outra de noite, uma turma de um lado, outra de outro, até se encontrar, enchia as canoas e recebia a ficha, cortaram o rio (...) O que fizeram com esse aqui? Mataram o rio, que não ia ter mais movimento de barco aqui né? La no encontro do rio afundaram uma alvarenga[13], ela era bem comprida tem uns 15 metros afundaram ela, ficou um canalzinho. Hoje tá lá um canal que foi caindo barreira que foi enlarguecendo[14], quem vê o começo não acredita. (Seu Zé Boto. Entrevista concedida em julho de 2013).*

Ainda de acordo com o Senhor Zé Boto, a Companhia trouxe um tipo de semente (conhecido na região por canoé[15]), vinda do Paraná e a introduziu na região, principalmente no manguezal, próximo aos cursos d'água, pois esse tipo de mangue possui troncos mais altos e fortes, sendo mais eficientes para a produção de energia na fábrica já que eram maiores do que o "mangue manso[16]" (espécie de mangue presente na região):

> *Lá vem esse canoé, que a companhia começou a plantar de lá, lá vem se instalando essa semente desse canoé (...) Então começou a semear de lá e vem caindo essa semente, aí se alastrou (...) Então acabou essa madeira aqui (...) O mangue manso, acabou (...) Pra ele (os responsáveis pela usina) lá foi uma grande vantagem, porque a madeira, ô lá, era o que eles queria, né? A madeira pra corte, né? Pra rodar a fábrica no caso, né? (...) Porque essa aqui (mangue manso) era mais fina, não rendia tanto como ele queria, nera?.(Seu Zé Boto. Entrevista concedida em julho de 2013).*

A Companhia necessitava semanalmente de milhares de metros cúbicos de lenha para operar seus geradores termoelétricos. Em função dessa necessidade, a retirada de madeiras e outros recursos florestais era proibida, sendo severamente fiscalizada e punida caso os vigias achassem que isso ameaçava os recursos de domínio da Companhia (PANET, 2002).

De acordo com Marques (2009, p.117):

> *Entre os Potiguara, as denominações "sargento" e "capangas" são utilizadas para referenciar os vigias e para demonstrar o medo que ainda hoje é guardado como más lembranças do tempo da "amorosa". Nesse tempo, os indígenas não podiam se reconhecer como tal, caso algum quisesse se rebelar era duramente castigado pelos capangas do Frederico. Tempos de medo, de "assombração", de silêncio e de usurpação das terras tradicionais são palavras utilizadas pelos Potiguara ao referenciar o momento da instalação da CTRT.*

---

[13] Alvarenga é uma embarcação de porte variável, desprovida de propulsão própria.
[14] Aumentando de tamanho.
[15] *Avicennia germinans.*
[16] *Laguncularia racemosa.*

Vários tipos de represálias eram efetuados a quem desobedece às ordens do coronel Frederico Lundgren. As famílias indígenas que residiam na Vila Monte-Mór e em outros lugares próximos passam a sofrer intensa pressão por parte dos proprietários da fábrica e de seus empregados:

> *As torturas e mortes eram realizadas nas instalações da fábrica ou no meio do mato, em lugares ermos. Na fábrica, falam que os índios eram atirados dentro de uma das caldeiras. Havia um lugar na Mata do Burro D'água onde dentro de um buraco tinha umas agarras de ferro, onde os cabocos eram atirados. Aqueles que ficaram negavam ou não expunham a identidade étnica, como uma forma de viver sob o jugo da Companhia (PALITOT, op. cit., p. 70).*

No ano de 1939, o Coronel Frederico Lundgren comanda uma verdadeira ofensiva contra os habitantes da Vila Monte-Mór:

> *No final de 1939 a empresa logrou expulsar da antiga vila da Preguiça as últimas famílias indígenas ali residentes, fato denunciado pelo posto indígena através do ofício nº 26, de 7 de agosto daquele ano, enviado ao Inspetor Regional do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio em João Pessoa: "comunico- vos que compareceram à sede deste posto, nesta data, os índios abaixo mencionados do aldeamento de Monte-Mór, que vieram queixar-se e solicitar providências para a coação de que estão sendo vítimas por parte da Companhia Fábrica de Tecidos de Rio Tinto, que ameaça expulsá-los de seu aldeamento, como o fez já a alguns mais tímidos" (AMORIM, 1970, p. 41).*

Muitos Potiguara relatam que quando uma família se recusava a entregar suas terras para os Lundgren tinham suas casas atacadas e destruídas pelos capangas do Coronel Frederico, durante a noite impossibilitando a fuga, muitos indígenas tinham medo de se aproximar de suas famílias para não serem pegos, devido a esse fato muitos optaram pela dispersão ao migrarem para outras aldeias ou cidades do entorno. Ainda que a aquisição de terras pela Companhia tenha se dado de modo violento e com a expulsão de várias famílias indígenas, muitas outras permaneceram habitando a área na condição de empregados ou de moradores dos Lundgren que precisavam de mão-de-obra farta e barata para diversos serviços a exemplo: de drenagem, extração madeireira, construção, transporte fluvial, produção fabril, agricultura e pesca (PALITOT, op. cit.).

O monopólio dos Lundgren na cidade de Rio Tinto era sustentado pelas relações de poder estabelecidas. A Cia. possuía muitas chefias desde as ofertas de trabalho, moradia, lazer, religião e saúde. Deste modo, os moradores se viam sujeitados aos mandos e desmandos do Coronel Lundgren. Somente os trabalhadores mais velhos da

fábrica podiam trabalhar na agricultura, era-lhes cedido um pequeno pedaço de terra para o cultivo de alguns alimentos nos "roçados", essa atividade era imposta e controlada pela Companhia. Os produtos agrícolas tinham um preço regulado e eram comprados pela Cia., que então os revendia em seu "barracão", a preços altos. Para os trabalhadores que cultivavam em terras ditas da Companhia era cobrado um dia de trabalho semanal gratuito na fábrica, como pagamento do aluguel da casa e do terreno[17].

> *Só quem tinha coco era a companhia, pobre não tinha não. A Companhia não aceitava não. Não podia plantar nada, a não ser uma raminha de batata, se tivesse um espaçozinho pequeno, outra coisa, a companhia não aceitava. Tinha que pagar pra poder trabalhar. Eram aqueles coqueiros grandes, altos, pronto, aqueles da vila! Aqueles eram da companhia, eram daqueles que tinha na Gameleira[18]. Tinha um balcão onde eles descascavam o coco, ali. Dali vinham pegar pro barracão da Companhia que era onde é o Banco do Brasil e a garagem da Viação Rio Tinto, era um só, ali tinha de tudo. Agora tudo das propriedade dela. A Companhia mandava nos Tanque, nesses mundo, Laranjeira perto de Piabuçu com a divisa de Mamanguape. Salema era da Companhia e aqui até Brejinho. Tudo isso era dela, e em toda fazenda tinha os legumes e o administrador que tomava conta (...) Meu pai pagou muita diária, toda semana tinha que trabalhar um dia seja lá como fosse, era o aluguel da casa, morada, e era muita sorte o cara conseguir uma casa. (Seu Zé Boto. Entrevista concedida em dezembro de 2016).*

De acordo com Panet (op. cit., p. 28), nos períodos entre 1920 e 1948, foram construídas 2.613 casas para os operários. Em 1923 foram construídas a farmácia, a igreja, o grupo escolar, clubes recreativos e padaria. Em 1940 foi construído o hospital e o barracão da companhia. A instalação dos equipamentos e a construção da fábrica se deram entre 1923 e 1941, sendo que a fábrica deu início às atividades a partir de 1924, vindo a se tornar uma das maiores da América do Sul. Famílias inteiras foram aliciadas pelos agentes da companhia, iludidas com promessas de melhorias da qualidade de vida, quando chegavam à Rio Tinto eram amontoadas em galpões até que fossem construídas as casas, que variavam de acordo com o número de trabalhadores da fábrica e com o cargo exercido. Havia diferentes tipos de casa para as variadas funções na fábrica. As casas e chalés localizados nas principais ruas da cidade eram maiores e ocupados por diretores e chefes de setores. As casas que se localizavam no entorno eram menores, e as que se localizavam aos fundos das casas menores, eram conjugadas (PANET, op. cit.).

---

[17] Palmeira (1977) faz uma análise da relação entre proprietário de terra e morador, como estas se configuravam por meio de um contrato que ligava, por dependência, ambos agentes sociais.

[18] Rua da Gameleira localizada na aldeia Monte-Mór.

Os moradores antigos relatam uma vida agitada na cidade, com feira movimentada, festas e cinema. Contudo a partir dos anos de 1960 houve uma diminuição dos funcionários da fábrica. Alguns setores da companhia passaram por um processo de mudança dos maquinários através de incentivos da SUDENE[19] passando a produzir tecidos de maior qualidade, com a utilização de menor número de funcionários. Nesse período alguns operários com mais de 10 anos de trabalho receberam como indenização as casas em que moravam, pois essa forma de acordo se colocava como um instrumento de liberação das responsabilidades trabalhistas da CTRT. Foram 1.236 operários dispensados. Nos dois anos seguintes, mais 2.000 trabalhadores foram demitidos e a tecelagem da Vila Mont-Mór foi desativada (PANET, 2002, p.37).

Segundo Palitot (2005), a chegada da CTRC na cidade de Rio Tinto fez com que essa se desenvolvesse enquanto centro industrial de grande sucesso. No entanto, entre as décadas de 1960 e 1970 o mercado foi se tornando mais competitivo, e as transformações tecnológicas ocorridas nas indústrias da região Sudeste do país ocasionaram uma crise na fábrica, pois essa não conseguiu se adaptar ao novo mercado que surgia, o que fez com que a mesma fechasse suas portas.

Além do fator tecnológico, outros foram apontados como resultantes do declínio da fábrica, entre eles: os problemas jurídicos envolvendo questões de herança. Todo o processo de decadência e desentendimentos familiares se estendeu até 1990 quando a Companhia de Tecidos Rio Tinto fechou definitivamente suas portas. Hoje a fábrica encontra-se desativada, nas antigas instalações situadas no centro de Rio Tinto funciona uma Policlínica, uma pequena fábrica de toalhas e o Campus IV da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Na década de 1980 grande parte das terras da Cia. foram vendidas para as usinas de álcool, incentivadas pelo Proálcool (Programa Nacional do Álcool)[20]. Esse programa tinha como desígnio estimular a produção do álcool, para o atendimento das necessidades do mercado interno e externo e da política de combustíveis automotivos. Para Palitot (2005), é nesse contexto específico que as usinas canavieiras de Pernambuco e da Paraíba investem nessas áreas antes exploradas pela Cia.,

[19] Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste.
[20] O Programa Nacional do Álcool foi criado em 1974, a partir do decreto n° 76.5930. Nesse período, foram instaladas várias destilarias no litoral brasileiro motivadas pelo aumento do preço do petróleo a nível mundial e pela queda do preço do açúcar no mercado.

comprando/arrendando as terras, que seriam utilizadas para a plantação ou incentivando proprietários rurais na produção para essas empresas.

Com o fechamento da fábrica e a transferência das terras para as usinas, as condições de reprodução social dos grupos domésticos residentes na área se tornaram ainda mais difíceis, com intimidações cada vez maiores no acesso aos recursos agrícolas e pesqueiros. O Senhor Zé Boto afirma que as usinas são as maiores responsáveis pelo desmatamento da vegetação local e pelo assoreamento dos rios. Em suas palavras:

> *Agora quem é culpado disso? Cês sabe? Não sabe? (...) Tão fácil de saber quem é o culpado, coisa mais fácil do mundo; Os usineiros, são culpados por tudo isso aí, né só aqui não, todo canto, os usineiros (...) Já ouviu falar de um tal de buraco do padre (voçoroca[21])? Pronto só era esse, agora tem do padre, tem da freira tem do São Cristóvão, tem de todo mundo ali dentro agora. É cratera funda, é grande, é esquisita (...) Cobre quase um canoé[22] desse todo (...) Isso foi criado por quê? O desmatamento minha gente, acabou com tudo, viu? O desmatamento. Hoje eu vejo na televisão, ói tem que florestar 30m, vamos dizer, da margem do rio pra fora, isso vai resolver o que meu Deus? Nada vai resolver, só problema, viu? Porque mexeram em todas as vertentes, aí deixaram aquelas boladinha de mata que a gente vê nas vertentes, pronto, mas se o lançamento de terra já vem de cima do alto, né? Não ficou essa bolada de mata, ali, ele resolveu nada? Não resolveu, vê que essa margem tá toda aterrada no mundo acima, tudinho, porque ninguém andava ali dentro. Esse trecho de caminho que a gente passa aí, daquela rua pra essa outra aí, quem vai ali por fora (...) Ali do lado e de outro ninguém andava, porque aquilo não existia, viu? Aquilo não existia, aquilo ali, tudo isso aí, tudo foi aterro, foi aterro que a Companhia fez (...) Então vamos dizer que esses paús[23] era tudo ligado, de cima do alto ao mangue, tudo era ligado, mas conforme ela queria a estrada até porto novo, aí ela saiu aterrando, e fazendo a estrada, pronto. É o que aconteceu, foi isso, mas mesmo assim ela não prejudicou, a Companhia, não! Quem prejudicou foi a usina, a Companhia cortava, mas cortava de machado e a usina veio e arrancou pelo pé, pela cepa, não sobrou nada, vegetação nenhuma sobrou onde a usina passou, e nem vai sobrar. Porque (...) o pior de tudo é que ela queima. Aí dizem a usina tem tantos hectare de mata, não sei o que, que ele fala, como é essa quantia de mata? Tem dois hectares aqui, tem mais dois (...) lá na casa da mulesta, isso vai resolver nada? Não resolve. (Senhor Zé Boto (falecido). Entrevista concedida em julho de 2013).*

Com a chegada das usinas, a cana-de-açúcar avançou pelos espaços produtivos dos habitantes, devastando as áreas de vegetação existentes e restringindo as atividades de agricultura e de pesca. Os terrenos melhores (as chãs[24]) foram utilizados para a

---

[21] Escavação no solo ou em rocha decomposta causada por erosão do lençol de escoamento de águas pluviais.
[22] O "canoé" é uma espécie típica de manguezal.
[23] Tipo de solo arenoso para plantio.
[24] Terreno plano.

plantação da cana, restando às encostas acidentadas para o cultivo de alimentos dos moradores. Os recursos disponíveis tornaram-se cada vez mais escassos e a população se viu encurralada em espaços reduzidos.

Cássia, esposa do cacique da aldeia Jaraguá, Aníbal, falou a respeito de como o território foi modicado pelas usinas:

> *Isso aqui era tudo cana, o roçado do meu pai era ali, dentro daquela mata porque não tinha canto pra plantar. Aqui era tudo cana, até ali em baixo tinha cana, era tudo cana, aqueles pasto lá em cima (apontou). Só onde não tinha cana era aquele pedaço lá, uma lonjura tão grande, maior dificuldade, mas era o jeito, para ter o que comer. (Cássia, entrevista concedida em janeiro de 2017).*

Os desmatamentos empreendidos para o plantio de cana-de-açúcar transformam rapidamente o cenário das relações sociais na região levando indígenas já na década de 1990 a se organizarem pela demarcação de suas terras. As chamadas "retomadas" foram feitas com a substituição dos canaviais pelo plantio de "roça" (macaxeira), como uma forma de resistência, que permitiu os grupos indígenas lutarem para enfraquecer as usinas de açúcar.

Segundo Cardoso (*et al.*, 2012, p.17-18):

> *Os Potiguara, a partir de então, iniciam um processo de autodemarcação do território recorrendo à Universidade Federal da Paraíba (UFPB) para a obtenção de apoio técnico na empreitada. Em 1981, o governador da Paraíba determina que um órgão da Secretaria de Agricultura elabore um projeto de desenvolvimento para as famílias da reserva de Baía da Traição, que ficou conhecido como Projeto Integrado. Setores da igreja consideraram a atitude uma manobra para desviar a atenção da luta indígena pela posse da terra e debateram com os índios no sentido de não aceitarem a proposta. Finalmente nos anos de 1983 e 1984, o trabalho de demarcação da área é concluído, delimitando um território de 21.238 ha. Tal demarcação excluiu a antiga sesmaria de Monte-Mór, onde havia "propriedades" da Cia. de Tecidos Rio Tinto e de algumas usinas. Também outras localidades habitadas pelos Potiguara como Lagoa Grande e Grupiúna ficaram de fora, bem como a cidade de Baía da Traição e área de reserva do manguezal do rio Mamanguape. As aldeias Jacaré de São Domingos e Grupiúna se mobilizaram no sentido de reivindicar o reconhecimento do território tradicional, sendo homologada em 1993. Monte-Mór foi o terceiro território a ser reconquistado. No sentido inverso, os Potiguara passaram a "empurrar" os canaviais pra fora do seu território. A "retomada", como dizem, foi feita com a substituição do canavial pelo plantio de "roça". O início do processo de retomada foi em 2003 quando nove barracas foram armadas na borda da cidade de Marcação em áreas de canavial.*

O processo de luta e a reivindicação pela posse e retomada dos territórios tradicionais, eclodiu desde o início dos anos de 1980 com a disputa pela Terra Indígena

(TI) Potiguara de Baía da Traição, nos fins dos anos de 1980 na TI de Jacaré de São Domingos e a partir da década de 1990 na TI de Monte-Mór (MARQUES, 2009, p. 124). No entanto, é preciso destacar que as condições ecológicas das áreas em conflito tiveram uma crescente transformação, em razão do intenso desmatamento, o que ocasionou a modificação da paisagem, resultado dos empreendimentos dos usineiros.

O processo histórico descrito coloca em evidência os diferentes contextos em que estiveram inseridos os indígenas Potiguara, assinalando a complexidade das relações sociais e étnicas, onde as práticas de dominação colonial tiveram papel determinante, condicionando a organização social e a organização política dos indígenas. Ao analisar os processos históricos e políticos em que os indígenas da região Nordeste passaram, João Pacheco de Oliveira (2004) refere-se ao *processo de territorialização* como sendo um processo de reorganização social, com isto entendendo a atribuição de espaços específicos e bem delimitados a grupos sociais e étnicos subordinados ao poder colonial. O autor entende a noção de *territorialização* como sendo

> *(...) um processo de reorganização social que implica: i) a criação de uma nova unidade sociocultural mediante o estabelecimento de uma identidade étnica diferenciadora; ii) a constituição de mecanismos políticos especializados; iii) a redefinição do controle social sobre os recursos ambientais; iv) a reelaboração da cultura e da relação com o passado (OLIVEIRA, op. cit., p.22).*

O destaque posto pelo autor sobre uma dimensão coletiva na formação da identidade étnica, coloca em evidência o diálogo com as formulações de Barth (2005) sobre os grupos étnicos como constituindo um *tipo organizacional* que canaliza os fluxos da cultura. Como descrito, os Potiguara ao longo do século XX, se reorganizaram enquanto grupo étnico diferenciado em busca do direito de uso exclusivo sobre parte dos territórios por eles ocupados. Os limites das Terras Indígenas são, portanto, os limites políticos e administrativos dentro dos quais devem ser encontrados os recursos necessários à reprodução física e cultural do grupo segundo a Constituição Federal. No item abaixo apresento aspectos importantes sobre o histórico da ocupação indígena em Jaraguá e quais as estratégias e formas de resistência que foram utilizadas para garantia do direito ao usufruto exclusivo dos indígenas, conforme preconiza a Constituição.

1.2 HISTÓRICO DA OCUPAÇÃO INDÍGENA EM JARAGUÁ: ESTRATÉGIAS E FORMAS DE RESISTÊNCIA

A aldeia Jaraguá possui um histórico de continua modificação das características físicas com efeitos de dominação marcantes em seu território, que ao longo do tempo foi se transformando pelo tipo de acesso e pelo próprio processo de ocupação do território. Neste sentido, traremos aqui aspectos fundamentais deste período de forte intensificação de uso da terra e das grandes transformações econômicas, sociais e principalmente ecológicas na região. Tomaremos como marco histórico os anos de 1950, período em que a "Companhia" devastou grandes extensões de mata nativa e de manguezal, passando a plantar eucaliptos para abastecer a fábrica, conforme depoimento abaixo:

> *Jaraguá nesse tempo, olhe estava tudo desmatado. A Companhia derrubou pra depois plantar eucalipto, pra botar nas fornalhas da fábrica. Trabalhei pra Companhia nesse tempo, aqui a gente não tinha muita chance não... Porque primeiramente a Companhia que tomou aqueles lotes, né? Depois a Companhia vendeu para as usinas, né? E a gente gostava de plantar, tinha os roçadinhos da gente. (Senhor Zé Boto. Entrevista concedida em abril de 2012).*

No início dos anos de 1980, como já dito a "Companhia" passou a vender suas terras às destilarias de álcool, e o território dos Potiguara foi se transformado em área de cana-de-açúcar. Neste período se inicia os conflitos de mobilização pela terra, em Jaraguá as famílias encontravam-se com maiores restrições para o cultivo nos roçados e construção de casas, todos os recursos que os grupos tinham a disposição estavam sendo cerceados (PALITOT, 2005). De acordo com o senhor Zé Boto:

> *Aquele alto ali (apontou), a turma sempre gostava de trabalhar, quando a usina tomou conta afastou todo mundo e meteu cana. Aí a turma só foi trabalhar pro canto onde ela não botava cana, no caso a vargem[25], né? Não puderam mais trabalhar lá. Depois o Rio Vermelho[26] que era a firma da companhia pra gado, veio com gado cercaram a região toda. O cercado passou na beira do porto, pegou acerando. Jaraguá virou pasto pra gado e acabou com tudo. Aí foi no tempo que os índios começaram a luta. (Senhor Zé Boto. Entrevista concedida em dezembro de 2016).*

[25] Tipo de solo alagável.

[26] Propriedade particular Rio Vermelho Agropastoril Mercantil S.A, Luismar Melo, Emílio Celso Cavalcanti de Morais, Paulo Fernando Cavalcanti de Morais e Espólio de Arthur Herman Lundgren (VIEIRA, 2006).

Inicialmente, no processo de luta, os indígenas contaram com o apoio da FETAG[27], do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Rio Tinto e da Comissão Pastoral da Terra (PERES, 2004, p. 3). Os roçados dos moradores foram tomados pela cana-de-açúcar que reprimia as próprias estratégias de resistência das comunidades indígenas. Os indivíduos recebiam ameaças constantes dos capangas da usina que apareciam à noite atirando e amedrontando os moradores.

Pressionados por essa situação, os indígenas de Jaraguá começaram a se mobilizar pela demarcação da terra sob a liderança de Vicente José da Silva, conhecido por Vicentinho[28], que juntamente com indígenas de Marcação e Rio Tinto começam as mobilizações pela terra indígena de Monte-Mór. De acordo com Vieira:

> *No final dos anos de 1980, Vicente Calá iniciou a mobilização a partir da aldeia Jaraguá no intento de regularizar a posse da terra. Segundo ele, poucas pessoas se interessaram a participar das reuniões e da dança do toré, com o temor de represálias por parte da CTRT. A resistência maior partiu dos moradores de Monte-Mór e de famílias de Jaraguá, pelo fato de residirem em casas construídas pela própria CTRT. As mobilizações resultaram no reconhecimento pela FUNAI[29], de que eram índios. Passou a ser exigido um cadastramento de todas as pessoas que acompanhavam Vicente o critério de identificação era participar do toré[30] e atuar na mobilização política, ou melhor, acompanhar Vicente (VIEIRA, op. cit., p.138).*

Vicentinho foi uma liderança muito importante na luta pela terra, por essa razão se tornou uma figura de bastante prestígio e que conseguiu reunir um número considerável de indígenas, como destaca o Cacique Aníbal:

> *O início aqui de Jaraguá foi com Seu Vicentinho que começou a reunir o povo. "Tem coragem"? Eu disse: tenho, "vamos enfrentar os homens, né"? Aí começamos essa luta, né? Nós sofremos muito nessa luta (...) A Companhia pegou a terra que não tinha mais condição de trabalhar, né? Aí foi pegou, a terra e vendeu aos usineiros que começaram a plantar cana por todo canto, por isso nós começamos a fazer as primeiras retomadas que começou aqui em Jaraguá. Aí começamos a retomada, começamos a plantar e a Usina derrubava, passavam o trator na nossa lavoura. Derrubando a cana e plantando. Aí a Usina vinha de madrugada e passava o trator, amanhecia o dia tudo derrubado, para ver se nós desistíamos. Porque quando a gente via que eles passam o trator, derrubavam as coisas da gente, e nós íamos de novo, fazer tudo de novo, nós não estamos perdendo a nossa*

---

[27] Federação dos Trabalhadores na Agricultura.
[28] Vicentinho faleceu em 14/02/2010.
[29] Fundação Nacional dos Povos Indígenas.
[30] O toré é um ritual que se tornou um símbolo político, um requisito demandado pelos indigenistas para o reconhecimento dos grupos como indígenas, passou a ser generalizado e difundido, tornando-se marca de distinção étnica e de manifestação política dos índios do nordeste (CARDOSO *et al.*, 2012)

> *resistência não (...). E cada vez mais a comunidade ia se unindo, né? Seu Vicente na época que era o cacique ficou preso ainda, procuramos a Funai, a Funai mandou a gente se virar, que nós não tínhamos advogado. Aí procuramos a CPT[31] o Deputado Frei Anastácio[32] deu força e o advogado veio e soltou, e a gente começou de novo a plantar e a Usina derrubando. (Cacique Aníbal. Entrevista concedida em setembro de 2016).*

No ano de 1993 algumas lideranças de Monte-Mór requereram estudos de identificação de suas terras, mas somente em 1995 os primeiros estudos de identificação foram realizados pela Funai. Como resultado dos estudos a terra indígena de Monte-Mór foi definida com 5.300 ha, sendo excluídas a cidade de Marcação, a vila Regina e a vila de Monte-Mór, sob a justificativa de não dificultar os trâmites legais dos trabalhos demarcatórios, visto que dentro dessas áreas havia não indígenas (PALITOT, 2005, p. 81).

Em 1997 a identificação da Terra Indígena foi contestada administrativamente no órgão indigenista pelos representantes da Companhia Rio Tinto, das usinas e de plantadores de cana. As contestações foram indeferidas no âmbito do órgão indigenista e o processo seguiu para o Ministério da Justiça:

> *A primeira proposta de identificação e delimitação da T.I. Potiguara de Monte-Mór percorreu os caminhos administrativos necessários até chegar ao parecer do Ministro da Justiça que negou-se a emitir portaria declaratória, acatando as contestações apresentadas. Sendo assim, Renan Calheiros, em 14/07/1999, expediu Despacho Ministerial decidindo: acatar os argumentos contidos nos quatro memoriais trazidos ao processo pelos contestantes; desaprovar a identificação e a delimitação da dita Terra Indígena Potiguara de Monte-Mór, na forma proposta pela Funai; determinar, o retorno dos autos à Funai, para proceder novos estudos, com vistas à identificação e delimitação da área remanescente, excluídas as terras particulares de propriedade de Rio Vermelho Agropastoril Mercantil S.A., Luismar Melo, Emílio Celso Cavalcanti de Morais, Paulo Fernando Cavalcanti de Morais e Espólio de Arthur Herman Lundgren (Despacho Ministerial de 14/07/1999 in: PERES, 2000, p. 1).*

A demora e os desvios obtidos na decisão da Justiça fizeram com que os Potiguara de Monte-Mór realizassem uma autodemarcação do seu território no mês de maio de 1999. Os indígenas se organizaram para retomar suas terras, encontrando apoio para essa ação nas outras aldeias potiguara e em alguns órgãos e movimentos sociais.

---

[31] Comissão Pastoral da Terra.

[32] Frei Anastácio atuou durante muitos anos na Comissão Pastoral da Terra e foi eleito deputado estadual pela primeira vez em 1996 (PALITOT, 2005, p.81).

A partir da realização da autodemarcação, os indígenas recorreram ao Ministério Público através da Procuradoria da República na Paraíba, conseguindo uma Ação Ordinária, com pedido de antecipação de tutela, contra a União e os contestantes. O despacho ministerial acima referido foi refutado e a Funai foi intimada a providenciar novos estudos de identificação[33] sem excluir as áreas reivindicadas pelos contestantes.

De acordo com o cacique Aníbal:

> *Nessa época foi quando veio a antropóloga Fátima Brito, foi a primeira, ela veio e andou mais a gente fazendo a identificação da área, né? Mas foi a gente que fizemos o que chama autodemarcação, depois a Funai veio e fez os limites da gente. Aí teve um segundo estudo que a Vila Monte-Mór ficou fora, pra gente não ter esse aperreio todinho deixa a Vila Monte-Mór fora. Aí veio Sidnei Peres (antropólogo) e disse vocês só demarcam se a Vila Monte-Mór ficar dentro, vamos fazer novo processo. Aí nós demarcamos, botamos a vila Monte-Mór, demarcamos. (Cacique Aníbal. Entrevista concedida em setembro de 2016).*

Para Palitot (2005, p. 38):

> *Em virtude das contestações judiciais ao processo de regularização fundiária, da morosidade causada por estas decisões no andamento da demarcação e de acusações de que seu Vicente não estaria mais agindo com tanto afinco na defesa* dos *interesses dos índios, incluindo-se aí a apropriação de recursos comunitários como o controle da casa de farinha, ocorreu o rompimento da maioria dos grupos familiares que o apoiavam. (...) novas lideranças passaram a se destacar e promoveram a substituição de Seu Vicente do cargo de cacique juntamente com o seu representante em Marcação, Antônio Culau. Em Jaraguá, Aníbal Cordeiro Campos foi escolhido cacique; na Vila Monte-Mór, Valdemar Paulo Ribeiro, Seu Vado; e, em Marcação, José Roberto de Azevedo Santos, Bel (cacique) e Josesi Soares (vice-cacique).*

O processo de regularização fundiária se arrastou por mais de dez anos em virtude de contestações judiciais e de interesses políticos que dificultaram o atendimento das demandas territoriais de várias famílias Potiguara. Embora sem uma solução definitiva para a não demarcação do território, os indígenas não cessaram a mobilização, em meio a todas essas questões burocráticas os Potiguara foram estabelecendo alianças e fortalecendo sua luta com as "retomadas" de terras, como forma de resistência contra o poderio das usinas.

---

[33] Em janeiro do ano 2000, o então Presidente da Funai, Carlos Frederico Marés de Souza Filho, determina o deslocamento do antropólogo Sidnei Clemente Peres, da Universidade Federal Fluminense (UFF), aos municípios de Rio Tinto, Marcação e Baía da Traição/PB, para realizar os estudos e levantamentos de campo.

Nesse movimento, os Potiguara de várias aldeias plantavam as "roças" que tendiam à ampliação dos cultivos como o feijão, o milho, a mandioca entre outros que eram posteriormente destruídas a mando dos usineiros. Desta forma, os indígenas passaram à retirada da cana de seu território. As ideias e os sentimentos do retorno ao território de ocupação tradicional foram sendo discutidos e construídos coletivamente. Todas as lideranças das aldeias que formam a TI Monte-Mór estiveram no processo de retomada[34] da aldeia Três Rios, que se deu em quatro[35] de agosto de 2003, onde cerca de 400 famílias de diferentes aldeias potiguara acamparam numa área de 50 ha em frente à cidade de Marcação (MARQUES, op. cit.).

Conforme o cacique Aníbal:

> *No tempo da retomada, passei noventa dias em Três Rios, dormindo assim no chão! Se a gente não tivesse feito a retomada do nosso território a gente não tinha conseguido ele de volta. A gente não ia avançar não! Era arrancando a cepa da cana, botando o roçado. Aí depois do roçado a gente foi construir. Hoje pode dizer que o território da gente está tomado de moradia já. Mas não foi fácil, a gente sofreu muita ameaça de morte, os capangas das usinas chegavam à noite atirando, mas a gente não parou nossa luta (Cacique Aníbal. Entrevista concedida em janeiro de 2017).*

A usina Miriri contestou na justiça a "invasão" dos índios na área. Desde então, as ameaças de morte se tornaram constantes em Três Rios. Durante as noites os indígenas revezavam-se na vigilância da aldeia. Nessas ocasiões os capangas da usina apareciam atirando e amedrontando os Potiguara com insultos e ameaças de morte. Apesar dos conflitos e dos perigos de despejo pela justiça, intensificou-se cotidianamente a construção de casas e os cultivos, consolidando a retomada do território (MARQUES, op. cit.).

Nesses termos, o território é entendido não como mero "espaço", mas como um suporte da noção de controle político – o qual se dá por parte de certas configurações temporais. Portanto, a "retomada" do território, se configura como um movimento político de reafirmação étnica, onde a luta pela reconquista do território tradicional se

---

[34] A dissertação de Amanda Marques (2009) tem como foco principal uma análise sobre os processos de construção do território e a territorialidade étnica dos Potiguara, com atenção para a aldeia Três Rios (município de Marcação-PB). Em sua discussão ela aponta como o processo de retomada das terras da aldeia envolve uma série de agentes, como a universidade (UFPB), o Ministério Público Federal, as usinas, além dos próprios potiguara.

[35] O dia 4 de agosto para os Potiguara da aldeia Três Rios significou o fim da sujeição do trabalho no corte da cana, a construção de uma "nova" aldeia, um marco de consolidação de um trabalho realizado pelo grupo para a obtenção do território tradicional indígena (MARQUES, 2009).

opôs à monocultura da cana que corresponde a uma prática prejudicial ao ambiente, que fez com que faixas de mata fossem gradativamente destruídas, além dos prejuízos no solo causados pelo excesso de vinhoto[36] utilizado como fertilizante nos canaviais (OLIVEIRA, 2018).

De acordo com o cacique Aníbal:

> *Quando a usina entrou aqui já foi derrubando a mata, derrubando tudo pra plantar cana-de-açúcar e aí tá a destruição da floresta (...) toda acabada. Nosso território mudou por completo, a erosão tá acabando com tudo, com o rio. A cana-de-açúcar só trouxe pra gente aqui só foi desgraça mesmo pra nossa vida (...) o sofrimento do nosso povo. Aqui mesmo em Jaraguá nós não temos cana-de-açúcar não, aqui lutei, lutamos, onde era cana antes agora é povo, viu? (Cacique Aníbal Cordeiro Campos, entrevista concedida em setembro de 2016).*

Os indígenas eram obrigados a arrendar suas terras para os usineiros, em virtude da marginalização que estavam submetidos, a "retomada" foi um movimento contrário dos próprios indígenas de se rebelar contra essa forma de subordinação. Esse processo de recuperação do território garantiu a apropriação de recursos e a mudança das relações de poder. Todas essas estratégias de resistência à dominação no processo de empenhos e iniciativas para defesa e recuperação do território trouxeram a possibilidade da realização de atividades produtivas que estavam sendo restringidas.

Pode-se dizer que antes que se estabelecessem dinâmicas próprias do desenvolvimento capitalista, com exploração de mão de obra e de recursos dos territórios, os Potiguara podiam desenvolver suas atividades num meio ambiente que satisfazia suas necessidades, onde a escassez de recursos não estava posta. Com as iniciativas para recuperação e defesa do território houve a subversão de tendências históricas, a expressão do conflito territorial funda a possibilidade de uma *ecologia doméstica* (WILK, 1997), ou seja, uma outra forma de relação com o ambiente, inscrito no plantio da "roça" em contraposição ao modelo de paisagem homogênea da cana de açúcar. Esta reconfiguração pode ser entendida como uma mudança em termos do que Oliveira definiu como *situações históricas* que se apresenta como uma forma de compor um padrão de relações a partir da análise das ações concretas dos atores sociais (OLIVEIRA, 1988), possibilitando os efeitos "de mão dupla" que o mesmo Oliveira indicara para um *processo de territorialização*.

---

[36] O vinhoto é o resíduo pastoso e malcheiroso que sobra após a destilação fracionada do caldo de cana-de- açúcar (garapa) fermentado para a obtenção do etanol (álcool etílico**).**

Nesse sentido, a resistência ao plantio de cana pode ser percebida como uma estratégia que põe fim a sujeição do trabalho no corte da cana. Como afirma o Cacique Aníbal "o que era cana agora é povo", que nos remete a um marco de consolidação de um esforço realizado pelo grupo para a obtenção do seu território tradicional usurpado por instancias econômicas ao longo do processo histórico. Portanto a "retomada" do território foi o elemento que tornou possível o acesso a determinadas parcelas de terras que estavam sendo negadas ou restringidas.

Para Peres (2002, p.5):

> *A luta destas famílias indígenas pela retomada do seu território tradicional é também uma luta socioambiental; expressa o protesto coletivo diante de uma situação de privações étnicas e ambientais causadas pela agroindústria canavieira que inviabiliza as condições materiais e simbólicas de sustentação do campesinato Potiguara.*

No dia 19 de março de 2006, cerca de 50 famílias, moradoras da aldeia Monte-Mór ocuparam algumas faixas de terras em parte da Fazenda Rafaela no município de Rio Tinto-PB. Na ocasião foi feita a limpeza da área para a construção de casas e abertura de "roças". Em novembro de 2006, o STJ (Supremo Tribunal de Justiça) anulou o despacho ministerial de julho de 1999 admitindo a demarcação das terras, restando apenas o Ministério da Justiça emitir a portaria declaratória[37] (MARQUES, op. cit.).

De acordo com Vieira (2006):[38]

> *O ano de 2007 foi marcado por fortes expectativas em torno da assinatura da portaria declaratória. Impacientes com o silêncio do Ministério da Justiça, no mês de outubro de 2007, cerca de 400 índios Potiguara ocuparam a sede da Funai em João Pessoa-PB. A intenção foi pressionar o referido órgão para a conclusão do processo de demarcação da Terra Indígena Potiguara de Monte-Mór. A ocupação, que durou dois dias, foi marcada por algumas reuniões com o administrador da Funai, oportunidade em que foi emitido um documento à Funai de Brasília pedindo agilidade no processo; ao mesmo tempo houve uma articulação com a frente parlamentar indígena da Assembleia Legislativa, sendo enviado um pedido de apoio para a demarcação da terra de Monte-Mór. Depois da ocupação, as lideranças receberam documentação enviada pela coordenadora de*

[37] A assinatura da Portaria Declaratória é um passo importante no processo de reconhecimento de Terras Indígenas, pois além de validar todas as etapas regulamentares do procedimento de identificação e delimitação da terra e o relatório anteriormente aprovado e publicado pela Funai, possibilita o início da regularização fundiária de forma a garantir aos índios a posse permanente e o usufruto exclusivo dos recursos naturais nela existentes.

[38] Fonte: http://pib.socioambiental.org/pt/povo/potiguara/936 acesso em 13/05/2022.

> *assuntos fundiários da Funai, se comprometendo solucionar a questão até o mês de Novembro do presente ano. No dia 13 de dezembro de 2007, o Ministro da Justiça Tarso Genro finalmente assinou a Portaria Declaratória da TI Potiguara de Monte-Mór durante a última reunião da CNPI (Comissão Nacional de Política Indigenista) em Brasília. A área demarcada conta com 7.487 hectares.*

Só após as "retomadas" é que os Potiguara passaram a ocupar melhores terrenos para a agricultura e construção de casas. Ao mesmo tempo, diante de situações limites principalmente de baixa fertilidade, se fazendo necessária a incorporação de adubos. Na comunidade estudada, as famílias estabelecem estratégias de uso em função das áreas disponíveis, com fortes limitações de disponibilidade de recursos naturais. Os dados acima apresentados permitem interpretar de um modo geral que os membros dos grupos domésticos traçam e desenvolvem estratégias de produção e de reprodução para viverem em áreas com fortes limitações de recursos naturais. Assim, vêem a possibilidade de substituir áreas com baixa capacidade produtiva para roçados por áreas de mangue alagáveis.

> *As terras não são boas porque já se plantou muita cana. Os terrenos são muito desladeirados*[39] *e a chuva quando vem arrasta toda frutidão da terra, por isso a gente gasta muito com estrume, é muito caro. Uma carrada tá por 500 reais, dependendo do tamanho do carro. A terra não é muito boa não, aí tem essas despesas todas, fica mais difícil dá lucro. (Dona Maria. Entrevista concedida em outubro de 2019).*

O cuidado e o uso do território é algo que está ligado aos sujeitos por um sentido de responsabilidade, pois existe uma vivência que gera uma relação de pertença. Há que se levar em conta, a rigor, uma dinâmica, ou um processo de construção do território ao longo das histórias individuais e coletivas que implicam em interações especificas nos ambientes. O que revela uma memória emotiva de ligação:

> *Desde pequeno com minha avó nós plantando, sempre tivemos nossa terra, mas a Companhia veio e expulsaram a gente, ficamos sem ter onde plantar. Então quando eu entrei nessa luta foi pra ter de volta o que é nosso, o que era dos meus avós, e agora posso dizer que é dos meus filhos. Porque nós sempre tivemos nosso território e nós sempre cuidamos dele, não tinha isso de poluição e desmatamento como hoje, não. Lutamos por ele, hoje a gente pode plantar nossa lavoura, ninguém empata mais a gente. A gente tem a maré pra pescar, morrer de fome ninguém morre. (Aníbal. Entrevista concedida em março de 2017).*

[39] Expressão nativa para dizer que o terreno é em declive.

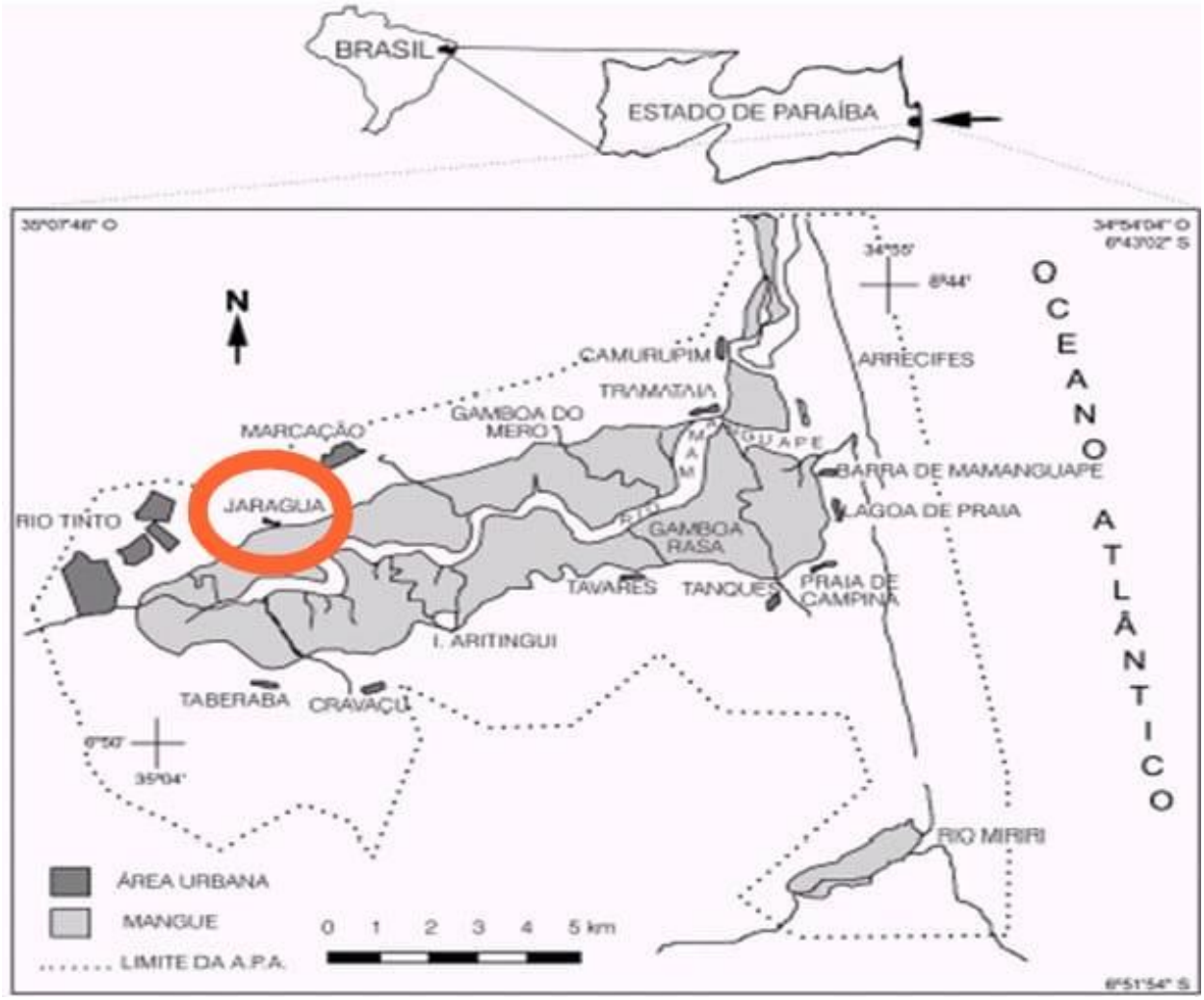
Nesse sentido, a luta pela terra para os Potiguara não remete tão somente a uma demanda legal, a terra é entendida como espaço simbólico. O acesso ao território possibilita a reprodução social nos moldes tradicionais, uma vez que no território estão impressos os meios para o desenvolvimento da vida, abrangendo acontecimentos que mantém viva a memória do grupo. Nesses termos, a noção de ocupação tradicional não deve ser entendida como sendo algo rígido, fixo no tempo, mas do contrário, possuidora de uma fluidez proveniente das relações sociais. Trata-se, sobretudo, das narrativas dos atores sociais que dão sentido ao território, como lugar de pertencimento e referência para sua identidade étnica. Pois bem, feito este contexto geral, foquemos no próximo item sobre os detalhes do lócus da pesquisa.

1.3 CARACTERIZAÇÃO DO LOCAL DA PESQUISA

Iluminada pelo sol o ano todo, a aldeia Jaraguá é arejada pela maresia que vem do Oceano Atlântico, terra vasta em vegetação e molhada por águas de nove nascentes perenes. As características ecológicas da aldeia Jaraguá contemplam várzeas, resquícios de mata atlântica e mangue em grande parte protegidos por legislação ambiental, constituindo uma APA[40] (Área de Proteção Ambiental). A população da aldeia é de aproximadamente 1.694[41] habitantes e a temperatura média anual é 15.0 °C. pluviosidade média anual de 1285 mm (ARAÚJO, 2017).

[40] Área sobreposta a TI de Monte-Mor (1.728,00 ha). Porcentagem da sobreposição (11,57%). Fonte: Instituto Socioambiental – ISA. https://uc.socioambiental.org/pt-br/arp/932
A APA da Barra do Rio Mamanguape possui ambientes costeiros, com falésias, restingas, dunas, baixos planaltos, embocaduras e estuários, abrigando a maior região conservada de mangues do Estado da Paraíba, o que equivale a aproximadamente 6.000 ha (RODRIGUES *et al.*, 2008, p.13).

[41] Dado obtido por meio de mapeamento genealógico realizado durante a pesquisa de campo monográfica (Janeiro de 2015).



Mapa 2: Localização dos limites da APA. Círculo indicando a aldeia Jaraguá. Fonte: Paludo e Klonowski, 1999.

Jaraguá é limítrofe com a aldeia Monte-Mór. Sua área de abrangência é composta por diversas ruas, a primeira delas é conhecida por Rua Principal, essa rua tem duas ramificações, uma que se estende até os locais denominados Regina I, Regina II e a Jaqueira e a outra ramificação possibilita o acesso à aldeia Monte-Mór. Ao longo da Rua Nova temos a primeira entrada do lado direito que dá acesso a uma rua bem pequena com pouquíssimas casas, conhecida por Rua do Tiro de Guerra[42]. Já a entrada do lado esquerdo possibilita o acesso à Rua do Porto que por sua vez apresenta uma entrada á direita que garante o acesso à Rua do Campo (v. Croqui 1). A grande maioria

[42] Local utilizado antigamente para o serviço de alistamento militar.

das estradas são de chão batido, contando com calçamento na rua principal, na ladeira da gameleira e na Regina I e Regina II.

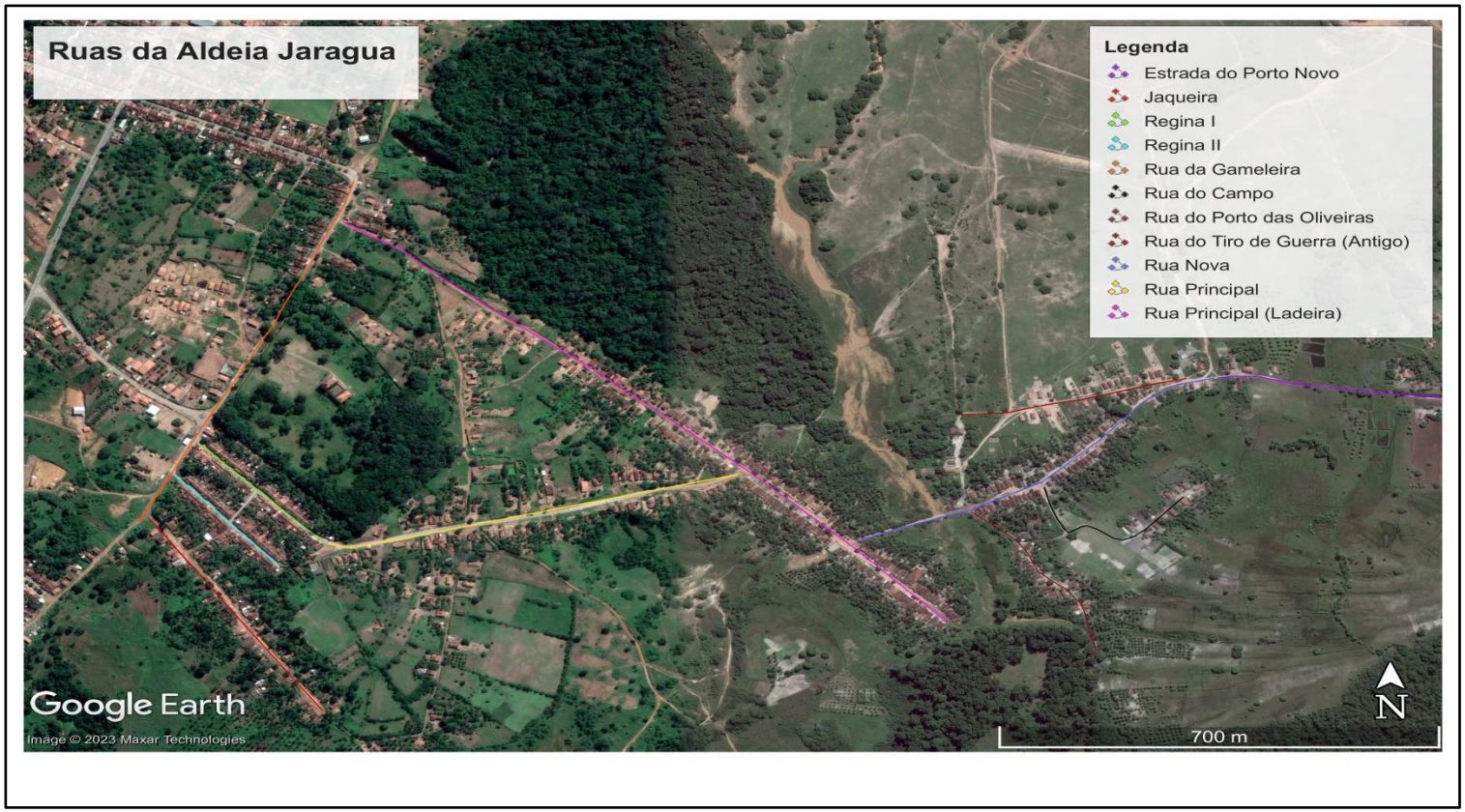
Conforme Palitot (2015, p.186):

> *A Regina I e II possuem uma tipologia diferente das demais casas, sendo bem menores. Originalmente destinavam-se a abrigar prostitutas, fazendo sentido sua localização devido à proximidade com o acesso do antigo porto de onde vinham os frequentadores dessas casas, os trabalhadores das barcaças, viajantes e transportadores de mercadorias, geralmente operários da Cia. que não possuíam família na cidade, ou eram solteiros (PANET, 2002, p. 57, 59). Já a rua da Jaqueira apresenta características mais rurais e com amplos quintais. Em Jaraguá encontramos a antiga sede do aldeamento da Preguiça. Este conjunto é formado pela Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres, a rua Aspirante Mena Barreto (antiga rua da Gameleira), Regina I, Regina II e Jaqueira, o Tiro de Guerra e o Palacete dos Lundgren.*

Devido a sua proximidade com uma das fábricas da Companhia de Tecidos, que se localizava na Vila Monte-Mór, Jaraguá constituiu-se em local de estabelecimento de uma vila de operários. Foram construídas casas pela empresa para os seus empregados ou quem quisesse pagar o aluguel para morar nelas. No entanto, os Potiguara além de viverem em núcleos urbanos como a Vila Monte-Mór, estabelecem seus assentamentos tanto à maneira de povoados como de sítios familiares no meio rural. Ainda hoje podemos verificar em Jaraguá alguns grupos domésticos fixarem moradia em lugares um pouco mais afastados dos aglomerados residenciais.

Segundo Palitot (op. cit., p.186):

> *Topograficamente, a aldeia Jaraguá pode ser dividida em duas partes, uma encosta íngreme que desce do lado esquerdo da igreja de Nossa Senhora dos Prazeres e uma extensa planície aluvial em direção ao rio Mamanguape. O riacho da Bica atravessa a aldeia e adquire grande volume ao se aproximar do Mamanguape. A vegetação de manguezal e mata atlântica dominam a paisagem. Os quintais arborizados e campos alagáveis completam a cenário. Essa configuração ambiental justifica as expressões de alguns moradores de que Jaraguá é uma vereda para o mangue; uma beira-mar ou uma ilha.*



Croqui 1: Localização das ruas da aldeia Jaraguá. Elaborado pela autora, a partir do programa Google Earth, 2023.



Figura 2: Vista da ladeira de Jaraguá via Rua da Gameleira. Arquivo pessoal, 2021.



Figura 3: Vista da Rua Principal. Arquivo pessoal, 2021.

A aldeia conta com uma escola indígena (Escola Estadual Indígena de Ensino Fundamental e Médio Cacique Domingos Barbosa dos Santos) que atua no ensino diferenciado através de aulas de Etnohistória, Língua Tupi e Arte e Cultura. Possui um posto de saúde indígena que promove o atendimento aos moradores indígenas através do Distrito Sanitário Especial Indígena (DSEI). Na localidade existem pequenas vendas destinadas a gêneros alimentícios e produtos de higiene, como também, bares, campos de futebol e uma praça. Jaraguá possui uma Associação Comunitária dos Pescadores e Agricultores Indígenas, localizada na Rua Principal. Fundada em 1991, pelo então presidente o Sr. Severino Ramos da Cruz, mais conhecido por "Ramos da Associação". Já o pavilhão é um espaço destinado a realização de eventos e celebrações.

Existe água em abundância proveniente de rios, cacimbas, bicas, poços etc. O abastecimento de água é responsabilidade da aldeia que conta com apoio da SESAI (Secretaria Especial de saúde Indígena) no que se diz respeito ao tratamento da água, proveniente de três poços.

Sobre a religiosidade local, a fé é disputada por três igrejas cristãs, sendo uma católica e duas evangélicas[43]. O catolicismo é a religião institucionalizada mais antiga entre os Potiguara, remontando ao período colonial e fonte dos símbolos étnicos, históricos e territoriais representados pelas velhas igrejas de Nossa Senhora dos Prazeres e São Miguel, com seus oragos e festas anuais (PALITOT, 2005). A festa mais popular da aldeia Jaraguá é a do padroeiro São Sebastião[44], comemorada dia 19 de Janeiro. Existe ainda na localidade sistemas de crenças articulados em torno do Pai do Mangue, dono dos manguezais e dos rios e da Comadre Fulôzinha, dona da mata. Estes podem ser benéficos ou maléficos para com os indivíduos, dependendo da estratégia de relacionamento adotada, mas também, da postura moral apresentada. Muitos Potiguara têm devoção por esses seres, e fazem oferendas a exemplo da cachaça, fumo, mel, mingau entre outros, para que se possa obter sucesso na atividade que se deseja realizar. No entanto, caso alguém realize alguma ação que desrespeite esses "espíritos donos" [45], corre o risco de ser castigado severamente. Desta maneira, é importante manter uma relação de proximidade e troca o que demanda afinidade e respeito para garantir boas pescarias, caças e a proteção dos animais (ARAÚJO, 2017).

A principal fonte de recurso da aldeia Jaraguá é a pesca. No entanto é muito comum o trabalho nos roçados, canaviais das usinas e órgãos públicos, como prefeituras e governo do estado. Outra fonte que ajuda na economia dos grupos domésticos são os benefícios sociais do governo, como o bolsa família, auxílio maternidade, aposentadoria. A renda obtida na unidade doméstica geralmente resulta do trabalho do casal, ou seja, tanto o homem quanto a mulher são provedores. As atividades econômicas desenvolvidas por essas famílias são diversificadas e complementares, formando um complexo multifuncional de atividades domésticas e produtivas. Tendo em vista que o pressuposto da organização social dos grupos é baseado, pretensamente, no interesse da família.

Jaraguá localiza-se a aproximadamente 3,4 km (v. Croqui 2) da sede do município de Rio Tinto, ao sul da terra indígena. A comunidade da aldeia estabelece relações comerciais, sobretudo, na feira local de Rio Tinto. Para chegar até o centro da

[43] As igrejas evangélicas estão presentes nas aldeias do povo Potiguara desde a década de 1960, sendo as mais atuantes a Betel, a Batista e a Assembléia de Deus. Várias aldeias dispõem de templos para a realização dos cultos e é constante a movimentação de pastores nas terras indígenas (VIEIRA, 1999; PALITOT, 2005).
[44] A Igreja é dedicada ao padroeiro São Sebastião.
[45] Para saber mais ver Araújo (2017).

cidade, os moradores utilizam motos, carros e poucos ônibus que saem todos os dias. O percurso dura cerca de 15 minutos. As idas à sede do município ou para municípios vizinhos são constantes no decorrer da semana para a realização de trabalhos, consultas médicas, compra de insumos, compra de alimentos dos mais diversos, ida aos bancos e comércio em geral.



Croqui 2: Trajeto aldeia Jaraguá – Rio Tinto. Elaborado pela autora, a partir do programa Google Earth, 2023.

Existem alguns moradores que se encontram trabalhando em grandes centros urbanos, a exemplo de São Paulo e Rio de Janeiro, principalmente jovens que viajam em busca de oportunidades de emprego para ajudar os seus familiares, no entanto são lugares vistos como violentos. Além disso, as pessoas que se mudam, frequentemente retornam para visitar os parentes, denotando trocas entre os locais, mesmo os mais distantes, devido à circulação de pessoas. Jaraguá ainda é o melhor lugar para viver e criar os filhos, apesar de todas as dificuldades, como veem seus residentes.

De acordo com alguns moradores, um dos principais motivadores para o povoamento da aldeia Jaraguá foi a existência do manguezal, pelas possibilidades de realização de diversas atividades produtivas. Isto permite compreender a importância do mangue para a constituição do lugar. Alguns moradores afirmam que algumas pessoas saíram de "firmas", ou seja, de empresas, para trabalhar no mangue. Outro motivador é a possibilidade de se ter moradia. O acesso ao terreno para a construção das casas é facilitado pela identidade étnica, laços conjugais e pelas relações de parentesco, como afirma Márcia: "Aqui tudo é parente, todo mundo se conhece".

Os parceiros preferenciais para casamentos são buscados nos grupos domésticos vizinhos de uma mesma aldeia, nas aldeias próximas ou entre habitantes não-indígenas das redondezas. A incorporação de não-indígenas, por via de casamento, aos grupos domésticos indígenas não é incomum, sendo entendido que os filhos dessas uniões serão sempre indígenas (VIEIRA, 2010). O ato de "juntar-se"[46] é comum, as mães sugerem que as filhas se casem cedo como as próprias o fizeram, com cerca de 15 anos já é comum o casamento e ele não tem que necessariamente ser reconhecido pela Igreja ou Estado (união civil) o mesmo deve ser autorizado pela família. Morar numa aldeia e casar-se com um indígena garante certos direitos, sendo sem dúvida importante na sociabilidade dos Potiguara, estendendo laços de parentesco. Este vínculo possibilita que os recém-casados, ou parentes próximos construam suas casas, a partir da permissão dos que lá já moram, também incluindo não-indígenas casados com indígenas.

Tendo em vista que os Potiguara estão inseridos em um contexto *sócio-ecológico-territorial* (MURA, 2006) marcado por constrangimentos, conflitos e tensões em torno do acesso ao território, o acesso aos espaços só foi possível devido ao

[46] Que dizer que alguém ficará junto de outro, que morará junto.

processo de luta e recuperação do território, que garantiu a apropriação de recursos e a mudança das relações de poder. A “retomada” das terras foi o elemento que tornou possível o acesso a espaços que estavam sendo negados ou restringidos. Dito isso, busco no próximo capítulo apresentar as discussões sobre a abordagem dos grupos domésticos enquanto base analítica.

CAPÍTULO 2 – GRUPO DOMÉSTICO COMO CATEGORIA DE ANÁLISE

A dimensão doméstica[47] focada na organização dos grupos domésticos e suas ecologias tem sido pouco abordada nos estudos etnológicos enquanto base central da organização social de muitos povos. Uma etnografia sobre grupos domésticos privilegia a análise das relações sociais a partir do nível micro, proporcionando reconhecimento aos aspectos não públicos, onde se originam as estratégias e ações dos sujeitos. Essa investida nos ajuda a situar posições relacionais historicamente construídas, bem como interesses particulares que atravessam múltiplos contextos. Por meio da descrição de determinados tipos de práticas é possível distinguir e entender os conhecimentos que os membros dos grupos domésticos manifestam. E, neste parâmetro, destaco meu interesse em focar as habilidades especificamente das mulheres, que se voltam a ações e interações nos ambientes, através do engajamento em processos experienciais (INGOLD, 2015).

Pode-se dizer que quase todas as atividades tecno-econômicas desenvolvidas pelos Potiguara têm como ponto de partida e de chegada a unidade doméstica. As condições de reprodução dos grupos domésticos estão diretamente relacionadas às possibilidades de utilização dos ambientes, quais sejam terras para abrir roçados, resquícios de mata para coletas, estuários e mangues para pesca.

No que concerne ao estabelecimento físico no espaço, observa-se a casa dos pais e nos arredores a casa dos filhos casados. Quando estas não são construídas nos arredores das casas dos pais, elas podem ser encontradas a poucos metros da casa deles, constituindo famílias de três gerações que incluem avós, filhos casados e netos. Foi possível identificar que, nos aglomerados habitacionais[48], as famílias estabelecem laços sociais e de apoio mútuos, que possibilitam o suporte em situações de dificuldades.

Conforme Wilk (1997) as unidades habitacionais não se adaptam aos modelos da sociedade ou estágio de desenvolvimento, elas são resposta a situações muito locais. As habitações são fluídas porque tendem a haver mudanças (física) de indivíduos no grupo, elas representam reflexo disso e são estruturadas através de relações (afetivas) e ações humanas.

Observando a organização dos grupos domésticos na aldeia Jaraguá, podemos afirmar que estes são sempre formados por três ou quatro gerações, que mantêm entre si

---

[47] Conforme Strathern (2006) a esfera doméstica que produziria pessoas inteiras, comprometidas em transações recíprocas.

[48] Várias unidades habitacionais que formam uma *household cluster*, nos termos de Wilk (1984).

uma relação de cooperação. Sobre essa abordagem, se tornam relevantes às contribuições feitas por Wilk (1984), a partir de seus estudos sobre os Kekchi Maia do Belize, este autor se utiliza do termo *holsehold* (grupo doméstico), entendido enquanto unidade de residência, produção e consumo, quer dizer uma unidade que se define em função de outros critérios que não necessariamente os do parentesco. Por exemplo, um cachorro pode fazer parte de um grupo doméstico, mas não da família deste. O grupo doméstico pode ser composto de pessoas entre as quais não existe nenhum laço de parentesco ou, pode reunir várias unidades familiares. É raro que o grupo doméstico forme uma unidade homogênea e ainda mais raro que haja uma coincidência entre unidade familiar, unidade de residência e funções domésticas (v. WILK *et al*., 1984).

Wilk e Netting (op. cit.) propõem uma discussão dos grupos domésticos que vá além das perspectivas com visões funcionais e econômicas que vigoravam quando escreviam considerando apenas aspectos como atividades produtivas e de consumo voltadas para as necessidades do grupo doméstico, destacando a importância de se analisar a mudança na forma e função do grupo através do mapeamento das redes familiares de parentesco. De acordo com os autores, o grupo doméstico vai além da soma das suas partes; ele é a principal arena de expressão dos papéis de idade e sexo, de parentesco, socialização e cooperação econômica.

No entanto, é preferível ampliar as características dessa noção, abrangendo os aspectos imateriais, como a produção e transação de saberes, lógicas educacionais, entre outros (MURA e SILVA, 2012). Há que se considerar que por grupo doméstico não se pode compreender apenas um conjunto de indivíduos residindo sob um único teto, o que parece bastante limitado, não correspondendo com todas as formas organizativas encontradas (v. WILK *et al*., op. cit.).

De fato, entre os indígenas e camponeses é bem comum encontrar grupos domésticos que são formados por *agregados de unidades habitacionais* (WILK, 1997), cada uma ocupada por famílias conjugais, e todas elas configurando o espaço de jurisdição geralmente de uma família extensa de três gerações. É comumente esta organização que permite, com maior eficiência, a reprodução do grupo doméstico, que se torna o eixo não apenas na determinação das atividades técnicas e econômicas desenvolvidas pelos seus integrantes, mas também no estabelecimento de alianças políticas, principalmente através de relações de parentesco, que podem ser voltadas à formação de comunidades locais mais amplas. É assim que a composição do grupo doméstico pode indicar mais que a simples disposição de parentesco, mas inclui,

também, obrigações e inter-dependências diferenciadas neste contexto, que podem ser alteradas conforme a necessidade do grupo.

Wilk aponta que a organização doméstica dos kekchi Maya não é fixa, possuindo diferenciação. A primeira forma é designada *unidade habitacional*; e a segunda é chamada de *agregado de unidade habitacional*. Esses dois tipos de associações dependem do nível de cooperação do grupo doméstico, podendo ser de tipo *Tight* (rígido) ou *Loose* (flexível) (op. cit., p. 224-227).

O primeiro tipo (*Tight*) se liga às atividades coletivas de ajuda mútua que se voltam para o interior dos grupos e envolvem todos os integrantes, cada qual com suas tarefas, levando em consideração o gênero e a faixa etária. Neste caso, uma *household cluster tight*. No segundo tipo (*Loose*), as atividades são distintas voltadas para fora do grupo, a exemplo do trabalho assalariado, porém, ainda prevalece à cooperação em algumas tarefas no intuito de prover a unidade doméstica como um todo, o que acaba por gerar certa autonomia de cada unidade habitacional, colaborando para prover o grupo doméstico na sua totalidade, mas procurando manter as particularidades que reportam-se ao nível local. Sobre este, Mura e Barbosa da Silva (2012) destacam:

> *(...) embora seus integrantes continuem cooperando entre si em algumas tarefas e estejam voltados a prover a unidade doméstica, podem também desenvolver atividades diferenciadas entre si (como envolver-se no comércio ou em trabalhos assalariados), fazendo com que cada unidade habitacional possa estabelecer estratégias de ação específicas, com certa autonomia (p. 99 e 100).*

Wilk (*et al*., 1984) ainda elucida que os modelos citados não são rígidos, e que ao longo do tempo podem se modificar, assumindo outras formas, conforme a resposta do grupo aos contextos em que seus integrantes estejam inseridos. Portanto, a organização doméstica é sempre o reflexo das situações no nível das relações e necessidades do grupo. Nesse sentido, Wilk (op. cit.) destaca a importância de se analisar a mudança na forma e função do grupo doméstico através do mapeamento das redes familiares de parentesco, o que segundo o autor, se opõe a uma visão funcional e econômica, incidindo sobre a economia doméstica comum e produtiva, voltada ao consumo e a reprodução, além da ênfase nos símbolos, valores, significados, interação social e comportamento afetivo dentro dos grupos, normalmente baseados em relações de parentesco, de casamento e descendência que são uma combinação de unidade de habitação e unidade de cooperação econômica.

O autor sustenta que os grupos domésticos Kekchi adaptam-se a situações econômicas e ecológicas locais, e não globais. Este argumento é suporte, mostrando que a organização do agregado familiar varia entre comunidades, dentro das comunidades individuais, e ao longo do tempo. Explicando essa variabilidade, como resultado de diferentes sistemas de produção e consumo que, por sua vez, resultam da padronização espacial e temporal do acesso aos mercados, da pressão populacional sobre os recursos terrestres, da variação ecológica, e da organização social do trabalho produtivo (WILK, 1997).

Diante das argumentações podemos constatar que a organização doméstica mais comum entre os Potiguara da aldeia Jaraguá é a *agregada flexível*. É através desta que os grupos domésticos podem melhor definir suas atividades, integrando práticas e conhecimentos oriundos de suas bagagens materiais, ou seja, os integrantes cooperam entre si, mas, podem desenvolver atividades para fora do grupo, fazendo com que alguns membros ocupem atividades variadas, a exemplo de cargos assalariados nas cidades, nas usinas de açúcar, entre outros.

Pelo o que pude observar a esfera doméstica se apresenta como um meio onde se constroem identidades principalmente centradas nos momentos íntimos do cotidiano, pois é neste contexto que se constroem referências experienciais de ligação entre os membros dos grupos domésticos. É partindo desta unidade sociológica que essas pessoas exploram e conceituam o mundo em que vivem, promovendo tradições de conhecimento e quadros morais de referência específicos (ARAÚJO, 2015).

As redes de relações conformadas pelos grupos domésticos analisados envolvem: parentes consanguíneos (filhos, netos, irmãos), afins (cunhados, primos, sobrinhos e tios), comadres/compadres e vizinhas/vizinhos que participam da vida cotidiana. Desta forma, as dinâmicas das relações sociais apresentam uma forma de referência do parentesco baseada não apenas no ponto de vista genealógico, mas, em grande medida, na formação dos vínculos de aliança e de cooperação. Sendo assim, cada grupo doméstico tem uma conformação, que inclusive pode variar ao longo do tempo. Wilk (*et al*., 1984) assinala que não é possível se pensar o grupo doméstico de modo estático no tempo sem considerar as variações que por fatores dinâmicos acabam tendo efeitos para dentro do grupo e seguramente para fora dele.

Em nos atendo propriamente às relações entre famílias extensas de três ou mais gerações, é fundamental perceber os processos de construção de significados e de conhecimento, bem como de transmissão destes. Nesses termos, se faz necessário

observar que há situações de caráter mais simétrico e outras mais assimétricas, tendo-se em conta o maior ou menor poder em termos econômicos e políticos de cada família extensa, bem como o acesso a recursos e espaços. Tendo em vista que alguns grupos conseguiram manter um certo controle sobre determinados espaços, assim apresentando melhores condições e opulência, este é um fator para o estabelecimento de relações que terminam por serem assimétricas com relação a outras famílias em situação diversa. É relevante também para o status das famílias o acesso a outras fontes de recursos, com seus integrantes mantendo ligações com representantes de órgãos governamentais como FUNAI, SESAI, IBAMA prefeituras, etc., assim detendo cargos assalariados, bem como com associações e ONGs, destas obtendo benefícios. Nesses termos, as estratégias e tomadas de decisão dos indivíduos estão seguramente orientadas pelas necessidades que se geram a partir da configuração que seu grupo doméstico expressa (MURA, 2000 e 2006).

A questão colocada é que os integrantes dos grupos domésticos possuem estratégias para adaptar-se aos contextos sociais mais amplos, e cada indivíduo é capaz de desenvolver estratégias dentro desse panorama, tendo em vista a capacidade de agrupamentos humanos criarem nichos[49] (WILK, 1997), transformá-los, bem como encontrar novos recursos para induzir certos tipos de habilidade ou intensificar certas atividades.

Concordando com essa lógica, minha ideia é refletir sobre quais são as formas de vida desses grupos domésticos. É fundamental levar em consideração as restritas opções que as famílias indígenas tiveram a partir das mudanças radicais promovidas pela colonização e por agencias de poder fortemente hierarquizadas, mas também é importante perceber o potencial das estratégias que foram encontradas por elas para poderem continuar a existir, percebendo as relações nos ambientes que lhes cercam e as técnicas que desenvolvem.

Tendo o aqui dito em mente, o esforço feito a seguir será justamente o de apresentar as dinâmicas dos grupos domésticos pesquisados, para tal iniciando com uma descrição em termos gerais dos integrantes e com intenção de buscar dar conta das complexidades que incluem, de modo concatenado, ações e relações desenvolvidas por tais sujeitos.

---

[49] Cada nicho pode ser pensando por meio da coexistência e cooperação favorecendo a reprodução dos grupos ao longo do tempo (WILK, *et al*., 1984).

2.1 GRUPO DOMÉSTICO DE DONA SEVERINA

Dona Severina tem 70 anos, é viúva e mãe de Maria, Raminho e Sônia. Assim ela descreve alguns momentos de sua trajetória:

> *Minha mãe quando morreu eu tinha nove anos. Tenho dois irmãos, um mora na Caieira[50] e o outro mora na Regina[51]. Nossa origem mesmo é da Vila de São Miguel[52], minha mãe nasceu lá e se casou lá. Antes eu morava em Marcação[53], com minha avó. De Marcação eu fui pro Rio Grande do Norte pra casa da minha madrinha, passei lá um ano. Conheci Severino[54] em Marcação, foi tempo que a gente veio embora morar aqui em Jaraguá, o pai dele veio também. Aqui nos casamos. Casei depois de 18 anos de junto. (Dona Severina. Entrevista concedida em dezembro de 2016).*

O modo como Dona Severina descreve a sua vinda para Jaraguá, ao que parece, institui e rearranja as relações sociais na localidade. Caracteriza-se como um momento recordado com alegria, o que marca temporalidades e espacialidades contextuais de uma história de vida de bastante trabalho. A primeira vez que estabeleci contato com Dona Severina foi devido à pesquisa de PIBIC[55], no ano de 2012, e foi através de uma fala sua, que identifiquei o quanto era necessária uma pesquisa com as mulheres Potiguara. Dona Severina possui uma sabedoria e visão de mundo refinada, ao longo das conversas e encontros, conheci uma mulher forte e comprometida, da qual é muito motivador estar perto.

Todos os seus três filhos aprenderam com ela e com seu esposo a plantar. Seu Severino e Dona Severina trabalharam durante alguns anos como assalariados em uma empresa agrícola. Quando a empresa faliu, Seu Severino já não podia mais trabalhar como pescador na maré devido a problemas de saúde. Ele, juntamente com sua esposa, resolveu então desenvolver uma horta nos fundos do seu terreiro, aproveitando os conhecimentos adquiridos ao longo da vida que ambos possuíam sobre cultivos. Na horta em questão se cultiva diversas hortaliças, (alface, coentro, cebolinha) existindo ainda outros alimentos como: berinjela, couve folha, pimentão, tomate, milho, coco, macaxeira e algumas plantas medicinais para chás, banhos e rezas.

Quanto às demais atividades cotidianas desse grupo destacam-se à pesca, o trabalho nos roçados, a criação de animais (galinhas e gado) e criação de caranguejo

---

[50] Aldeia que faz parte da Terra Indígena Potiguara, município de Baía da Traição – PB (v. Mapa 1).
[51] Localiza-se na aldeia Jaraguá (v. Croqui 1).
[52] Aldeia que faz parte da Terra Indígena Potiguara, município de Baía da Traição – PB (v. Mapa 1).
[53] Município que faz fronteira com a cidade de Rio Tinto (v. Mapa 1).
[54] O senhor Severino faleceu em 2015.
[55] Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica.

"goiamum". Os membros deste grupo de três gerações, em sua totalidade cooperam entre si, em termos de produção e distribuição de recursos, e em termos também da educação e do cuidado com as crianças.

Raminho, o filho mais novo, trabalhou alguns anos no corte da cana para gerar recursos, hoje possui um táxi onde transporta as pessoas da aldeia Jaraguá sentido Monte-Mór e centro de Rio Tinto. Raminho também cultiva alimentos, ele possui um sítio[56], localizado próximo ao Porto das Oliveiras[57], às margens do mangue, distante cerca de dois quilômetros de sua residência. O sítio apresenta uma característica que é o plantio de coco, feijão e maracujá, estes últimos servem apenas para consumo do grupo, já os cocos são vendidos a atravessadores. Geralmente as atividades no sítio começam pela manhã bem cedo e terminam antes do meio dia, não ocorrendo diariamente. Este fator facilita a conciliação com os horários do trabalho com o táxi.

Maria é a filha mais velha de Dona Severina. Ela tem dois filhos, Tinha e Vanilson. Os três residem na mesma casa com Dona Severina. Maria e Tinha dividem as tarefas domésticas com Dona Severina e contribuem com os cuidados na horta. Vanilson distribui as "ratoeiras"[58] no mangue e depois faz a coleta de caranguejo "goiamum", esses animais são cevados no tanque que fica no quintal, para depois serem vendidos.

Silvinha, marido de Sônia, destina boa parte de seu tempo à pesca com redes; seus dois filhos sendo o primeiro o mais velho e o segundo o mais novo (Cristiano e Rafael) algumas vezes cooperam com o pai na realização desta atividade. Leonardo o filho do meio está trabalhando em Piracicaba – SP, parte do seu salário é cedido para as despesas de sua família.

Tomei conhecimento sobre Dona Fátima e seu Zé Boto através de Sônia, cunhada de seu Zé Boto[59]. Esse grupo inclui como principais fontes de recursos à plantação de alguns alimentos, principalmente feijão, milho e macaxeira, criação de animais de terreiro (galinhas que pertencem aos netos mais novos, presente da avó materna), criação de cabras e de algum gado. Outra ligação entre os dois grupos é o fato de "Tinha" neta de dona Severina ser filha de Toinho (Antônio) que é o filho mais velho de Dona Fátima, e Marcia que é ex-mulher do filho de Dona Severina, Raminho, e

[56] Os moradores da aldeia Jaraguá chamam de sítio parcelas de terra onde se plantam frutas.
[57] Local de onde os pescadores saem com as canoas.
[58] Armadilha feita de garrafa PET, utilizada para captura do caranguejo guaiamum.
[59] O senhor Zé Boto infelizmente faleceu no mês de Outubro de 2021, devido a complicações de uma cirurgia.

sobrinha de dona Fátima. Isso mostra que a interação e a estipulação de vínculos sociais entre os membros pertencentes a grupos domésticos distintos não é algo casual, ocorrendo através de alianças matrimoniais e de certo grau de compartilhamento de experiências semelhantes sobre o espaço no qual se vive, sua ecologia e as atividades nele desenvolvidas, haja vista que, na maioria dos casos, o casamento ocorre entre pessoas que são vizinhas[60].

Antônio separou-se de sua esposa. Dona Fátima nos disse que ficou triste, uma vez que a ex-nora contribuía muito com a economia da família, pois, além de cuidar dos afazeres domésticos contribuía com o marido trabalhando no roçado. Com o rompimento, as obrigações que eram atribuídas a ex-nora agora têm de ser acertadas por Dona Fátima. Isso mostra que existem papeis específicos que se bem desempenhados trazem prestígio, como o caso desta ex-nora, que era bem vista por ser *trabalhadeira*[61]. A ausência desta no grupo doméstico foi compensada pela cooperação entre os demais integrantes do grupo. Isto não quer dizer, que essa reciprocidade não existisse anteriormente, o fato é que as relações de cooperação se tornaram ainda mais intensas devido à separação do casal ocorrida.

[60] Este é um dado muito importante, que pude apreender por meio do mapeamento genealógico, o que indica uma forma específica de estabelecer relações, que merecerá maior aprofundamento.

[61] A importância da execução das atividades técnicas e econômicas de maneira eficaz, enquanto elemento de projeção da imagem da mulher *trabalhadeira* é bastante valorizado e mais ou menos generalizado entre os habitantes de Jaraguá, conforme pude observar em campo.

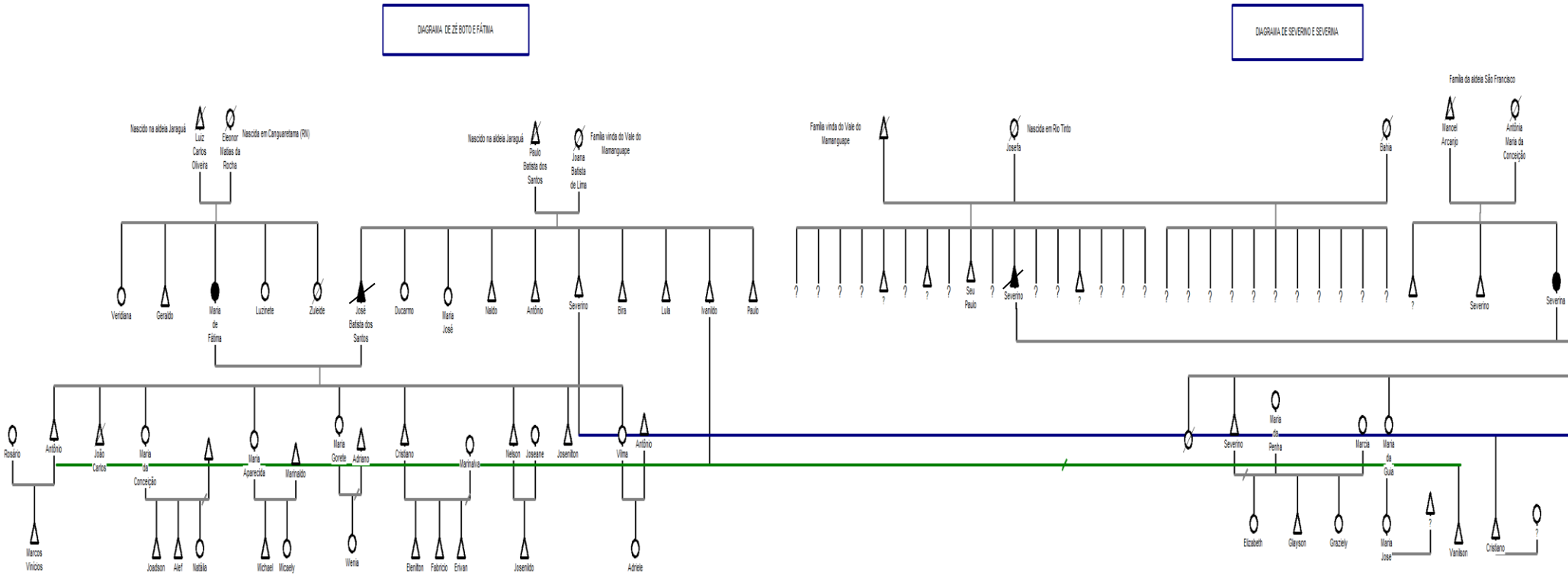


Diagrama de Parentesco 1: Parentela de Dona Severina. Elaborado pela autora, 2023.

2.2 GRUPO DOMÉSTICO DE CÁSSIA E ANÍBAL

A primeira vez que estive na casa de Cássia, não a conhecia, o contato com ela foi intermediado por seu esposo, o cacique Aníbal[62]. O casal se conheceu na "retomada" da aldeia Três Rios, época em que passaram noventa dias acampados, da união nasceram os três filhos: Ibiratan, Iazi e Iratan.

O filho mais velho do casal, Ibiratan, tem 18 anos. Os pais falam dele com muito orgulho, por ser, como eles dizem, um filho muito prestativo. É responsável por levar o gado para o pasto quando o pai está trabalhando como vigia no Tiro de Guerra. Além disso, Ibiratan faz artesanato, principalmente colares e brincos, que aprendeu na escola com um professor de Arte e Cultura, e pôde aprimorar as técnicas ao trocar experiências nas viagens para encontros com outros povos indígenas. Ibiratan consegue vender suas peças nos eventos locais e nacionais que participa, assim afirmando que esta é uma boa fonte de renda, mas há carência na produção pela falta de ferramentas adequadas. Os principais materiais utilizados para a confecção das peças são as quengas de coco e penas, as primeiras são mais acessíveis enquanto as segundas só através da troca ou da compra feita na cidade de João Pessoa. O dinheiro adquirido com a venda do artesanato e dos caranguejos que são cevados em seu quintal é utilizado para ajudar nas despesas da família e para a reforma de uma casa que ganhou do pai.

Cássia tem 38 anos, seus três irmãos, sendo um homem e duas mulheres nasceram na aldeia Grupiuna[63]. A irmã mais velha se chama Mônica, ela trabalha como merendeira na escola da aldeia. O irmão do meio é o Joceli que também trabalha na escola como vigia. A irmã mais nova é Silvana que atualmente reside no Rio de Janeiro. De acordo com Cássia:

> *A gente veio de Grupiuna aqui para Jaraguá. Meus pais e meus irmãos pescam, eles têm canoa, tem redinha[64], tem tudo. Eu aprendi a pescar também, pego camarão de mão e peixe de mão. Quando vou é com meu menino que também é pescador. (Cássia. Entrevista concedida em janeiro de 2017).*

---

[62] A organização política dos Potiguara se baseia hierarquicamente a partir das figuras das lideranças, pajés e caciques. Cada aldeia tem uma liderança que geralmente é eleita pela comunidade. Na aldeia Jaraguá, a posição de prestígio e poder é ocupada pelo cacique Aníbal Campos Cordeiro.
[63] Faz parte da Terra Indígena de Jacaré de São domingos, município de Marcação – PB (v. Mapa1).
[64] Armadilha utilizada para a captura do caranguejo uça (*Ucides cordatus*).

Neto e filho de rezadoras, Aníbal seguiu o mesmo percurso de sua avó e de sua mãe, o que mostra que esse saber é valorizado, por essa razão foi ensinado ao longo de gerações:

> *Minha avó era rezadeira, e a minha mãe também era rezadeira. Acolá na Vila a maior rezadeira era ela, todo mundo dizia, lá na Gameleira. Vai fazer oito anos que ela morreu. Eu fui operado no dia quatro de Maio, dia que ela faleceu. Aprendi a rezar também, mas não rezo todo mundo não! Porque tem vez que a gente reza e a doença passa pra gente, as coisas que não deve. Aí tem vez que eu digo não. Vai rezar? Eu digo: rezo só criança, gente adulta não rezo hoje, não! Aí tem vez que eu digo hoje tá no meu dia, aí vem, mas é complicado a gente, sabe! Mas a gente que tem esse dom tem que cuidar, né? Se foi Deus que deu pra gente rezar, não é todo mundo que agradece, mais Deus tá agradecendo. De pequeno eu via tudinho direitinho, minha mãe rezando, minha avó. Aí hoje eu rezo. Sei me cobrir, né? (Cacique Aníbal. Entrevista concedida em setembro de 2016).*

Alguns moradores da aldeia recorrem a Aníbal em caso de doenças, sobretudo, no caso de doenças de criança que são constantemente vítimas de mal olhado. Aníbal também manipula ervas medicinas através de chás, banhos, xaropes que são aliadas aos rituais para efetivar a cura. Muitas pessoas já foram curadas com as plantas medicinais, inclusive pessoas que estavam à beira da morte.

Aníbal nasceu em Monte-Mór, seus ascendentes são originários desta aldeia, desde o ano de 1876/1877 época em que o engenheiro Justa Araújo havia demarcado os lotes de terra pertencentes a sesmaria de Monte-Mór, sua família de sobrenome Batista e Freitas recebeu os títulos de terra em documento. Aníbal tem três irmãos e seis irmãs, seus pais de nomes João Cordeiro da Silva e Petronila Campos faleceram. Quando perguntado sobre sua infância Aníbal disse o seguinte:

> *Minha vida de criança era com seis/sete anos, minha avó que me levava lá para o arrepia*[65]*, no roçado. A minha vida toda foi trabalhando na agricultura (...) com sete anos já comecei. A gente plantava macaxeira, inhame, milho, feijão de corda, né? Abacaxi e batata. Meus irmãos iam mais no fim de semana, eu sempre ia na semana. Aí dei um bocado de ajuda a minha avó, a pastorar as cabras dela, sabe? Porque ela tinha criação de cabra. Tinha umas 60 cabras, elas ficavam lá por trás da Concordia (Bairro). Minha avó sempre me contava, sabe? Que na época a usina nunca existiu aqui dentro não, nós somos as primeiras pessoas aqui no registro de Monte-Mór. Nós temos a nossa família desde o século passado, né? Nós não saímos, aí ela ia contando a história todinha que antigamente não tinha esse aperreio de nada. Nós Potiguara vivia sossegado, né? O ar que respirava era um ar puro, não era o ar de usineiro nem de fazendeiro da Companhia, e a nossa liberdade que nós tínhamos, né? (Cacique Aníbal. Entrevista concedida em setembro de 2016).*

[65] Local onde se realizam atividades agrícolas situado na aldeia Monte-Mór.

A narrativa do cacique Aníbal remete às origens de seus familiares ascendentes, como Potiguaras que foram reconhecidos pelo Estado naquele período, sendo essa narrativa contada por sua avó, e reproduzida por Aníbal como um marco importante na história de seu grupo doméstico.

Em se tratando da relação com seus familiares Aníbal disse o seguinte:

> *Minha família é assim quando eu preciso deles, eles vêm pra luta tudinho. Vem irmão, vem primo, vem sobrinho. Mora em Monte-Mór e em Jaraguá, e tem um em Jacaré de São Domingos, que se eu disser que estou com problema, eles vem me ajudar. É Carlos, o cacique e tem os Candeia. É porque tem a luta. Eu digo, vamos? Aí eles dizem, vambora! (Cacique Aníbal. Entrevista concedida em janeiro de 2017).*

O apoio e participação da família nos momentos de luta é um ponto chave nas estratégias de articulação política, que envolve redes maiores, para além do parentesco.

A sobrinha do cacique Aníbal, Rose, filha de Paisinha, é casada com Joza, Rian e Raoan são os filhos do casal. O filho mais novo de Aníbal, Iratan é afilhado de batismo de Rose. Em todas as vezes que estive em campo pude identificar uma troca de favores referente a uma solidariedade emocional-afetiva entre as famílias, estas relações foram analisadas por Pitt-Rivers (1976) ao definir o compadrio como uma forma de parentesco - o "parentesco ritual", onde as relações familiares eram complementadas pela instituição do compadrio, que servia para integrá-las, estreitando assim seus laços. Nesses termos, espera-se que os Compadres se respeitem mutuamente, deem apoio moral e efetivo, e se ajudem. Rose além de pertencer à família por laços de consanguinidade e compadrio, também faz parte do circulo de vizinhança, pois mora em frente a casa do seu tio e Compadre (termo de referência adicionado antes do nome), sendo constante as visitações e trocas. É costume de Rose deixar o seu filho mais novo aos cuidados de Cássia, além disso as roupas de Rose são lavadas no quintal de sua comadre, elas compartilham um tanquinho de lavar roupas, o que revela uma relação de cooperação.

Nas palavras de Cássia:

> *Me dou muito bem com minha comadre, é uma pessoa de confiança, sempre que eu preciso ela me ajuda, e eu também ajudo ela. Os meninos dela só vivem aqui em casa, é assim, de lá pra cá, cuido do pequeno, dou banho, dou mamadeira, troco fralda. (Cássia. Entrevista concedida em março de 2017).*

Nesse sentido, existe uma relação de reciprocidade e de confiança mútua, o que confirma o pressuposto colocado por Pitt-Rivers (op. cit.) de que o compadrio depende de "favor e benevolência".

Cássia também tem uma relação de amizade com Natália que é sua prima, filha de sua tia Fatinha. Natália tem uma filha que se chama Natany. Cássia contou que conserva uma relação de amizade com sua prima, em suas palavras:

> *Quando era dia de ir para o movimento[66], nós saiamos cedo na van. Aparecia tanto do menino pra eu levar. Olha, ia cheio, cheio. Mas tem uma coisa viu? Quando chegar lá, né pra sair de perto de mim não! Se for pra tá dando trabalho, nunca mais eu levo. (Cássia. Entrevista concedida em janeiro de 2017).*

Através do que Cássia conta no trecho acima, as relações de confiança se fazem presente em sua vida, caracterizando vínculos afetivos.

Cássia é uma pessoa espontânea, muito corajosa, independente e comunicativa, esta naturalidade permitiu que eu me sentisse à vontade para acompanhá-la. É uma mulher cuja preocupação com as questões políticas é visível, envolvida com as pautas indígenas, faz-se presente nas lutas de reivindicação por direitos. Sua atitude e autonomia são inspiradoras. Tem na lida com as plantas e animais um carinho do qual constantemente refere-se e que dá sentido ao seu fazer:

> *Uma coisa que eu ensino para os meus filhos é respeitar a natureza. Tenho tanta da raiva quando vejo alguém maltratando um bicho ou derrubando uma árvore, sem precisão nenhuma. Do jeito que a gente tem vida eles também têm. Do jeito que a gente respira eles também respiram. Se você leva um corte sai sangue, corte um pau para você ver se ele não chora! Aquela água que sai é o sangue dele. (Cássia. Entrevista concedida em janeiro de 2017).*

Portanto do ponto de vista da cooperação, os membros do grupo doméstico de Cássia contribuem para a obtenção de recursos. Nesses termos, essa organização doméstica se coloca como fator chave que permite a elaboração de estratégias de reprodução social do grupo ao longo do tempo (WILK, 1987).

---

[66] Ocasiões de reivindicação dos direitos indígenas.

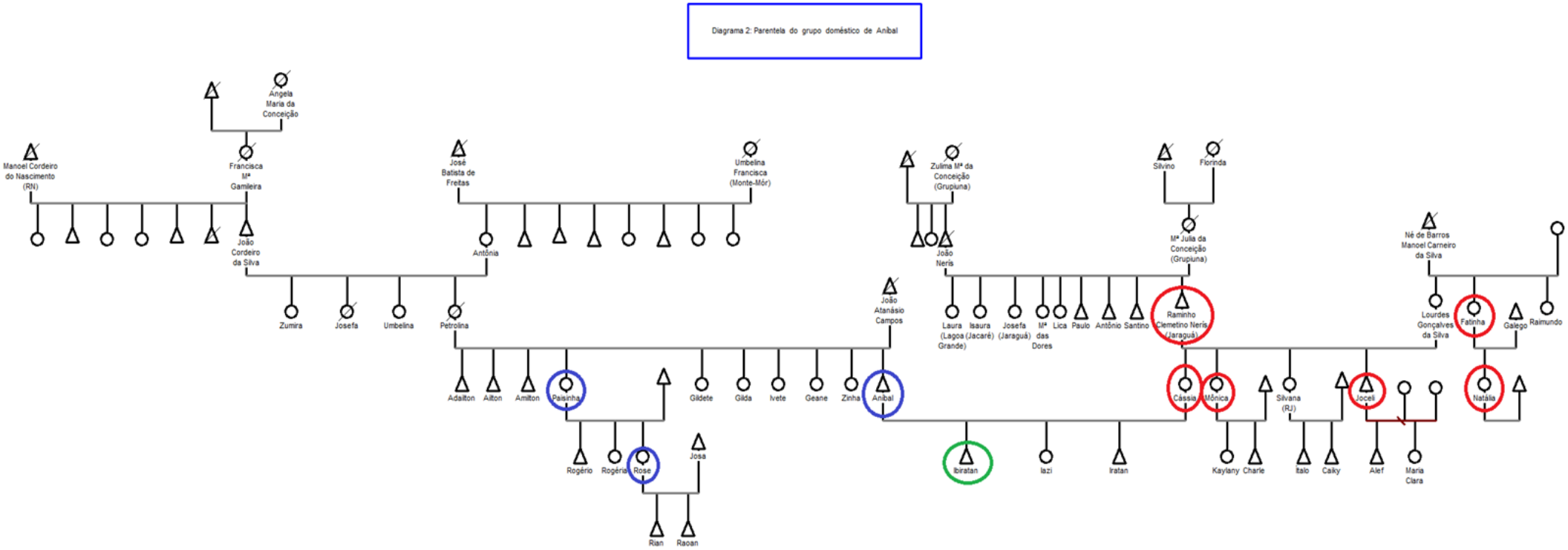


Diagrama de Parentesco 2: Parentela de Cássia e Aníbal. Elaborado pela autora, 2023.

2.3 GRUPO DOMÉSTICO DE SIMONE E VALDO

Conheci Simone no ano de 2019 num encontro da Associação Comunitária dos Pescadores, Agricultores e Indígenas de Jaraguá (ACPAIJ), dias depois soube que ela é vizinha de Cássia, logo pensei em conhecer melhor seu grupo doméstico e para minha alegria, ela aceitou participar da pesquisa.

A trajetória dela começa na Regina[67], onde nasceu, filha de pais agricultores, teve contato com o trabalho precocemente, tendo aprendido muitas das técnicas com seus pais, ela conta:

> *Desde de criança, com 7 anos a gente já estava no roçado, com oito anos eu já plantava. Era tempo de muita luta, mas agradeço a meus pais por tudo que aprendi. Hoje em dia é difícil achar quem saiba fazer as coisas, muita gente não sabe plantar um pé de feijão, e é uma pena, porque me sinto realizada em saber. (Simone. Entrevista concedida em outubro de 2019).*

Simone tem 45 anos, é uma mulher jovem de muita disposição. É casada com Valdo, da união nasceram dois filhos. Eduardo (28 anos), que é pai de Miguel (12 anos) e Michele (22 anos) é a filha mais nova, mãe de Heitor (3 anos). Após seu casamento, Simone foi morar na casa dos sogros (Maria e José). Passados três meses da mudança do casal, Valdo juntamente com seu pai conseguiram ampliar a casa. Recentemente, a mãe de Simone, Dona Bilzinha, veio morar na mesma rua que eles, em razão de problemas de saúde. Simone costumava trabalhar no roçado juntamente com seu sogro, no cultivo de feijão, milho, macaxeira, mandioca, abacaxi e hortaliças (pepinos, tomate, alface, coentro e pimentão). No entanto, depois da vinda de sua mãe, Simone precisou dar uma pausa nos trabalhos ligados ao roçado. Dona Bilzinhha necessita de cuidados devido a problemas de saúde.

Quanto à cooperação entre os membros do grupo, Dona Maria e Michele auxiliam Simone no trabalho doméstico. A sogra é responsável por preparar a comida, Simone e Michele se revezam para limpar a casa e lavar as roupas. A educação e os cuidados com as crianças são arranjados por todos os membros do grupo, bem como a cooperação em termos de produção e distribuição de recursos.

Os sogros de Simone têm idade avançada, mas gozam de boa saúde. Seu José atualmente cuida das plantações juntamente com o filho mais novo, Antônio. Na época

---

[67] Localidade pertencente a Jaraguá.

da colheita os membros do grupo doméstico se juntam para ajudar na mão de obra. Uma parte da produção é consumida e a parte restante é vendida na residência.

Eduardo mora na sede do município é casado com Raisa, uma mulher extrovertida, que gosta muito de conversar. Dudu, como é conhecido, possui uma oficina na cidade, aprendeu a consertar carros e motos com o pai, desde pequeno buscava observar para aprender. Apesar de não morar na aldeia, sempre que pode vem visitar os familiares.

Simone é uma mulher muito atuante e influente na aldeia Jaraguá. Já foi Presidente e Vice-Presidente da Associação Comunitária dos Pescadores, Agricultores e Indígenas. Já foi Coordenadora Comunitária da Pastoral da Criança, e faz parte do coral "Fogo Abrasador" da Igreja Católica da aldeia. Seu engajamento nas questões públicas foi se confirmando a cada história que ela me contava sobre sua vida, sobre todos os desafios que enfrentou, mas principalmente sobre o quanto nenhum deles foi capaz de fazê-la desistir de seus objetivos. Suas habilidades são inúmeras e tentarei ao longo do trabalho, contá-las com cuidado e respeito pela sua história.

Tanto durante as visitas, quanto nos momentos de entrevista, chamou minha atenção a quantidade de amigos que frequentam a casa de Simone. Além disso, é muito comum à realização de festas e confraternizações em sua casa que reúnem familiares e amigos, isso se justifica por uma rede de cooperação muito forte construída nas relações estabelecidas pelos integrantes do grupo doméstico de Simone. Esses momentos de sociabilidade no sentido apontado por Simmel (2006) marcam o prazer da interação.

As relações de amizade e de vizinhança são intensas. A convivência prolongada baseada numa forte cooperação emocional-afetiva facilita a fluidez das relações. Como bem remarca Cristina que é amiga e afilhada de Simone:

> *A gente aqui foi criado junto, desde menina, brincando nos terreiros. Hoje já tenho filha, que brinca com as filhas das minhas amigas. Eu vi Michele nascer e ajudei a cuidar dela. Quando ela cresceu ela me ajudou a cuidar da minha filha que já tá com 14 anos e que hoje já pega em Heitor que é filho dela! E assim vai. Um dia fica com uma, outro dia fica com outra. Assim vai criando, quando menos esperar já tá um homem. (Cristina. Entrevista concedida em novembro de 2019).*

De amigas, tornaram-se esposas e noras, e também avós e sogras, cada estágio pede outra conduta e quando as várias gerações convivem para além da troca de conhecimentos, as relações de reciprocidade prevalecem (MAUSS, 2003b).

Pesquisar o cotidiano destas mulheres é entender que existem espacialidades que são construídas e que influem na organização do trabalho, através das experiências, bem

como das condições sociais e materiais à disposição. Dito isso, busco no próximo capítulo, qualificar melhor a discussão sobre as transformações e os processos *sociotécnicos* produzidos pelos atos de habitar (INGOLD, 2021).

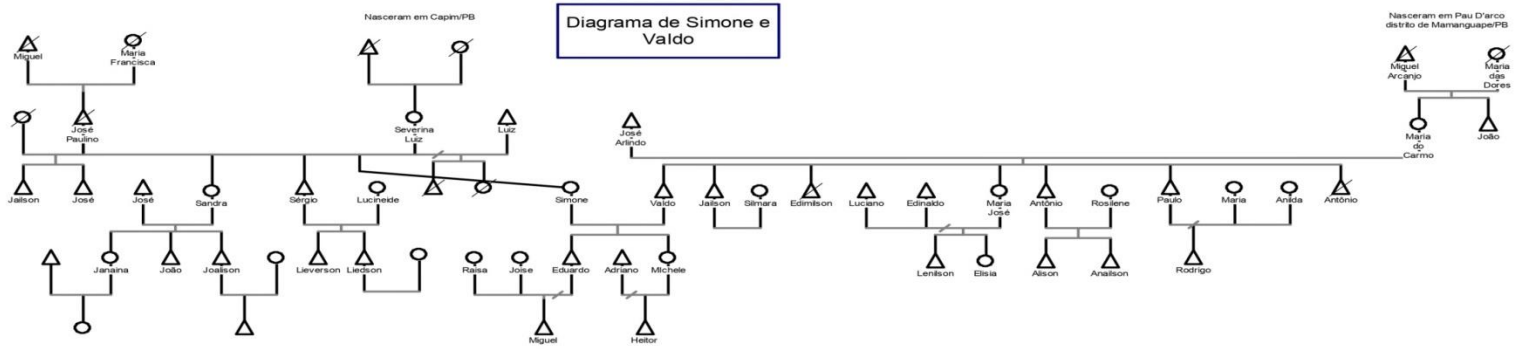


Diagrama de Parentesco 3: Parentela de Simone e Valdo. Elaborado pela autora, 2023.

CAPÍTULO 3 - A ESPACIALIDADE DOMÉSTICA

Neste capítulo nos dedicaremos detalhadamente aos processos concretos de organização e uso do espaço doméstico que, como veremos, liga-se a dimensão técnica e a presença de relações inter-gêneros, tendo em vista que são espaços construídos socialmente.

Embora à primeira vista, o espaço doméstico possa parecer eminentemente feminino, já que são as mulheres, em grande maioria, que atuam nesse espaço, o exercício proposto neste trabalho foi o de desdobrar essa aparência a partir do momento em que se trata de uma pesquisa que pretende abordar as habilidades das mulheres, objetivando mostrar que elas atuam em diversos espaços, não apenas o doméstico.

De início, deve ser observado que a variedade de configurações construtivas, desenvolvidas pelos Potiguara da aldeia Jaraguá é bastante ampla, de modo que o objetivo nas páginas seguintes não é o de oferecer um panorama completo, em termos tipológicos, destes aspectos, mas utilizar situações e dados oferecidos por estes para delinear as possíveis espacialidades domésticas a partir das condições sociais e materiais à disposição.

A riqueza de estudos e reflexões desenvolvidos sobre essa temática oferece sólidos referenciais conceituais em diferentes âmbitos de investigação. No que concerne à organização técnica, a presente pesquisa parte do entendimento de que a unidade habitacional é o espaço de chegada e de partida dos indivíduos, por meio da articulação de implicações *sociotécnicas* (MURA, 2000).

A aproximação à vida doméstica nos remete ao entendimento dos aspectos mais íntimos, nos permitindo perceber as experiências relacionadas ao uso dos espaços, com base na compreensão de que não se limitam à moradia, mas abarcam o espaço da vizinhança e se estendem para os diversos ambientes que compõem a aldeia Jaraguá e o município de Rio Tinto. Cada configuração espacial defronta-se com limites e níveis de abrangência específicos, que conformam itinerários e raios de atuação particulares.

A abordagem conceitual contempla o entendimento da espacialidade doméstica em sua dimensão prática, referindo-se a sistemas de atividades relacionados entre si, importando o dimensionamento e engajamento dos indivíduos (INGOLD, 2000 e 2015). Parte-se do pressuposto de que o habitar deve ser concebido como processo, permitindo a contínua adequação às necessidades dos integrantes dos grupos domésticos, assim

como sobre estratégias, tomadas de decisão e expectativas futuras (RAPOPORT, 1969; MURA, 2000).

Compreende-se que a vida dos indivíduos se realiza por interações *sociotécnicas* relacionadas ao espaço e envolve a vivência em comunidade, nesses termos a vizinhança atua como extensão da habitação, em graus diferenciados, conforme a dinâmica social e coletiva. A apreensão dessa complexidade nos remete à observação das formas como as particularidades da vida dos integrantes dos grupos domésticos materializam-se no espaço, por meio das práticas cotidianas relacionadas às nuances da própria vida doméstica. A materialidade, além das práticas e saberes experienciais que compõem um conjunto de espaços articulados entre si, a partir dos vínculos emocionais e afetivos que os seres estabelecem nos espaços nos quais constroem suas vidas, suas relações e suas histórias. Para compreender esses fatores foram investigados estudos e teorias que contemplam análises dos fenômenos técnicos a partir de visões não dicotômicas.

Mura (2011) faz uma análise dos fenômenos e escolhas técnicas a partir da cosmologia Kaiowa. Para ele as escolhas técnicas não podem ser analisadas por uma dicotomia cultura-natureza, material-mágico, natural-artificial. As escolhas técnicas estão atravessadas por relações cosmológicas indissociáveis.

Vê-se que os atores sociais lidam com necessidades que lhes permitem adequá-las a partir de um *repertorio de possibilidades* que cada situação coloca (MURA, 2000). A materialização desses fatos está ligada a um lado criativo construído a partir de um *"traditional knowledge as generated in the practices of locality"*- LTK (conhecimento tradicional gerado nas práticas da localidade), ou seja, o entendimento "local", que é dinâmico, por isso está em movimento, sendo formado e transformado através das experiências das pessoas em interação nos ambientes (INGOLD e KURTTILA, 2000). Nesses termos concordamos com Barth (2000, p.122),

> *As pessoas participam de universos de discurso múltiplos, mais ou menos discrepantes; constroem mundos diferentes, parciais e simultâneos, nos quais se movimentam. A construção cultural que fazem da realidade não surge de uma única fonte e não é monolítica."*

Portanto, a partir da descrição de determinados tipos de práticas é possível apreciar e entender alguns dos conhecimentos técnicos que os membros dos grupos domésticos manifestam. As leituras das condições para ocupação e uso de espaços e os modos de fazer passam pela consideração de *cadeias operatórias* (LEROI-GOURHAN, 1984), que conformam *competências técnicas* que cada sujeito terá à disposição, e que

nos conduz a outro aspecto que toma em consideração a funcionalidade, mas em conexão com outros fatores. Estes fatores serão vinculados, por um lado, com as transformações técnicas em questão, enquanto que por outro, estarão ligados a um contexto social, político e econômico.

Mas se, como indica Ingold (2000, cap. 1), cada indivíduo porta em sua cabeça formas de aprendizado e transmissão de conhecimento a partir da percepção do ambiente, um fator fundamental nas considerações sobre a definição de ambiente será representado a partir de uma *ecologia de vidas*. Nela o ambiente não é a soma de organismos, como frequentemente seria descrito, mas o ambiente é um organismo em si. Os próprios organismos não poderiam ser descritos sem o ambiente. "Enquanto o mundo físico existe em si e por si, o meio ambiente é um mundo que continuamente se desdobra em relação aos seres que sobrevivem ai" (INGOLD, p.64, 2015).

Outra abordagem sobre ambiente é posta por Barbosa da Silva (2009), ao sustentar que a noção tem

> *(um) sentido socioecológico, compreendendo uma infraestrutura material (as instalações físicas: construções, caminhos, cercas, árvores, pastagens, ruas, praças etc.) específica, pondo à disposição dos sujeitos determinados recursos e permitindo o desenvolvimento de determinadas atividades, as quais, embora características, podem não ser exclusivas. Assim, o ambiente é um espaço físico de relações, unidade constituinte de um território"* (BARBOSA DA SILVA, 2009 p. 88).

Para a autora, *ambiente* não é apenas um espaço físico; inclui uma componente territorial, ou seja, uma dimensão política de controle sobre o espaço onde os grupos sociais vivem e se relacionam. Já a categoria de *ambientes*, distingue os diversos espaços que possuem significados e usos específicos, conotando o território e as substâncias e condições que nele estão presentes.

Importa nunca perder de vista que a ocupação e uso do território é sempre um processo dinâmico, que envolve diversos agentes. No contexto aqui abordado, esses aspectos não andam na contramão e, em nenhum sentido, é possível afirmar que há uma visão generalista. Os espaços são construídos conforme a organização social dos grupos, resultado das diferentes atividades *sociotécnicas*, que implicam em acesso a um conjunto de materiais (técnicos e físicos). Nesses termos, não é possível padronizar, as configurações espaciais dependem das experiências, das tomadas de decisão e da disponibilidade e acessibilidade dos materiais (MURA, 2000 e 2011).

Assim, pode-se obter vários tipos de configurações espaciais e de construções domésticas que podem se transformar em curto ou longo prazo. Contudo, como indica

Kent (1993), as atividades são relacionadas ao planejamento que confluem no espaço doméstico, sendo possível modificar as construções para se adaptar a circunstancias que por ventura possam surgir. Ainda de acordo com a autora, o comportamento e material cultural estão intimamente relacionados, com isso a cultura vai influenciar diretamente no modo como os grupos segmentam seu material cultural em termos de ambiente construído (KENT, op. cit.). Portanto, a maior ou menor segmentação da construção doméstica se vê associada ao complexo das atividades da sociedade em seu conjunto. O paralelo com Rapoport (1993, cap. 2) é evidente, sobretudo levando em consideração as sociedades com maior diferenciação cultural e estratificação sociopolítica, que tendem a empregar uma maior segmentação na realização das atividades. Por isso, defende que devemos considerar a natureza do grupo e o seu entendimento de qualidade espacial antes do estabelecimento de parâmetros econômicos ou técnicos. Assim, os espaços são estruturados visando a estimular atividades que revelam a organização social dos grupos, promovendo caráter morfológico.

Mauss (2003a) tratava desse assunto, buscando caracterizar o que ele chamava de morfologia social. O autor estava interessado em perceber a forma que a população de determinada sociedade adquiria em um espaço, de acordo com as condições ambientais que as mesmas encontravam. Ele toma como base as variações sazonais das sociedades esquimós, que dá título ao seu texto, centrando sua argumentação nas variações que os grupos sofrem ao longo das estações do ano, com o intuito de

> *não apenas descrevê-lo mas também para explicá-lo, o substrato material das sociedades, isto é, a forma que elas ostentam ao se estabelecerem no solo, o volume e a densidade da população, a maneira como esta se distribui, bem como o conjunto das coisas que servem de base para a vida coletiva (MAUSS, 2003a, p. 425).*

Mauss aborda os elementos centrais na constituição do que chamou de "morfologia social" destas sociedades – conformada justamente pelas características acima transcritas –, destacando como as atividades econômicas, as técnicas e o ambiente influenciam as relações sociais entre indivíduos, famílias e comunidade.

Rapoport (1969) destacou que a relação entre a configuração espacial e o modo de vida é evidenciada por meio da habitação. Conforme o autor, a cultura desempenha um papel fundamental na concepção do habitat, visto que influencia preferências e o entendimento do uso do espaço. Um dos aspectos significativos de sua abordagem é a consideração dos valores transmitidos com a finalidade de preservação da identidade dos grupos sociais. No entanto, vale atentar que Wilk (1993) alerta para o fato de que

não podemos enveredar por um determinismo cultural; assim a escolha arquitetônica não envolve apenas fatores culturais, implica na relação entre condições históricas, sociais e econômicas.

A análise de sistemas de atividades e suas conexões com o ambiente construído é proposta como forma de orientar configurações espaciais passíveis de variações. Portanto, tipologias classificatórias não dão conta da diversidade das redes sociotécnicas. Sendo mais oportuno, trabalharmos recuperando proficuamente a noção de Leroi-Gourhan (1984) de *tendências técnicas* – como propriedades específicas de ação sobre a matéria – constituindo fatos técnicos em determinados ambientes técnicos. Se assim procedermos não corrermos o risco de reificar o que seguramente pressupõe um enfoque dos indivíduos e de suas experiências concretas. Assim, as interações das pessoas com os espaços estão relacionadas a respostas afetivas, exprimidas na maneira como elas veem e sentem os espaços.

As reflexões evidenciam que a análise da correlação entre a configuração espacial e os sistemas de atividades ocorrem em sistemas de *settings* (RAPOPORT, 1993) que demandam comportamentos apropriados, o que remete à apreensão das dinâmicas cotidianas na moradia e no ambiente em que se insere. A maneira como os "cenários" são organizados instituem condições para variações, transformações e movimentos, promovendo relações sociais e particularidades na forma de apropriação dos espaços.

Mulheres trabalham direta e cotidianamente no espaço doméstico, sendo muitas as atividades. Os usos e ocupações são diversificados, são muitas as possibilidades de inserção. Não pretendo enaltecer apenas as mulheres de forma isolada, mas apontar que existe cooperação entre os membros do grupo doméstico.

Na grande maioria das pesquisas antropológicas, é possível verificar a afirmação de que o espaço doméstico é majoritariamente feminino. No entanto, os dados da pesquisa apontam a participação dos homens nas atividades domésticas, nesse sentido, é interessante considerarmos as atividades inter-gêneros, em que homens e mulheres atuam no espaço doméstico. Ou seja, há muitas formas de mulheres e homens serem, estarem e habitarem.

Em Jaraguá grande parte dos terrenos destinados às moradias são divididos por integrantes da mesma família, no que concerne à organização dos grupos domésticos. Como já posto, observa-se a casa dos pais e nos arredores a casa dos filhos casados. Isto é o que ocorre na rua Principal, onde em meio à grande concentração de famílias

indígenas diversas, destacam-se as casas ocupadas pelo grupo doméstico de Dona Severina.

Foi possível identificar que, nos aglomerados habitacionais, as famílias estabelecem laços sociais e de apoio mútuos responsáveis pelo suporte em situações de dificuldades, tanto o espaço interno quanto o externo das casas acolhe atividades geradoras de renda.

A manutenção da moradia e as diferenciações nas dimensões dos compartimentos, variação do número de quartos, acessibilidade com o entorno envolve a atratividade e caracterização dos espaços domésticos. A dimensão prática do habitar, relacionada ao uso dos espaços, realiza-se no atendimento às necessidades diárias. Entretanto, ao se considerar a dimensão simbólica, vinculada às especificidades dos modos de habitar, à diversidade de composições familiares identificada na área por meio da pesquisa, apontou que os processos concretos de construção entre os Potiguara da aldeia Jaraguá incluem uma variedade de formas, dimensões, técnicas e materiais. A partir de agora tento mostrar essas dinâmicas e usos dos espaços domésticos, que são reflexo de relações das mais diversas.

3.1 AS HABITAÇÕES

Pode-se dizer que quase todas as atividades técnico-econômicas desenvolvidas pelos Potiguara têm como ponto de partida e de chegada a unidade doméstica. As atividades que são desenvolvidas chamam a atenção pela grande complexidade e variedade. Elas são constituídas pelo registro preciso das concepções e dos processos técnicos locais, construídos pelos integrantes dos grupos domésticos com base em experiências e conhecimentos gerados na prática, por meio de condições sociais que lhes são próprias. Quando se trata de unidades habitacionais, estamos lidando com adaptações concretas e de uma escala micro. Conforme Wilk (1997, p.30) as unidades habitacionais não se adaptam aos modelos da sociedade ou estágio de desenvolvimento, elas são resposta a situações muito locais.

As unidades habitacionais dos Potiguara da aldeia Jaraguá são, em geral, estabelecidas obedecendo o percurso da estrada que liga uma aldeia a outra, em forma contígua. Sua dimensão é variável e o tipo mais comum é a casa de alvenaria com cobertura duas águas, formato retangular, e com ripas, caibros e linhas feitos de madeira “sapateiro” extraída do mangue. É importante destacar que esse tipo de construção não

segue um padrão, os indivíduos constroem suas casas e as modifica de diferentes formas (ARAÚJO, 2017).

Algumas habitações possuem um pequeno espaço de socialização anterior à sala, com porta e janelas anteriores à porta posterior, que podem ser de ferro ou de madeira. Podem aparecer janelas nas fachadas laterais, mas estas não obedecem ao número de cômodos (Fig. 4).



Figura 4: Primeira casa do lado esquerdo casa de Maria José, em seguida a casa da avó Severina e por último da tia Sônia. Arquivo pessoal, 2015.

Existem também umas poucas habitações com paredes feitas de barro e cobertura de telhas (casa de taipa, v. Fig. 5); são geralmente pequenas, tanto em tamanho quanto em altura, o que está intimamente relacionado ao poder aquisitivo de seus ocupantes.



Figura 5: Casa de Taipa, comum na aldeia Jaraguá. Arquivo pessoal, 2015.

Como pude observar, nesse tipo de habitação são acrescentadas a construção de varas intercaladas tanto do lado interno como externo. Os espaços vãos que ficam nas paredes são então vedados com barro, atirados com a mão, obtido da mistura de areia, terra e água, amassados com os pés. Para cobrir a habitação é necessária a fixação de ripas nos caibros do telhado. Geralmente essas habitações são erguidas em um curto espaço de tempo e ampliadas com a mesma rapidez. Na maioria das vezes as primeiras casas são feitas de barro, depois com a possibilidade de aumentar a renda, se derruba a casa de barro para então construir a de alvenaria.

Conforme descrito, a casa principal dentro dos espaços de jurisdição de cada grupo doméstico é via de regra a dos avós, por possuir grande importância, pois são estes indivíduos que geralmente chefiam a família extensa. São figuras de apoio, entre outras coisas pelo fato de poderem assumir os cuidados geralmente esperados de parte das mães e dos pais das crianças.

As atividades domésticas que se voltam à preparação de alimentos e a limpeza da unidade habitacional são atividades tipicamente femininas. As filhas geralmente auxiliam as mães a executar as atividades domésticas, a exemplo da lavagem de roupas da louça ou ainda quando é preciso varrer a casa. As atividades de limpeza da casa e

preparo dos alimentos são realizadas pela manhã. No período da tarde as pessoas do grupo doméstico geralmente descansam para em seguida continuar os trabalhos cotidianos.

A casa é entendida como morada e seus espaços são pensados e respondem a expectativas das famílias pertencentes aos grupos domésticos que partilham de um modo de vida comum. Nesses termos, permitem ajustes de ordem funcional e material, que não são fixos, sendo ajustados conforme as necessidades dos indivíduos ao longo do tempo. Essas prerrogativas orientaram referenciais para a construção das habitações, como pude identificar.

3.2 OS TERREIROS/QUINTAIS

O terreiro ou quintal compreende o espaço localizado aos lados e atrás das habitações, é um terreno amplo com muitas plantas e árvores podendo ser de pequeno e grande porte, o que proporciona muita sombra as construções. Nesses espaços são cultivadas diversas espécies de plantas, e estas são destinadas para vários fins, como: alimentares, condimentares, medicinais, ornamentais, etc. Esse ambiente da espacialidade doméstica é bastante utilizado, podendo servir como depósito onde ficam guardados vários utensílios de várias espécies, desde panelas a ferramentas, como pá, enxada e facão, lugar de manter os animais, local também dedicado a atividades culinárias. É caracterizado por ser um espaço social e simbólico que apresenta diversos usos, que manifestam e possibilitam a organização especifica dos grupos, visto que esse espaço é construído conforme as necessidades dos integrantes (ARAÚJO, op. cit.).



Figura 6: Quintal da casa de Dona Severina. Arquivo pessoal, 2012.

Em todos os grupos domésticos com que tive contado foi possível constatar que as mulheres usam o fogão a lenha ou a carvão geralmente situado no terreiro (Fig.7, 8 e 9). O fogão a gás somente é usado para cozinhar poucas coisas, como um café, um cuscuz o que contribui para a economia do dinheiro da família, entretanto o uso não é justificado apenas pela economia. Segundo minhas interlocutoras, a comida fica muito mais gostosa quando cozida em fogão a lenha ou carvão, sendo o último mais apreciado por não fazer fumaça e não sujar o fundo das panelas (ARAÚJO, op. cit.).



Figura 7: Fogão a lenha de Maria e Dona Severina. Arquivo pessoal, 2014.



Figura 8: Fogão a lenha de Sônia. Arquivo pessoal, 2016.



Figura 9: Fogão a lenha feito por Ediene. Arquivo pessoal, 2022.

Os produtos oriundos dos quintais funcionam enquanto fonte nutricional para os produtores, e consequentemente geração de renda para as famílias. Geralmente a atividade de implantar o quintal, bem como cuidar dele é usualmente destinada ao gênero feminino. No entanto vale enfatizar que há cooperação de ambos os gêneros, desde a administração das tarefas diárias de limpeza, manutenção e cultivo.

O quintal também serve como lugar de criação de animais tanto de pequeno quanto de grande porte, como galinhas, patos, gansos, guinés, caprinos, suínos e bovinos, cujos produtos deles oriundos, como ovos e carne, contribuem para enriquecer a alimentação e colaboram na obtenção de recursos financeiros para as famílias.



Figura 10: Galinhas do grupo doméstico de Dona Severina. Arquivo pessoal, 2014.



Figura 11: Gansos do grupo doméstico de Aníbal. Arquivo pessoal, 2017.



Figura 12: Ediene e suas “meninas” (as galinhas). Arquivo pessoal, 2022.

Os bovinos e caprinos geralmente ficam presos em lugares cercados no quintal das casas (cercas feitas com madeira sapateiro retirada do mangue). No entanto, todos os dias esses animais são soltos e levados para os pastos. Silvinha possui umas poucas cabeças de gado (Fig.13) que funcionam como uma espécie de poupança, pois quando o grupo doméstico enfrenta alguma crise financeira, seus integrantes costumam vender alguma cabeça de gado.



Figura 13: Gado do grupo doméstico de Sônia. Arquivo pessoal, 2015.



Figura 14: Gado do grupo doméstico de Cássia. Arquivo pessoal, 2017.



Figura 15: Dona Fátima trazendo capim para alimentar as cabras. Arquivo pessoal, 2018.



Figura 16: Criação de cabras do grupo doméstico de Dona Fatima. Arquivo pessoal, 2018.

No quintal também há o criatório e engorda de caranguejos “goiamuns” em pneus de trator cimentados ao chão, ou em tanques feitos com tijolos e cimento (Fig. 17 e 18). O “goiamum” em cativeiro é alimentado com dendê, bagaço de coco e farinha de milho. Uma corda de caranguejo “goiamum” de pequeno porte custa em média quinze reais, contendo dez caranguejos, já uma corda de “azulão” que são os maiores custa em média cinquenta reais.



Figura 17: Marcia retirando os caranguejos “goiamum” das “ratoeiras” para cevá-los no tanque feito de cimento. Arquivo pessoal, 2013.



Figura 18: Criatório de caranguejo “goiamum” do grupo doméstico de Dona Fátima. Arquivo pessoal, 2018.



Figura 19: Criatório feito com pneu de trator, grupo doméstico de Cássia. Arquivo pessoal, 2017.



Figura 20: Interior do criatório feito com pneu de trator do grupo doméstico de Cássia. Arquivo pessoal, 2017.

Em Jaraguá, usualmente, as mulheres, logo após o casamento, mobilizam suas redes de amizade e parentesco para formar o seu primeiro "quintal de plantas medicinais", geralmente localizado ao lado ou atrás da casa. É ali que são cultivadas as mudas herdadas da mãe, das irmãs mais velhas, da avó e das tias e, eventualmente, da sogra e das comadres e vizinhas. Um quintal bem arborizado, expressa a habilidade da mulher em cuidar das plantas medicinais, da horta, bem como dos animais. Conforme minhas interlocutoras narraram, ter um quintal bem cuidado é motivo de orgulho. As mulheres sempre procuram mantê-los limpos; um quintal com lixo ou sujo é sinal de descuido. De acordo com Sônia:

> *Ter quintal é bom porque a gente planta e cria. Porque assim, tudo que a gente tem no quintal não precisa comprar. É uma laranja, uma banana, um coco pra temperar um peixe, coentro, alface... Tudo a gente tem. Quando um adoece tem uma planta pra fazer um chá, é bom por esse lado. Por isso a gente cuida, deixa limpinho. Que dá trabalho dá, mas também tem os ganhos. (Sônia. Entrevista concedida em março de 2017).*

Trata-se, portanto, de um elemento importante na constituição de uma ética do cuidado associada à figura feminina, ou seja, do cuidado com a casa, filhos e marido. Sônia limpa seu quintal duas vezes por semana tirando os "ciscos" (folhas das árvores) com um tipo de vassoura (Fig. 21) confeccionada por seu marido Silvinha, a partir do caule presente nas folhas de coqueiro, que são agrupadas em forma de leque. Para o arremate, utiliza-se o reaproveitamento de produtos industrializados, como barbante, ou borracha. Para fixar o cabo da vassoura se utilizam frascos de desodorante usados feitos de plástico adquiridos em comércio local. Em Jaraguá as mulheres também usam a "vassourinha" (Fig. 22) para limparem os terreiros. Confeccionada a partir do mato "vassoura de botão", que é agrupado e depois fixado no cabo por meio de frascos de desodorante usados, feitos de plástico e adquiridos em comércio local. Deve-se salientar que o ato de confecção destas vassouras não deve ser encarado apenas como resultado das construções proporcionadas pela ação humana sobre a matéria, contribuindo, desta forma para a manutenção da dicotomia entre natureza e cultura (INGOLD, 1995; MURA, 2000, 2006 e 2011). Essa contraposição pouco ajuda na análise dos processos produtivos. Os materiais são desenvolvidos por meio daquilo que podemos chamar como, Ingold e Kurtilla (2000), de uma *tradição local de conhecimento*, oriunda das bagagens experienciais dos indivíduos.



Figura 21: Sônia limpando seu quintal. Arquivo pessoal, 2017.



Figura 22: “Vassourinha”. Arquivo pessoal, 2015.



Figura 23: Marcia e sua filha Graziely retirando o caule das folhas de coqueiro para a confecção da vassoura. Arquivo pessoal, 2016.

Podem ser formados sítios por meio do cultivo de uma grande diversidade de pés de frutas, hortaliças e plantas medicinais, para chás, banhos e rezas, além de árvores nativas para sombra. As principais plantas são pés de fruta como o coco, a manga, a laranja, a acerola e a banana que se destacam nesses espaços e absorvem parte da produção.

O grupo doméstico de dona Severina possui uma horta (Fig. 24) nos fundos da casa, onde se cultiva diversas hortaliças (alface, coentro, cebolinha) existindo ainda outros alimentos que se encontram nos arredores da horta como: berinjela, couve-folha, pimentão, tomate, milho, coco, macaxeira e algumas plantas medicinais.



Figura 24: Vista parcial da horta de Sônia. Arquivo pessoal, 2013.



Figura 25: Dona Severina aguando as hortaliças de Sônia. Arquivo pessoal, 2013.

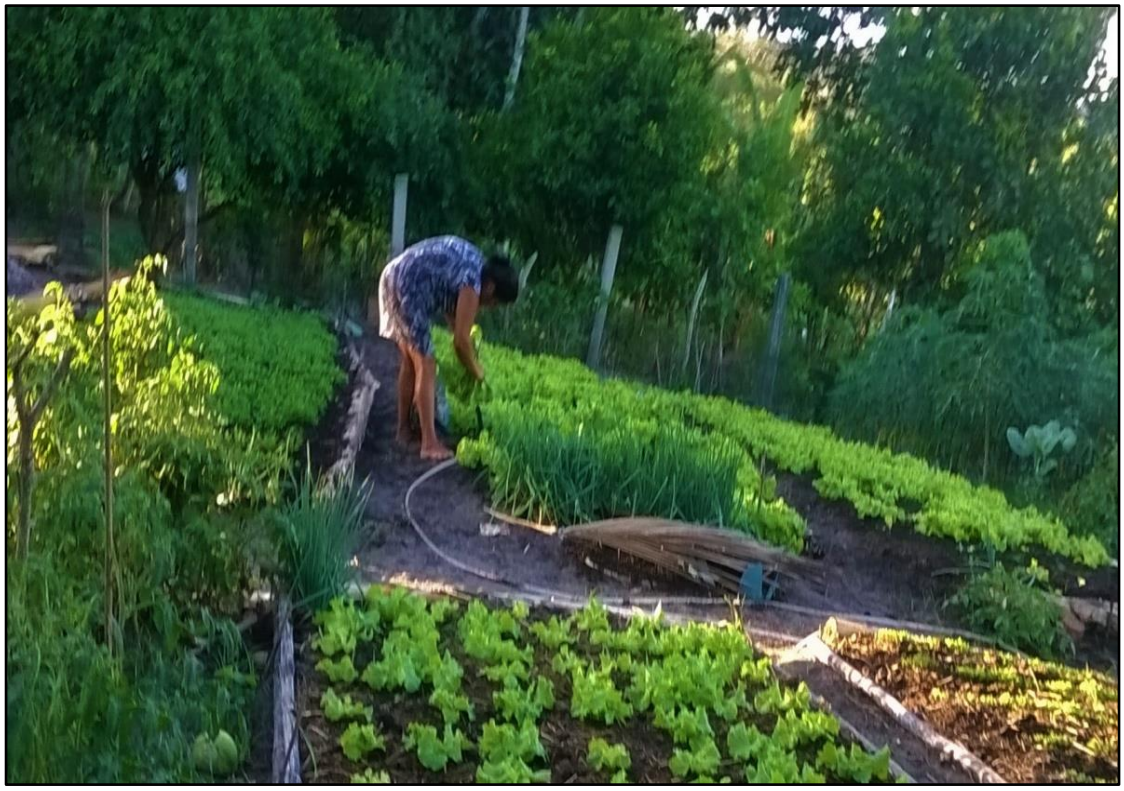


Figura 26: Marcia colhendo as hortaliças para venda. Arquivo pessoal, 2015.



Figura 27: Sônia plantando as mudas de alface. Arquivo pessoal, 2013.

Sabe-se que a organização do espaço está diretamente relacionada com a prática de atividades, daí falar sobre espaço é também abordar as relações técnicas, no caso em tela, as habilidades técnicas das mulheres, bem como o acúmulo de conhecimento proveniente dessas imbricações. É pela compreensão desses fenômenos a partir destas características que se pode refletir, problematizar e pesquisar esta seara. Pensando em todo o panorama que envolve a organização social do trabalho, nos processos e fenômenos socialmente compartilhados que os mantém.

Sobre essas práticas e suas implicações temos o exemplo de Dona Severina, de sua filha Sônia e de sua ex-nora Márcia, que trabalham no cultivo de hortaliças. Os leirões (elevações feitas na terra e onde se plantam as sementes) são divididos entre elas, podendo ser feitos com troncos de madeira do mangue, como é o caso dos leirões de dona Severina e de Sônia, que foram coletados por Silvinha, marido de Sônia, ou de troncos de bananeira que são menos resistentes precisando ser trocados, como é o caso de Márcia. No momento da venda não há uma lógica de competição, pois a prioridade é a venda das hortaliças que estiverem maiores; o grande objetivo é que todos consigam obter recursos (ARAÚJO, op. cit.).

As hortaliças de Dona Severina são vendidas em sua residência, as de Sônia são vendidas em sua casa e na feira comunitária da aldeia, que acontece todas as sextas feiras das 14 até às 17 horas. As hortaliças são colhidas e separadas em molhos no dia anterior á venda. Quando a produção é grande Sônia também vende na feira de Rio Tinto aos sábados.

As técnicas utilizadas para o cultivo dos alimentos citados acima funcionam da seguinte forma: a semente é colocada primeiramente em um copo descartável, com esterco bovino em seu interior. No caso de Márcia o esterco tem que ser comprado. Já Sônia e dona Severina conseguem obtê-lo por meio do pouco gado que possuem. Depois de um tempo a semente germina e se transforma em muda, que é transferida para os leirões, onde irão crescer até serem colhidos para posterior venda e consumo da família. Esse processo ocorre no cultivo da alface e do coentro, que são as principais culturas da horta (ARAÚJO, op. cit.).

Faz-se necessário compreender que o objetivo técnico de “fazer leirão”, para ser alcançado requer toda uma sequência de operações técnicas, ou, mais precisamente, uma cadeia operatória (LEROI-GOUHAN, 1987). Portanto, pensar numa cadeia operatória é atrelá-la às técnicas que serviram de base para que os objetivos fossem

alcançados. Fica evidente que existem muitas conexões formando uma rede, que abrange materiais e seres presentes no processo técnico de uma dada atividade, que vai desde a escolha dos instrumentos utilizados – (se é uma enxada, se é um ciscador, se são as próprias mãos) e a forma e o ritmo com que as técnicas são executadas. Por exemplo, para plantar as sementes da alface e do coentro é preciso fazer pequenos furos no solo, sendo necessário calcular a distância entre eles, e todos esses aspectos envolvem técnicas, movimentos, coisas e forças, humanos e não humanos (INGOLD, 2015).

Nas palavras de Sônia, temos:

> *Todo dia nos plantamos. Tem fases que eles (alface e coentro) crescem antes de um mês. Aí tem que mudar, mas como agora o tempo tá quente. Aí atrasa um mês, um mês e meio. Aí quando começa o inverno. Aí de repente aumenta. Aí quando é um inverno pesado mesmo, a produção já não aguenta. Eu como, eu vendo, quando tem muito eu levo para a feira. Antigamente eu ia pra Vila (Monte-Mór) mas eu não aguento com a minha coluna, não. A ladeira pra subir, tudo indica que é hérnia de disco (Sônia. Entrevista concedida em dezembro de 2016).*

Por meio dos saberes compartilhados e das experiências que tiveram que ir improvisando se vem adquirindo o conhecimento das muitas técnicas. Como exemplo, as pessoas desse grupo doméstico perceberam que o coentro, por ser mais sensível, não pode ser plantado quando o esterco está muito fresco, porque o calor produzido por ele "queima" as hortaliças, deixando-as amareladas, o que acaba desagregando valor ao produto. Em virtude dessa descoberta, houve uma alteração no cultivo, agora, primeiro se planta a alface e depois quando o esterco se encontra mais seco, se planta o coentro. Outra técnica que tem dado certo, a partir de novos experimentos, é o uso de folhas de coqueiro para colocar em cima principalmente das mudas de coentro, para proteger do sol forte e das chuvas - que com sua força, faz com que as hortaliças cedam. Também existe o reaproveitamento de vários objetos, como bacias e panelas por ventura furadas. As mulheres não as jogam no lixo, as reutilizam para o plantio de hortaliças e outras plantas ornamentais e medicinais, (Fig. 28). Também é muito comum o reaproveitamento de carrinhos de mão quebrados para o plantio (Fig. 29).

O leque de tarefas que os integrantes dos grupos domésticos potiguara podem realizar servindo-se de instrumentos constituídos de matérias tanto "naturais" quanto "artificiais" é bastante amplo. Por exemplo, mosquiteiros e toalhas de mesa velhas são reutilizadas por Marcia e Sônia respectivamente para proteger as mudas dos pássaros, se mostrando eficazes. Elas também se utilizam de espantalhos feitos de roupas velhas e bonés, podendo ou não serem recheados com retalhos, palha, estopa ou outros materiais

(v. Fig. 30). O uso do espantalho também é um meio de espantar aves bastante conhecido e que está presente em diversos lugares. No entanto, sua eficácia não é duradoura, dada a possibilidade das aves se habituarem com eles (v. Fig. 31).

De acordo com Lemonnier (1993), a *escolha técnica* é a análise do processo de seleção de um recurso técnico, elaborado localmente ou adquirido de fora, mediante sua ação sobre a matéria. No decorrer desses processos de seleção, novos objetos técnicos são inseridos como processos sociais no sentido amplo. Em nossa abordagem evidenciamos os exemplos expostos enquanto *escolhas técnicas* que repercutem mudanças nos modos como os Potiguara lidam com os materiais e desenvolvem *competências técnicas,* transformando-os para alcançar uma finalidade. Esses são elementos indispensáveis para compreender as modalidades de composição da bagagem material dos grupos domésticos e os saberes técnicos a eles relacionados.



Figura 28: Dona Severina plantando coentro nas bacias. Arquivo pessoal, 2013.



Figura 29: Carrinhos de mão sendo reaproveitados no cultivo de hortaliças. Arquivo pessoal, 2013.



Figura 30: Mosquiteiro sendo reaproveitado na proteção das mudas. Arquivo pessoal, 2013.



Figura 31: Toalhas de mesa reaproveitadas na proteção das mudas. Arquivo pessoal, 2013.



Figura 32: Espantalho utilizado para afugentar as aves. Arquivo pessoal, 2013.

É importante destacar que esses saberes, não são apreendidos como simples receitas ou como um conhecimento imutável, repassado de geração em geração sem nenhuma alteração ou mudança. De fato, esses conhecimentos sociotécnicos são modificados por processos experienciais, que se dão pela descoberta "improvisada" de conhecimentos novos ou de saberes extraído de viagens para grandes centros urbanos, trabalhos em usinas canavieiras e em agroindústrias envolvidas no cultivo de frutas (MURA, 2000 e 2011).

Tais saberes e fazeres, não são apreendidos apenas por mulheres, em vários momentos pude presenciar a participação dos maridos e dos sogros colaborando nos cuidados com a horta que é uma atividade vista como feminina isso corrobora com a assertiva que não devemos partir de antemão de supostos papeis femininos e masculinos predeterminados e inflexíveis situacionalmente e ao longo do tempo. Nesses eventos, homens e mulheres cooperam para garantir a obtenção dos recursos. Isto ocorre no cotidiano sem colidir com o fato de existirem categorizações ideais do próprio grupo, que remarcam os papeis sociais.



Figura 33: Seu Severino (falecido) plantando mudas de alface no leirão. Arquivo pessoal, 2012.

O quintal também é lugar onde as pessoas do grupo se reúnem e conversam sobre suas tarefas cotidianas, onde as crianças brincam e recebem ensinamentos, ou seja, o seu uso e importância vão muito além das atividades nele desenvolvidas, abarcando questões referentes a uma solidariedade emocional-afetiva, pois é um espaço que liga as pessoas segundo relações de parentesco e de amizade. Assim como também aparece como palco dessas memórias, um lugar propício ao desenrolar de narrativas. Além de que é a referência das residências, a recepção das visitas. Na grande maioria das casas que visitei, fui recebida no quintal enquanto local de acolhimento.

No próximo capítulo apresento os processos de socialização, transmissão e circulação de saberes e moralidades que pude apreender durante a pesquisa. Partindo destas abordagens, buscou-se pensar em como os papeis de gênero são construídos no cotidiano dos grupos domésticos operando diferenças, por meio de moralidades que lhe atribuem.

CAPÍTULO 4 – PROCESSOS DE SOCIALIZAÇÃO, TRANSMISSÃO E CIRCULAÇÃO DE CONHECIMENTOS E DE MORALIDADES SOCIOTÉCNICAS

A partir do que foi apresentado até aqui, observamos que o grupo doméstico se configura como principal lugar de socialização e de transação de conhecimento. Desde o nascimento, a criança é inserida num contexto doméstico que se torna responsável pelos seus cuidados físicos, emocional, moral e cultural. Em grande medida são os mais velhos, principalmente os avós e os pais, que transacionam os conhecimentos. Nesses termos, o grupo doméstico funciona como o primeiro e mais importante espaço socializador, é em seu seio que as crianças se desenvolvem e constroem suas bagagens experienciais, que correspondem a um longo processo de aprendizagem que os conforma como pessoas sociais.

Berger e Luckman (1976) apresentam a "socialização" como um processo (ontogenético) pelo qual um indivíduo se torna membro da sociedade; nas palavras dos próprios autores, socialização é "a ampla e consistente introdução de um indivíduo no mundo objetivo de uma sociedade ou um setor dela." (p. 194). Os autores estabelecem uma distinção entre a "socialização primária" e a "socialização secundária", sendo a primeira experimentada na infância, e a segunda consistindo em tudo o que vem depois desta fase. Portanto, só se é indivíduo por meio da socialização. "Desde o momento do nascimento, o desenvolvimento orgânico do homem, e na verdade uma grande parte de seu ser biológico enquanto tal, está submetida a uma contínua interferência socialmente determinada" (op. cit., p.71).

Captar como as diferenciações de gênero são pensadas, atribuídas e assumidas envolve considerar que a organização das atividades de produção e de reprodução se volta às expectativas em torno da divisão por sexo, que, de modo geral, influenciam as práticas de sociabilidade. Compreender de que maneira as expectativas de gênero influenciam os engajamentos dos indivíduos requer, primeiramente, considerar a teia de significados pela qual esses engajamentos se pautam (INGOLD, 2012).

As obrigações no interior dos grupos domésticos são prescritas desde muito cedo e variam conforme a idade, as crianças têm suas tarefas, consideradas "ajuda"[68], e não como trabalho, a fim de contribuir com as dos adultos. O aprendizado ocorre por meio da observação e participação. Por exemplo: as meninas aprendem com as mães, tias

[68] É considerado "ajuda" o trabalho realizado por alguém que não tem as condições de realizar/assumir o trabalho por completo.

e/ou avós a limparem a casa a cozinhar e a cuidar dos irmãos mais novos. Já os meninos aprendem com seus pais, tios e/ou avôs a cuidarem dos bichos, a pescar e coletar crustáceos, assim como o cultivo nos roçados. Mas é importante destacar que esse aprendizado também se dá entre gêneros distintos. Com base nas experiências e observações feitas durante a pesquisa, pude entender que as atividades das crianças são uma constante, e distribuídas em grande medida com base na divisão sexual do trabalho. Os meninos são convocados para os serviços externos e as meninas para os serviços domésticos. Conforme o passar do tempo estas obrigações são flexibilizadas especificamente para as mulheres que passam a executar quaisquer atividades. As tarefas são ensinadas cedo – na faixa dos sete anos de idade, as meninas já aprendem os serviços da casa, enquanto os pais se ocupam com tarefas de pesca, agricultura ou outras. Essas meninas começam, no aprendizado das tarefas do lar, desempenhando pequenos serviços como "auxiliares", para, posteriormente, assumirem mais responsabilidades com as coisas e pessoas da casa, implicando em acúmulo e conciliação de atividades.

De acordo com a narrativa de Ediene[69]:

> *Fui criada fazendo de tudo. Desde pequena, o que me botavam pra fazer, eu fazia! Aprendi de tudo! Eu pesco, trabalho na agricultura, ando a cavalo, piloto moto. Se for pra cobrir uma casa, eu subo e retelho. Eu não tenho esse negócio de estar esperando. Já mexi em fio de energia. Já levei choque. Hoje em dia tô mais parada porque arranjei esse rapaz (companheiro). Muitas coisas precisei aprender porque não tinha quem fizesse, e me adaptei. Hoje em dia ele diz: "Deixe que eu faço, fia!" Quando penso que não, já estou fazendo, antes dele fazer. Aí ele vem e me ajuda. Mas porque já peguei aquele ritmo. (Ediene. Entrevista concedida em janeiro de 2023).*

Conforme o discurso de Ediene, desde pequena ela precisou assumir tarefas, fazendo com que aprendesse com o tempo a realizar diversas atividades, a partir do compromisso e da necessidade, pois não tinha quem fizesse. Nessa perspectiva, Ediene desenvolveu também, desde cedo, a capacidade de tomar a iniciativa frente às atividades que precisam ser feitas, ao mesmo tempo em que foi processando a noção de responsabilidade e adquirindo competências.

---

[69] Ediene tem 35 anos é natural do sítio Pacaré, zona rural de Lucena. O seu avô materno veio morar em Jaraguá e depois vieram sua mãe e seu pai. Ediene tem quatro filhos do primeiro casamento, Rai, Ramon, Iana e Raiene. Casou-se novamente com Francisco e tiveram Raiana. As relações no seio de seu grupo doméstico se configuram a partir do casal e dos filhos, sendo que Rai de 17 anos, o filho mais velho é casado com Niedja de 14, eles estão residindo na mesma habitação enquanto constroem sua casa própria no terreno ao lado. Os pais de Ediene, seu Irmão, cunhada, sobrinhos e tios moram nas proximidades cooperam entre si, na realização de algumas tarefas – como trabalho na serraria, pesca, coleta de madeira e o plantio nos quintais e roçados. Ediene relatou que na sua rua todos são parentes.



Figura 34: Dona Fátima e seus netos[70] indo levar as cabras para o pasto. Arquivo pessoal, 2013.

[70] É muito comum em Jaraguá netas e netos serem criados por avós. Difícil uma casa de avós que não tenha uma ou mais de uma criança por eles criada, e no cotidiano da casa auxiliam seus avós na realização de diversas tarefas. Em meio a brincadeiras e banhos na maré, realizam suas obrigações.



Figura 35: Seu Zé Boto (falecido) e seu neto Joalison fazendo à carvoeira. Arquivo pessoal, 2013.

A título de ilustração empírica, é interessante apresentar a narrativa de Cássia sobre algumas situações vividas:

> *Quando eu tinha 10 anos ia pra maré, meu pai levava os filhos tudinho. A gente tirava ostra, tirava sururu, tirava siri, peixe de covo[71], pescava de puçá[72], pescava de mão. Quando a gente chegava em casa ajeitava tudinho. Torrava pra levar pra feira e comprava calcinha, roupa... Tudinho era com dinheiro. Nunca faltou nada pra gente não. Meu pai não deixava não e a gente ajudava[73]. Quando tinha macaxeira à gente fazia um molhinho saía vendendo, feijão, cana, de tudo que dava a gente vendia. Tinha divisão do dinheiro. A gente gostava de boneca e de comprar roupa. A gente nunca teve olho gordo. A gente dizia: "mãe a gente quer um dinheirinho só pra comprar um lanchinho"! Aí o resto a gente dava a mãe. Mãe que tirava o da gente, comprava caderno, chinelo, roupa, comida. A gente nunca ficou de arenga (briga), um mordendo o outro. Se tivesse um negócio era pra todos os quatro. Desse pra ser burra se quisesse, mas o que meu pai ensinou não esqueci não. (Cássia. Entrevista concedida em março de 2018).*

[71] Armadilha utilizada na captura do peixe amoré e do camarão.
[72] Armadilha utilizada na captura de siris.
[73] Nota-se que a participação das crianças na realização das atividades possui caráter de aprendizado de um saber fazer sem a conotação atribuída ao trabalho infantil, pois, neste caso, as crianças têm a possibilidade de brincar e se divertir.

Cássia relembra a lida no mangue e nos roçados durante a infância e a lida na posteridade, quando adulta utiliza os conhecimentos repassados pelo seu pai. Afinal no papel de filha Cássia precisou "ajudar o pai". Há no fazer o aprendizado mediado, as gerações vão se utilizando destes conhecimentos através da experiência, a ponto de desenvolverem habilidades técnicas.

Nas falas seguintes, há alusão ao lugar social de Cássia, que destaca a moralidade do trabalho como um valor importante, remetendo seu aprendizado ao pai e ao mesmo tempo se empenhando em reproduzir esses saberes importantes para seus filhos:

> *Aí o povo diz: "Mulher tu não precisa trabalhar não!" Aí eu digo: "Eu preciso!" Fui nascida e criada assim, vou morrer assim, trabalhando. Gosto muito de trabalhar e gosto de pegar em um dinheiro assim que é suado, porque fui eu que suei. Quando precisa, eu sei que tem. Mesmo assim são os meus filhos, todos três vão para o roçado, os três têm suas enxadas, e eles estudam e nunca deixaram de estudar, não. Quando eles faziam três anos eu já levava, quebravam roça mais depois nascia de novo. Eu dizia: "Meu filho não faça isso não!" Ele dizia: "Pode, não?" Eu dizia: "Pode, não!" Aí como eles não tinham enxada, eu dizia: "Fique aqui que você vai arrancando esses matinhos." E até hoje eles trabalham e eles brincam também. O meu mais velho vai pra maré pescar chega a pegar 10 quilos de peixe. Vai de madrugada pegar amoré. A gente, eu e Aníbal, a gente não obriga eles não. Às vezes Aníbal diz: "Não vai não!" Aí ele pede: "Oh mainha, me deixe ir?" (Cássia. Entrevista concedida em março de 2018).*

Ademais, as crianças reproduzem em suas brincadeiras os conhecimentos relacionados às atividades que aprendem em seu cotidiano. A noção de socialização, portanto, é fundamental no sentido de como é que o indivíduo vai se construindo a partir das experiências de ensinamentos e de atividades, em seu grupo. Nas imagens abaixo temos uma carvoeira em tamanho reduzido construído por dois amigos. Trata-se de uma brincadeira que se configura como um aprendizado adquirido nas experiências cotidianas. Conforme Leite (2002), nestes contextos, nos momentos das brincadeiras, a criança não está fantasiando, mas ampliando seus valores sociais que estão intimamente relacionados ao trabalho.







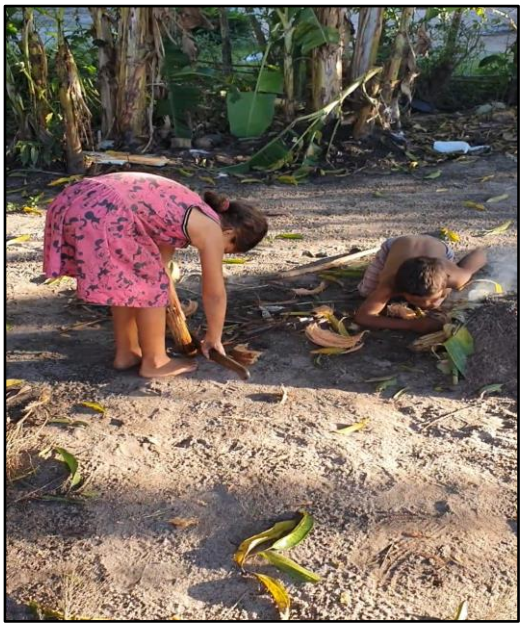




Figura 36: Luiza e Messi brincando com a carvoeira que construíram. Arquivo pessoal, 2021.

Pude em alguns momentos acompanhar os garotos Vanilson e Gleyson que são netos de Dona Severina na cata do caranguejo. Ambos conheciam muito bem o mangue apesar da pouca idade. Esse conhecimento foi aprendido, segundo os garotos, observando seus pais e tios. Pude notar que esse aprendizado ocorre por meio da observação e participação, em que adultos e crianças convivem participando das mesmas atividades. Deste modo, são crianças ativas que brincam e acompanham os familiares na realização das tarefas cotidianas, recebendo ensinamentos de âmbito moral por meio da socialização internamente aos seus grupos domésticos. As brincadeiras acontecem nos terreiros, nos campos, na maré e nos rios onde se divertem e aprendem ao mesmo tempo. Na cata do caranguejo[74] Vanilson e Gleyson disputavam para ver

[74] Entre os Potiguara, *caranguejeiro* é assim conhecido o indivíduo que coleta caranguejo no mangue, podendo ser homens e mulheres adultos e até mesmo crianças Os *caranguejeiros* detêm o conhecimento da técnica de captura do crustáceo e conhecem o território, assim como o funcionamento das marés, consideram que sua identidade não é definida apenas pela prática da coleta, ou seja, não são meros critérios econômicos, para além deles estão os saberes, fazeres e moralidades, que dizem respeito às maneiras de se comportar nos ambientes. Esse conjunto de elementos que constituem a categoria *caranguejeiro* se relaciona ao campo da transação de conhecimentos, transmitida de pai para filho enquanto elementos compartilhados e construídos socialmente. Tomando as afirmações de um de meus interlocutores que se autodefine *caranguejeiro*, tem-se o seguinte significado: *Caranguejeiro é quem cata caranguejo. É quem sabe catar com a mão, o verdadeiro caranguejeiro não usa luva. (Silvinha. Entrevista concedida em fevereiro de 2013).* Os critérios de competência e saber aparecem como explicação para essa categoria. Os atores sociais que se autodefinem caranguejeiros são aqueles que detêm o conhecimento da técnica de captura do crustáceo e que conhecem o território e os ciclos da maré. Nesse sentido, a coleta do caranguejo se configura, acima de tudo, como um modo de existência

quem pegava os maiores crustáceos. Percebi que eles se machucavam algumas vezes, no entanto faziam questão de dizer que os machucados não doíam, mostrando dessa forma a construção de uma masculinidade.

Ramon tem 14 anos, é filho de Ediene e costuma realizar diversas atividades, tais como coleta de caranguejo goiamum com "ratoeira" e também a coleta do camarão nativo, chamado de "pitu", com a "pitimboia" (v. Fig. 38). Ramon contou que os crustáceos são para o consumo da família. Ele disse que aprendeu a pescar com sua mãe e que se sente bem em estar na maré, que se diverte com suas irmãs. De acordo com sua mãe, Ediene:

> *Sempre que vou pescar na maré levo meus meninos. Tiro ostra, pesco de anzol. Minha menina quando tinha 6 meses de vida eu já estava levando pra maré. Levava uma rede na canoa, um pedaço de colchão, procurava uma sombra debaixo de uma árvore e botava a criança. Ela dormia ali tranquila. Aí tem gente que pergunta: "E esses meninos pequenos no mangue?" Eu digo: "É pra aprender!" Nem sempre eles vão me ter, tem que aprender a se virar. Um dia que chegar minha hora, eu vou embora, então vão saber se virar na vida. Meu mais velho pegando caranguejo pra vender, ele comprou a motinha dele e agora ele vai fazer a casinha dele. (Ediene. Entrevista concedida em setembro de 2022).*

---

caracterizado por ricas e complexas relações entre os homens, seres invisíveis e o meio aquático, nesse emaranhado ocorrem os processos de produção e transação de conhecimentos, a organização espacial, os sistemas de classificação e seus processos técnicos (v. ARAÚJO, 2018).



Figura 37: Vanilson na cata do caranguejo “uçá”. Arquivo pessoal, 2013.



Figura 38: Ramon na coleta do “pitu”. Arquivo pessoal, 2022.



Figura 39: Ediene mostrando os “pitus” capturados por seu filho Ramon. Arquivo pessoal, 2022.

Sobre estes aspectos, Mauss chama atenção para os processos de imitação, o autor observou que:

> *A criança, como o adulto, imita atos bem sucedidos que ela viu ser efetuados por pessoas nas quais confia e que tem autoridade sobre ela. O ato se impõe de fora, do alto, mesmo um ato exclusivamente biológico, relativamente ao corpo. O indivíduo assimila a série dos movimentos de que é composto o ato executado diante dele ou com ele pelos outros. É precisamente nessa noção de prestígio da pessoa que faz o ato ordenado, autorizado, provado, em relação ao indivíduo imitador, que se verifica todo o elemento social. No ato imitador que se segue, verificam-se o elemento psicológico e o elemento biológico. Mas o todo, o conjunto é condicionado pelos três elementos indissoluvelmente misturados (MAUSS, 1974, p.405).*

Nesses termos, se faz necessário compreender, como dependendo da idade, e dos laços de consanguinidade, afinidade e/ou vizinhança são delineados os papéis de gênero que demarcam expectativas de comportamento que são gerados por questões básicas como "o que se espera de uma menina/mulher" e "o que se espera de um menino/homem".

Cássia também narrou que seu pai não permitia que ela e seus irmãos ingerissem bebidas alcoólicas, tampouco que frequentassem festas, e que todos tinham que obedecer sem reclamar, porque o respeito sempre foi algo cobrado pelos pais, e que hoje como mãe segue os mesmos ensinamentos, e exige respeito dos filhos, porque de acordo com Cássia é dessa maneira que se deve educar uma criança. Outro fato narrado diz respeito ao filho Ibiratan, que certa vez pronunciou "bexiga" quando estava na companhia do avô materno, que ficou irritado com o fato e perguntou onde ele havia escutado esse nome, Ibiratan respondeu que escutou sua mãe pronunciá-lo, então o pai de Cássia foi a sua procura e disse que os filhos aprendem tudo com os pais, seja coisa boa ou coisa ruim, e pediu para que a filha não falasse mais esse nome considerado feio, e assim ela fez. Para Cássia:

> *A coisa mais feia que eu acho aqui em Jaraguá é os filhos desrespeitando os pais, chamando aqueles nomes (palavrões). Os meus (filhos) eu crio que nem pai e mãe me criou, por baixo de ordem, não tem boquinha não, tem que respeitar. Porque eu não vou deixar como é aí hoje não! Se meu menino chegar com qualquer coisa eu vou perguntar: Quem deu? Onde você achou? Porque se não for dele tem que ir lá entregar! A gente vai ter uma coisa que a gente sua pra ter, e graças a Deus a gente tem. A gente tem um gado, de manha eu amarro de tarde eles vão buscar que vai pastar, e eles brincam, jogam bola, eles tem liberdade, mas na hora de fazer um serviço é aquele e naquela hora. É como numa casa que todo dia você tem aquela obrigação. Você nasce e tem as suas obrigações. Você nunca vai deixar não. Você só vai deixar quando morrer. Porque você tem aquele compromisso e tem que cumprir. (Cássia. Entrevista concedida em janeiro de 2017).*

Vê-se que os atores sociais lidam com certas normas e/ou valores que lhes servem de parâmetro, sendo preciso cumpri-las. Como Wilk e Netting (1984) indicaram, as ideias, regras e valores das pessoas, referentes à sua vida doméstica, são um importante condicionamento de suas condutas. Nesse sentido, é possível perceber a importância do caráter educativo proveniente do grupo doméstico, que é justificado pela transação de conhecimentos sujeita a constante avaliação dos seus membros.

Para Berger e Luckmann (1985) a realidade é partilhada entre os indivíduos, a partir de modos de interação que são vivenciados cotidianamente. Os grupos dispõem de modos de referência para as ações de seus membros, baseado em critérios que conferem sentido à sua existência, para além das práticas e saberes que possuem. Portanto, os atributos de socialização são conferidos através de códigos e hierarquias, amparados por noções de gênero e geração.

Entender que os atos promovidos pelas pessoas e os eventos que deles decorrem são continuamente interpretados, nos permitirá compreender não só a transmissão de conhecimentos e de esquemas culturais, mas também á sua contestação. Nesse sentido, as logicas e critérios de moralidade podem não ser seguidos pelos membros dos grupos (BARTH, 2000). Em relação a esse ponto tem-se a narrativa de Simone:

> *Eduquei meus filhos como meus pais me educaram, por baixo de ordem. Queria ver Dudu e Michele tá pelo mundo sem a gente saber! Eles sempre pediam permissão, e tinha uma coisa, se eu dissesse chegue de tal hora. Eles chegavam, então, não tive muitos problemas com isso. Agora, não sei o que é com Miguel (neto), eu pelejo e não consigo, o menino sai que eu nem vejo, quando dou fé tá o canto mais limpo. Lá vou eu procurar Miguel. É muito diferente os tempos de hoje. Antigamente, nos tempos de criança, os pais da gente se compravam uma roupa, um sapato, seja lá o que fosse. A gente recebia com aquela satisfação. Com meus meninos mesmo, eu sempre escolhia as coisinhas, eles nunca reclamavam. Agora Miguel não, tem que ser do jeito dele, é diferente demais e termina conseguido o que quer. (Simone. Entrevista concedida em fevereiro de 2020).*

No caso de Marcia, ela narra sobre as dificuldades que seus pais tiveram para sustentar a família, afirmando que faz questão de contar para os seus filhos a dificuldade em sua época para adquirir uma peça de roupa. Visto que seus pais não tinham condições financeiras para comprar as vestimentas. Márcia recorda de um episódio feliz, quando finalmente obteve sua primeira roupa nova. Até então só havia usado roupas doadas, e todas já vinham usadas. Disse que geralmente era comum a troca de roupas entre irmãos, a peça que ficava pequena para os mais velhos eram repassadas para os mais novos:

> *Eu estava com quatorze anos e comecei a trabalhar fazendo faxina numa casa, no lugar do pagamento recebi de minha patroa uma roupa. Nesse tempo eu saía de casa com vergonha das roupas, sempre acontecia de as medidas serem diferentes, às vezes maiores, outras menores. Eu queria muito ter uma roupa nova. Hoje as coisas andam mais fáceis e não existem tantas dificuldades para se comprar roupas novas e com variações de modelos. Uma pessoa vamos dizer humilde pode comprar roupa nova para seus filhos. Nessas lojinhas baratas acha blusa de 5 reais de 8 reais, tem de vários preços. Agora eu tô vendo que comida tá mais cara do que a roupa, é o contrario de antigamente. (Marcia. Entrevista concedida em maio de 2018).*

Como são perceptíveis nas descrições, os modos de socializações são marcantes ao longo do desenvolvimento das crianças, de forma a demarcar atribuições daquilo que moralmente é desejável para os filhos, e de comportamentos mal vistos. Portanto, existe um montante de características que atendam aos padrões esperados entre eles e elas, e assim se constroem as masculinidades e feminilidades. As tarefas aprendidas desde cedo, as permissões e as restrições também são impostas atendendo ou não às expectativas dos familiares, conformando relações de gênero. Estes cuidados, direcionados para e absorvidos pelos indivíduos, partem de certa socialização nos conhecimentos e códigos de conduta familiares, a partir do qual os "papéis" são assumidos pelos integrantes e podem ser remodelados com o passar do tempo (GOODE, 1970).

Pelo visto até aqui é possível afirmar que os quadros morais condicionam o desenvolvimento de certos comportamentos. Nessa perspectiva, Lutz e Abu-Lughod (1990) propõem que os indivíduos são moldados, as ações são sempre alocadas dentro de regras, já as práticas são sempre negociadas e sujeitas a milhões de alterações podendo ir da amizade até a morte.

Concordando com a orientação das autoras, podemos entender que as pessoas seguem determinadas lógicas socialmente moldadas, que são continuamente atualizadas a partir das experiências cotidianas efetivas que se apresentam aos sujeitos que se encontram em posições sociais diferentes – e que por essa razão possuem determinadas explicações para os eventos, de acordo com suas experiências e jogos sociais. Esses códigos ao serem transmitidos para outras pessoas transformam-se em chaves de conhecimento.

Na obra "Cosmologies in the making" (1987) Barth trata da construção de tradições de conhecimento na Nova Guiné, para ele é central compreender como os

conhecimentos são construídos e transmitidos. O autor define como sendo gestado com base na experiência das pessoas:

> *A antropologia de qualquer tradição particular de conhecimento deve, portanto, acima de tudo, ser convidada a explicar como certas composições e distribuições de conhecimento são (re) produzidas e modificadas, nesse caso, como os processos de codificação, transmissão e criatividade na cosmologia Ok podem gerar uma variação nos registros etnográficos, e não buscar compreender como o primeiro conhecimento pode ter surgido. Isto implica uma perspectiva marginalista: como as pequenas mudanças, mas cumulativas, podem remodelar o carácter de grandes instituições coletivas? (BARTH, 1987, p.84 – tradução livre da autora).*

Importa nunca perder de vista que a organização de uma lógica moral está sujeita a condicionamentos de afetos e desafetos implicando em movimentos tensos e conflituosos que se desdobram em acordos e nos permitem compreender as experiências dos sujeitos (KOURY, 2016). Assim sendo, a relação entre a experiência da emoção e os seus significados pode resultar em dados etnográficos que expressem também informações sensoriais.

Tendo isto em mente, a tarefa de analisar as experiências das mulheres potiguara nos dias de hoje implica na necessidade de acompanhá-las em seus trajetos no tempo e no espaço, compreendendo as diversas visões e os papeis que desempenham em seus grupos, bem como dar conta das múltiplas estratégias que realizam em suas interações nos ambientes. O próximo item busca fazer um breve passeio pelas questões de gênero, trazendo dicussões sobre aprendizados e habilidades técnicas com enfoque nas mulheres.

4.1 GÊNERO E HABILIDADES TÉCNICAS

No tocante à discussão sobre a categoria social de gênero, entende-se, inicialmente, que ela é imposta a um corpo sexuado, como afirma Joan Scott (1995). Para a autora, o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças entre os sexos, embora necessite ficar claro que não é diretamente determinado pelo sexo, nem determina diretamente a sexualidade. A partir do momento em que o gênero é estabelecido como um conjunto de referências, o seu significado estrutura a percepção e a organização concreta e simbólica de toda a vida social.

Nesta direção, o uso do gênero deve assentar-se num sentido amplo, que vai desde o vínculo de parentesco abrangendo o mercado de trabalho, a educação, a economia e o sistema político, elementos estes que se imbricam diretamente nas

relações entre homem e mulher, feminino e masculino, ou seja, os binarismos normativos que foram constituindo-se e modulando-se ao longo do tempo (SCOTT, op. cit.).

No livro intitulado "Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade", Butler (2003) propõe uma descrição do caráter performativo do gênero. Segundo a autora, a cada um de nós é atribuído um gênero no nascimento, o que significa que somos nomeados por nossos pais ou pelas instituições sociais de certas maneiras. Às vezes, com a atribuição do gênero, um conjunto de expectativas é transmitido: esta é uma menina, então ela vai, quando crescer, assumir o papel "tradicional" da mulher na família e no trabalho; este é um menino, então ele assumirá uma posição previsível na sociedade como homem. No entanto, muitas pessoas sofrem dificuldades com sua atribuição - são pessoas que não querem atender aquelas expectativas, e a percepção que têm de si próprias difere da atribuição social que lhes foi dada, além de que existem lógicas diferenciadas de gênero conforme a organização social do grupo. Nesses termos, essas imputações implicam em algo mais que um modelo coletivo (BUTLER, op.cit.).

Como categoria de análise, a perspectiva de gênero deve ser utilizada de forma complexa que permita captar os condicionantes envolvidos no estabelecimento das relações nos mais diversos âmbitos sociais. Se não agirmos assim, corremos o risco de operar por dicotomias e assim reforçar (ao invés de romper) a naturalização das relações de gênero.

Nesses termos, o gênero é um fenômeno inconstante e contextual, apresentado como uma concepção que deixa de enquadrar-se exclusivamente nas dicotomias ocidentais, reafirmando a necessidade de problematizar categorias cristalizadas tanto no meio acadêmico quanto na militância que engessam a luta e dividem esforços (BUTLER, op. cit.). Somada a essa perspectiva, Strathern (2006) põe em questão a universalidade de uma gama de conceitos que considera reflexos das metáforas ocidentais[75] e que não são aplicáveis à Melanésia, afirmando que não é possível substituir conceitos exógenos por conceitos indígenas.

---

[75] Consideramos importante reconhecer o papel histórico do feminismo e do processo de auto-organização das mulheres, que tem, como um de seus resultados, a incorporação de gênero na pauta dos diversos movimentos e organizações. Os estudos sobre gênero no debate antropológico nos tempos atuais mostram que essa é uma dimensão da própria organização social dos grupos com os quais trabalhamos. Nessa perspectiva Sacchi (2003) trata sobre a discussão de gênero e política destacando que as mulheres indígenas a partir da década de 1990, começam a criar suas próprias organizações reivindicando a criação de políticas públicas e projetos de desenvolvimento para os seus povos. Um dos fortes debates que ocorrem hoje entre as antropólogas que se consideram feministas é a questão de saber se as relações

Uma segunda posição, no contexto africano, é a de Oieronke Oyewumi (2004), que interroga sobre gênero e conceitos aliados com base em experiências e epistemologias culturais africanas. O foco recai sobre o sistema de família nuclear, visto como sendo uma forma especificamente europeia e fonte original de muitos dos conceitos que são usados universalmente na pesquisa de gênero. Tal análise mostra a natureza paradoxal de dois pressupostos fundamentais da teoria feminista: que o gênero é construído socialmente e que a subordinação das mulheres é universal. O que Oyewumi argumenta, convincentemente, utilizando a sociedade iorubá pré-colonial como um estudo de caso, é que, embora o gênero como categoria de análise funcione para as sociedades e as culturas ocidentais, a mesma teoria analítica não pode ser aplicada a outras regiões do mundo, a menos que se queira impor teorias ocidentais[76] de gênero para interpretar outras culturas.

A análise crítica de Oyewumi (op. cit.) indica que os conceitos feministas estão enraizados sobre a família nuclear. Esta instituição social constitui a própria base da teoria feminista e representa o veículo para a articulação de valores feministas.

A família Iorubá pode ser descrita como uma família não-generificada, porque papéis de parentesco e categorias não são diferenciados por gênero, o princípio organizador fundamental no seio da família é a antiguidade, classificação das pessoas com base em suas idades cronológicas, enfatizando que as análises e interpretação de África devem começar a partir de África. Nesse sentido, dialogo com essas formulações para dar conta da complexidade dos papeis de gênero referindo-os ao contexto particular em que são produzidos, buscando entender como as mulheres potiguara constroem seus espaços a partir de suas tradições de conhecimento locais (INGOLD e KURTTILA, 2000).

É necessário chamar atenção para que, em determinados grupos indígenas, há uma diferenciação de gênero muito marcada, e em outros ela se encontra menos rígida,

---

desiguais de poder e de gênero ocorreram somente após a colonização europeia. Há teóricas indígenas a exemplo de Julieta Paredes (2014), Adriana Guzmán (2014) e Elisa Urbano Ramos (2019) que falam de um patriarcado indígena antes da conquista que foi reforçada pelo patriarcado europeu. Nesse sentido é interessante considerar essas abordagens para não cair em suposições universais.

[76] De acordo com Hooks (2004), as mulheres brancas ocidentais conservam um comportamento paternalista com relação às mulheres negras, tratando-as como objetos passivos nos seus discursos, e consequentemente silenciando suas vozes com seu racismo oculto. Frente à objetivação das mulheres do terceiro mundo, os feminismos pós-coloniais propõem terminar com os discursos paternalistas e vitimistas. Trata-se de visibilizar a diversidade de vozes, sem silenciar os dissensos. O desafio encontra-se, então em pensar a interseccionalidade que, segundo Akotirene (2019) é a interação entre dois ou mais fatores sociais que definem uma pessoa. Questões de identidade como gênero, sexualidade, etnia, raça, localização geográfica ou mesmo idade não afetam uma pessoa separadamente.

isto é, muitas tarefas que são determinadas para a mulher, podem, igualmente, ser compartilhadas com o homem e vice-versa, em decorrência de transformações dos próprios grupos. Essas especializações definidas pela divisão do trabalho se fazem com base nas características físicas de força e crenças a respeito da fragilidade e vulnerabilidade das mulheres, sobretudo (v. PAULILO, 1987 e 2014).

Neste sentido, Durham (1983, p. 16) argumenta que:

> *Todas as sociedades humanas conhecidas possuem uma divisão sexual do trabalho, uma diferenciação entre papéis femininos e masculinos que encontra na família sua manifestação privilegiada. É verdade que as formas dessa divisão sexual são extremamente variadas, assim como variam a extensão e a rigidez da separação entre as tarefas consideradas próprias aos homens e aquelas atribuídas às mulheres.*

Porém, se não problematizamos a divisão sexual, podemos cometer o erro de naturalizar as relações de organização social do trabalho que não são dadas. Ou seja, muitas das situações encontradas nas práticas sociais de mulheres e homens, apresentam diversidades situacionais. Portanto, há que se ressaltar que não se trata de divisões genéricas, pois mesmo dentre as interlocutoras, moradoras da mesma localidade, com muitas características que as assemelham, as atividades desenvolvidas são diversas, há mulheres que trabalham na cata de ostras, aquelas que plantam nos roçados e nos quintais, as que fazem os serviços domésticos, e há as que fazem todas estas atividades. Diante disso, é importante destacar que no cotidiano dos grupos, as mulheres assumem posições sociais diversas, muitas vezes assumindo atitudes de mando, desconstruindo, assim, um modelo ideológico nativo de submissão e fragilidade. Tais questões findam, sobremaneira, na organização social do trabalho. Ademais, expressões aparentes de dominação podem constituir, muitas vezes, comportamentos considerados próprios ao gênero masculino, sem que na prática impliquem em subordinação para a contraparte. Um exemplo é o caso de Sônia, casada com Silvinha. Este dedica a maior parte do seu tempo a atividades de pesca com redes, mas sobre a administração dos recursos, Sônia é responsável pela compra das roupas, compra dos alimentos, pagamento das contas e a venda dos pescados, além de cuidar dos afazeres domésticos. Nesses termos, pode-se pensar que o comportamento de Sônia se enquadre ao de submissão ou opressão. Mas, ao contrário, ela considera importante seu papel, e até vê seu esposo como dependente, pois ela pensa "Tudo de Silvinha é comigo. Nem o dinheiro ele sabe onde fica".

Firth (1974), a partir dos seus estudos sobre "O contexto social da organização econômica" afirma que as relações econômicas estabelecidas entre os membros dos

grupos domésticos apoiam-se em bases morais, por meio da reciprocidade e redistribuição, o que contribui para fins de reprodução do grupo doméstico. Ele ainda diz que:

> *A organização econômica é um tipo de ação social, envolvendo a combinação de vários tipos de serviços humanos entre si e com bens não-humanos de modo a servir a várias finalidades. Isso implica um arranjo desses elementos em um sistema, pela limitação dos tipos de relações que podem existir potencialmente entre eles (FIRTH, op. cit., p.139).*

O autor assim não separa o aspecto social do econômico, pois as relações sociais segundo ele apresentam finalidades econômicas que são impulsionadas em determinados momentos para se mostrar prestígio[77] e ordem moral. Concordo com Firth, pois em campo foi possível conferir seus pressupostos, como é o caso de Simone que é casada com Valdo. As relações no seio de seu grupo doméstico se configuram a partir do casal e dois filhos, sendo que os pais de Valdo residem na mesma unidade habitacional e cooperam na realização de algumas tarefas. Simone quando criança teve que por obrigação[78] moral trabalhar no corte de cana junto com sua mãe e sua irmã. Um trabalho antes exercido por seu pai que por motivos de saúde se viu impossibilitado de executá-lo:

> *Comecei a trabalhar bem cedo para ajudar nas despesas de casa. Meu pai trabalhava no corte de cana, mas ele teve que parar porque ficou doente de uma perna. Daí por diante eu minha irmã e minha mãe que tivemos que ir para o corte de cana. Meu pai ficava em casa tomando conta do meu irmão mais novo para gente poder ir trabalhar. Teve que ser assim, porque a gente não ia passar fome, não tinha muita escolha, tivemos que enfrentar. Era nossa obrigação porque pai não podia mais, ficou muito doente. Nesse tempo o meio de vida que tinha era a usina, como até hoje pra muitas pessoas. Só que antigamente era mais sofrido o trabalho. A gente saía de 4 horas da manhã todo dia. Quando não era no caminhão era no trator. Quando chegava no campo de 6 horas da manhã ia tomar café e adubar as canas. Era um saco de 50 quilos, dividia para duas vezes, que eu não tinha condições de me ajudar sozinha com o saco. Tinha que esperar alguém sair fora da carreira de cana que me ajudasse, pra mim pode voltar de novo adubando, que eu não podia de tão pequena que eu era, eu tinha 10/11 anos na época. Quando dava meio dia ia comer feijão com macarrão, parecia um rolo de tão duro e frio. De tarde a gente largava. Às vezes o caminhão quebrava, demorava muito. Aí a gente pegava as canas quentes lá e cortava, batia entre um rolo e outro, o povo tinha mania de dizer que ia chupar cana torcida, batia aquilo e já torcia na boca, saia só aquele caldo pra enganar a fome. Era vida sofrida minha filha, não era brincadeira não! Quando a*

[77] Os critérios de prestígio pessoal variam conforme a idade, o sexo, o status econômico e civil de cada pessoa (FONSECA, 2004).

[78] De acordo com Mauss (2003b), obrigação e dívida estão intrinsecamente relacionados. Portanto, estar em dívida é a base do sistema moral que articula as mais diversas responsabilidades.

> *gente descia do trator pra trabalhar eu acho que o coração estava na barriga, de tanto balançado que a gente levava. (Simone. Entrevista concedida em maio de 2019).*

Simone narra ainda sobre as dificuldades que juntamente com sua mãe e sua irmã tiveram que enfrentar para garantir o sustento de casa:

> *Depois que a gente veio morar aqui em Jaraguá teve tempo de a gente passar necessidade. Aí à gente ia pra o mangue. A gente ia com mãe que meu pai não podia andar, pra pegar "assunique" (espécie de molusco). A gente ia juntar pra poder comer o miolinho, comi muito. Ia muito pra maré, a gente ia pescar de redinha*[79]*. Eu chorava demais, que eu colocava as redinhas e depois não acertava onde eu tinha colocado, eu chorava tanto. Eu perdia, e meu cunhado que achava. Dizia: "Simone essa não é minha é tua". Pelo lugar que estava ele sabia, tirava as minhas e me dava. Mas com o tempo, com a prática eu fui ficando experiente, de tanto a gente ir a gente vai conhecendo melhor o mangue. Por isso que eu digo a Michele, ela as vezes diz : "Mãe a senhora é muito misca (mesquinha), muito amarrada". Eu digo: "É pra saber dar valor às coisas que tem, se você tivesse sofrido o que eu sofri pra ter o que tem hoje, você sabia dar valor". (Simone. Entrevista concedida em maio de 2019).*

No relato de Simone, com a prática ela foi conhecendo melhor o mangue. Conforme Ingold e Kurttila (2000) esse *conhecimento tradicional local* é inseparável das suas práticas de habitar a terra. Isto ocorre pois são nas relações estabelecidas no ambiente que o conhecimento é gerado. Tal fato, no entanto, não significa que Simone carrega este conhecimento na forma de um mapa cognitivo dentro de sua mente. Ao invés disso, significa que essa *habilidade* foi adquirida com o tempo, na interação no ambiente. Ingold (2008) aponta que os sentidos da visão, audição e tato ocupam uma posição de destaque na aprendizagem. Os órgãos dos sentidos são meios efetivos da construção dos saberes e do habitar, bem como a mente e a cognição. Portanto, os sentidos não são frutos exclusivos dos órgãos, mas algo que conecta corpo e mente. Nessa perspectiva, o autor propõe que,

> *O movimento do praticante habilidoso responde contínua e fluentemente a perturbações do ambiente percebido. Isto é possível porque o movimento corporal do praticante é, ao mesmo tempo, um movimento de atenção; porque ele olha, ouve e sente, mesmo quando trabalha. É esta capacidade de resposta que sustenta as qualidades de cuidado, avaliação e destreza, que são características da obra executada com maestria (INGOLD, 2000, p.18).*

O aprendizado da técnica não se dá a partir da leitura de manuais didáticos, mas a partir da experiência cotidiana. O gesto operatório que permite a sua postura em movimento, o gesto eficaz (LEROI-GOURHAN, 1965). É neste sentido que todo

[79] Armadilha utilizada para a captura do caranguejo Uça (*Ucides cordatus*).

conhecimento está baseado em habilidade. Em suma, "o aumento do conhecimento na história de vida de uma pessoa não é um resultado de transmissão de informação, mas sim de redescoberta orientada" (INGOLD, 2010, p.19). Nessa linha argumentativa a noção de educação da atenção, é fundamental para refletir sobre os sistemas dinâmicos em que as atividades estão envolvidas. Os indivíduos aprendem, copiando as atividades de seus predecessores já capacitados. As habilidades são construídas através de tentativas repetidas a fim de alcançar o tipo de ajuste rítmico de percepção e ação que está na essência do bom desempenho. Os ritmos necessitam de engajamentos de cada praticante, no intuito de alcançar fluidez, modulando as práticas.

Ingold (op. cit.) atribui importância sobre a necessidade de atenção sobre como o sujeito, em seu percurso experiencial, constantemente se depara com situações novas e aprende a partir das percepções dessas experiências. Adotar esta perspectiva é utilizar como ponto de partida o engajamento ativo do indivíduo no ambiente. É entender que organismo e ambiente só existem na relação entre si. E sendo assim, então, o conhecimento não está localizado nem em um e nem no outro de forma separada (INGOLD, 2015). Nota-se que as formas de perceber o mundo são diretamente relacionadas à experiência. Como fica claro na trajetória de Simone, que passou a aprender sobre técnicas de cultivo e uso da terra, na sua experiência de trabalho[80] para a Usina Monte Alegre:

> *No tempo que a gente trabalhava pra usina teve uma época que tinha um terreno que não prestava pra plantar cana. Aí eles botaram a gente pra plantar feijão e roça, pra fortalecer a terra, porque o veneno das canas acaba com a terra. Aprendi mais sobre plantação, toda vida eu gostei de plantar. Quando a gente era pequena meu pai levava a gente para o roçado pra ajudar. Depois que a gente chegou aqui em Jaraguá meu pai botou um roçado na Gameleira. A gente ia todo dia. Ia de manhã pra escola e de tarde pra o roçado. Os meninos hoje que não pode fazer certas coisas. Mas na usina a gente aprendeu melhor sobre adubação e como combater os tipos de praga. Quando era pra panhar (colheita) era muita gente 50/60 pessoas, apanhando feijão, de manhã era pra usina e de tarde era pra gente. O que se aprende não se esquece! Planto até hoje... Michele me acompanha, limpa os matos, semeia, colhe. Todo mundo tem que ter uma ocupação. (Simone. Entrevista concedida em maio de 2019).*

[80] Nos anos 1980, quando os canaviais foram implantados, até o início dos anos 1990 era comum à utilização de mão de obra infantil durante a jornada de trabalho nos canaviais. Fonte em vídeo: "A árvore de Marcação", disponível em: https://www.youtube.com/results?search_query=%C3%A1+arvore+de+marca%C3%A7%C3%A3o.



Figura 40: Simone preparando o leirão para o plantio. Arquivo pessoal, 2020.



Figura 41: Simone plantando as sementes de alface. Arquivo pessoal, 2020.



Figura 42: Michele tirando as ervas daninhas do leirão. Arquivo da autora, 2020.



Figura 43: Simone regando os coentros. Arquivo da autora, 2020.

Ainda no tocante às relações de gênero, tem-se o caso de dona Fátima, que chefia seu grupo doméstico. A cooperação entre os membros se volta ao cuidado das crianças, preparo dos alimentos, cuidado com os animais e cuidado com os roçados. Os netos mais velhos auxiliam a avó no corte de capim para as cabras, coleta de madeira para fazer o carvão, além de levar e trazer os animais das pastagens para os currais.

O cuidado com o gado e o corte da madeira são arranjadas por dona Fátima, em suas palavras "a gente tem que trabalhar por cima de pau e pedra minha filha, a luta pra manter uma casa é grande, as coisas tem que ser feitas os meninos até ajudam, mas eles também estudam aí na falta deles é comigo mesmo". Por meio da descrição de determinados tipos de práticas é possível distinguir e entender que nas relações empreendidas existem obrigações morais que acabam fortalecendo os laços de reciprocidade tanto dentro quanto fora do grupo doméstico. Tais redes de relações e de reciprocidade contribuem para a reprodução do grupo doméstico no tempo, fortalecendo as alianças e o sentimento de pertencimento ao grupo conforme nos indica Firth (op. cit.).



Figura 44: Dona Fátima trazendo o capim para alimentar as cabras. Arquivo da autora, 2018.



Figura 45: Dona Severina retirando capim para alimentar o gado. Arquivo da autora. 2013.



Figura 46: Dona Fátima levando o gado do seu grupo doméstico para pastar. Arquivo da autora. 2012.

Os estereótipos associados aos tipos de ocupações e suas execuções são rompidos se comparados e confrontados pela realidade de atuação de algumas das minhas interlocutoras, nas quais trabalhos vistos como sendo "pesados" e os tidos como "leves" já não podem ser associados aos modelos predeterminados, pois os ultrapassam (PAULILO, 1987/2014; STANCKI, 2003). Deste modo, essa diferenciação é bastante imprecisa e possui marcantes traços culturais, uma vez que o que é considerado trabalho "leve" em algumas localidades pode ser visto, em outros lugares, como trabalho "pesado".

Sobre este aspecto, Chies (2010. p.511) afirma que:

> *Muitas vezes pela demarcação de pré-requisitos tidos como masculinos (força, resistência e liderança), a força de trabalho das mulheres é concebida como inferior. Essas diferenças impostas entre os gêneros que, na maioria das vezes, expressam um sentido de inferioridade à mulher são constituídas por um reforço ideológico que busca mascarar a realidade. Elas são frágeis, emotivas e irracionais, características concebidas como inerentes às mulheres e que garantem uma identificação rígida às diferenças entre homens e mulheres. Eles são racionais e fortes. A sociedade constrói características rígidas que demarcam o padrão de comportamento do mundo masculino e do feminino.*

Nesse mesmo caminho analítico, D'Incao e Cotta Júnior (2001) verificaram que a divisão sexual do trabalho volta-se mais ao plano cultural das mentalidades do que ao plano da força físico-biológica.

Ocorre que algumas atividades geralmente desenvolvidas pelas mulheres na esfera produtiva requerem algumas aptidões supostamente "naturais", a exemplo da capacidade de realizar tarefas repetitivas, monótonas e intensas, bem como uma maior habilidade para execução de algumas tarefas que demandam dedos pequenos e certa delicadeza e paciência. Como o exemplo da mariscagem, atividade de coleta dos mariscos em que se usam as mãos para "pegar" e "tirar" os moluscos da areia ou lama. Para o beneficiamento é preciso ferver o marisco para assim poder retirá-los de dentro da concha limpando um a um, muitas mulheres catam o marisco nas varandas e nas calçadas em frente às casas, elas repetem o mesmo movimento com os dedos e punhos milhares de vezes, o que pode ocasionar lesão por esforço repetitivo (LER). Depois de fervido e catado, o marisco é embalado em sacos plásticos que comportam, em média, 1 kg. Após este processo, a próxima etapa é armazenar o marisco para refrigeração.

Há uma associação à identidade “marisqueira”, sobretudo as mulheres se identificam desta forma. Os homens preferem serem chamados de trabalhadores do mangue ou pescadores, poucos se identificam como marisqueiros, pois afirmam ser um trabalho muito repetitivo e pouco rentável, sendo visto como inferior (FIGUEIREDO, 2014).

Faz-se necessário elucidar que não existem técnicas inatas. O objeto técnico está ligado ao contexto gestual que o torna tecnicamente eficaz, compondo uma cadeia de operações (LEROI-GOURHAN, 1965). Portanto, não devem ser associadas a determinado gênero. Como já posto, existem expectativas em torno do gênero, fruto de processos de socialização e educacionais na construção de papeis que se reproduzem e que buscam orientar as escolhas das ocupações “próprias para as mulheres” e o próprio limite colocado para as mulheres ao tentar conciliar os trabalhos internos à casa e aqueles externos.

Os aportes da história e da antropologia o evidenciaram amplamente: uma mesma tarefa, especificamente feminina em uma sociedade ou em um ramo industrial, pode ser considerada tipicamente masculina em outros (MILKMAN, 1987). Problematizar em termos de competências técnicas, ao contrário de um pensamento determinista, traz à tona os fenômenos técnicos, as habilidades, as destrezas e implica analisar engajamentos, temporalidades e itinerários específicos, bem como a emergência de novas configurações, que tendem a questionar a existência mesma destas divisões (INGOLD, 2000, 2012 e 2015).

Conforme apontei anteriormente, o cotidiano das mulheres potiguara é repleto de atividades. No próximo item discutirei sobre as estratégias e uso de recursos, considerando a esfera feminina nos aspectos que se referem ao planejamento e participação das mulheres como sujeitos ativos e centrais na organização doméstica, ao desenvolverem estratégias produtivas em diferentes espaços, que resultam na geração de renda familiar.

4.2 AS MULHERES E SUAS ESTRATÉGIAS DE GERENCIAMENTO E USO DOS RECURSOS

Mergulhar na cotidianidade também requer analisar os processos econômicos, a obtenção e uso de recursos, exige um olhar sobre as atividades técnicas e os impactos gerados internamente e externamente aos grupos. Mas pensar sobre esse universo

implica principalmente abranger a organização social do trabalho não somente por meio de seu caráter produtivo e econômico, mas também de todo o invólucro envolvido neste saber fazer. Nessa perspectiva, aponto à leitora e ao leitor, desde já, que não faria o menor sentido pensar que todos os indivíduos podem agir da mesma maneira nas mesmas situações. Há limites nas possibilidades de ação de cada ser envolvido em uma determinada tarefa. Nesses termos, as práticas são singulares e permitem, por um lado, refletir sobre as relações – também singulares.

Colocadas em perspectiva, as mulheres Potiguara, a respeito de como lidam com questões sociais que envolvem gênero, atividades ocupacionais, moral e economia, seja dentro do contexto doméstico ou para além dele, desempenham um papel imprescindível, pois as atividades desenvolvidas e a renda obtida por elas as tornam importantes participantes financeiras dentro de seu grupo, além da capacidade de decidir a forma como essa renda será utilizada – para gastos próprios ou com os familiares. O que indica autonomia feminina, que inclui a liberdade das mulheres para dispor dos produtos de seu trabalho e tomar decisões sobre suas atividades de forma independente.

Para entender esses processos, estudei o cotidiano das mulheres no sentido de tentar captar, mais especificamente, as estratégias por elas formuladas para assegurar a manutenção do grupo doméstico, como também observei (tanto quanto foi possível), investiguei e identifiquei as diversas atividades que desempenham, tais como: cuidar da família o que significa cuidar dos filhos, preparar a comida, cultivar alimentos, cuidar dos animais, dos afazeres domésticos, etc. Existem outros aspectos que confirmam um protagonismo das mulheres, seja em relação à manutenção do grupo doméstico, seja na preservação do patrimônio familiar.

Podemos concordar com Woortmann (1987) que as mulheres têm maior parte do controle sobre os recursos familiares e de parentesco, visto que desempenham papeis fundamentais na vida econômica doméstica, ao criarem alternativas de gerir a economia, administrar recursos e educar os filhos. Seyferth (2006, p.4) afirma que “às mães e avós, pela relevância que têm nos processos de socialização, atribui-se a tarefa de guardiãs dos valores culturais de uma imaginada comunidade de iguais”.

A participação efetiva das mulheres nas atividades domésticas, de pesca, agrícolas e de coleta constituem aspectos produtivos para obtenção de recursos de forma direita e/ou indireta. Existem grupos que só vivem da lavoura, e a pesca é uma atividade econômica secundária, outros só da pesca e a lavoura é que é secundária, e outros atribuem a mesma importância a ambas as alternativas econômicas. A depender do

contexto situacional as interlocutoras podem vir a assumir as tarefas designadas a seus maridos, como citado, em caso de alguma doença, ou quando seus maridos precisam sair da aldeia. Portanto, as divisões de trabalhos não são rígidas, a ponto de existirem determinadas tarefas unicamente designada para homens ou para mulheres. A realização das tarefas diárias é responsabilidade de todos do grupo que combinam, ao menos, mais de uma atividade. Isso porque grupos domésticos que põem em funcionamento um conjunto de atividades variadas necessitam, geralmente, da contribuição permanente do trabalho de todos os membros, pois a sua força de trabalho é decisiva na execução das mais diversas atividades.

Os critérios partem de uma lógica de cooperação tecno-econômica, cada membro do grupo doméstico possui suas obrigações, que não são fixas, funcionando de acordo com as necessidades e situações, todos os aspectos de socialização e educacionais estão relacionados a isso, desde criança você tem que aprender a levar o gado para pastar, a cortar capim, descamar o peixe, lavar roupa, etc. Portanto, do ponto de vista da cooperação, todos os membros do grupo doméstico contribuem para a obtenção de recursos. Nesses termos, essa organização doméstica se coloca como fator chave que permite a elaboração de estratégias de reprodução social do grupo ao longo do tempo, como bem postularam Wilk e Netting (1984). Ou seja, a dinâmica social e econômica das famílias impõe uma frequente redefinição dos papéis a serem cumpridos por homens e mulheres.

Como Stancki (2003) aponta, a divisão sexual do trabalho não deve ser pensada de forma homogênea e linear. Como já descrito, as delimitações de tarefas variam e assumem concepções distintas, podendo tanto os homens quanto as mulheres desempenharem atividades ligadas ao setor produtivo e reprodutivo. Mesmo que existam normas definidoras de atribuições relativas a homens e mulheres, essas podem variar de acordo com as situações e demandas vividas por cada grupo doméstico, havendo uma diversidade de arranjos, onde os papéis ocupacionais dos membros misturam-se no dia a dia de trabalho.

Dentro do contexto de atividades técnicas e econômicas, as mulheres Potiguara não apenas realizam as tarefas relacionadas ao lar e suas proximidades, percebe-se que elas ainda participam da vida pública, principalmente nos momentos de ida a feira, qual seja para realizar a venda ou a compra de alimentos. Além dessas atividades que se concentram principalmente na cidade, elas ainda desenvolvem trabalhos nos terreiros/quintais e nos roçados, principalmente no período do plantio e colheita, as

atividades no mangue/maré também se destacam. A realização dessas atividades envolve fundamentos de ordem material e imaterial, onde figuram também elementos ecológicos, como o funcionamento das marés e as estações do ano. A dimensão técnica que conduz a estas relações é aprimorada por conhecimentos físicos e químicos, que se voltam às habilidades provenientes de fluxos diversos, construídos a partir de uma gama de recursos experienciais.

No entanto, é necessário ponderar que o grau de atuação de minhas interlocutoras assume variações, dependendo do ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico[81] e dos pactos familiares. As mulheres atuam de acordo com o contexto local e com a posição específica que ocupam no interior do seu grupo[82] e nas relações mais amplas.

Tais questões mostram que a participação das mulheres enquanto sujeitos ativos da organização doméstica é um fato, nas atividades agrícolas, de coleta, de pesca e na transformação e beneficiamento dessas produções, enfim, nas estratégias produtivas desenvolvidas nos diferentes espaços, que resultam na geração da renda familiar, aumentando o seu poder de decisão e de gestão no interior de seus grupos. Sendo assim, elas possuem uma significativa importância na dinâmica da unidade doméstica.

Nas falas de algumas interlocutoras é comum que façam referência à obrigatoriedade dos serviços domésticos, principalmente das refeições estarem prontas em horários definidos, conforme a necessidade dos membros da família. Quer dizer que elas precisam organizar o tempo para preparar as refeições e fazer a manutenção dos demais serviços domésticos, quais sejam: varrer a casa, espanar, lavar a louça, lavar as roupas etc. Em muitos casos as filhas auxiliam as mães nessas tarefas, e geralmente o almoço é servido às 11 horas. As mulheres que trabalham também fora de casa,

---

[81] Fortes (1958) dividiu o que chamou "ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico" em três fases. A primeira refere-se à fase de expansão, quando ocorre a união entre duas pessoas e a formação da família. É nesta fase também que os filhos estão sob o domínio dos pais de forma efetiva, econômica e juridicamente. A segunda fase de dispersão ou cisão ocorre com o casamento dos filhos. Com a nova geração da família dos filhos formada, dá-se início a terceira fase de substituição, que se concretiza com o falecimento dos pais e a reposição da família.

[82] Dependendo do grupo, seus integrantes poderão dar mais ênfase a determinadas atividades, o que dependerá muito do nível de controle que estes sujeitos têm dos ambientes em que tais atividades são desenvolvidas. As famílias que possuem mais espaços cultiváveis são geralmente aquelas mais opulentas, isto porque, diferentemente do pastoreio do gado e da pesca no mangue, que são realizadas em lugares de uso comum, as terras destinadas à agricultura, embora não formalmente, são de domínio particular, mantidas sob a jurisdição de uma determinada parentela. Desta forma, devem ser consideradas as estratégias para acessar e acomodar os espaços e os recursos presentes nestes, para que o grupo possa melhor se afirmar a nível local, bem como se reproduzir como unidade de produção e de consumo. Nesses termos, ter controle sobre um espaço geográfico e buscar ordenar o acesso a ele é fundamental para a organização doméstica (ARAÚJO, 2019).

geralmente em atividades domésticas remuneradas em outros domicílios, ao saírem deixam o café da manhã pronto e no retorno à tardinha preparam almoço para o outro dia. Varrem e arrumam a casa e, no fim de semana, dão conta do restante do serviço que se acumulou durante a semana.

A necessidade de complementação da renda familiar faz com que as mulheres assumam diversas atividades, tais como vendas de alimentos (hortaliças, picolé, cocada, tapioca, bolo, coxinha, pastel etc.), corte e costura e confecção de artesanato em crochê (sendo, usualmente, confeccionados panos de prato, tapetes, peças para decoração, centros de mesas e conjuntos de banheiro e cozinha). Na rotina diária, porém, as tarefas da casa ganham prioridade. Para dar conta dos compromissos, as mulheres acordam em torno das cinco horas da manhã e dormem entre nove e dez horas da noite:

> *Acordo de cinco horas da manhã, já vou para o meu fogo de lenha, que eu tenha gás ou não. Já virou costume. Aí vou, boto café no fogo, vou aguar minhas plantas, depois vou varrer meu quintal e vou fazer as coisas dentro de casa, varrer, espanar. Quando eu penso que não dá nove horas. Vou cuidar no almoço. (Ediene. Entrevista concedida em janeiro de 2023).*

Segundo algumas interlocutoras, os homens não se sentem constrangidos quando as mulheres ganham mais dinheiro que eles, pois esta é uma maneira de contribuir com a renda doméstica. Desta forma, existe assim uma ideia de que a mulher é uma parceira do homem, mais do que alguém dependente. Conforme o depoimento de Sônia:

> *Aqui em casa quando se precisa fazer uma coisa Silvinha faz. Ele lava roupa comigo, estende. Se eu tô querendo temperar um peixe ele descasca e raspa o coco. Lava o banheiro. Ele não estando na maré, tá sempre fazendo uma coisa e outra. A gente se ajuda. A gente é parceiro. (Sônia. Entrevista concedida em dezembro de 2016).*

Silva (2019) em sua etnografia sobre questões de gênero em um grupo doméstico Potiguara aponta o fato de não existir um suposto "chefe do lar", ambos, marido e esposa são responsáveis pela obtenção de recursos, fazendo mais sentido utilizar a categoria "função doméstica" para enfatizar que as funções não competem a um determinado gênero. Heilborn (2004), em seu estudo sobre a vida de casal no cotidiano, através dos mecanismos de gostos e afinidades, aponta que o casal se sustenta na delegação mútua de autoridade, apoiado num arranjo que é construído nas interações diariamente.

Os homens realizam tarefas domésticas principalmente quando as mulheres adoecem (se não houver outra mulher em casa) ou precisam ir até o centro da cidade ou acompanhar algum doente em consultas médicas. Eles executam as incumbências de

acordo com as orientações que recebem das mulheres. Conforme a narrativa do Senhor Ramiro:[83]

> *A mulher está de repouso, porque precisou fazer uma cirurgia da tiroide. Eu que tô fazendo tudo em casa, café, arroz, feijão. Ela só mandando: "Olha, faz isso assim! Faz aquilo...". Até forrar a cama eu forro porque ela não pode se abaixar. Para cozinhar, ela vai dizendo como é. Aí eu faço. Ontem eu botei uma coisinha a mais de sal no arroz. Aí hoje ela já disse: "Cuidado no sal, viu?" Eu começo cedo, cinco horas da manhã já faço o fogo, nove horas o almoço já está pronto. Mas na maré eu cozinho do meu jeito. Lá é comigo. Aí já tô acostumado. (Ramiro. Entrevista concedida em setembro de 2022).*

Nesses termos, a mulher delibera sobre o que cada membro terá que fazer, orientando como deve ser feito. Quer dizer que maridos ou filhos podem não se envolver com o preparo das refeições porque, primeiramente, esta tarefa é uma "obrigação" da mulher e, além disso, podem "não saber fazer direito" a comida. Dessa forma, precisam ser orientados. Cumpre ressaltar que o preparo de alimentos não é algo distante do conhecimento e do cotidiano para seu Ramiro, pois durante as pescarias ele costuma preparar a comida ("a seu modo, como diz"). Esta modalidade de execução das tarefas domésticas não significa separar radicalmente e o tempo todo "trabalho de homem" e "de mulher", mas que em algum momento pode ser que os homens tenham que se envolver com o preparo de algum alimento ou enquanto auxiliares para isto.

Por mais que os homens se ausentem da casa durante as pescarias e/ou nas idas aos roçados, eles participam da manutenção do grupo, ao realizar algum serviço doméstico a exemplo de atividades como carregar água das cacimbas (v. Fig. 47) e apanhar madeira seca do mangue para o fogo. Tais atividades ocorrem fora do espaço residencial e nem por isso deixam de ser trabalho doméstico.

Esse campo experiencial cria diferentes percepções entre homens e mulheres, laços de cooperação, competências técnicas e responsabilidades em relação à família. Tanto cuidar da casa e das crianças, quanto cuidar do gado, pescar e/ou cultivar o roçado institui uma rede de cooperação entre as mulheres e os homens. Por meio desses distintos modos de sociabilidade e cooperação se constrói um campo de conhecimentos e

[83] Seu Ramiro (64 anos) antigo pescador nasceu em Jacaraú e casou-se com Maria, natural da aldeia Jaraguá, e pescadora aposentada, juntos tiveram três filhos. A cooperação entre os membros se volta ao cuidado com as crianças e na lida com os animais e na pesca.

deveres, uma *moralidade sociotécnica*[84], que garante a preservação da vida do próprio grupo.

Assim, os integrantes dos grupos domésticos pesquisados se adaptam às condições ecológicas limitantes, criando alternativas para o desenvolvimento das atividades produtivas através da elaboração de estratégias de acesso e uso de recursos, bem como da organização do trabalho de seus membros.



Figura 47: Otávio[85] e seus irmãos mais novos enchendo garrafas PET com água da cacimba. Arquivo pessoal, 2022.

Os companheiros também são cientes da importância da mulher na gestão dos recursos. Nesse sentido, temos o exemplo de Sônia, de acordo com ela, inicialmente a venda dos peixes ficava a cargo de seu marido, Silvinha, no entanto Sônia percebeu que

[84] Ver o trabalho de Joelma Nascimento (2021).
[85] Filho mais velho de Cristina. A cooperação entre os membros desse grupo doméstico envolve o cuidado com os animais e a lida com os roçados e com o mangue/maré.

não estava rendendo muito lucro, por isso decidiu se dedicar a esta atividade. Para tanto, Sônia fez um empréstimo e comprou um freezer para armazenagem dos peixes, foi por meio da venda dos pescados que ela e seu marido conseguiram juntar dinheiro para a construção da casa de alvenaria. A pesca é a principal fonte de recurso desse grupo, em segundo lugar vem o dinheiro arrecadado com a venda das hortaliças de Sônia:

> *Logo no começo quando a gente se juntou Silvinha inventou um bocado de coisa. Aí nessa época os meninos tudo pequeno, ele foi pra usina, não deu certo que o ganho era pouco. Aí a gente vivia do consumo de maré, ele pegava caranguejo. Aí a família foi aumentando foi ficando mais difícil. Aí o tio dele arrumou um trabalho na usina*[86] *pra trabalhar certo. Aí ele foi mas também não deu certo, o ganho era muito pouco. Aí ele disse: "Sabe de uma coisa, eu vou embora pra são Paulo". Nesse período ele passou um ano, também não deu certo. Quando ele foi eu fiquei grávida do menino que me operei (fez ligação das trompas). Quando ele chegou Rafael estava com quatro meses. Aí o pai dele chamou: "Vamos pescar mais eu! Aí ele começou a pescar com o pai dele. Aí eles pescavam e dividiam, foi o tempo que o pai dele morreu. Aí ele disse todo tempo que eu morrer essa rede é sua, é tanto que quando o pai dele morreu ele sofreu muito. Ele se acostumou a pescar (Sônia. Entrevista concedida em dezembro de 2016).*

O relato de Sônia deixa claro que o grupo doméstico se organiza de diferentes formas ao longo do tempo, elaborando estratégias para lidar com mudanças e constrições (Wilk, 1987).

[86] O trabalho assalariado nos canaviais é uma fonte de renda disponível e importante, que é sazonal, ou seja, intercalado com períodos de desemprego. Quando as atividades nas plantações de cana são concluídas, após um período de seis ou até sete meses desde o início daquela safra, há uma maior concentração de esforços nos roçados e no mangue/maré.



Figura 48. Sônia vendendo o peixe capturados na maré por seu marido Silvinha. Arquivo pessoal, 2012.



Figura 49. Sônia pesando o peixe. Arquivo da autora, 2012.

Sobre a administração dos recursos, Sônia é responsável pela compra das roupas e pelo pagamento das contas, além de realizar a compra dos alimentos:

> *Se ele pesca e ele pega o peixe. Eu é quem vendo. Eu é que pego no dinheiro. Eu é que administro tudo o que tá precisando, porque tem semana que a gente arruma hoje, tem semana que ele faz só uma camboa (reentrância na margem do rio). Aí o ganho já é pouco. Aí eu já fico prevenida que pra semana já tem o papel de luz. Aí eu já tô pensando naquela outra semana que o ganho vai ser melhor. Aí já administro ali pra pagar uma prestação. Já fico pensando ali pra pagar um papel de luz, se precisa de uma sandália é eu que vou na feira e compro. Se precisa de uma*

> *roupa eu que vou lá e compro. Dependem de mim. (Sônia. Entrevista concedida em dezembro de 2016).*

O dinheiro é administrado por Sônia, mas a quantidade arrecadada vai depender da maré, ou seja, para uma boa pescaria se faz necessário ter o domínio de técnicas eficientes e conhecer o comportamento dos animais conforme os movimentos das marés. O período chuvoso não é propicio para a pesca, nessas ocasiões o grupo doméstico se utiliza do gado, que é vendido para complementar à renda.

Como posto, a mulher também participa da cadeia produtiva da pesca[87], pois cabe a ela tratar o pescado trazido da maré e, muitas vezes, comercializá-lo nas feiras, além de confeccionar parte dos instrumentos de pesca, bem como preparar parte da alimentação que vai a bordo, como é o caso de Célia que contribui com o sucesso das atividades de pesca de seu marido de apelido "Urêa". Na imagem podemos visualizar Celia preparando as "gaitas"[88](v. Fig. 50).

Conforme Palitot (2015, p.187),

> *A intimidade dos moradores de Jaraguá com as águas e as atividades pesqueiras é constantemente demonstrada nas narrativas sobre o cotidiano e, apesar da dureza das atividades pesqueiras, as pessoas de ambos os sexos demonstram orgulho e afeto pelo que fazem, não sendo vedado às mulheres pescarem e coletarem o que quer que seja no manguezal. Inclusive, muitos casais, quando mais jovens, pescavam juntos na maré.*

[87] Escallier (1999) afirma que as mulheres de famílias de pescadores são as principais articuladoras da rede social, uma vez que são responsáveis pela comercialização dos pescados e gerenciamento das finanças.

[88] Planta de espinhos encontrada no mangue de nome "salambaia". Seus talos são utilizados para prender as redes. Depois de retirados são chamados de "gaitas".



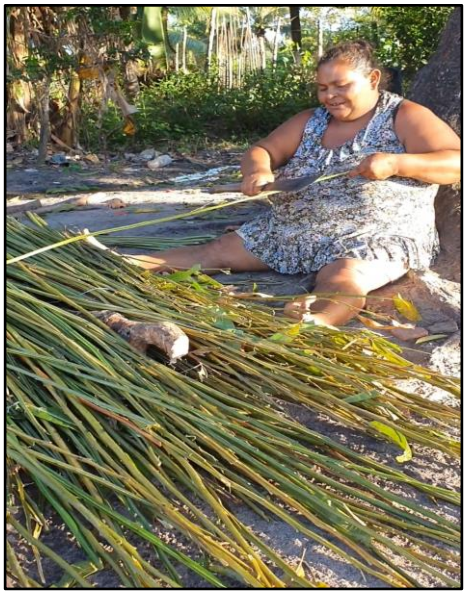







Figura 50: Célia tirando os espinhos das “gaitas” com um facão. Arquivo pessoal, 2021.

Ediene se identifica enquanto mulher pescadora. Como já posto, ela aprendeu varias técnicas de pesca e coleta com seu pai Agemiro. Além disso, Ediene repassa esse saber para os seus cinco filhos, que como ela mesma diz “foram criados na maré”. Ou seja, vê-se que o aprendizado está intimamente imbricado com as relações de parentesco. Tais conhecimentos são transacionados a partir da repetição e da imitação de atos bem sucedidos (MAUSS, 1974). Nesses termos, viver do mangue/maré significa estabelecer comportamentos e rotinas diárias entrelaçadas com este ambiente (ARAÚJO, 2017). Para Cardoso *et al.*, (2012, p. 28) o mar e os rios são ligados por uma região estuarina denominada de maré (Fig. 51), é nela também onde são encontradas as croas, (bancos de areia, onde aparecem com maior frequência quando a maré está seca – Fig. 52).



Figura 51: Maré das Pedrinhas. Arquivo pessoal, 2022.



Figura 52: “Croa do Soinho”. Arquivo pessoal, 2013.

Pude acompanhar Ediene em uma de suas idas à maré para captura do caranguejo “goiamum”. Impressionou-me o conhecimento tão grande e rico de Ediene em relação a essa prática e ao ambiente em que ela é desenvolvida, sendo capaz de localizar os buracos/tocas dos animais e utilizar armadilhas para capturá-los de maneira muito habilidosa, o que está relacionado com sua percepção e competência corporal, ao estar exposta ao sol, nas posturas curvadas e nas sutilezas de mãos ágeis, ao armar a “ratoeira” próximo ao buraco de forma que, quando o caranguejo sair, ele vá direto para a armadilha. Para isso acontecer, é preciso ter muito cuidado no uso do facão. É muito importante após acomodar a ratoeira em frente ao buraco, tapar as laterais com pedra ou galhos, de maneira a evitar que ele escape.

De acordo com Ediene, o caranguejo pode “cismar” se entrar alguma areia em sua toca. Eles “cismam” e não saem do buraco, portanto, os caranguejos têm agência. Parafraseando Ingold (2000), as relações estabelecidas são fundadas na adaptação das habilidades cognitivas ao ambiente, ou seja, o mundo só é experimentado com e ao redor dele, o que se liga às capacidades de agir, pensar e estabelecer relações entre si e com o mundo do qual se faz parte. Tal dinâmica conforma os conhecimentos baseados nas experiências de Ediene, bem como na construção do seu corpo e da sua corporalidade (v. sequência de fotos abaixo).



























Figura 53: Ediene armando a “ratoeira”. Arquivo pessoal, 2023.

A observação e a escuta das narrativas de Ediene me permitiram avaliar que há um processo contínuo de construção no decorrer da vida, percorrido em aprendizados que se iniciam na infância e se aprimoram na vida adulta, por meio da repetição e da imitação cotidianas. A forte relação com o mangue/maré presente no interior desse gru-

po doméstico fez com que o esposo de Ediene, Francisco, passasse a aprender técnicas de pesca e coleta na convivência com Ediene e com seu sogro e cunhado, fortalecendo os laços de afetividade e de cooperação interna ao grupo:

> *Hoje em dia meu pai não pesca com tanta frequência por conta das dores na coluna. Aí hoje em dia meu esposo já aprendeu a pescar também comigo, com meu pai. Aí assim ele já tá indo pescar com meu irmão em Lucena. E já aprendeu a remar também. Meu pai vai se encostar (aposentar) e ele vai ficar indo com meu irmão. Aí eles trazem o peixe e dividem. A gente tem pra o consumo e quando tem pra sobrar, eu vendo. (Ediene. Entrevista concedida em janeiro de 2023).*









Figura 54: Ediene “tratando” (limpando) os peixes capturados por seu esposo, Francisco, e seu irmão “Painho”. Arquivo pessoal, 2013.

Cássia e sua mãe são responsáveis pela limpeza e venda dos peixes capturados por seu irmão Caboquinho. De fato, os diversos trabalhos desenvolvidos pelas mulheres conjuntamente com os outros membros do grupo doméstico são estratégias de sobrevivência que interferem diretamente nas diferentes esferas de atuação, produtiva e reprodutiva.



Figura 55: Cássia e sua mãe realizando a limpeza dos peixes amoré, para serem vendidos na feira local. Arquivo pessoal, 2018.

Ademais, muitas mulheres são chefes de família e garantem, portanto, sozinhas, o sustento da casa, mesmo quando elas vivem junto com o marido ou companheiro. Simone afirmou que juntamente com sua irmã e sua mãe passou a assumir despesas de casa desde que seu pai foi acometido por uma doença que impedia sua liberdade de locomoção. De acordo com ela:

> *A gente trabalhava na mesma coisa. A gente ganhava uma mixaria, era na época do cruzado ainda. A gente ganhava por semana. Hoje o dinheiro é no banco com cartão, no meu tempo tinha as coisas pra vender na usina mesmo, de tudo tinha lá, minha mãe comprava na feira que era mais barato. Na usina cobrava juro, passamos três anos trabalhando. Quando a gente saiu, porque éramos de menor, o Ministério do Trabalho caiu em cima. A*

> *gente teve direito a um dinheiro eu e minha irmã. Foi com esse dinheiro que a gente comprou o material pra construir uma casa. (Simone. Entrevista concedida em julho de 2019).*

Simone também relatou que após sair da Usina, conheceu seu marido Valdo, mas o trabalho sempre foi constante, em suas palavras:

> *Quando eu vim morar com valdo não foi diferente não, muito trabalho. Porque na época Valdo pegou tudo o que tinha pra trocar num carro velho, empurrei tanto aquele carro. Só vivia quebrando, sofri tanto... Valdo botou um aluguel de bicicleta. Aí me ensinou a remendar cama de ar e arrumou um emprego na Usina Japungu. Eu fiquei alugando as bicicletas. Todo dia eu arrumava o dinheiro do pão. Alugava muito, e remendava os pneus também. Depois acabou esse negócio de alugar bicicleta, e fui pra o roçado, como tô até hoje. Vou plantar maniva[89], tô terminando de limpar o mato pra plantar. A gente fez farinha agora pouco, lá na jaqueira. Semana passada a gente fez, pra o consumo de casa. O pai dele (José) que meche, eu fui arrancar com o tio dele de manhã, de tarde a gente raspou (a mandioca), chegamos em casa de meia noite. (Simone. Entrevista concedida em julho de 2019).*

Outro exemplo importante é Dona Nininha (70 anos). Pescadora há mais de 50 anos, vai três dias semanais catar ostras no mangue, atividade tida como masculina. Seus cinco filhos já casados (quatro homens e uma mulher), com exceção do mais velho, trabalham na pesca. Ela é a matriarca do grupo doméstico, em sua trajetória, como ela mesma diz, "nunca dependeu de homem nenhum": "Sempre tudo foi comigo, criei meus cinco filhos na maré".

> *Minha filha, eu vou morrer assim, trabalhando. Não quero parar não, se parar eu adoeço. Desde criança minha vida é trabalho, não é porque tô ficando velha que vou perder a coragem. Graças a Deus coragem não me falta. A maré é minha segunda casa, me sinto feliz. Tem gente que fala pra mim parar pela idade, mas é minha vida, é o que me sustenta até hoje. (Dona Nininha. Entrevista concedida em agosto de 2019).*

Dona Nininha atribui muita importância ao trabalho, afirmando ser um possibilitador importante na construção de sua vida. Portanto, é compensatório em termos econômicos e também emocionais. Afinal é o que garante a continuidade de seu grupo doméstico. Sobre sua intuição para coletar os moluscos ela afirma:

> *Deus é quem dá pensamento a gente. Eu tô em casa aí vem o pensamento. Olha tu vai para aquele canto que tem ostra, que nem ontem mesmo. Eu digo eu vou, cheguei aqui meti a mão pra riba (cima), desci e fui embora. Cheguei lá comecei a tirar, só num sapateiro eu tirei quase um palmo, dentro do mangue, queria que tu visse! Aí eu tirei trouxe pra canoa e subi. A maré tava baixa. Eu subi, andei umas três voltas dentro da camboa, e fui tirando, tirando. A camboa é larga, agora tanto de um lado quanto do outro*

[89] Rama da mandioca.

cria ostra. É ciência, é uma coisa importante de Deus. Eu vou pra longe. Eu vou daqui pra onde tem duas curvas, e quando eu chego, eu entro pra sair lá em Três Rios. Eu vou pra cabeceira de Três Rios. Ontem eu fui e ainda tirei um saco de ostra e hoje vou pra lá de novo ver se eu encontro mais alguma coisinha. (Dona Nininha. Entrevista concedida em janeiro de 2023).





Figura 56: Dona Nininha indo coletar ostras na maré. Arquivo pessoal, 2022.

A rotina de Dona Nininha é preenchida por uma gama de atividades que envolvem o carregamento de peso, o equilíbrio na navegação de sua canoa, a rapidez e força para catar as ostras, respeitando uma sequência de comportamentos operatórios que requerem movimentos e ritmos muito precisos, que precisam ser cumpridos para sucesso das atividades (LEROI-GOURHAN, 1984). Tais cenas trazem a tona uma educação do corpo além da percepção sensorial, do quanto um adestramento do corpo é imprescindível para a execução (MAUSS, 1974). O trabalho com as ostras exige o contato do corpo, enquanto instrumento de trabalho, passível de ser sujado, machucado, de ser experimentado. Seguindo Mauss (op. cit. p.372) "o corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem. Ou mais rigorosamente … o primeiro e o mais natural objeto técnico do homem, e ao mesmo tempo meio técnico".

Ao acompanhar Maria (38 anos) em algumas de suas atividades no cultivo da ostra (ostreicultura), pude observar o esforço que ela faz ao longo do dia, como, por exemplo, ao carregar sacos cheios de ostra (v. Fig. 57), permanecer na mesma posição por longos períodos, como ocorre quando passa horas sentada em um banquinho limpando as ostras.









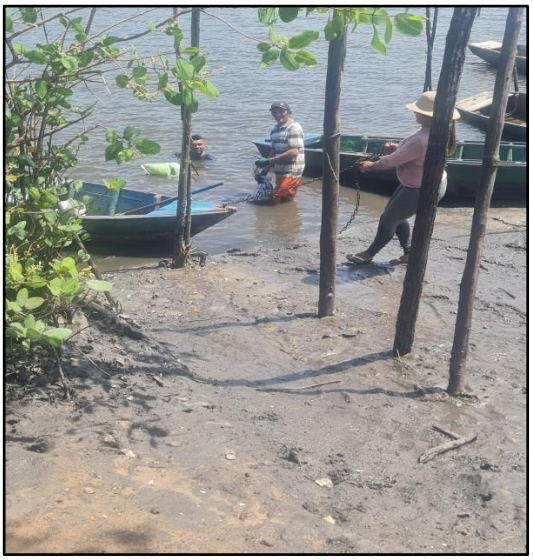








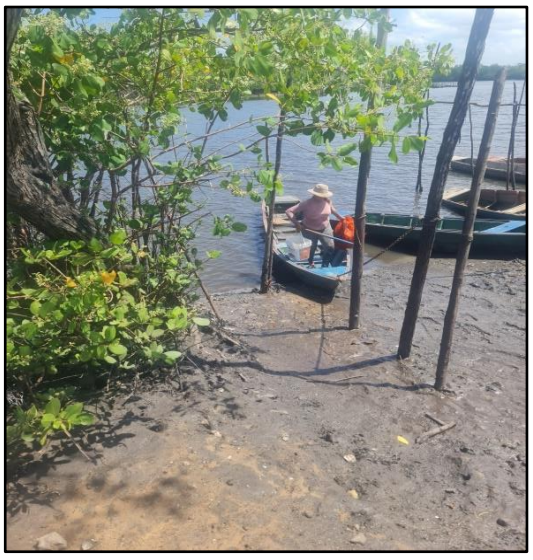












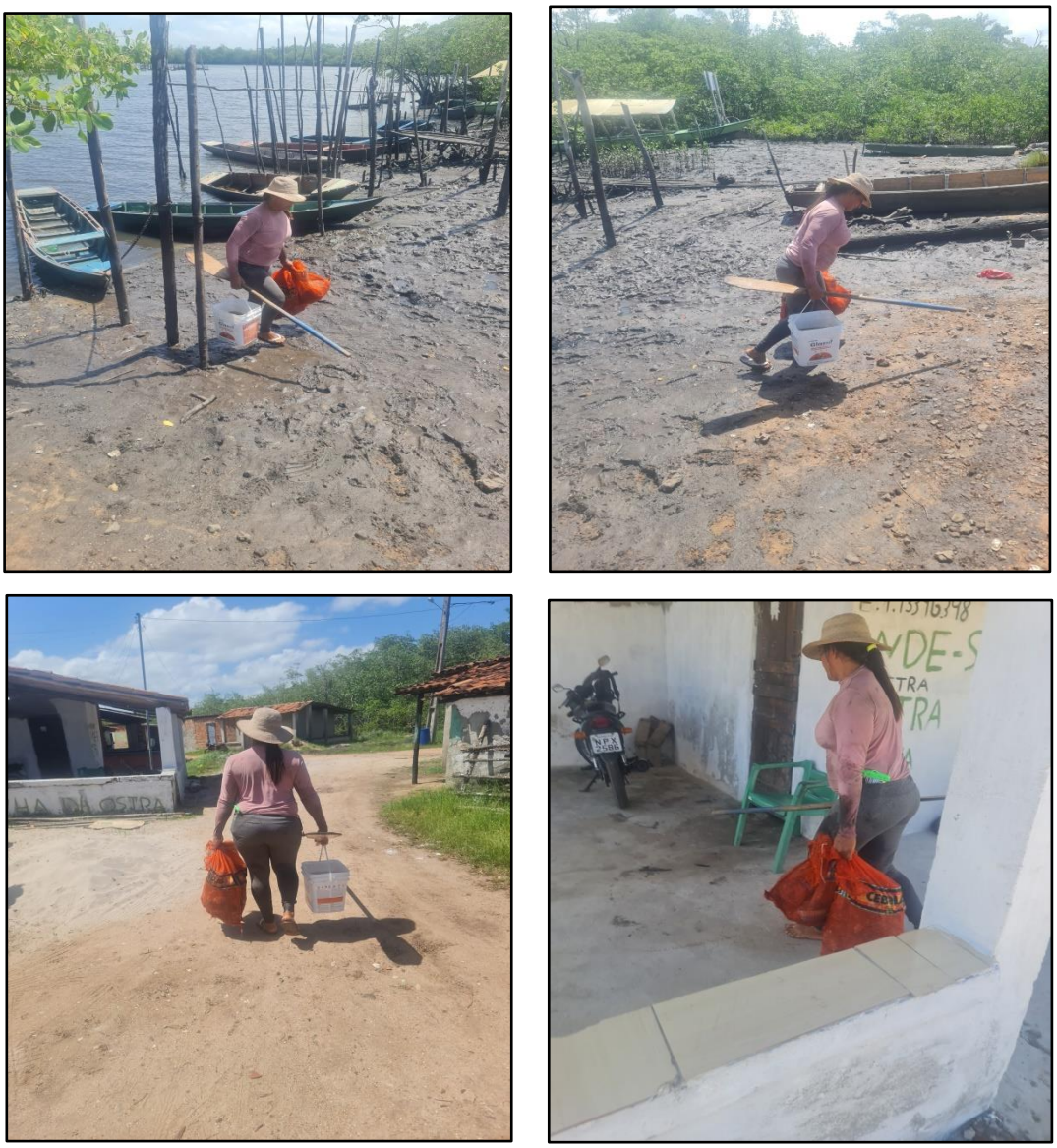


Figura 57: Maria trazendo os sacos de ostras que coletou nos viveiros para limpeza. Arquivo pessoal, 2023.

O peso dos sacos de ostras, a repetição de movimentos, a atenção ao comportamento da maré enquanto se trabalha, instaura a complexidade destas atividades. Conforme Mauss (op. cit.) e Leroi-Gourhan (1965), o uso deste corpo como instrumento, coloca em evidência o desdobramento de habilidades e procedimentos que são próprios de cada corpo. Trata-se, sobretudo, de observar o lugar de uma ritmicidade corporal orientadora da ação humana, numa combinação entre movimento e a forma que exteriorizam a ação operatória sobre as coisas.

O relato de Maria sobre as etapas de coleta, cultivo e limpeza das ostras para venda confirma tais colocações:

> *A gente primeiro retira as ostras dos troncos do mangue com facão e depois coloca nos viveiros pra elas desenvolver. Quando ficam com um tamanho bom, a gente escolhe as ostras maiores, enche aqueles sacos ou aqueles caixotes e depois faz a limpeza com faca ou punhal. Tem uns sururu grudado nas ostras, que tem que tirar. Eles matam as ostras. Eles se fixam na boca dela e impedem dela crescer. Aí quando tem muito tem que tirar tudinho e botar de novo no viveiro. A gente separa as maiores para venda, viva. Vendo cada a um real, e ainda acho barato, porque lá nos restaurantes eles vendem a cinquenta reais, até mais. Aí depois a gente tira as pequenas que ficam grudadas pra voltar para o viveiro até atingir o tamanho adequado. As que quebram, a gente tira da concha e vende por quilo, cozidas. Não perdemos nada. Os atravessadores levam as ostras pra Natal, pra Pipa, Tibau do Sul (Rio Grande do Norte). As ostras vêm daqui. Agora aqui tem ostra. Você pode botar um pau, até um sapato, que vai dar ostra, mas lá (no Rio Grande do Norte) não! Mas eu saio no mundo pra vender também, né? Faço minhas viagens também pra vender nas aldeias vizinhas. Vou pra Baía da Traição, vou pra Barra de Mamanguape, vou pra Recife, vou pra Natal. No Carnaval, que está chegando agora, vai ter muito movimento. (Maria, Entrevista concedida em janeiro de 2023).*

Ao observar Maria no decorrer do trabalho de limpeza das ostras percebi sua agilidade, a rapidez, a força, os movimentos com as mãos, a posição de seu tronco, de suas pernas, de seus ombros, de um corpo que foi se moldando conforme as experiências da cata e cultivo de ostras. As habilidades perceptuais e motoras envolvidas nessa prática são determinadas pelos modos como Maria compreende e se relaciona com o mundo a sua volta. Nesses termos, os conhecimentos e habilidades são processos elaborados o tempo todo, por meio das experiências e engajamentos práticos (INGOLD, 2015).

Para delinear a cadeia operatória envolvida na limpeza das ostras realizada por Maria, capturei por meio de fotografias eventos que pude observar em momentos específicos. Sequências de ações resultantes de certos movimentos, de gestos, de um aprendizado prático que se volta a um campo de racionalidades, operações e percepções (LEROI-GOURHAN, 1965). Lembrando que a limpeza das ostras é apenas uma atividade técnica que se articula em várias cadeias operatórias de um nível mais amplo, que forma o processo técnico.



Figura 58: Ostras a serem limpas. Arquivo pessoal, 2023.











Figura 59: Maria realizando a limpeza das ostras para posterior venda. Arquivo pessoal, 2023.

É importante destacar que na lida com as ostras são muito comuns os acidentes de trabalho com perfurocortantes, a exemplo dos cortes com foice ou facas usadas para cortar a vegetação e para retirar as ostras, de acordo com Maria:

> *Se eu te contar, mesmo com as luvas eu me corto muito com pedaços de pau de raízes e troncos do mangue, com as ostras, tanto no trabalho no viveiro, quanto na limpeza. Olha só meus dedos, tudo cortado, mas faz parte, né? Minha infância foi aqui nesse mangue com minha mãe e até hoje é nosso meio de vida. (Maria, Entrevista concedida em janeiro de 2023).*



Figura 60: Mãos de Maria com cortes provenientes da lida com as ostras. Arquivo pessoal, 2023.

Cássia também reflete sobre o trabalho enquanto um possibilitador importante na construção de sua trajetória, material e simbolicamente, entendendo-o como o que garante a manutenção de sua família. Reconhece que trabalha bastante, mas que é grata por ter saúde para trabalhar:

> *Tenho minha casa, tenho meus três filhos e saúde para trabalhar! Querer mais o quê? O que eu quero é isso! Têm muitas mulheres nas calçadas. Eu corro o dia todo, e tem gente que só vive sentada nas calçadas... Não plantam um pé de feijão! Eu vou pra maré, vou pegar caranguejo, amoré, eu faço um ensopado, quando eu quero eu vou lá e pego, porque a maré tá ai só não pega quem não quer, mas cada um tem uma mente. (Cássia. Entrevista concedida em março de 2018).*

A administração dos recursos também é feita por Cássia, afinal o seu companheiro vive mais fora de casa, resolvendo os problemas da aldeia, por ser uma liderança. Cássia diz resolver a maioria dos problemas, pois seu marido realiza muitas viagens, mas quando está em casa coopera com as atividades, principalmente com o trabalho no roçado e no trato do gado. Ou seja, ela realiza tanto trabalhos internos quanto externos e também recebe auxilio dos filhos e marido.

> *Acordo bem cedo e coloco farelo pras galinhas e fico chamando elas, cheguem minhas filhas comer, o dia já amanheceu! Depois vou fazer o café que eles (marido e filhos) não comem pão, é macaxeira, batata ou cuscuz. Aí vou fazer o fogo, depois boto arroz no fogo, feijão e macarrão por ultimo que vou fazer a mistura (carne). Aí depois eu venho amarrar os gados. Aí quando eu venho dos gados, vou botar ração para os peixes. Aí tem que botar água pra dentro do viveiro. Aí chego em casa vou lavar prato, vou lavar uma roupa, varrer a casa. Os meninos também ajudam, mas é assim, tô sempre fazendo alguma coisa, não paro não. Eu que organizo as coisas de casa, Aníbal só vive mais no trabalho, e também viaja pra João Pessoa e até pra Brasília quando aparecem reuniões. (Cássia. Entrevista concedida em março de 2018).*

> *Quando Aníbal recebe o salário é todo pra minha mão. Aí a gente compra lá no mercadinho do meu compadre. Aí a gente paga por mês, e todo sábado eu faço minha feirinha. Eu não vivo comprando em prestação porque se eu comprar vai faltar a carne dos meus meninos e as frutas deles. Aí eu não compro não. Aí eu vou olhar lá, no mês quantos sábados tem, que é para chegar o mês que ele vai receber. Aí a gente já tira o tantinho do dinheiro. Quando eu tenho um dinheiro assim do feijão que eu vendo, ai eu compro as roupinhas deles. Tem que comprar pra todos três. Eles não arengam (brigam), esse mês mesmo eu disse olhe Aníbal vamos comprar umas bermudas pra Iratan, que ele tá sem bermuda pra ir para o colégio. Aí ele me deu o dinheiro eu fui naquela lojinha em Mamanguape. Aí comprei umas bermudinhas pra Iratan, e umas camisas pra Ubiratan, que as deles estavam curta e ele só gosta de camisa comprida e uma calça também. Aí compra uma blusinha pra menina. Eu passo macaxeira pra escola, coentro, goiaba, inhame, pra merenda quando falta eu compro, já ajudo outra pessoa. Aqui eu tenho feijão, batata, banana, tudo plantado, eles comem de tudo. Vendo*

> *minhas coisinhas, mas tem que ter controle das coisas. (Cássia. Entrevista concedida em março de 2018).*

Observa-se que no discurso há uma posição da própria Cássia num primeiro plano. O seu trabalho não é mera "ajuda", logo, seu papel é de protagonismo. Este relato mostra um leque de atividades laborais: casa, filhos, lavoura e animais. Daí o entendimento do uso do termo "ajuda", como se comportasse apenas uma contribuição e não um domínio integral dos processos de trabalho (HEREDIA, 1979).

É importante atentar-se ao próprio engendramento de Cássia, que não separa as atividades enquanto internas e externas, ou seja, entre binaridades público e privado. Corroborando com a assertiva da atuação da mulher não somente dentro de casa, ou somente fora de casa, mas em ambos. Cássia toma decisões com relação ao uso dos recursos destinados ao consumo doméstico bem como a vendas eventuais de bens alimentícios. No entanto, é importante destacar que os demais integrantes de sua família cooperam para o sucesso das atividades:

> *A gente trabalha junto eu Aníbal e os meninos, mas nem sempre é possível. A gente vai pra o roçado aqui em cima. Já chega de noite, porque oito horas, nove horas o sol já está quente. Tem que ir de doze ou de uma e trabalhamos até as quatro ou cinco que está frio. Aí quando a gente chega já é de noite. Aí tem que fazer a janta. As vezes já deixo a janta feita. Aí chego vou tomar café, tomo banho. Aí daqui a pouco já tô cochilando. (Cássia. Entrevista concedida em março de 2018).*

Sobre a cooperação na realização das tarefas, conforme a narrativa de Ediene, temos:

> *Quando Francisco está em casa, a gente faz as coisas juntos. Pronto, como eu estava tratando o peixe, se ele não fosse trabalhar fora, ele já estaria lavando os pratos, varrendo a casa. Ele também lava roupa, não precisa eu pedir. Hoje minha nora mora aqui e contribui muito na luta de casa. Antes dela morar aqui, se eu saísse de casa para uma consulta, eu nem me preocupava, que quando eu chegasse estava tudo pronto. Ele já tinha feito tudo, sem precisar eu pedir. Agora toda semana meu esposo está trabalhando com meu irmão na serraria. Antes ele trabalhava em João Pessoa como servente de pedreiro, mas eram dois gastos, porque ele tinha que passar a semana lá. Aí hoje em dia ele trabalha com meu irmão. Aí já acho bom porque é um suporte pra mim. No caso ele ganha por semana. Aí eu compro as coisas para dentro de casa. Aí uma prestação eu pago por mês com a sobra do beneficio de Ramom ou então do meu bolsa família. Aí o que ele ganha é só para alimentação de casa. (Ediene. Entrevista concedida em janeiro de 2023).*

Diante desses relatos percebemos a importância da cooperação dos membros familiares para a manutenção das tarefas. Observa-se, nessas iniciativas, uma importante rede de solidariedade. Analisando pelo ângulo da economia do grupo, as

mudanças nas estruturas familiares dialogam com suas dinâmicas, sejam essas sociais, de convívio pessoal ou de valores. E a divisão econômica do trabalho e suas particularidades, compactuam tanto no quesito afetividade referente à família, quanto no que diz respeito à sustentação econômica e financeira para a manutenção do grupo doméstico (SILVA, 2019).



Figura 61: O casal Sônia e Silvinha lavando roupas no rio. Arquivo pessoal, 2016.

Simone quando "se juntou" com Valdo foi morar com os sogros, conforme seu relato:

> *Quando eu e Valdo nos juntamos fui morar lá (na casa dos sogros) daí dona Maria (sogra) sempre fez mais a comida e eu era mais as outras tarefas de casa, lavar a louça, varrer a casa, lavar roupa. Sempre foi dividido né? Mas com o tempo eu passei a ir pra o roçado e ela passou a fazer outros serviços também. Tipo assim quando eu vou só, ou com seu zé (sogro) ela fica e faz o que tiver precisando, o almoço, alguma roupa pra lavar. Ás vezes quando dá tempo eu encaminho umas coisas. Já deixo a louça lavada e a casa arrumada. Aí fica menos pra ela, ne? A gente também faz din din[90] pra vender, ela faz os preparos e eu encho os saquinhos e amarro. Porque ela que sabe melhor, as quantidades de açúcar, de fruta. Tá acostumada, já faz a muitos anos. Mas a gente sempre se ajuda, e tem Michele também que da*

[90] Espécie de picolé feito de suco de frutas, que se congela dentro de um saquinho plástico, produzindo um picolé sem pauzinho.

> *uma força, principalmente quando tô no roçado. Apesar dela as vezes acordar tarde. (Simone. Entrevista concedida em agosto de 2020).*

O ato de juntar-se com Valdo, por sua vez, marca o momento que Simone deixa a casa dos pais e começa a viver juntamente com o marido e seus sogros. Nesse momento ela divide as responsabilidades dos trabalhos domésticos e de cuidados com sua sogra. Cabe ressaltar que as caraterísticas que conformam o ambiente de trabalho cotidiano dependem das condições objetivas e subjetivas de cada grupo doméstico. Sobre as experiências de trabalho vividas por Dona Maria, sogra de Simone, temos:

> *Quando a gente veio morar aqui em Jaraguá não tinha ganho de nada. O que sempre teve aqui foi a maré, mas a maré zé não entende bem não, assim pra viver daquilo ele não dava conta não. Nunca se dedicou não, pescava só pra comer, mas pra fazer profissão, não. Plantei muito eucalipto, depois fui trabalhar caçando madeira pra fazer carvão. Antigamente tinha muita mata, pra o lado do arrepia. A gente ia para aquelas matas tudinho. A gente ia a pé, ia para o campo da aviação para aquelas matas. Sempre busquei trabalhar pra criar meus filhos. Não foi fácil, os tempos eram muito difícil eu e Zé sempre trabalhamos. Se ele chegava com uma macaxeira eu fazia bolo pra vender. A gente raspava mandioca na casa de farinha, tirava nossa parte e vendia aquela que sobrava, porque dava muito. Se tinha banana no pé eu inventava doce pra vender. Sempre achei quem quisesse comprar, eu nunca fiquei foi de braço cruzado. Din din faz muitos anos que eu vendo, todo mundo aqui em Jaraguá sabe, eles vem de longe comprar, também é barato, 50 centavos cada. Aí esse dinheiro a gente compra comida, complementa uma prestação, e assim a gente vai vivendo. Esse coco é do quintal, já não compro, tô economizando. Aí se tem goiaba, manga, abacate a gente já usa, se não tem a gente vai e compra na feira. Mas nunca tive preguiça nem vergonha de trabalhar pro sustento dos meus filhos. Já cheguei até a carregar madeira gravida de oito meses pra zé fazer carvão pra vender, lá no arrepia. Eu ficava procurando aquelas varas com um barrigão, nos tempos de hoje é muito difícil isso acontecer. (Dona Maria. Entrevista concedida em dezembro de 2019).*



Figura 62: Dona Maria raspando coco para fazer “din din”. Arquivo pessoal. 2020.



Figura 63: Simone enchendo os saquinhos de “din din”. Arquivo pessoal, 2020.



Figura 64: Dona Maria usando a enxada para cobrir os canos que precisaram ser trocados. Arquivo pessoal, 2022.

Nesses termos, vimos à importância do trabalho feminino para a manutenção do grupo doméstico. Pode-se falar de algum modo na visibilidade do trabalho feminino e consequente tomada de poder nos termos de Foucault (1982) uma vez que este implica na conversão do sujeito em agente ativo como resultado de uma ação que varia de acordo com cada situação.

Elias (1980) entende as relações de poder como sendo um jogo de forças que configuram as ações dos indivíduos, se utilizando de elementos da teoria dos jogos. A partir desta somos capazes de compreender o ator operando com suas próprias escolhas, permeadas por obrigações e limitações o que acaba colocando a tensão no contexto das relações possíveis. Contudo é bom ressaltar que as escolhas dos atores não dependem apenas de si próprio, como também ressalta Elias, ou seja, de seus recursos e obrigações, mas também das ações e reações (da interdependência, da interação) dos outros atores posicionados para o jogo.

Neste sentido, em Elias (op. cit.), o modelo baseado na teoria dos jogos é o mais indicado como chave para compreender o comportamento dos atores, que dão forma aos seus atos através da maneira que experienciam as oportunidades que surgem. Tal configuração, implica em reações, adaptações e vínculos mútuos entre todos os sujeitos envolvidos. Em suma, mapear as ações, descrever as ações e ver as categorias próprias dos atores e seus significados, nos possibilita perceber o social não através de um

indivíduo isolado, mas de um indivíduo imerso em relações, interações e interdependências.

Verifica-se, então, que por meio das competências técnicas são geradas decisões e atitudes através do *repertório de possibilidades* que os indivíduos têm a seu alcance (MURA, 2000). A acessibilidade a esses espaços e a distribuição dos mesmos dizem respeito a uma *organização sociotécnica*. De acordo com Mura (2006 p. 112-113),

> *O processo técnico será o resultado da concatenação causal das performances de sujeitos diversificados (considerando tanto a posição social que ocupam, quanto a competência que manifestam), que interagem entre si, permitindo a configuração de sistemas sociotécnicos. Esses sistemas revelam-se, portanto, construídos e não predefinidos; não são expressão de totalidades tais como etnias, tecnologias ou uma visão simbólica. Eles são o resultado de um jogo de forças exercidas por interesses diversificados de sujeitos que podem pertencer a famílias, grupos sociais e étnicos diferentes, manifestando visões de mundo, competências e objetivos técnicos diversificados e, às vezes, divergentes. Nesse entender, os sistemas sociotécnicos estão em contínua transformação, sendo abertos e apresentando certo grau de desordem, como já apontava Barth (2000) ao analisar a estrutura da ação social.*

Deste modo, compartilhar conhecimento, espaço e atividade econômica significa, em última análise, uma tomada de poder feminino. Em decorrência disso, a mulher participa da vida econômica permitindo angariar benefícios para si e para a sua *holsehold*.

Intenta-se aqui observar as nuances entre trabalho e gênero, os processos organizativos que replicam modelos sociais na divisão das tarefas e também àqueles que rompem com tais modelos, subvertendo-os. Do ponto de vista dos estudos de gênero, esses trabalhos possuem o potencial de chamar atenção para aspectos pouco examinados nos trabalhos sobre os Potiguara, ao revelar vozes femininas que não costumam ser ouvidas. Penso que as "maneiras de fazer", por parte das mulheres, nos contextos onde pesquisei, se desenrolam em uma combinação de temporalidades, ritmos e gestos que busco descrever no próximo item.

4.3 TEMPORALIDADES E MOVIMENTOS

A interdependência das relações ecológicas e sociais analisada por Evans-Pritchard (2005) serviu de pano de fundo para o entendimento do contexto da aldeia Jaraguá, tendo em vista que nessa localidade há interdependência entre elementos ambientais – do mangue, rios, roçados, cidade - e as ações humanas e não humanas, e

onde os indivíduos associam os conhecimentos sobre os aspectos ambientais às percepções sobre o tempo que envolve o sistema produtivo nas variações dos períodos de chuvas e secas e na dinâmica da lua e das marés. Estes ciclos orientam a vida e rotinas das pessoas criando condições para o estabelecimento de itinerários, contemplando mobilidades, que permitem a interação nos ambientes, com os recursos materiais e imateriais neles presentes. O sucesso das atividades está diretamente relacionado a temporalidades específicas costuradas por outras racionalidades, ritmos e gestos.

De acordo Leroi-Gourhan (1965) os ritmos são os intervalos regulares que compõem os gestos técnicos e implicam na educação do corpo orientada pelo "comportamento lúcido" visto como sendo intencional, na medida da reflexividade sobre o que esta sendo feito. Nesse sentido, a ritmicidade e repetição fazem parte do gesto técnico, um gesto de interação e capacidade de moldagem e transformação de ação sobre a matéria. Portanto, é sua ênfase no gesto, na ritmicidade e na educação do próprio corpo que nos permite entender as sequências de gestos que se desenrolam em determinado ambiente técnico.

Sendo as experiências e aprendizados dos sujeitos sempre relacionados ao ambiente, nas situações cotidianas torna-se oportuna a reflexão de Ingold e Kurttila (2000, p.187-192), que ao discutirem questões relacionadas ao conhecimento tradicional local em seus estudos sobre os Sami finlandeses, observaram que esse povo usa o tempo (*weather*) em contraposição ao que os cientistas entendem por clima (*climate*). O clima estudado por meteorologistas, diz respeito a variáveis que são medidas, a exemplo de pressão atmosférica, temperatura e precipitação. Já o tempo diz respeito ao calor, frio, época de plantio ou de colheita, portanto o tempo é experimentado pelos Sami obedecendo o ciclo das estações. Nesse sentido, o tempo opera como um conhecimento que vem da prática, das experiências de vida e engajamento nos ambientes. Nesses termos, podemos traçar um paralelo com os Potiguara, uma vez que para eles existe o tempo de pescar e o tempo de plantar, esses entendimentos são formulados na experiência, informando o processo de acumulação de conhecimentos sobre o clima, fauna, flora, regime de marés, que fazem parte da dinâmica destes grupos no território. As estações do ano, por exemplo, são caracterizadas da seguinte maneira: as primeiras chuvas ocorrem ainda no verão, nos meses de Janeiro e Fevereiro; o período de chuvas intensas é entre Março e Agosto, que é o período do inverno. Entre Setembro e Outubro se inicia o verão; Novembro e Dezembro são tidos como os meses mais quentes do ano,

o verão propriamente dito. O tempo propício ao trabalho na lavoura corresponderia ao que Evans-Pritchard (2005) trata como *tempo ecológico*, que seria o tempo definido pelos ciclos do *ambiente* e ao qual o grupo social se adapta e molda um calendário de atividades. Nas primeiras chuvas de janeiro inicia-se o tempo de plantar, tempo em que os integrantes dos grupos domésticos se reúnem com o objetivo de cultivar os roçados, que são "limpos" para que as sementes sejam plantadas e germinem.

As pessoas cultivam no "arisco" (solo arenoso) durante o período das chuvas, e na estação seca fazem os roçados no "paú" (solo alagável). Nesse sentido, o solo é um elemento indispensável para a agricultura. Esse é um recurso mineral renovável essencial para os vegetais, uma vez que é nele que a planta se desenvolve, retirando nutrientes e água para a germinação, crescimento e posterior produção. Como Cássia destaca:

> *No tempo da chuva a gente planta no arisco, porque se plantar no paú embebeda a plantação, se não ela morre bêbada. Aí o que plantar não dá. Aí quando passa pra seca vai pra o paú que tem água. Aí você planta o ano todo, porque é molhado o ano todo, aquela terra, e pra cá você já não planta porque morre tudo, até os capins morrem no arrisco. (Cássia. Entrevista concedida em março de 2018).*

O inhame, a mandioca e o feijão são cultivados no mês de Janeiro. Geralmente, a mandioca é plantada sozinha ou consorciada com feijão e milho, sendo que o plantio é realizado no início da estação chuvosa. A "roça" (macaxeira) pode ser plantada durante o ano todo. Como frequentemente falam: "Tudo que se planta vai depender da aguação", ou seja, da quantidade e disponibilidade de água. Os produtos cultivados no mês de Janeiro são colhidos no mês de Agosto, os plantados no mês de Março são colhidos em Junho e os plantados no mês de Maio, colhidos em Agosto. Essa dinâmica de plantar, cultivar e colher faz parte de um ciclo que é constante para os integrantes dos grupos domésticos, conforme a narrativa de Dona Fátima:

> *Na agricultura a gente planta pelo tempo. A gente começa a plantar quando chega janeiro, nas primeiras chuvas do ano, né? Aí sendo umas chuvas boas, segura até mais ou menos Abril, que é quando começa o inverno. Aí no o que plantar segura. A gente plantando o milho no começo de abril quando for em junho a gente já tem pra os festejos. Já faz aquela comida de milho. Mas também não pode chover demais, se der cheia a gente perde tudo, como já aconteceu nos lugares onde a gente planta que antes era mangue*[91]*. A gente já tem feijão verde. Já da pra tirar, porque a gente plantou em janeiro, querendo tem feijão e roça (macaxeira) o ano todo. Pra viver direto da agricultura é pra ter vários produtos porque quando um não chegou o outro já chegou. Tem que ter cabeça pra ver, de tudo tem que ter*

[91] O que significa que essa parte do ambiente se tornou em espaço agricultável.

> *uma coisinha, pra negociar de tudo e arrumar um dinheirinho. (Dona Fátima. Entrevista concedida em março de 2018).*

Acompanhei o processo de venda do feijão verde do grupo doméstico de Dona Fátima. A colheita foi realizada por ela e seu filho Toinho. Depois de colhido o feijão é levado para a frente da casa, para a separação entre secos e verdes. Os feijões verdes são separados em "móis" (molhos), para serem vendidos. Dona Fátima se encarrega da venda. Ela coloca os molhos de feijão dentro do carrinho de mão e sai pela aldeia anunciando. O feijão seco é amontoado e tem diversas finalidades: autoconsumo, adubo (nesse caso ele é moído), ou utilizado para o plantio.



Figura 65: Vista parcial do roçado de Dona Fátima e seu filho Toinho. Plantação de milho, feijão, coco e macaxeira. Arquivo pessoal, 2017.



Figura 66: Água da maré utilizada para irrigação das plantações. Arquivo pessoal, 2017.



Figura 67: Dona Fátima na venda do feijão verde cultivado por ela e seu filho Toinho. Arquivo pessoal, 2017.

Além do regime do clima, as pessoas que pescam – grande parte dos moradores de Jaraguá – também se orientam pelos ciclos da maré. Para qualquer tipo de pesca é preciso saber o movimento das marés; nesse sentido, a percepção que os pescadores e pescadoras possuem das regularidades cíclicas das marés se torna crucial para o sucesso das pescarias. Nessa perspectiva, mais do que emprego de técnicas atreladas a fins específicos, se faz necessário explorar mecanismos de "ampliação da experiência sensorial" articulada à noção de um conhecimento perceptivo que norteia o leque em que as decisões em torno de determinada prática são tomadas em meio a diferentes opções (DEVOS, *et al.*, 2016).

Os ciclos da maré são os fatores ecológicos mais importantes, por influenciarem o modo de vida dos animais e o modo em que se define as técnicas de pesca. Sofrem influência direta dos ciclos lunares; quando a lua está na fase crescente, a maré vem "lançando", ou seja, começa a crescer, até ficar "maré cheia". Quando a lua entra na fase minguante, ela começa a voltar à "maré de quebramento", até chegar à "maré morta". O Senhor Zé Boto (falecido), que era um antigo pescador da região, afirmou que a maré "trabalha" pela lua, relatando que existe a "maré de quarto minguante" e a "maré de lua cheia":

> *Pronto, a quarto minguante vai ser a maré pequena, ela não bota tanta água, porque é quarto minguante, né? Agora, quando for na outra, lua cheia, ele esbranja*[92] *mesmo do dia para noite. Hoje ela tá seca aqui, quando for amanhã ele vai embora... Porque a maré é grande (Seu Zé Boto). Entrevista concedida em julho de 2013).*

Assim, durante o dia são observadas, principalmente pelas pescadoras e pescadores, as fases da maré, denominadas: "cheia", quando em seu ponto máximo de altura; "vazante", em processo de diminuição; "vazia", quando no ponto máximo de seca; e "enchente", em processo de crescimento. O movimento das marés corresponde a dois processos. O primeiro deles e mais longo, se refere às alternâncias cíclicas semanais, enquanto o segundo se refere ás alternâncias num período de um dia e noite. No período de "maré grande", o volume de água é aumentado e diminuído em toda a sua capacidade. Em períodos de "maré morta", não há muita variação, a maré não enche e nem vaza toda, não alagando completamente o mangue.

[92] Em grande quantidade.

As pessoas percebem a variação das marés ao longo de um ciclo mensal e diário, compreendendo que esta variação se dá em relação à força da lua. As luas são denominadas de nova, crescente, cheia e minguante. Estas fases da lua estão associadas aos fenômenos cíclicos mensais da maré, denominados de "maré grande" quando a lua é nova ou cheia; e "maré morta" quando a lua está na fase crescente ou minguante.

Dona Nininha coleta as ostras conforme o comportamento da maré. Segundo ela, para qualquer tipo de pesca é preciso saber o funcionamento das marés, quando a lua está na fase crescente, a maré vem lançando, ou seja, começa a crescer, até ficar *maré cheia*. Quando a lua entra na fase minguante, ela começa a voltar (*maré de quebramento*), até chegar à *maré morta*. Dona Nininha nos falou ainda da *maré de mosquito*, que é uma maré que não serve para pescar, pois como o próprio nome já diz, a região da maré apresenta muitos mosquitos, dificultando as pescarias (ARAÚJO, 2015).

Dona Nininha vai até o mangue várias vezes durante a semana em busca dos moluscos, retirando as ostras que ficam presas nas raízes do mangue com um facão. Algumas das vezes na companhia de sua filha Maria:

> *Quando eu comecei com ela, era do tamanho daquele menino, tirando ostra, pescando amoré, pescando camarão. De tudo nos fazia nessa maré, e ela aprendeu. Ainda hoje tô e ela me acompanha. Essas duas canoas são dela. Não para não. Ela vem aí e vai embora. Tem gente que até chama ela de Rainha das Ostras. Foi Deus que deu esse pensamento a ela. (Dona Nininha. Entrevista concedida em janeiro de 2023).*

Dona Nininha ainda utiliza a concha da ostra que é rica em cálcio, para vendê-la depois de triturada como medicamento para combate à osteoporose[93]. Em seu terreiro ela realiza o cozimento das ostras, em um pequeno fogão a carvão, depois de cozidas as ostras são congeladas em saquinhos de um quilo e de meio quilo para venda na própria residência e na feira local.

Há também quem colete as ostras de mergulho, quando a maré está alta e também existe o cultivo da ostra (ostreicultura). A técnica de cultivo envolve o uso de "gaiolas" (cestos de rede) presas em troncos que são fixados no solo do mangue (v. Fot. 68) e/ou em estruturas de madeira e telas chamadas de "giral" (v. Fot. 69). Ao longo dos últimos anos esse cultivo passou a ser muito utilizado em Jaraguá. No entanto, as fortes chuvas que ocorreram no inverno do ano de 2022 ocasionaram uma grande cheia, que trouxe inúmeros prejuízos aos criadores de ostra. Os viveiros foram arrastados pela cor-

[93] Esse conhecimento medicinal foi repassado através de gerações. Dona Nininha aprendeu com sua mãe a preparar chás e garrafadas para diversas dores, tais como: dores de cabeça, estômago, cólicas, etc.

renteza e as ostras morreram em razão da grande presença de água doce das chuvas. Conforme o relato de Dona Nininha:

> *O prejuízo foi grande com as ostras. Essa faixa mesmo era tudo viveiro e agora é só areia. Eu mesma tinha uns três viveiros aqui, Maria (filha) tinha pra mais de vinte. Eu tinha um ali que ficou engalhado, e o resto foi embora, nem o canto dos viveiros a gente viu, porque o canto dos viveiros é bem fincado. A gente finca as varas, a tela a gente faz um giral de pau, e é mais pregado de prego, e bem amarrado nos quatro paus, e foi embora. Dessa parte ali, daqui pra cá, não ficou uma ostra, morreu tudo, tudo. Foi embora tudo. Tanto foi embora às ostras de dentro do viveiro do povo quanto morreram a das beiradas, foi muito prejuízo. (Dona Nininha. Entrevista concedida em janeiro de 2023).*



Figura 68: Cássia mostrando as ostras na “gaiola”. Arquivo pessoal, 2023.



Figura 69: Viveiros de ostra de Dona Nininha e de sua filha Maria. Arquivo pessoal, 2019.

O mangue é um ambiente de grande potencial econômico para os indígenas. Viver do mangue/maré significa estabelecer comportamentos e rotinas diárias entrelaçadas neste ambiente. O mangue é um "meio de vida", é o ambiente no qual se realiza a principal atividade produtiva local: a captura de peixes, crustáceos e moluscos, sendo o espaço do qual uma boa parcela dos moradores da aldeia depende para gerar recursos. Os pescadores e pescadoras possuem um conhecimento muito apurado sobre o mangue, por essa razão são capazes de localizar os animais aquáticos e desenvolver técnicas eficientes para capturá-los. Realizam as atividades individualmente ou em parceria, geralmente com um parente próximo, como pai e filho, ou irmãos. A produção é dividida em partes iguais. Parte dos pescados é consumida e/ ou doada entre os parentes e vizinhos com quem se tem relações, e a outra é vendida na própria aldeia, ou na feira local quando a produção é maior.

Mesmo aqueles indivíduos (homens) que trabalham para as usinas canavieiras no corte da cana de açúcar, cessam o trabalho quando termina o período de moagem, e

recorrem, então, ao mangue. O trabalho nas usinas é sazonal, pois ocorre em algumas épocas do ano; geralmente começa em julho e se estende até final de março, com isso as pessoas ficam os meses de abril, Maio e Junho sem trabalhar nas usinas. Neste período, se dedicam à pesca e à coleta de crustáceos, ou a empregos informais para obterem recursos. De acordo com Cássia:

> *Quando eles estão na usina eles estão ganhando, né? Mas quando a usina para ou os coloca pra fora, o pão que eles vão tirar pra dar aos filhos é na maré. Quando estão na usina podem até esquecer-se da maré. Mas bote pra fora, no outro dia já estão todos na maré! A gente não tem que ver só aquele prato ali, que tá cheio, não pode esquecer o vazio, não. Quem sabe aquele prato que estava cheio fique vazio e aquele que estava seco fique cheio. Eu penso assim.(Cássia. Entrevista concedida em março de 2018).*



Figura 70: Cássia no mangue à procura de caranguejo "uça" (*Ucides cordatus)*. Arquivo pessoal, 2016.

No entanto, é preciso ressaltar que as atividades realizadas nesse ambiente não são movidas por fins unicamente comerciais. Como indicado, os animais provenientes da pesca e da coleta não são apenas vendidos, eles também podem ser doados a vizinhos, amigos e a parentes, estabelecendo ou consolidando redes de reciprocidade. Nesse sentido, as atividades realizadas no mangue se configuram, acima de tudo, como um modo de existência caracterizado por ricas e complexas relações entre as pessoas e o

meio aquático. Nesse *emaranhado* ocorrem os processos de produção e transação de conhecimentos e a organização espacial das atividades técnicas (INGOLD, 2012).

As principais espécies vegetais encontradas no mangue são o mangue "manso" (*Laguncularia racemosa*), que serve principalmente para fazer o fogo. Esse mangue tem os troncos mais escuros e as raízes são menores. O "mangue sapateiro" (*Rhizophora mangle*) é aquele que possui as raízes mais altas; é usado principalmente para cobrir as habitações (Fig. 72), por ser resistente. Ainda com o mangue "sapateiro" se fazem caibros, ripas e varas. As madeiras coletadas também servem para a confecção de habitações para galinhas, bovinos e caprinos. O mangue "canoé" (*Avicennia germinans*) são árvores de grande porte; suas raízes são profundas e por essa razão dificilmente eles cedem; o "canoé" se localiza principalmente em áreas do mangue onde a lama se mistura com areia (ARAÚJO, 2015. p.35).



Figura 71: "mangue manso". Arquivo pessoal, 2013.



Figura 72: “mangue sapateiro”. Arquivo pessoal, 2013.



Figura 73: “mangue canoé”. Arquivo pessoal, 2013.

Existe uma mudança temporal na visão sobre o histórico das condições do mangue localmente. Os moradores mais antigos contam que o mangue era muito diferente do que é hoje em dia, havia muita fartura. Atribuem a diminuição dos pescados ao desmatamento e assoreamento dos rios provenientes da monocultura da

cana. Antigamente se tinha mais pescados; entretanto, dizem, hoje em dia o lucro da venda é maior. O mangue antes era próximo, o que facilitava o trabalho dos pescadores e pescadoras. Hoje o mangue é distante:

> *Jaraguá era tão bom de morada, essa menina! Não era essas casas perto assim, não. Era uma aqui e outra acolá. A gente criava galinha, criava peru, criava tudo, cabra. A gente pescava amoré, pegava camarão aí na beira do porto, aqueles pretinhos. A gente trazia nas bacias, tinha demais. Hoje a gente procura e não acha mais, e o mangue ficou aquela lonjura. (Dona Severina. Entrevista concedida em dezembro de 2016).*

O caranguejo "uçá" (*Ucides cordatus)* (ou "sal", como comumente é chamado) assim como o "goiamum" (*Cardisoma guanhumi*) são capturados no mangue durante o ano todo. No entanto, na época de "andada[94]" (Janeiro, Fevereiro e Março) período reprodutivo em que os caranguejos machos e fêmeas saem de suas tocas para o acasalamento e andam pelo manguezal, a frequência deles é maior, em razão justamente da saída para a reprodução (principalmente do caranguejo uçá).



Figura 74: Sônia juntamente com seu esposo, filhos e sobrinha na croa no período de andada do caranguejo "uça" (*Ucides cordatus)*. Arquivo pessoal, 2013.

[94] As "andadas" são um momento de aproveitar o mangue com a família. Dessa forma, também é vista como lazer.

Entre as principais técnicas de pesca destaca-se a “rede de tomada” (também conhecida como “rede de espera”). Está ligada diretamente ao ritmo das marés, uma vez que é armada quando a maré está “vazante”. Quando a maré está “de enchente”, levanta-se a rede, fazendo uma barreira na saída da “camboa”. E se “despesca” (colhe) na maré “vazante”. Inicialmente espraiam-se as varas no solo por todo o perímetro onde serão presas as redes com a “gaita”.

Os peixes mais comuns encontrados no mangue são: “Tainha” *(Mugil brasiliensis)*, “Carapeba” (*Eucinostomus gula*), “Camurim” (*Centropomus undecimalis)*, “Bagre” (*Siluriformes)*, “Vermelho” (*Carassius auratus)* e “Curimã” (*Mugil cephalus).*

Há também a pesca feita com rede de “tarrafa”, em que o pescador a arremessa no perímetro onde sabe que tem peixes, de tal maneira que a malha abra-se o máximo possível antes de cair na água. Em seguida se puxa a mesma para capturar os peixes que ali tenham se enroscado.

A realização das atividades descritas envolve aspectos de ordem material e imaterial, onde figuram também elementos ecológicos, como o funcionamento das marés e a estação do ano. A dimensão técnica que permeiam estas relações é aprimorada por conhecimentos físicos e químicos, que se voltam às habilidades provenientes de fluxos diversos, construídos a partir de uma gama de recursos experienciais.

O que nos interessa é justamente esta correspondência entre os gestos manuais e os conhecimentos específicos no sentido da criação de um ritmo – não intencional ou proposital, mas justamente organizado na prática, realizado em consonância com os movimentos do corpo – que marcam a organização social do trabalho, no sentido de aprimoramento e complexidade das atividades. Nesse sentido, os gestos se ajustam às reações da matéria à medida que esta se transforma, visto que as etapas não são necessariamente todas perceptíveis (COUPAYE, 2017).

Não se trata de argumentar que existe um corpo dotado e moldado pelo tipo de trabalho e esforço exigidos, mas de refletir sobre os gestos e técnicas que fazem emergir estes corpos nas experiências práticas do cotidiano. Os movimentos e gestos, bem como os ritmos de trabalho estão em correspondência. Esta concepção de correspondência é importante justamente para retirar da análise uma anterioridade ao movimento/gesto técnico ou ao ritmo supostamente imposto pela atividade a ser realizada e experimentada com um certo ritmo, através da memória na qual se inscreve o programa do comportamento (LEROI-GOURHAN, 1965).

Há que se considerar o fato de os integrantes de uma unidade doméstica se dedicarem a desenvolver vários tipos de atividades, sendo a concatenação temporal das práticas diversificada e complexa. Nestes termos, tanto o calendário derivante dos tempos burocráticos do Estado brasileiro, quanto aquele das atividades agrícolas e pesqueiras, bem como o das usinas de açúcar e os determinados por regimes de marés, fatores climáticos e sazonais, funcionam para os Potiguara da aldeia Jaraguá como pano de fundo a partir do qual constroem temporalidades, que estabelecem uma alternância das atividades e da mobilidade que delas derivam.

As grandes transformações ambientais que, como vimos, foram tempos atrás produzidas por segmentos sociais abastados e que acabaram por diminuir quantitativa e qualitativamente os recursos almejados por estes indígenas, foram também condicionantes significativas no estabelecimento local destas famílias e em como elas compõem suas rendas e produzem seus alimentos. Neste sentido, para compreender a realização da ecologia doméstica não é possível separar o primeiro processo que levou àquelas transformações ambientais das estratégias encontradas pelos indígenas perante este cenário. Por outro lado, se, como vimos, o movimento dos indígenas que levou à delimitação e demarcação de suas terras tradicionalmente ocupadas representou um processo com vistas a reequilibrar o jogo de forças que os subjugava, por outro lado, em casos como Jaraguá, que tivera um espaço territorial delimitado bastante pequeno com relação à população que o habita, tal processo não permitiu que todos tivessem as mesmas condições de acesso a terras necessárias para o desenvolvimento de uma agricultura suficiente para o auto sustento. Contudo, até mesmo nesta situação de distribuição desigual da terra, formas de compensação são construídas, através do refinamento justamente das atividades desenvolvidas em espaços de uso comum, particularmente aquelas no mangue. O engajamento nestas atividades não deve, porém, ser visto como decorrente da escassez de acesso à agricultura, mas como algo que historicamente é complementar a esta e que resulta de um processo experiencial secular – o qual garantiu o desenvolvimento de habilidades e o refinamento de técnicas bastante sofisticadas que não podem ser compreendidas se não levamos em consideração a relação existente entre as técnicas utilizadas, as habilidades refinadas para tal utilização e a geração e organização dos conhecimentos que desta derivam. Daí considerar essas dinâmicas a partir dos engajamentos e das discursividades, dos diversos sentidos que mulheres atribuem a suas vidas e experiências cotidianas. É justamente sobre este tipo de relação que nos deteremos analiticamente no capítulo a seguir.

CAPÍTULO 5 – O SER MULHER NA ALDEIA JARAGUÁ: TRABALHO, CUIDADO E RELAÇÕES

Para este percurso de pesquisa, cujo principal caminho foi o acompanhamento do cotidiano de mulheres indígenas, fez-se necessário pensar com o auxílio de algumas abordagens que se debruçam sobre questões de gênero, mas também e principalmente apreender os sentidos acerca do ser mulher atribuídos por elas mesmas. Portanto trata-se de visualizar as práticas e os discursos a partir dos quais se erigem certas conceituações, identidades, etc. Buscando desvelar os aspectos inter-relacionados e interdependentes que constituem a teia que as mulheres tecem através dos seus engajamentos, reconhecendo-as como sujeitos de sua própria história, com potencialidades e agenciamentos criativos.

Nessa perspectiva, Barth nos aponta que "não há como encontrar o verdadeiro informante, aquele que nos dirá o que tudo aquilo realmente significa" (2000, p.136) e que não apenas os atores estão posicionados, como também "todas as visões destes são parciais" (op. cit., p.137). Portanto, cada interlocutora tem uma bagagem diferente, de acordo com as experiências vivenciadas ao longo de sua trajetória.

Nas linhas que seguem, discutirei a partir de entrevistas e conversas informais sobre o ser mulher, ou seja, buscarei mostrar um pouco do que essas mulheres vivenciam e sentem no seu cotidiano, a partir de suas falas e de suas redes de interação.

Quando perguntadas sobre o que é ser mulher, ou quando uma menina vira mulher, valores como "ter juízo", "ter obrigação" são atribuídos à formação de uma mulher. De acordo com uma das interlocutoras, Dona Severina (70 anos): "Eu sempre digo a minha neta que ela saiba viver e crie juízo." Quando perguntada o que é ser mulher, a senhora se refere às expectativas sociais da moralidade e da honra:

> *Não ser chifreira*[95]*, trabalhar pra ajudar seu marido, ter respeito e não ficar de fofoca. A pessoa que anda direito é a honra pra gente, isso é uma honra que a gente tem. A pessoa ter seu caráter, não mexer no que é dos outros. (Dona Severina. Entrevista concedida em maio de 2014).*

[95] Mulher que comete adultério.



Figura 75: Dona Severina. Arquivo pessoal, 2013.

Michele, de 22 anos de idade, em uma de nossas conversas relatou o seguinte: "É muito difícil ser mulher. Aqui em Jaraguá o povo vive para fofocar[96]. A gente não pode conversar com ninguém que já maldam (compreendem mal), se você for ali até aquela árvore falar com alguém, mais tarde vai ser os comentários. Com tudo eles se incomodam".

No tocante às produções antropológicas centradas na discussão entre a linguagem moral se destaca Didier Fassin (2018), que traz importantes reflexões sobre os problemas morais e o tratamento que a eles se dá:

> *Ao valorizar certa unidade cultural, que é a do grupo analisado, e mesmo que essa unidade se construa nas oposições entre sistemas de valores, trata-se de mostrar que, para além das variações individuais, existem coerências que permitem definir precisamente as morais locais (FASSIN 2018, p.15).*

Esses valores afetivos de moral e de honra, como já posto, são transacionados dos mais velhos aos mais novos e por vezes geram conflitos entre as gerações, pelas tentativas dos mais velhos de fazerem com que os mais novos sigam seus princípios, o

[96] Conforme Fonseca (2004), a fofoca é uma ferramenta poderosa de manipulação das verdades e da opinião pública e que mexe com o que é de mais valorizado por todo ser humano: sua reputação.

que remete a uma relação hierárquica, de status e de poder dos ascendentes. Neste sentido, afirmo que, entre as pessoas de que trata este trabalho, a organização das atividades no contexto familiar obedece a determinadas moralidades, em que, mesmo sem que as mulheres se dêem conta disso, observa-se que elas priorizam, nos seus afazeres diários, o trabalho doméstico e os cuidados com a família. Conforme a narrativa de Cássia (38 anos):

> *Aprendi desde pequena que tinha que cuidar de meu marido e dos meus filhos e de sogra e sogro se vier precisar. A mulher tem que fazer de tudo um pouco não é só cozinhar, lavar e passar não. Eu mesma trabalho com gado, vou pra maré, vou para o roçado. Mas não deixo meus afazeres de casa. (Cássia. Entrevista concedida em março de 2018).*

Por sua vez, os trabalhos domésticos e de cuidado são, geralmente, socializados e reconhecidos como atividades "naturais" do ser mulher, ligados ao afeto e ao carinho que devem ser dedicados à sua família, e, nesse sentido, muitas vezes têm a sua importância invisibilizada (BORIS, 2014). A visão de cuidadora está, também, relacionada com a representação social do ser mulher na nossa sociedade.

A vaidade é outra característica observada na construção do "ser mulher". As minhas interlocutoras mais jovens, entre 17 e 25, anos se dizem bastante vaidosas. Aos finais de semana, sobretudo em época de festas, elas se ajudam para arrumar o cabelo e pintar as unhas. Interessante notar que Simone tem as unhas dos pés sempre pintadas, já que é praticamente impossível manter as unhas das mãos bonitas realizando as atividades no roçado, na horta e em casa.



Figura 76: Simone lavando a louça enquanto conversa com sua filha Michele. Arquivo pessoal, 2020.

Quando questionada sobre a liberdade das mulheres, uma interlocutora afirma que a maioria não tem a "liberdade de fazer o que quer". Muitas deixam de sair, de ir a alguma festa, de trabalhar na cidade por causa dos maridos e também dos pais. Sobre esse assunto, Simone relatou o seguinte fato:

> *Meu pai era muito rígido, não deixava a gente ir à festa, tinha que obedecer ou então era surra, mas eu tinha muita vontade de dançar. Aí quanto tinha festa eu esperava meu pai pegar no sono. Aí depois eu pulava a janela e ia me embora dançar forró! Mas eu não podia demorar muito não, meu pai tinha um costume de acordar de madrugada e ir no quarto cobrir a gente. Aí eu precisava voltar logo pra ele não perceber que eu tinha saído. A gente foi criada assim, eu criei meus filhos pra me obedecerem, quando eles pediam uma coisa que a gente não podia, era não e pronto! Até hoje Dudu não gosta de nada chamativo, essas roupas muito coloridas ou rasgadas. Já Michele tem vez que não quer repetir roupa, tem dia que não quer comer na janta o resto do almoço. Mas aí eu digo pra ela que as coisas não são fáceis. Antigamente pra gente construir essa casa foi tanta dificuldade, que eu e minha sogra comia puro, a mistura (carne) só dava pra Valdo e meu sogro que iam trabalhar. A gente ajeitava as marmitas. Agora com Miguel (neto) a gente criou diferente dos meninos, porque a gente dá muita coisa a Miguel. As condições da gente também melhorou. (Simone. Entrevista concedida em agosto de 2019).*

Simone também narrou sobre a relação com seu filho Eduardo:

> *Eu me preocupo, ele vai casar, vai se mudar fim do ano, minha nora é uma pessoa maravilhosa, mas tenho certeza que ela não vai cuidar dele como eu. Ele deixa as coisas pela casa toda eu saio juntando, ele só come se eu botar a comida no prato, ele e o pai dele. Teve uma vez que demorei a chegar de Mamanguape, deixei almoço pronto no fogão, quando perguntei se eles tinham comido eles falaram que não porque não tinha ninguém pra colocar. Não sei se ela (a nora) vai ter essa paciência, tudo ele combina comigo, somos muito apegados. (Simone. Entrevista concedida em julho de 2019).*

O cuidado dos filhos é direcionado às mulheres, além do mais, o cuidado com os idosos, sejam os pais ou sogros, também recai sobre a mulher, seja a filha ou nora, passando não só por uma noção de responsabilidade, mas de moralidade. A seguir, o relato de Simone:

> *Mesmo casada nunca deixei de ajudar minha mãe. Antes dela ficar doente ia lá limpar a casa dela, ajeitar as coisinhas dela, mas com o tempo ela foi piorando, mal conseguia andar. Aí tive que trazer ela pra cá, pra casa, não podia deixar minha mãe lá, vendo a hora acontecer um acidente, sei lá. Deus o livre ela até cair se machucar! Levamos ao médico, vai ter que fazer cirurgia na bexiga, tem que perder peso. Eu cuido da comida dela, dou na hora certa. Ela acorda cedo, de 6 horas eu dou o café, ela come bem. Aí quando é 11 horas é o almoço, dou banho antes. De tarde, 3 horas é o lanche, de 6 da noite a janta, passa um tempinho. Aí vai dormir. Ela fica agoniada porque não pode fazer muita coisa. Aí ela descasca uma verdura, debulha um feijão, ali ela se ocupa e acha bom. Deixei de ir pro roçado, tô com uma saudade, também. Tô sem ganhar meu dinheirinho, mas com Fé em Deus ela vai ficar boa. A cirurgia é pra logo. Aí depois vai ser a recuperação dela. (Simone. Entrevista concedida em abril de 2021).*

Deste modo, observa-se que a mulher, devido à realização do trabalho reprodutivo e também produtivo, tanto associado à esfera pública quanto à privada tem seu papel ligado ao cuidado, além de produzir condições para que as pessoas nasçam e permaneçam com saúde. Nessas situações, cabe a elas o cuidado e a dedicação a essas pessoas, além dos cuidados de manutenção com a casa, existem também os de cunho afetivo emocional como dar atenção e afeto. Nesses termos é importante frisar que as tarefas de atenção e cuidado são entendidas como imprescindíveis para a reprodução social e o bem-estar cotidiano das pessoas. Sendo assim, as pessoas costumam dar valor ao grande círculo de família, reconhecendo certas "vantagens" de conviver com parentes que os ajudem nos afazeres domésticos e nos cuidados com as pessoas. Conforme o relato de Michele:

> *Quando eu tenho que sair para o trabalho, deixo ele (o filho) com mãe, porque ela já me ajuda a cuidar e vó também. Ele só tem um ano, tem que ficar de olho, porque ele não para quieto! Eu fico tranquila no trabalho, sabendo que ele tá em boas mãos (...). Agora quando eu quero sair pra algum lugar dependendo do horário eu levo ele, porque não dá, né? Pra*

> *deixar sempre. Tem a minha comadre*[97] *também, ela me ajuda muito, foi quem ficou comigo na maternidade quando ele nasceu, mãe não podia porque nesse período vó estava no hospital para fazer uma cirurgia. (Michele. Entrevista concedida em outubro de 2022).*

Essa narrativa ajuda a exemplificar as redes de apoio que as mulheres criam no cotidiano para dar conta dos cuidados com as crianças. As pessoas necessitam umas das outras para garantir a satisfação de necessidades básicas para a reprodução dos seus grupos. Por vezes, é em razão destas relações de ajuda mútua que se estabelecem as amizades, relações de vizinhança e compadrio (FONSECA, 2004).

A moralidade do cuidado nos remete aos vínculos pelos quais ele é gerado. A obrigação de cuidar permite situar o cuidado a partir de uma perspectiva que aciona as dimensões emocionais e afetivas. Implica uma responsabilidade, ou seja, são vínculos que envolvem gerar, alimentar, proteger, dedicar tempo para outras pessoas, a exemplo do cuidado que uma mãe proporciona ao seu filho/filha (CARSTEN, 2004). A obrigação de cuidar e seu caráter moral ocorrem em diversos contextos e atendem a diversas necessidades, sendo combinadas com outras atividades no cotidiano. (BORIS, 2014). O trabalho de cuidado é definido por Kergoat (2016, p. 17) "como uma relação de serviço, apoio e assistência, remunerada ou não, que implica um sentido de responsabilidade em relação à vida e ao bem-estar de outrem.".

São a moralidade e o vínculo social que ativam as doações (mútuas), e as atividades assistenciais de natureza técnica (lavar, vestir, alimentar, cozinhar, fazer compras, pagar contas, etc) também incluem a alimentação dos animais, sobretudo aqueles destinados ao autoconsumo e/ou animais de estimação, como cachorros e gatos. A responsabilidade de cuidados e afetos que, como a pesquisa mostrou, recai sobre as mulheres majoritariamente, refletindo seus papeis e as fases do ciclo de desenvolvimento dos seus respectivos grupos domésticos (FORTES, 1958). Portanto, a configuração dos grupos domésticos se reflete diretamente na quantidade de tarefas domésticas e de cuidados a serem realizadas e na ajuda disponível. Essa composição vai influenciar no uso do tempo das mulheres para as diferentes atividades que desenvolvem, levando a uma maior ou menor disponibilidade de tempo para realizá-las. Se os/as filhos/as são menores e mais dependentes, será necessário mais tempo para a realização das tarefas, se os/as filhos/as são maiores é possível dividir as tarefas

[97] A rede de parentes rituais (comadres/compadres) também funciona como parte de uma rede de ajuda mútua, fundamental para a criação e educação das crianças.

(BEZERRA *et al.*, 2019). Os trabalhos domésticos e de cuidados envolvem todos os trabalhos necessários à reprodução da vida cotidiana dos grupos domésticos e dos indivíduos que os compõem.

A economia do cuidado, portanto, está voltada para a sustentabilidade da vida em todos os aspectos e, para tanto, compreende todas as esferas da vida, bem como as políticas de ordem econômica, mercantil, ambiental e social, as quais estão conectadas por intermédio do cuidado (ESQUIVEL, 2011).

A discussão sobre o trabalho de cuidados surge com a teoria da moral que parte da realidade de que todos os seres humanos precisam e recebem cuidados e cuidam de outros. Assim, as relações de cuidado entre os seres humanos fazem parte do que nos marca como seres humanos, que se vinculam a uma rede de interdependência (TRONTO, 2007).

O cuidado com a casa é descrito pelas interlocutoras como extenuante. Quem cuida de uma casa sabe que precisa dedicar boa parte do tempo para realizar as tarefas a ela relacionadas, a exemplo da lida com os animais, fazer o almoço, lavar a louça e as roupas, varrer a casa, etc. Além disso, é preciso planejamento para pensar no cardápio, comprar os alimentos, cozinhá-los, colocar a mesa para, enfim, poder comer. Essas atividades consomem tempo e energia. O mesmo vale para deixar as crianças limpas, alimentadas e vestidas na porta da escola todos os dias. São tantas etapas no cuidar da família que nem sempre percebemos (eu e minhas interlocutoras) o tempo que gastamos, de fato, com essas tarefas. E, como indicado, todas essas relações são reguladas por fatores morais, temporalidades e planejamento.

> *Nesse sentido, pensar o trabalho da mulher é pensar as formas como organiza seu tempo, pelo estabelecimento cultural da relação do tempo de trabalho com os tempos de seu corpo, do ciclo de vida de seus filhos e com os tempos sociais do trabalho produtivo (ALENCAR, 1993, p. 76).*

A (in)visibilidade do cuidado como trabalho para preservação da vida deriva desse campo experiencial que é vivenciado a partir das relações inter-gêneros. Nesta análise, fatores morais são fundamentais e são aqui objeto de particular atenção. Este enquadramento destaca também a importância de considerar as descrições feitas pelos sujeitos sobre suas rotinas diárias, bem como a observação dos seus espaços de inserção e competências. Seguindo essa abordagem, que focaliza as práticas através das quais se configuram os sistemas sociotécnicos, proponho no próximo item apresentar as diferentes experiências sobre o significado das diversas atividades domésticas, vivenciadas

principalmente por mulheres que nos permite refletir sobre a centralidade das relações de cuidado e trabalho que garantem as condições para a manutenção da vida.

5.1 "O TRABALHO DE CASA PARECE QUE NUNCA TEM FIM"

A minha posição de mulher e os saberes domésticos que eu compartilhava me incluíam em um espaço de sociabilidade entre minhas interlocutoras. Pude partilhar uma rotina diária acompanhando os mais diversos afazeres domésticos. Os discursos que eu ouvia com mais frequência eram sobre as dificuldades e cansaço de algumas tarefas, tendo em vista que o tempo de realização das atividades domésticas é intenso. Diariamente é preciso cuidar das crianças, cuidar da limpeza da casa, da alimentação, etc. Em várias dessas ocasiões eu ouvia as mulheres reclamarem da monotonia e exaustão dos trabalhos domésticos, do estresse e que "o trabalho de casa parece que nunca tem fim".

Além de conciliar tarefas diferentes, as mulheres também realizam a mesma atividade várias vezes ao dia. Um exemplo é o preparo dos alimentos. Assim que são prontos são logo consumidos, havendo a necessidade de se refazer a comida, assim como lavar a louça, lavar as roupas, varrer a casa, etc. Nesses termos, o trabalho doméstico está em constante repetição, o que reforça o discurso das interlocutoras de que é um trabalho "que parece nunca ter fim", pois não se vêem os resultados porque ele é feito e desfeito constantemente, mas como já descrito, é parte das obrigações morais do ser mulher.

Deste modo, é um trabalho que requer o desenvolvimento de diferentes habilidades, tomadas de decisão, negociações e esforço físico, seja para, lavar, esfregar, torcer, varrer, cozinhar, etc. As mulheres costumam consorciar várias atividades. Essa habilidade requer muita atenção: enquanto a panela do feijão está no fogo, elas varrem a casa ou colocam as roupas nos varais para secarem, podendo em alguns momentos ir até a panela verificar o cozimento e depois cuidar da roupa. Tais escolhas revelam um planejamento das atividades, o que se fará primeiro durante o dia, o que preparar para o almoço e para o jantar, o que comprar na feira ou no supermercado, quais contas estão para vencer precisando ser pagas. Tais decisões são feitas diariamente e revelam que as mulheres têm autonomia para tomar decisões, participando de forma ativa da gestão financeira, garantido que haja o melhor aproveitamento possível dos recursos, ao desenvolver estratégias de economia, havendo, inclusive aquelas que conseguem realizar investimento em poupança.

Nesses termos, as mulheres são centrais para a reprodução dos seus grupos domésticos. O ritmo da vida familiar é guiado por suas decisões, o que confirma suas competências na organização doméstica, articulando tarefas dentro e fora de casa. Em relação às preferencias sobre atividades, ouvi muitas narrativas de que o trabalho na pesca e/ou nos roçados é mais produtivo, pois é possível ver o resultado do trabalho. Vê-se a produção pois não é um trabalho que é desfeito. Além disso, é um trabalho ao ar livre, daí a satisfação em realizá-lo, aliviando assim as tensões do dia a dia. Já o trabalho em casa é sempre a mesma coisa, aquela monotonia e por essa razão muitas preferiam as atividades fora de casa. Muitas diziam que era uma terapia, uma espécie de fuga das obrigações de "dona de casa"[98] que compõem um cotidiano exaustivo e que muitas vezes reflete os conflitos familiares e as dificuldades financeiras. Conforme é possível perceber nas falas de Simone e Ediene:

> *Eu prefiro a vida no roçado, esqueço até dos problemas, me sinto tão bem. Em casa é sempre a mesma coisa, a gente trabalha e trabalha e sempre vai achar coisa pra fazer. E no roçado não, a gente tá ali respirando aquele ar puro, sentindo o vento e vendo nosso plantio vingando, dá logo aquele prazer, aquela alegria. (Simone. Entrevista concedida em janeiro de 2023).*

> *Se tiver coisa pra fazer de meia noite eu ainda não paro. Eu já fui criada trabalhando, desde pequena. Aí eu já me adaptei. Fui á São Paulo para passar quinze dias, eu fiquei aperreada, lá dentro de casa, fechada, não me adaptei. Amanhecia o dia só via pela janela o povo e carro vai e carro vem. Aqui eu tenho cinco filhos, são dois especiais, eu planto minhas coisas, eu crio, vou pra o mangue boto ratoeira, pego caranguejo, vou pra maré tiro ostra, tiro sururu, pego siri. Eu não sei ficar parada. Aí quando tô estressada. Aí já sei o que fazer, pego tudinho (os filhos) boto dentro de uma canoa e vou pra croa. Quando chega na croa solto tudinho que nem solta boiada, deixo eles bem a vontade. Aí me sento e relaxo, quando eu volto tô novinha pra encarar outra semana. Eu me sinto bem demais com a natureza. Quando eu quero renovar minhas energias vou procurar a natureza. Levo as coisas, pego a canoa emprestada do meu irmão ou de algum conhecido e vou embora. Levo lona, onde a gente chega monto a barraca. Aí já está resolvido. (Ediene. Entrevista concedida em janeiro de 2023).*

Os deveres morais atribuídos socialmente a "dona de casa" constroem um campo experiencial em que as mulheres realizam os trabalhos domésticos sobretudo por obrigação, e nem sempre por uma escolha, reafirmando a preferência em desenvolver as atividades no roçado e/ou na maré/mangue. Ademais, além do que fornecedor de alimentos e de uma forma de sobrevivência financeira, estar nesses ambientes se convertia em sobrevivência afetivo-emocional, permitindo uma diminuição das aflições que per-

[98] De acordo com Melo e Castilho (2009), o trabalho reprodutivo condena a mulher à casa atribuindo-lhe o termo "dona de casa" enquanto sinônimo de trabalho doméstico não remunerado.

passam seus cotidianos, como narra Ediene, que ao estar em contato com a natureza consegue recarregar suas energias para enfrentar mais uma semana.

Já aposentada e "com o corpo cansado", como ela dizia, dona Severina revelou que não necessitava trabalhar na horta por necessidades materiais e sim emocionais. Dona Severina enxergava a horta do seu grupo doméstico como um local de prazer: "É aqui onde eu mais me sinto bem". As tarefas são realizadas diariamente e exigem esforço físico e horas de dedicação. Como pude observar, a horta é também um local onde são realizadas conversas, se tornando um importante meio de construção de redes de sociabilidade.

Como vimos ao longo da tese, estas mulheres forjam uma relação com todos os espaços pelos quais transitam. Em última análise, são os ciclos ecológicos que estabelecem a organização temporal da rotina do trabalho produtivo e reprodutivo e, desta forma, as mulheres, ao realizarem ambos os trabalhos, interagem de forma diferenciada com este tempo (SORJ, 2004).

Conforme Silva (2017, p. 124):

> *Dada essa sobrecarga de trabalho, as mulheres realizam uma jornada contínua, praticamente ininterrupta, com atividades que variam entre as de manutenção da família, estudos e as de beneficiamento de produtos para comercialização, feitas no interior ou entorno da residência e aquelas ligadas diretamente a roça ou a criação de animais. Para os homens diferentemente é possível delimitar espaços e tempos distintos de trabalho, descanso e lazer, o que confere a atividade produtiva uma esfera específica de execução além das suas outras atividades.*

As atividades diárias requerem da mulher planejamento, criatividade e negociações dentro de casa. No desenrolar de tais atividades, as mulheres apresentam uma dilatação de tempo maior que a dos homens, numa superposição de tarefas e jornadas de trabalho. Ouvi algumas vezes reclamações das minhas interlocutoras que se queixavam de terem que trabalhar mais que os homens, afirmando que a vida é mais difícil para elas, pois quando o homem volta da maré ou do roçado não têm aquela obrigação de fazer as coisas em casa, todo santo dia, enquanto elas têm. Apesar dos homens trabalharem menos tempo que as mulheres, o seu tempo de trabalho é mais valorizado. As mulheres acabam assumindo tarefas menos valorizadas e que tomam muito tempo, segundo elas, e trazem a sensação de stress, de acúmulo de serviço, ainda por ser feito no outro

dia. Realizar tantas tarefas simultâneas lhes consome além de tempo, disposição física e mental[99], limitando em certa medida a disponibilidade de tempo para projetos pessoais.

Nesse sentido, a relação do cuidar tem sido caracterizada em muitos estudos como elemento inerente ao feminino. Sendo assim, às mulheres competem os cuidados com as crianças, com os idosos e com a casa através da articulação ou sobreposição de tarefas. Cabe ressaltar que o cuidado está presente em todas as atividades cotidianas e se relaciona ao campo das emoções, tais como afeto, carinho e amor para com os outros, implicando em uma obrigação moral de atender as necessidades das pessoas. O *care* é considerado como um componente do trabalho reprodutivo, que não equivale ao trabalho doméstico, mas é, geralmente, executado junto com as atividades domésticas que por não gerarem capital, e serem socialmente e historicamente construídas como um dever das mulheres, invisibilizam a sua relevância e contribuição econômica para a reprodução do grupo doméstico ao longo do tempo (HERRERA, 2019).

Por outro lado, as atividades executadas pelos homens, fora do espaço doméstico, são sempre pensadas como trabalho, que geram recursos para provimento e sustento da família. A (in)visibilidade do cuidado como trabalho para preservação da vida deriva desse campo experiencial que é vivenciado a partir das relações inter-gêneros (HERRERA, op. cit.). Deste modo, a divisão de trabalho e os deveres morais atribuídos socialmente ao pai e à mãe de família constroem um campo experiencial distinto, em que as conceituações de cuidado e trabalho ganham definições específicas, as quais se criam a partir de diferentes saberes, sociabilidades e valores morais.

Os homens conhecem e partilham de algumas atividades domésticas, contudo, não com a mesma constância diária das mulheres. No entanto, as mulheres como já posto, realizam diversas atividades produtivas assim como os homens, mas nem sempre recebem o mesmo reconhecimento por tais práticas.

Neste sentido, mesmo as mulheres interlocutoras da pesquisa que realizam alguns trabalhos tidos como masculinos (como trabalho na construção civil, na pesca, na coleta de ostras, na coleta de madeira, etc), em maior ou menor grau, seguem tendo dificuldades em romper com a responsabilização pelas atividades reprodutivas e de cuidado. Conforme Bruschini e Ricoldi (2012) isso se deve pelos seguintes pontos:

---

[99] Pude identificar situações de adoecimento a partir de relatos de ansiedade, depressão, dores de cabeça, dores na coluna, nas pernas, etc. Minhas interlocutoras encontram maneiras de lidar com essas dores por meio de cuidados como repouso do próprio corpo ou por meio de tratamentos que incluem o uso de medicamentos farmacêuticos e uso de plantas medicinais.

> *1) é uma atribuição feminina (portanto, os homens não o encabeçam, mas tão somente "ajudam" a realizá-lo); e 2) essa forma "periférica" que a "ajuda" masculina assume significa que essas tarefas estão entre o que sobra para ser feito (quando as mulheres não dão conta) ou o que os homens gostam ou preferem fazer. (BRUSCHINI e RICOLDI 2012, p. 263).*

Apesar do impasse em torno da desigualdade existente na relação entre o trabalho produtivo e o trabalho reprodutivo é inegável que a divisão das tarefas no interior dos grupos é constantemente construída e reconstruída de acordo com as necessidades, baseadas em critérios de cooperações tecno-econômicas. Embora as mulheres passem a cumprir uma dupla jornada de trabalho, atuando tanto no aspecto produtivo como no reprodutivo, o trabalho feminino foi historicamente invisibilizado em nossa sociedade (SILVA e PORTELA, 2006). Conforme afirma Paulilo (1987), o trabalho não é valorado em função de suas características próprias, mas conforme a posição (desigual) que homens e mulheres ocupam na hierarquia familiar.

No entanto os dados da pesquisa mostram que as tarefas voltadas a este fim são estratégias centrais para a manutenção e reprodução dos grupos domésticos sendo uns dos intentos dessa tese tornar visível em sua integridade alguns dos diversos trabalhos e inserções exercidas pelas mulheres na aldeia potiguara de Jaraguá.

Na seção a seguir irei discorrer a respeito dos momentos de lazer que pude apreender durante a pesquisa, por meio da participação em eventos, cultos religiosos, tais como missas, festas, almoços, celebrações de datas comemorativas e feira livre.

5.2 SOBRE OS MOMENTOS DE LAZER E SOCIABILIDADE

Embora minhas interlocutoras cumpram uma dupla jornada de trabalho, realizando diversas tarefas diárias, inclusive algumas tidas como masculinas, elas também desfrutam de momentos de lazer que trazem prazer e satisfação. De modo geral, o lazer é uma atividade que é exercida de maneiras diferentes e depende da classe social a qual se pertence e a quanto se pode gastar e desfrutar dos modelos e instituições que o capital recreativo cria e proporciona aos indivíduos (PADILHA, 2000).

Para Newton Cunha (1978), por mais que as atividades de lazer tragam momentos de descanso, divertimento e desenvolvimento, elas não devem ser classificadas como "tempo livre", pois o conteúdo e o tempo de realização dessas atividades continuam atrelados às relações sociais que envolvem o trabalho, o consumo, a economia, entre outros. Nesses termos, o lazer não pode ser analisado ou pensado como se fosse algo

separado da esfera produtiva. É nas atividades de lazer que ocorre o processo de circulação das mercadorias através do consumo (PADILHA, op. cit.).

Entre minhas interlocutoras, as atividades de lazer são mais intensas nos fins de semana, quando geralmente ocorre as idas a igreja, principalmente aos domingos. Nesses dias, elas deixam todos os serviços adiantados, tais como, a limpeza da casa, o almoço, a lavagem das roupas, alimentar os animais, irrigar a horta e as plantas, entre outros. Deste modo, mesmo nos domingos ou feriados, as mulheres não deixam de cumprir com as suas obrigações. De acordo com Simone:

> *Dia de domingo eu madrugo, preciso cuidar de tudo cedo, pra não me atrasar pra missa. Eu faço parte do grupo da igreja. A gente sempre tem nossos encontros, organizamos muita coisa aqui para a comunidade. (Simone. Entrevista concedida em abril de 2022).*

Simone e Marcia fazem parte do coral da Igreja intitulado: "Ministério de Música Fogo Abrasador". Diversas mulheres participam desse grupo e são responsáveis por organizar reuniões, festas religiosas e eventos beneficentes. Tradicionalmente, as festas são celebradas na comunidade nas principais ruas e no Pavilhão.



Figura 77: Simone ao lado da imagem do santo padroeiro de Jaraguá, pouco antes da procissão. Arquivo pessoal, 2022.

Nos finais de semana também é muito comum visitar os parentes, seja na própria aldeia, em aldeias vizinhas ou na cidade. As mulheres mais jovens costumam combinar de se reunir na casa de alguém, para rodas de conversa, para “fazer um churrasquinho”, “tomar uma cervejinha”. Conversam entre si e decidem “quem vai levar o que”, ou contribuir com alguma quantia em dinheiro. Geralmente as mulheres se encarregam de trazer as comidas e os homens as bebidas. São muito comuns às festas de aniversário, batizados e casamentos, muitas inclusive com a presença de artistas locais, que tocam principalmente brega e forró. Os parentes e vizinhos se reúnem durante o dia, geralmente as festas se estendem até a noite e costumam ser muito animadas.

No dia da festa usualmente são as mulheres que ficam na cozinha para preparar os alimentos. Os homens se responsabilizam em organizar as mesas, o som, as bebidas e o churrasco. Dentre as festas mais populares, se destaca o Carnaval, a Festa do Padroeiro São Sebastião, o São João, o São Pedro, o Natal e o Ano Novo. Podendo as pessoas se reunir nos quintais ou na frente das casas.

As viagens não estão vinculadas às férias, geralmente são viagens para participar de romarias, principalmente em Juazeiro do Norte – CE, e também de reuniões de movimentos sociais, a exemplo do Acampamento Terra Livre, que acontece todos os anos em Brasília, no mês de abril. As viagens também são comuns para cuidar de outras pessoas. Quando um familiar fica doente ou quando nasce um bebê, geralmente as mães vão cuidar do resguardo das filhas que moram em outros estados.

As praias da Baía da Traição e Coqueirinho também são bastante visitadas, nos finais de semana se locam vans e ônibus, alguns passeios são organizados pela escola da aldeia.

As idas à Praça central de Rio Tinto são muito comuns, para fazer um lanche, tomar um sorvete e levar as crianças no parquinho. A festa da cidade e a festa da padroeira reúnem muitas pessoas da aldeia e também de outros lugares, pois são sempre atrações musicais muito desejadas, principalmente pelos mais jovens. Conforme o relato de Cássia:

> *Quando era dia de ir pro movimento, nós saíamos cedo na van, aparecia tanto do menino pra eu levar. Olha, ia cheio, cheio. Mas tem uma coisa viu, quando chegar lá, né pra sair de perto de mim não! Se for pra tá dando trabalho eu nunca mais levo. Aí foi sempre assim. Quando a gente ia pra praia, fretava o carro ia sempre cheio. Eu sou assim, eu levo e eu trago, que nem quando tinha festa, era um monte de menina que queria ir, porque sabia que comigo as mães deixavam. Eu saia cedo, para os meninos andarem no parque, mas as meninas queriam ficar pra festa, queriam voltar comigo não. Aí eu dizia: "Veio comigo, volta comigo, se vai pra festa aí é com sua mãe". Aí lá ia a gente pegar taxi pra voltar. Quando chegava eu ia de casa em casa, tá entregue sua filha, pronto, tá entregue. (Cássia. Entrevista concedida em janeiro de 2017).*

Por meio desse relato, podemos perceber a importância das relações de amizade e confiança, em que os pais das jovens só as deixaram sair para os passeios fora da aldeia em razão de Cássia assumir a responsabilidade de tomar conta delas.

Uma atividade de lazer e sociabilidade bastante apreciada pelas mulheres na aldeia Jaraguá é o futebol. Elas se reúnem para treinar no estádio indígena, o Gelzão. Ao longo do ano participam de diversos amistosos e campeonatos, representando a aldeia, com o time Palmeiras Feminino de Jaraguá. Fundado no dia 27 de julho do ano de 2019. O time é bastante diverso, contando com mulheres de várias faixas etárias, algumas solteiras, outras casadas e também mães.



Figura 78: Time feminino Palmeiras de Jaraguá. Fonte: Instagram do time.



Figura 79: Divulgação de amistoso. Fonte: Instagram do time.

As feiras são vistas enquanto espaços de lazer e sociabilidade, onde as pessoas se encontram para conversar. Portanto, a feira vai muito além da venda de produtos. Em Jaraguá existe uma feira comunitária, que foi uma iniciativa da Associação de Agricultores e Pescadores Indígenas. A inauguração ocorreu na tarde do dia 11 de Agosto de 2023. Pude acompanhar esse acontecimento que reuniu lideres de sindicados, líderes políticos e representantes de órgãos públicos do estado e do município.

A feira acontece semanalmente, ás sextas, num espaço aberto próximo a Associação, tendo início a partir das 14:00 horas e se estendendo até às 17:00 horas. As/os feirantes comercializam os mais diversos produtos, tais como: frutas, hortaliças, tubérculos, legumes, verduras, carnes, peixes, crustáceos, moluscos além de refeições prontas e artigos de corte e costura. A grande maioria dos produtos comercializados são oriundos da agricultura familiar local.





Figura 80: Inauguração da Feira Comunitária da aldeia Jaraguá. Arquivo pessoal, 2023.

Os produtores chegam por volta de meio dia, armam suas barracas[100] para em seguida organizar os produtos. No entanto, nem todos possuem barraca, sendo necessário improvisar. Como é o caso de Dona Nininha que utiliza uma mesa de plástico para expor as ostras, que são vendidas já cozidas em saquinhos de um quilo (v. Fig. 81). De acordo com Dona Nininha:

> *Sempre gostei de vender em feira. Sempre vendi lá em Rio Tinto. Essa aqui tá sendo muito boa. Tô vendendo as ostras e também tô vendendo marisco. As ostras são minhas, o marisco eu já compro a um rapaz da aldeia Camurupim[101]. Aí ele tira os mariscos. Aí ele veio, eu paguei e trouxe pra cá. Eu sei que Graças a Deus, meus fregueses tudo doido atrás de mim. (Dona Nininha. Entrevista concedida em agosto de 2023).*

[100] A Associação Comunitária dos Pescadores e Agricultores Indígenas da aldeia Jaraguá recebeu dez barracas do colegiado do Desenvolvimento Territorial Rural Sustentável da Zona da Mata Norte.
[101] Pertence ao município de Marcação.



Figura 81: Dona Nininha vendendo ostras na feira local. Arquivo pessoal, 2023.

Na barraca da família de Sônia há uma grande diversidade de produtos oriundos do seu quintal, tais como coentro, alface, laranjas, bananas e os peixes capturados por seu esposo, Silvinha. Durante a feira, os clientes chegam da própria aldeia, ou das redondezas, eles vêm em busca de produtos frescos, de qualidade e que são orgânicos, mas também para conversar e trocar informações, tendo em vista que o ambiente da feira é muito descontraído e proporciona a construção de vínculos sociais entre produtores e consumidores.

Sônia afirma que sempre gostou de vender na feira, pois ela passou a conhecer mais pessoas e a conquistar sua freguesia, ampliando sua rede de relações. Além do mais é da comercialização dos produtos que ela consegue uma renda própria para ter autonomia e contribuir com as despesas de casa, o que permite uma satisfação pessoal ao poder consumir e decidir comprar o que quiser.

> *A feira é uma forma da gente ganhar nosso dinheirinho. Eu sempre gostei de feira! Quando trago peixe é rapidinho pra vender, agora mesmo já acabou, mas também não tinha muito. Silvinha pegou pouco, esse tempo não tá muito bom pra peixe, por conta das chuvas a água da maré fica mais doce eles não gosta (os peixes). Meus alface vendi tudo e os coentro não deu pra quem quis. (Sônia. Entrevista concedida em agosto de 2023).*

.



Figura 82: Barraca de Sônia na feira local. Arquivo pessoal, 2023.

Nesse circuito da feira é interessante perceber as relações de reciprocidade em que clientes indicam seus amigos, contribuindo assim para o fortalecimento de vínculos não apenas comerciais, mas afetivos. Portanto, há o estabelecimento de relações sociais e vínculos de fidelidade entre os consumidores que dão estabilidade à feira mostrando que esse espaço conecta as necessidades alimentares da população local, sendo de suma importância econômica, social e ecológica (Bezerra, *et al*, 2019).

Pude acompanhar de perto a dinâmica da feira comunitária, sendo perceptível a participação das mulheres feirantes, que são a maioria, tornando-se protagonistas da comercialização e venda direta dos seus produtos. Portanto, a participação das mulheres na feira configura parte de uma economia centrada no atendimento das necessidades de autoconsumo.

Conforme Bezerra *et al* (2019, p 86)

> *O trabalho na feira permite às mulheres desenvolverem saberes próprios associados as atividades sobre as quais são responsáveis como o trabalho nos quintais, com ervas medicinais e alimentos processados. Percebe-se, portanto, que a feira se traduz em conquista de ampliação de espaço, à medida que*

> *passam a ocupar uma nova posição social no espaço público, rompendo ao menos em parte os dualismos opressivos (PULEO, 2005), o que permite se distrair e evitar os incômodos gerados pelo isolamento e dedicação extrema aos trabalhos domésticos e de cuidados.*

Nesse sentido, ao participarem de um espaço público as mulheres têm a possibilidade de socializarem, se divertirem e estabelecerem redes de apoio mútuo com outras mulheres, o que implica em maior autoestima e autoconfiança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências diárias analisadas na aldeia Jaraguá revelam que o grupo doméstico é tido como a unidade mais importante dos processos básicos do cotidiano. As observações que fiz no decorrer de meu trabalho de campo me apontaram que as relações de parentesco, de vizinhança, e de trabalho constituem redes de cooperações sócio econômicas. A contribuição inicial a qual esta pesquisa se propôs foi descrever as diversas atividades cotidianas e as ajudas mútuas que interligam os mais diversos seres, num emaranhado de práticas e experiências em constante difusão, que nos revelam uma combinação de temporalidades, ritmos e gestos, os quais evidenciam o papel central das mulheres na reprodução e manutenção dos seus grupos domésticos.

De fato, muitas decisões importantes que afetam a família, como a educação dos filhos, bem como as estratégias de gerenciamento e uso dos recursos, em termos de tomada de decisão são arranjadas em grande medida por mulheres. Sua importância não se limita a participação nas atividades domésticas, elas extrapolam os limites da casa. Além de filhas, mães e esposas elas são agricultoras, pescadoras, comerciantes, artesãs, professoras, rezadeiras, agentes comunitárias, ou seja, são mulheres que desenvolvem diversas atividades no seu fazer cotidiano.

Este quadro demonstra que as mulheres potiguara vêm se organizando e verificando possibilidades de angariar recursos que, para além da dinâmica de subsistência, conformam também espaços de sociabilidade, aprendizagem, lazer, entre outros aspectos. Tais práticas estão envolvidas sempre dentro de um repertorio de possibilidades, operações e impedimentos, que conformam um ambiente técnico favorável (LEROI-GOURHAN, 1984; MURA, 2000).

Assim, ao desenvolverem suas atividades, as mulheres e os demais integrantes dos grupos domésticos se relacionam intensamente nos ambientes, que incluem núcleos urbanos, apresentando uma mobilidade que garante acesso a diferentes conhecimentos técnicos e materiais, incorporados à organização social do trabalho. Acredito que ao se buscar analisar estas interações se torna possível a compreensão e a descrição das diferentes unidades sociais em jogo, conformando-se estoques de conhecimento (BARTH, 2000) que os indivíduos, em seus grupos domésticos e nas suas redes de relações continuamente constroem e transmitem, combinando formas materiais e quadros morais, reunindo elementos técnicos com os quais desenvolvem cadeias operatórias (LEROI-GOURHAN, 1984). Assim sendo, vemos ocorrer uma transação de conhecimentos (BARTH, op. cit.) entre as pessoas, tanto internamente a uma mesma geração quanto entre gerações diversas.

Cabe ressaltar que, na análise da vida cotidiana, considerando a abordagem de gênero, adoto uma perspectiva relacional, em que se apresentam as diferentes experiências de homens e de mulheres. Este enfoque relacional permeia toda a abordagem proposta neste trabalho, sendo expressão do próprio campo. Deste modo, mesmo que não tenha me detido diretamente em analisar a experiência masculina, ao observar o cotidiano das mulheres pude compreender as suas relações com os seus irmãos, maridos, filhos, e demais integrantes de seus grupos domésticos.

Pudemos ver também que o compartilhamento de conhecimentos entre mulheres, homens e crianças se volta as suas diferentes aptidões, idades, e inserções sociais. Cada forma de organizar o trabalho defronta-se com as capacidades e os limites dos saberes e dos interesses e das formas de cada um/a agir e se apropriar dos recursos presentes no território. Tendo em vista que não existem técnicas inatas associadas a determinado gênero (LEROI-GOURHAN, 1965), tampouco há saberes exclusivos ou "naturais" a cada sexo, os domínios do saber que envolvem competências diversas se constroem a partir dos engajamentos práticos realizados por mulheres e homens, havendo, no entanto, um quadro moral que dá significado a estas competências.

As descrições etnográficas nos ajudam a perceber que não há nada de irrevogável em nossos corpos que os tornariam exclusivamente masculinos ou femininos. Essa divisão é uma de nossas mais poderosas ficções, também vinculada ao nosso conceito de procriação (STRATHERN, 1988). Assim, considerando as atribuições femininas neste contexto, o universo doméstico marca também a mulher potiguara como o centro das rotinas familiares. Elas assumem responsabilidades, acordos, administram recursos

e sobretudo tomam decisões. São mulheres obstinadas, que não medem esforços para fazer o que tem que ser feito, ao passo que constroem suas trajetórias, corpos e vidas. Pude identificar que elas interpretam os encargos de gênero, atualizando suas formas de participação na manutenção doméstica, articulando tarefas dentro e fora de casa. Isso se confirma com as responsabilidades que vivenciam no cotidiano, expressas no conjunto de decisões que precisam tomar, nos acordos que realizam com os familiares e na conciliação de tarefas que consideram ser sua responsabilidade.

Foi possível apreender que as mulheres exercem atividades de reprodução social e sustentabilidade da vida, por meio de seus papéis no trabalho doméstico e de cuidados que precisam realizar. Nesse sentido, há um acúmulo de tarefas, são duplas jornadas de trabalho que levam a uma sobrecarga e articulação entre atividades reprodutivas e produtivas.

Com base nas experiências e observações feitas durante a pesquisa, pude entender também que as atividades realizadas pelas crianças são uma constante, e distribuídas em grande medida com base na divisão sexual do trabalho. Os meninos são convocados para os serviços externos e as meninas para os serviços internos ao espaço da casa. Conforme o passar do tempo estas obrigações são flexibilizadas sobretudo para as mulheres, que passam muitas das vezes a terem que executar quaisquer atividades. Estes processos se dão a partir de atividades básicas de socialização familiar, que se processam no seio dos grupos domésticos.

Vimos que as mulheres trabalham no mangue/maré, no roçado, na horta, na feira, na escola, no posto de saúde etc, mas cuidam e trabalham em seus núcleos residenciais também. As mulheres com as quais convivi atuam em praticamente todos os espaços, isto atrelado a certa autonomia financeira, que produz um movimento de reequilíbrio entre padrões de gêneros.

Com relação às observações dos papeis das mulheres no interior dos seus grupos domésticos, constatei que não é possível defini-los de modo genérico. Existem diferenças entre mulheres mais velhas e mulheres mais jovens, entre mulheres que ocupam posições diferentes dentro do grupo. Isso nos permite ver que não existe um modelo único de ser "mulher potiguara".

Essa abordagem de gênero leva em conta as relações de poder que existem entre homens e mulheres, apresentando uma certa flexibilidade nas relações entre os sexos/gêneros e no domínio predominante do espaço domésticos por mulheres, mas isso não implica necessariamente em relações de gênero igualitárias. Existem diferentes

formas de poder exercidas por homens e mulheres. Se vê que entre os Potiguara, especificamente com relação aos papeis, apesar das relações serem marcadas por prevalência masculina, existem mulheres que ocupam funções de liderança, administrando os bens familiares. Nesse processo, homens e mulheres assumem tarefas para garantir a obtenção dos recursos, havendo ao fim influência nos modelos de gênero, principalmente a partir da divisão sexual do trabalho. Desta forma, a cooperação entre os membros é guiada por posições tanto simétricas quanto dissimétricas.

Por sua vez, a análise das regras de comportamento, os valores, as obrigações morais e os modelos de autoridade ligados aos papéis femininos se articulam e convergem para a sustentabilidade da vida do grupo doméstico. Uma dimensão que se ordena pelo valor moral da preservação e reprodução do grupo, e que passa pela divisão sexual do trabalho, atribuindo deveres e obrigações sociais moralmente distintas a homens, mulheres e crianças. Tem-se deste modo, um conjunto de valores que constrói sociabilidades através de redes de cooperações entre aqueles que compartilham de um saber técnico e de uma moral, uma *moralidade sociotécnica* que é socializada cotidianamente, seja nos cuidados domésticos e com as crianças, seja com a lida e criação de animais. Em suma, tais atividades tendem a reproduzir, mais do que criar novos valores morais, enraizados em papeis sociais de responsabilidades com o sustento econômico e financeiro do grupo doméstico.

Os dados levantados ao longo da pesquisa permitem concluir que as condições de acesso aos ambientes são determinantes para a organização doméstica, com o acesso aos espaços só sendo possível devido ao processo de luta e recuperação do território pelos Potiguara, que garantiu a apropriação de recursos e a mudança das relações de poder existentes ao longo do século XX. Deste modo, trabalho, cuidado e os próprios papéis sociais atribuídos aos deveres morais de homens e mulheres para reprodução de seus grupos domésticos são categorias que se constroem e se reconfiguram junto aos sistemas sociotécnicos desenvolvidos neste território, e aos engajamentos práticos experienciados pelos sujeitos e a rede de cooperação que se estabelece a partir de determinados valores morais.

Ao se apropriar de conhecimentos técnicos acumulados e participarem de atividades econômicas, as mulheres têm sua importância reconhecida por seus familiares e comunidade da qual fazem parte. Este reconhecimento pode ser observado como uma forma de aquisição de autonomia e autoconfiança. O que se torna evidente na maneira que atuam os seus corpos e na relevância dos papeis que desempenham.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Edna. *Gênero e trabalho nas sociedades pesqueiras*. In: FURTADO, Lourdes; LEITÃO, Wilma; MELO, Alex Fiuza de. Povos das águas: realidade e perspectivas na Amazônia. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1993.

AMORIM, Paulo Marcos.1970. *"Índios camponeses: os Potiguara de Baía da Traição"*. Rio de Janeiro. Mestrado em Antropologia Social - MN-UFRJ. 1970.

AKOTIRENE. Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Polém, 2019.

ARAÚJO, Marianna de Queiroz. *"Ecologia doméstica e transação de conhecimento entre grupos domésticos potiguara da aldeia Jaraguá de Monte-Mór, PB"*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

_____. de Queiroz. A Família Lundgren e a fundação da cidade de Rio Tinto: Do medo ao acirramento dos conflitos fundiários. *Sociabilidades Urbanas – Revista de Antropologia e Sociologia*, v.1, n.3, p. 124-135, novembro de 2017.

_____. A constituição social da categoria caranguejeiro entre os Potiguara da aldeia Jaraguá de Monte-Mór, PB. *Equatorial*, v. 5, p. 155-175, 2018.

_____. "Ecologia doméstica, ambientes e processos técnicos entre os Potiguara da aldeia Jaraguá – PB". *Vibrant*, 2019.

BARBOSA DA SILVA, Alexandra. "Entre a aldeia, a fazenda e a cidade:ocupação e uso do território entre os Guaraní de Mato Grosso do Sul". *Tellus*, Campo Grande, ano 9, n.16, jan/jun, PP.81-104, 2009.

_____. *Antropologia e laudos: de ética, de imparcialidade e a etnografia como processo prático*. In.: OLIVEIRA, João Pacheco de; MURA, Fabio; BARBOSA DA SILVA, Alexandra. Laudos antropológicos em perspectiva. Brasília, DF: ABA, 2015.

BARTH, Fredrik. Conclusions. In: Fredik Barth (orgs). *Scale and social organization*. Oslo-Bergen-Tromso: The Norwegian Research Council for Science and the Humanities, 1978.

_____. *Cosmologies in the making: a generative approach to cultural variation in inner New Guinea*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

_____. "A análise da cultura nas sociedades complexas". In:___. *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.

_____."*Etnicidade e o conceito de cultura".* Antropologia e Ciência Política, n.19, p. 15-30, 2° Sem.2005.

BERGER; Peter L.; **LUCKMANN**; Thomas. *A construção social da realidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

BERREMAN, G. "Etnografia e controle de impressões em uma aldeia do Himalaia". In: ZALUAR, Alba (Org.). *Desvendando Máscaras Sociais.* Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1990.

BEZERRA, A. G. C.; **MONTIEL**, M. S.; **ROCES**, I. G.; **ZARZAR**, A. L. B. Mulheres, gênero e agroecologia na feira de agricultura familiar de São José de Mipibu. *Cadernos de Ciências Sociais da UFRPE*, Ano VIII, volume II, número 15 – Jul – Dez, 2019.

BORIS, Eileen. *Produção e reprodução, casa e trabalho*. Tempo Social, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 101-121, 2014.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BRAGA, E. O. *Histórias Indígenas e Mitos Restauradores: Os Potiguara entre Santos,*

Festas e Ruínas. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, 2019.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRUSCHINI, Maria Cristina Aranha; **RICOLDI**, Arlene Martinez. (2012). Revendo estereótipos: o papel dos homens no trabalho doméstico. *Revista Estudos Feministas*, 20(1), 259-287, 2012.

CARDOSO, Thiago Mota ; **GUIMARÃES**, Gabriella Casimiro. (Orgs.). "*Etnomapeamento dos Potiguara da Paraíba*". Brasília: FUNAI/CGMT/CGETNO/CGGAM. (Série Experiências Indígenas, n. 2) 2012.

CARDOSO, Ruth. *A aventura antropológica. Teoria e Pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, (1988 [1986]).

CARSTEN, Janet. *After Kinship, Cambridge*: Cambridge University Press. 2004.

COUPAYE, Ludovic. "Cadeia operatória, transectos e teorias: algumas reflexões e sugestões sobre o percurso de um método clássico", in Carlos Sautchuk (org.), Técnica e Transformação: Perspectivas Antropológicas. Rio de Janeiro: ABA Publicações, 475-494, 2017.

CUNHA, Newton. *A felicidade imaginada: a negação do trabalho e do lazer*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

CHIES, Paula. Identidade de gênero e identidade profissional no campo do trabalho. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, v.18, n. 2, p. 507-528, maio/ago. 2010.

DEVOS, Rafael Victorino, VEDANA, Viviane, BARBOSA, Gabriel Coutinho. 2016. Paisagens como Panoramas e Ritmos audiovisuais: percepção ambiental na pesca da Tainha. *Revista GIS – Gesto, Imagem e Som. São Paulo*, v.1. n.1, p.41-58, 2016.

D'INCÃO, M. Ângela; **COTTA JÚNIOR**, H. Transformações e permanências no espaço feminino na agricultura familiar. In: D'INCÃO, Maria Ângela; ÁLVARES, M.L.M.; SANTOS, E.F. dos (Org.). *Mulher e modernidade na Amazônia*. Belém: GEPEM/CFCH/UFPA, p. 429-465. 2001.

DURHAM, Eunice R. Família e reprodução humana. In: FRANCHETTO, Bruna *et al* (Orgs). *Perspectivas antropológicas da mulher***.** Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

ELIAS, Norbert. Introdução à sociologia. Lisboa: Edições 70, 1980.

ESCALLIER, Christine. O Papel das Mulheres da Nazaré na Economia Haliêutica. *Etnográfica*. Vol. III, 1999.

ESQUIVEL, Valéria. La Economía del Cuidado: un recorrido conceptual. In: SANCHÍS Norma (Org.). *Aportes al debate del desarrollo en América Latina: Una perspectiva feminista*. Buenos Aires, 2011. pp.20- 30. Disponível em: http://remtebolivia.org/attachments/article/17/DIN_Aportes-al-debate.pdf. Acesso em: 28 de set. de 2021.

EVANS-PRITCHARD, E. *Os Nuer**:** uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota*. 2 ed. São Paulo, Perspectiva: 2005.

FASSIN, Didier. Introdução. A questão moral em antropologia. (p. 9-25). In: Fassin, Didier; Lézé, Samuel. *A questão moral? uma antologia*. Campinas: EdUNICAMP, 2018.

FEDERICI, Silvia. *O Ponto Zero da Revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista.* São Paulo: Elefante, 2018. 388 p.

FERREIRA, Maria Mary. Pesquisando Mulher e Gênero na Universidade Federal do Maranhão: 1975-1995. In: ÁLVARES, Maria Luzia Miranda; SANTOS, Eunice. *Desafios de Identidade: espaço – tempo de mulher*. Belém: CEJUP: GEPEM: REDOR, 1997.

FIGUEIREDO, Marina. “O trabalho da mulher na cadeia produtiva da pesca artesanal”. *Revista Feminismos*. Bahia, Vol.2, N.1 Jan. - Abr. p. 82-93. 2014.

FIRTH, Raymond. “O contexto social da organização econômica”. In: FIRTH, *Elementos de organização social***.** Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Organização e introdução de Roberto Machado. 3.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

FONSECA, Claudia. *Família, fofoca e honra***.** Ed. UFRGS, 2° edição, Porto Alegre 2004.

FORTES, MEYER. *O ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico*. Série Tradução, n.05, 26p. 1958[2011]. Disponível em: http://www.dan.unb.br/images/pdf/serietraducao/st%2005.pdf.

GERBER, Rose Mary. *Mulheres e o mar: uma etnografia sobre pescadoras embarcadas na pesca artesanal no Litoral de Santa Catarina, Brasil*. Doutorado em Antropologia Social: UFSC, Florianópolis, 2013.

GILL, Scherto; **GOODSON**, Ivor. Método de História de Vida e Narrativa. In: SOMEKH, Bridget; LEWIN, Cathy (orgs.). *Teoria e Métodos de Pesquisa Social.* Rio de Janeiro: Vozes, pp. 215-225, 2015.

GÓES, Raul de. *Um sueco emigra para o Nordeste*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1964.

GOODE, William. *A Família*. São Paulo: Livraria Pioneira, 1970.

GROSSI, Miriam (org.). *Trabalho de Campo & Subjetividade*. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFSC. Florianópolis, 1992.

HEILBORN, Maria Luiza. *Dois é Par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

HERÉDIA, Beatriz Maria Alasia de. *A Morada da Vida: Trabalho Familiar de Pequenos produtores no Nordeste do Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

HERRERA, Karolyna Marin. *A jornada interminável: a experiência no trabalho reprodutivo no cotidiano das mulheres rurais*. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Florianópolis, 2019.

HIRATA, Helena; **GUIMARÃES**, Nadya Araújo (Org.). *Cuidado e cuidadoras: as novas faces do trabalho do care*. São Paulo: Ed. Atlas, 2012, 248 p.

HOOKS, Bell. *Mujeres negras. Dar forma a la teoría feminista*. In: HOOKS, B. et al. Otras inapropiables. Madrid: Traficantes de Sueños, 2004. p. 33-50.

INGOLD, Tim. "Humanidade e Animalidade". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 28 (10), 1995.

_____;**KURTTILA**, T. *"Perceiving the environment in Finnish Lapland"*. In: Body and Society, 6 (3-4):183-196, 2000.

_____. Pare, olhe, escute! Visão, audição e movimento humano. *Ponto Urbe 3*, 2008.

_____.Da transmissão de representações à educação da atenção. Educação, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25, 2010.

_____."Trazendo as coisas de volta à vida: Emaranhados criativos num mundo de materiais". *Horizontes Antropológicos*, 18 (37): 25-44, 2012.

_____."*Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição"*. Petropólis, RJ: Vozes, 2015.

_____.Chega de etnografia! A educação da atenção como propósito da antropologia. *Educação*, Porto Alegre, v. 39, n. 3, p. 404-411, 2016.

_____.*A temporalidade da paisagem - A unidade múltipla: ensaios sobre a paisagem***.** Belo Horizonte: Escola de Arquitetura da UFMG, 2021. 272 p. : il.- (npgau).

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL – ISA. Área de Proteção Ambiental da Barra do Rio Mamanguape**.** Disponível em < https://uc.socioambiental.org/pt-br/arp/932> Acesso em Novembro de 2021.

KENT, Susan. "A cross-cultural study of segmentation, architecture, and the use of space". In S. Kent (editor) *Domestic architecture and the use of space. An interdisciplinary cross-cultural study*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

KERGOAT, Danièle. O cuidado e a imbricação das relações sociais. In: ABREU, Alice Rangel; HIRATA, Helena; LOMBARDI, Maria Rosa (org.). *Gênero e trabalho no Brasil e na França: perspectivas interseccionais*. São Paulo: Boitempo, 2016. p. 17-26.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *Confiança e conflito entre iguais. Cultura emotiva e moralidade em um bairro popular*. Recife/João Pessoa: Bagaço/Edições do GREM, 2016.

LASMAR, Cristiane. *Mulheres indígenas: Representações*. In: Periódicos UFSC. Florianópolis, 1999.

LEACH, Edmund Ronald. *Sistemas Políticos da Alta Birmânia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

LEITE, Maria Isabel Ferraz Pereira. *Brincadeiras de menina na escola e na rua: reflexões da pesquisa no campo*. Cadernos Cedes. Ano XXII, n. 56, 2002.

LEMONNIER, Pierre 1993. "*Technological choices: transformation in material cultures since the Neolithic"*. London: Routledge.

LEROI-GOURHAN, Andre. *O gesto e a palavra*. Perspectivas do homem/Edições 70, Lisboa, Portugal. p.85-104, 1965.

_____."*Evolução e técnicas I: O homem e a matéria"*. Lisboa: Edições 70, 1984.

LOURO, Guacira Lopes. Nas redes do conceito de gênero. In: LOPES, M. J, ET AL. *Gênero e saúde*. Porto Alegre. Artes Médicas, 1996.

LUCENA, Jamerson B. *"Índio é índio onde quer que more": uma etnografia sobre indígenas Potiguara que vivem na região metropolitana de João Pessoa*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

LUTZ, Catherine; **ABU-LUGHOD**, Lila (Orgs.). *Language and the Politics of Emotion*. Cambridge University Press, 1990.

MAUSS, Marcel. "As Técnicas Corporais". In: Marcel Mauss, *Sociologia e Antropologia*, vol. 2. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

_____. Ensaio sobre as variações sazonais das sociedades esquimós. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, pp. 425 – 503, 2003a.

_____. "Ensaio sobre a Dádiva: Forma e Razão da Troca nas Sociedades Arcaicas". In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003b.

MALUF, Sônia Weidner. *Por uma antropologia do sujeito: esboços*. Florianópolis, 2009.

_____. *Antropologia em tempo real: urgências etnográficas na pandemia*. Florianópolis, UFSC INCT Brasil Plural. Disponível em: https://brasilplural.paginas.ufsc.br/antropolo-gia-na-pandemia/antropologia-em-tempo-real-urgencias-et-nograficas-na-pandemia/. Acesso em: 11 out. 2022.

MARQUES, Amanda Christinne N. 2009. *Território de Memória e Territorialidades da Vitória dos Potiguara da aldeia Três Rios*. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal da Paraíba.

MEILLASSOUX, Claude. *Mulheres, Celeiros & Capitais*. Porto. Ed. Afrontamento. 271 p., 1977.

MELO, Hildete Pereira de; **CASTILHO**, Marta. Trabalho reprodutivo no Brasil: quem faz? *Revista Economia Contemporânea*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 135-158, jan./abr. 2009.

MILKMAN, Ruth. *Gender at work: the dynamics of job segregation by sex during World War II Champaign*. Urbana: University of Illinois Press, 1987.

MOONEN, Frans & MAIA, Luciano Mariz. *Etnohistória dos Índios Potiguara: Ensaios, Relatórios e Documentos*. João Pessoa: PR/PB-SEC/PB, 1992.

MURA. Fabio. *"Habitações Kaiowá: Formas, propriedades técnicas e organização social"*. Dissertação de Mestrado apresentada ao PPGAS do Museu Nacional-UFRJ. Rio de Janeiro, 2000.

_____. *À procura do "bom viver": território, tradição de conhecimento e ecologia doméstica entre os Kaiowa*. Tese de doutorado apresentada ao PPGAS do Museu Nacional-UFRJ. Rio de Janeiro, 2006.

_____. "De sujeitos e objetos: um ensaio crítico de Antropologia da técnica e da tecnologia". *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 17, n.36, jul/dez. pp. 95-125, 2011.

_____. e **BARBOSA DA SILVA**, Alexandra. "Organização doméstica, tradição de conhecimento e jogos identitários: algumas reflexões sobre os povos ditos tradicionais". In *Raizes* (UFPB), v. 31, p. 96-117, 2012.

_____. e **BARBOSA DA SILVA**, Alexandra. Territory and domestic ecology among the Kaiowa of Mato Grosso do Sul. *Vibrant*, 15 (2): 1-22, 2018.

NASCIMENTO, Maria Elita. *"Aldeados" versus "Desaldeados": dinâmica territorial, parentesco e ecologia doméstica entre os Potiguara da Paraíba*. Monografia (Bacharelado em Antropologia). Universidade Federal da Paraíba, 2019.

NASCIMENTO, Joelma Batista do. "*Criações de Gado na Paraíba: tecendo a sobrevivência, domesticando afetos*". Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

OLIVEIRA, João Pacheco de. *O Nosso Governo: Os Ticuna e o regime tutelar*. São Paulo: Marco Zero; [Brasília]: MCT-CNPq, 1988.

_____. "Uma etnologia dos 'índios misturados'? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais". In J. P. de Oliveira (Org.). *A viagem da volta: Etnicidade, Política e Reelaboração Cultural no Nordeste Indígena*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2004.

_____.Fighting for lands and reframing the culture. **Vibrant**, Brasília, DF, v. 15, n. 2, p. 1-21, 2018.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. *Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas*. CODESRIA Gender Series. Volume 1, Dakar, CODESRIA, 2004, p. 18.

PAULILO, Maria Ignez. *O peso do trabalho leve*. Ciência Hoje. v.5 n.28, jan/fev.1987

_____.Trabalho familiar: uma categoria esquecida de análise. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 1-18, 2004.

PADILHA, Valquiria. *Tempo livre e capitalismo: um par imperfeito*. São Paulo: Alínea, 2000.

PALITOT, Estevão Martins. "*Os Potiguara da Baía da Traição e Mont-Mor:história, etnicidade cultura"*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2005.

_____.*Perícia antropológica da Terra indígena Potiguara de Monte-mór referente a ação ordinária nº 0000675-10.2009.4.05.8200- Destilaria Miriri x FUNAI e outros*, coordenada pelo perito Estevão Martins Palitot professor do Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa. Digitada. 2015.

_____.Os Potiguara de Monte-Mór e a cidade de Rio Tinto: a mobilização indígena como reescrita da história. *Revistas de Estudos e Investigações Antropológicas*. Recife, Ano 4, Edição Especial II, 2017. Dossiê 20 anos do NEPE (UFPE).

_____.A Territorialidade dos Potiguara de Monte-Mór: Regimes de Memória, Cosmologia e Tradições de Conhecimento. Revista Mundaú, n. 8, 2020.

_____.MARCOS, RUMOS, POSSES E BRAÇAS QUADRADAS: refazendo os caminhos da demarcação da Sesmaria dos Índios de Monte-Mór – Província da Parahyba do Norte (1866-67) . *Outros Tempos: Pesquisa Em Foco - História*, *19*(34), 139–169, 2022.

PALUDO, Danielle e **KLONOWSKI**, Vicente Stanislaw. 1999. *Barra de Mamanguape-PB. Estudo do impacto do uso de madeira de manguezal pela população extrativista e da possibilidade de reflorestamento e manejo dos recursos madeireiros*. São Paulo: Conselho Nacional da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica. Série Cadernos da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica.

PALMEIRA, Moacir. *"Casa e trabalho: notas sobre as relações sociais na "plantation" tradicional"*. Contraponto, 2(2): 1977, 103-114.

PAREDES, Julieta; **GUZMÁN**, Adriana. *El Tejido de la Rebeldía*. Que es el feminismo comunitário? La Paz: Comunidad Mujeres Creando Comunidad, 2014.

PITT-RIVERS, Julian. *"Ritual kinship in the Mediterranean: Spain and the Balkans"*. In: J. G. Peristiany (org.), Mediterranean family structures. Cambridge: Cambridge University Press. pp. 317-334, 1976.

RAMOS, Elisa Urbano. *Mulheres Lideranças Indígenas em Pernambuco, espaço de poder onde acontece a equidade de gênero*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

RAPOPORT, Amos. *House, form and culture*. USA: Prentice-Hall Inc., 1969. 150 p.

_____. "System of activities and system of settings". In S. Kent (editor) *Domestic architecture and the use of space. An interdisciplinary cross-cultural study*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. v. 93.

RIVERS, William. O método genealógico na pesquisa antropológica (1910). OLIVEIRA, Roberto Cardoso de (Org.). *A antropologia de Rivers*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1991.

RODRIGUES, G. S.; RODRIGUES, I. A.; BUSCHINELLI, C. C. A.; QUEIROZ, J. F.; FRIGHETTO, R. T. S.; ANTUNES, L. R.; NEVES, M. C.; FREITAS, L. G.; RODOVALH, R. B. 2008. *Gestão Ambiental Territorial na Área de Proteção Ambiental da Barra do Rio Mamanguape (PB)*. Boletim de Pesquisa e Desenvolvimento 50.Jaguariúna: Embrapa Meio Ambiente.

SACCHI, Ângela. Mulheres indígenas e participação política: a discussão de gênero nas organizações de mulheres indígenas. *Revista Antropológicas*. Recife, ano 7, volume (1 e 2): 95-110, 2003.

SEYFERTH, Giralda. Imigração e Etnicidade: a mulher imigrante e a simbólica da identidade de grupo. Seminário Internacional Fazendo Gênero. ST. 55: Migrações do passado e do presente: uma análise cruzando gênero, etnicidade e preconceitos. *Anais.* Universidade Federal de Santa Cantarina, 2006.

SILVA, Carmem; **PORTELA**, Ana Paula. Divisão sexual do trabalho em áreas rurais no Nordeste brasileiro. In. SCOTT, Russel; CORDEIRO, Rosineide (Orgs.). *Agricultura Familiar e gênero: práticas, movimentos e políticas públicas*. Recife, Editora Universitária da UFPE, 2006.

SILVA, Elisabete Joaquim da. *"As filhas de Pascoal: nova ruralidade e condições de permanências no campo entre jovens agricultores no interior de Pernambuco"*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

SILVA, Silvana Moreira da. *Organização doméstica, questões de gênero e moralidade em um grupo doméstico potiguara da Paraíba*. Monografia (Bacharelado em Antropologia). Universidade Federal da Paraíba, 2019.

SIMMEL, Georg. A sociabilidade (p. 59-82). In: *Questões fundamentais da sociologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SORJ, Bila. (2004). *Trabalho e responsabilidades familiares: um estudo sobre o Brasil*. Rio de Janeiro: OIT, 2004.

SPINK, Peter Kevin. *O pesquisador conversador no cotidiano*. Psicologia & Sociedade, 20 (Ed. Especial), 70-77, 2008.

SCOTT, Joan Wallach. *"Gênero: uma categoria útil de análise histórica"*. Educação & Realidade. Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995, p. 71-99.

STRATHERN, Marilyn. (org.). *O gênero da dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia.* Andre Vilalobos (Tradutor). Campinas, SP: Editora, 2006.

STANCKI, Nanci. *Divisão sexual do trabalho: a sua constante reprodução*, 2003. São Paulo 12p. Disponível em: https://www.pucsp.br/sites/default/files/img/eitt2003_nancistancki.pdf. Acesso 09 de Agosto de 2023.

VELHO, Gilberto. "Observando o familiar". In:_. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

VIEIRA, José Glebson. "*O regime de índios "misturados". O processo de (re)construção da identidade étnica indígena Potiguara"*. Campina Grande. Monografia. Curso de Bacharelado em Ciências Sociais. Universidade Federal da Paraíba, 1999.

_____. "*Amigos e competidores: política faccional e feitiçaria nos Potiguara da Paraíba*". Tese. São Paulo: USP, 2012.

WILK, Richard R. "Households in Process: agricultural change and domestic transformation among the Kekchi Maya of Belize". In R. McC. Netting; R. R. Wilk; E. J. Arnold (editors), *Households. Comparative and historical studies of the domestic group*. Berkeley: University of California Press, 1984.

_____. Household ecology. *Economic change and domestic life among the Kekchi Maya in Belize*. Northern Illinois University Press, 1997.

WOORTMANN, Klaas. *A família das mulheres*. Rio de Janeiro- Brasília - CNPQ: Tempo Brasileiro, 1987.

VÍDEO

"A árvore de Marcação"

Disponível em: https://www.youtube.com/results?search_query=%C3%A1+arvore+de+marca%C3%A7%C3%A3o.